

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Práticas de leitura e educação científica:
um olhar sobre
os “Contadores de Estórias Miguilim”.

GILMARA CÉLIA LANA RODARTE LOPES

Belo Horizonte

2008

GILMARA CÉLIA LANA RODARTE LOPES

Práticas de leitura e educação científica: um olhar sobre os “Contadores de Estórias Miguilim”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação/ Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Programa de Pós-graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social

Linha de pesquisa: Educação Escolar:
Instituições, Sujeitos e Currículo.

Orientadora: Profa. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento.

Belo Horizonte

2008

Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes

Práticas de leitura e educação científica: um olhar sobre
os “Contadores de Estórias Miguilim”.

Dissertação defendida e aprovada em 18 de junho de 2008, pela banca examinadora
composta pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento

Prof. Dr. João Zanetic

Profa. Dra. Maria Zélia Versiani Machado

*Àqueles que, mesmo sem muito compreender
minhas escolhas, jamais deixaram de acreditar
em mim: Aucélia e Gilmar, Marconi e Marcus,
Alécio.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por fazer de mim uma pessoa que acredita no poder da educação.

À minha família, por sempre apoiar minhas decisões e escolhas.

Ao Alécio, simplesmente por ser quem é e por estar sempre ao meu lado.

À Silvania, por todo o aprendizado e dedicação.

Aos Miguilins e seus pais, que permitiram a realização dessa pesquisa.

Ao professor Ângelo Machado por ter apoiado, incentivado, participado e propiciado a realização dessa pesquisa.

A Guimarães Rosa, por me fazer admirar ainda mais o cerrado – sertão.

À Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e ao Museu Casa Guimarães Rosa, em especial às pessoas maravilhosas que trabalham nesses locais: Solange, Marília, Ronaldo, Fábio, Marlene.

Aos professores Bernardo Jefferson de Oliveira, Ana Maria Galvão, Sérgio Cirino e Danusa Munford, que muito contribuíram para a minha formação e para a realização desse trabalho.

Aos colegas de curso, Cleide, Sérgio, Célia, Catarina, Eliezer, Rodrigo, Manuela, Betânia, Daniela e Adair, pelas orientações, amizade e lições que tanto me fizeram crescer pessoalmente e profissionalmente.

À amiga Greice, por ser a pessoa maravilhosa que é e por me ter permitido crescer pessoalmente e intelectualmente ao seu lado.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-graduação, da Seção de Contabilidade e da Biblioteca da FaE.

Muito obrigada a todos!

“Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o Tio Terez levou-o a cavalo à frente da sela, para ser crismado no Sucuriju, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidias lembranças, embaraçadas em sua cabecinha. De uma, nunca pôde se esquecer: alguém, que estivera no Mutum, tinha dito: - ‘É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedrara e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...’”(ROSA, 1984, p.13)

Lopes, Gilmara Célia Lana Rodarte. **Práticas de leitura e educação científica: um olhar sobre os “Contadores de Estórias Miguilim”**. 2008. 192 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

RESUMO

O objetivo de nossa pesquisa foi relacionar as práticas de leitura ao processo de educação científica de jovens participantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. A observação da formação não-escolar dos integrantes do Grupo nos levou à obra de Guimarães Rosa, na qual nos deparamos com elementos científicos incorporados à sua narrativa, recebendo destaque os temas natureza e transformação. A discussão problematiza o reconhecimento de elementos científicos em um texto literário didatizado por integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. Entendemos a educação científica como um processo relacional, que visa à formação da cidadania e à tomada de decisão frente a situações cotidianas do mundo global e tecnológico atual. O reconhecimento de elementos das ciências naturais, em qualquer narrativa, faz parte de um processo de interpretação e leitura do mundo; logo a obra roseana, como outros gêneros de texto, por hipótese, poderia ser um instrumento para a promoção da educação científica. Refletindo sobre essa função da educação científica, buscamos identificar a transferência de uma competência interpretativa e narrativa, presente na atuação desses jovens na interpretação de um texto didático literário de conteúdo científico. Promovemos práticas de leituras monitoradas e, a partir de entrevistas com seis meninas integrantes do Grupo, analisamos os processos de explicitação de conceitos didáticos decorrentes dos temas natureza e transformação. Constatamos tratar-se de um grupo de adolescentes leitores, que exercem práticas de leitura variadas, que concebem leitura de modos diferentes. O discurso dos entrevistados mostra a estreita relação entre leitura e escola, e entre conhecimento científico e escola. Concluímos que a educação científica é um processo gradual de criação de significado e para sua efetivação sugerimos o trabalho integrado de diversos espaços sociais de formação; e que a prática de leitura dos adolescentes entrevistados é exemplar no sentido de instalar uma prática social efetiva de relação adolescente e texto.

Palavras-chaves: práticas de leitura, educação científica, ensino de ciências, museus.

Lopes, Gilmara Célia Lana Rodarte. **Practices of reading and scientific education: a look about the “Contadores de Estórias Miguilim”**. 2008. 192 p. Dissertation (Master Degree in Education). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

ABSTRACT

The goal of our research was to relate the practice of reading to the process of scientific education of young participants of the Group of the “Contadores de Estórias Miguilim”. The observation of non-school formation of integrants of the Group led us to the work of Guimarães Rosa in which we come across scientific elements incorporated into its narrative, being highlighted the themes of nature and transformation. The discussion problematize the recognition of scientific evidence in a literary text that was revised didactically by the “Contadores de Estórias Miguilim” Group. We understand the scientific education as a relational process that aims the formation of citizenship and the decision-making in face of daily situations of the global and technological world. The recognition of elements of the natural sciences, in any narrative, is part of a process of reading and interpretation of the world. Then, the Rosa’s work, like other genres of text could be, by hypothesis, a tool for the promotion of scientific education. Reflecting about this function of scientific education, we seek to identify the transfer of an interpretative and narrative competence, present in the performance of these young people in their interpretation of a didactic literary text of scientific content. We promote practices of monitored readings and, from interviews with six female members of the Group, we analyze the processes of explicitation of didactic concepts which arised from nature and transformations themes. We verify that the group of adolescent readers is those with various practices of reading and with different ways of reading concepts. The interviewee’s speech shows the close relation between reading and school, and between scientific knowledge and school. We conclude, first, that the scientific education is a gradual process of creation of meaning and for its accomplishment we suggest the integrated work of various social spaces of formation. Second, that the practice of reading of the adolescents interviewed is exemplary in the sense of install an effective social practice of the relation of adolescent and text.

Keywords: practices of reading, scientific education, science teaching, museums.

LISTAS

FIGURAS

Figura 1: Mapa temático elaborado a partir da reformulação do livro “O Tesouro do Quilombo” (p.70).

Figura 2: Painel apresentado na devolução dos resultados aos pesquisados (p. 78).

ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMCGR – Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa

CECIMIG – Centro de Ciências e Matemática de Minas Gerais

CEMIG – Companhia Elétrica de Minas Gerais

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

CTS – Ciências Tecnologia e Sociedade

EPEB – Encontro Perspectivas de Ensino de Biologia

FAENG – Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Grupo – Grupo Contadores de Estórias Miguilim

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICB – Instituto de Ciências Biológicas

MCGR/ Museu – Museu Casa Guimarães Rosa

OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PISA – *Programme for International Student Assessment*

PROEB – Programa de Avaliação da Educação Básica

SAEB – Sistema de Avaliação do Ensino Básico

SBEn**Bio** – Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SIMAVE – Sistema de Avaliação do Estado de Minas Gerais

SUM/ MG – Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFBa – Universidade Federal da Bahia

UFGRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: PRÁTICAS DE LEITURA, EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E OUTROS	
FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	21
1.1- Introdução.....	21
1.2- Práticas de leitura.....	23
1.3- Educação científica.....	29
1.3.1- Uma perspectiva histórica.....	29
1.3.2 - A divulgação científica e a educação científica: do final do século XIX ao início do XXI.....	34
1.3.3 - Uma discussão atual: o ensino de ciências, a alfabetização científica, o letramento científico, a divulgação científica: facetas da educação científica.....	38
1.3.4- Uma referência para pensar a educação científica.....	40
1.4- Relacionando práticas de leitura e educação científica: leitura, ciência e arte.....	43
1.5- Análise de Discursos.....	46
CAPÍTULO 2: A PESQUISA: TEMPO, ESPAÇO, SUJEITOS, PERCURSOS E PROCEDIMENTOS.....	49
2.1- O contexto da pesquisa.....	49
2.1.1 - Da obra rosiana à pesquisa.....	50
2.1.2 – A exploração inicial.....	53
2.1.3 - Os Sujeitos da pesquisa.....	54
2.1.3.1- Sujeitos institucionais.....	54
A) Museu Casa Guimarães Rosa (MCGR).....	54
B) Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (AAMCGR).....	56
C) O Grupo Contadores de Estórias Miguilim.....	57
2.1.3.2 - Sujeitos sócio-históricos.....	58
A) Os Miguilins voluntários.....	58
B) As formadoras e os colaboradores.....	59
C) O escritor Ângelo Machado.....	61
2.2 – Procedimentos de pesquisa.....	63
2.2.1 – O primeiro contato.....	63
2.2.2 - Uma importante ferramenta para a coleta de informações.....	65
2.2.2.1 - A escolha do livro “O Tesouro do Quilombo”.....	65
2.2.2.2 - A autorização do escritor Ângelo Machado.....	66
2.2.2.3 - Do livro ao texto.....	67
2.2.3 - O estudo piloto.....	71
2.2.4 - A devolução da pesquisa aos pesquisados.....	76
2.3 – A coleta de informações.....	80
2.3.1 – Observações.....	81

2.3.2- Entrevistas semi-estruturadas.....	81
2.3.2.1 - Entrevistas com as formadoras e os colaboradores.....	82
2.3.2.2 - As entrevistas gerais.....	83
2.3.2.3 - As entrevistas específicas.....	84
2.3.3 – Transcrição e análise das entrevistas.....	85
CAPÍTULO 3: O GRUPO “CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”: TRAJETÓRIA, PERFIL SÓCIO-CULTURAL, PRÁTICAS DE LEITURA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA.....	87
3.1- A trajetória do Grupo Contadores de Estórias Miguilim: uma história de muitos protagonistas.....	88
3.2- O perfil sócio-cultural dos membros do Grupo Contadores de Estórias Miguilim.....	102
3.3 - As práticas de leitura dos integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim.....	112
3.4 – A educação científica dos membros do Grupo Contadores de Estórias Miguilim.....	116
3.4.1 - As Miguilins entrevistadas.....	120
■ Nina.....	122
■ Ana.....	127
■ Kika.....	134
■ Lívia.....	142
■ Bia.....	146
■ Isa.....	152
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS: PESQUISADORA, PESQUISA, MIGUILINS, LEITURAS E CIÊNCIAS.....	160
4.1 - O percurso da pesquisadora na pesquisa.....	160
4.2 - Sobre a prática de leitura.....	162
4.3 - Sobre a educação científica.....	170
4.4 - Sobre a entrevista específica.....	179
4.5 - Conclusão.....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	185
APÊNDICES.....	
APÊNDICE A.....	I
APÊNDICE B.....	II
ANEXOS.....	
ANEXO A.....	VI
ANEXO B.....	IX
ANEXO C.....	XV

ANEXO D.....	XVIII
ANEXO E.....	XXII
ANEXO F.....	XXIV
ANEXO G.....	XXVI
ANEXO H.....	LX

APRESENTAÇÃO

A PESQUISA E A PESQUISADORA : PERCURSOS, MARCAS, ENCANTAMENTOS E OBJETIVOS.

“Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d’água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trecho de matas, terra preta, pé de serra. Miguilim tinha oito anos” (ROSA, 1984, p.13).

Este trabalho pesquisou as contribuições da leitura da obra de Guimarães Rosa junto ao processo de educação científica dos integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. Assim, identificou o modo como essas leituras interferem no processo de educação científica dos integrantes do Grupo ao realizar práticas de leitura monitoradas. O interesse por esse estudo, bem como a escolha do Grupo estão intimamente relacionados à trajetória acadêmica da pesquisadora.

Graduei-me em Ciências Biológicas pelo Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2002. Durante o processo de formação acadêmica, desencantei-me com a pesquisa biológica básica, metódica e quantitativa. Busquei novos espaços de pesquisa e nessa busca conheci a educação ambiental, a educação não-formal e os espaços não-escolares de ensino. Por intermédio de um programa de bolsas do CENEX/ UFMG, inseri-me em um projeto de incentivo ao ensino de Ciências Naturais e Biológicas em áreas verdes

metropolitanas, coordenado pela Dra. Profa. Claudia María Jacobi, do Departamento de Ecologia do ICB/ UFMG. O encanto e a paixão pela pesquisa retornaram a meu curso de graduação durante os dois últimos anos, período em que mais trabalhei e produzi conhecimento, participando de eventos como V Congresso Nacional de Ecologia – UFRGS/ RS, 53ª Reunião Anual da SBPC – UFBA/ BA e IX Semana de Iniciação Científica da UFMG.

A opção pela Licenciatura surgiu da vontade de tentar colocar em prática as grandes idéias de ensino e aprendizagem em ambientes não-escolares. Durante a disciplina Prática de Ensino de Biologia, estagiei em uma escola da rede particular de ensino, acompanhando alunos da 1ª série do ensino médio em aulas de laboratório. Foi uma experiência valiosa, que aproveitei como objeto de estudo para o trabalho de conclusão da disciplina, coordenada pela Profa. Luciana Allain. Durante as aulas de laboratório, aconteceu uma saída de campo objetivando conhecer o cultivo hidropônico e estudar a Lagoa da Pampulha sob seus aspectos ecológicos. Constatei que a saída de campo foi uma experiência significativa para os alunos. No entanto, a descontextualização da ferramenta didática em relação aos estudos em laboratório e em aula teórica não permitiu que o conhecimento fosse construído como se esperava. Esse trabalho foi apresentado na FEUSP/ USP no VIII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia - EPEB (fevereiro de 2002). Posteriormente, a convite da Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), elaborei um artigo, que foi publicado no primeiro número da Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia.

Com o término do curso de graduação, tornei-me professora de Ciências do ensino fundamental, da rede estadual de ensino. Grandes dificuldades surgiram com o exercício da profissão docente, e o desejo de trabalhar com educação em espaços não-

escolares aumentou, uma vez que, sob meu ponto de vista, o espaço escolar precisa de grandes reformas físicas e conceituais para que se adapte à realidade dos alunos.

O interesse em um aperfeiçoamento na área de Ciências, fez com que eu buscasse o Curso de Formação Continuada de Professores do CECIMIG/ FaE/ UFMG (2003 e 2004). Sob orientação e coordenação do Prof. Francisco de Borges López de Prado, acrescentei a meu currículo conhecimentos sobre Astronomia e novas práticas educativas que, mais uma vez, aproveitavam espaços não-escolares para o ensino das Ciências Naturais.

Aproximadamente no mesmo período (ago./ 2003 a jul./ 2004), cursei a pós-graduação *lato sensu* em Gestão Ambiental da Universidade FUMEC. Ainda que seja um curso da área de Engenharia, a educação ambiental é valorizada e utilizada como um instrumento da gestão de pessoas e projetos. Assim, como conclusão do módulo Educação Ambiental, desenvolvi, em parceria com outras duas alunas do curso, um projeto de educação sócio-ambiental direcionado ao público da terceira idade. A experiência ressaltou a vontade de trabalhar e estudar a educação desvinculada dos padrões formais de ensino e aprendizagem.

Do desejo de trabalhar com educação em espaços não-formais de ensino (2004), surgiu o Grupo Travessia – Projetos e Expedições Ambientais, em conjunto com três profissionais da área educacional. O Grupo Travessia, registrado como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP –, tem por objetivo trabalhar com a educação sócio-ambiental em espaços não-formais de ensino. Durante o ano de 2005, realizou um trabalho com quinze crianças carentes do Bairro Nacional em parceria com a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. O trabalho fora do ambiente escolar, a educação não-formal e a educação sócio-ambiental revelaram resultados significativos em um curto período de tempo, tendo em vista que o projeto teve início

em abril daquele ano. As crianças passaram a se comportar de maneira diferente, não só no local onde aconteciam os encontros, mas também no ambiente familiar, relato esse feito pelos próprios pais dos participantes. O Projeto Encontro – *para que tenham vida*, é reconhecido internacionalmente nas comunidades católicas claretianas, pelos resultados obtidos.

No entanto, somente o trabalho prático não supriu todas as minhas necessidades profissionais. Com o intuito de reaproximar-me do mundo acadêmico, procurei a Faculdade de Educação da UFMG e comecei a participar do grupo MEDEIA coordenado pelos professores Sérgio Cirino, Danusa Munford e Sylvania Sousa do Nascimento. Em contato com esse grupo, tive a oportunidade de conhecer outro espaço educativo não-escolar: o museu. Assim como as áreas verdes estudadas por mim em outro momento, os museus são utilizados no processo de ensino e aprendizagem, no entanto, pouco se sabe a respeito dos espaços de educação não-formal no Brasil, uma vez que, ao contrário de diversos países europeus e americanos, é recente a pesquisa sobre esse assunto (COSTA, 2004).

O conhecimento dos museus como espaços não-escolares de ensino foi acompanhado da descoberta do Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo/ MG e do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. A convite da professora Sylvania Sousa do Nascimento, participei da XVII Semana Roseana, no ano de 2005, e fui contemplada com uma visita orientada pelo museu. A orientação foi realizada por uma Miguilim que, além de fornecer detalhes sobre a vida e a obra de Guimarães Rosa, contou trecho de um de seus livros. Encantei-me com o empenho da Miguilim, com a organização da comunidade e com o envolvimento no trabalho de preservação da memória e da cultura desenvolvidos na pequena cidade.

Ao ler e reler alguns livros da obra de Guimarães Rosa, confrontei-me com elementos científicos incorporados à trama de suas histórias, ora na descrição minuciosa do sertão, das veredas e dos seres vivos presentes nesse ambiente, ora na constatação de termos científicos. Ao observar o processo de formação não-escolar dos integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim, cheguei às práticas de leitura de textos e/ ou da obra rosiana necessariamente desenvolvidas pelos mesmos e, dessa forma, algumas questões foram levantadas: como é que esses sujeitos sócio-históricos que passam ou passaram por essa práxis que é ser Miguilim constroem, elaboram um processo de educação científica? Seriam os textos rosianos capazes de intervir no processo de educação científica dos integrantes do Grupo? Seria possível identificar essa intervenção a partir da promoção de práticas de leitura de texto didatizado literário de conteúdo científico? Entendendo a educação científica como um processo longo e intimamente relacionado com a formação da cidadania e a tomada de decisões frente a situações cotidianas do mundo global e tecnológico atual, a obra de Guimarães Rosa não poderia ser um bom instrumento para a promoção da educação científica?

Refletindo sobre todos esses questionamentos, surgiu o interesse em estudar os integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim, destacando a influência da leitura da obra de Guimarães Rosa sobre o processo de educação científica dos mesmos. No entanto, ciente de que em um trabalho de pesquisa no nível do mestrado seria incapaz de responder a tantas questões, traçamos objetivos apresentados a seguir.

OBJETIVO GERAL

O objetivo desta pesquisa foi identificar as contribuições da leitura da obra de Guimarães Rosa junto ao processo de educação científica dos integrantes do Grupo

“Contadores de Estórias Miguilim”. Assim, observar os modos que essas leituras interferem no processo de educação científica dos integrantes do Grupo propondo práticas de leitura monitoradas. Além disso, procurar perceber se há transferência de competência interpretativa e narrativa presente na atuação desses jovens na interpretação de textos de conteúdo científico.

Por observar a influência e presença da ciência, seus conceitos e pressupostos junto à obra do grande escritor Guimarães Rosa (LOPES e NASCIMENTO, 2007) –, e por entender que este mantinha uma relação íntima com essa forma de conhecimento, tornou-se instigante compreender como a leitura de seus textos pelos Miguilins poderia intervir no processo de educação científica dos mesmos. Tendo por princípio que os integrantes do Grupo lêem vários textos das obras de Guimarães Rosa, seja durante o processo de formação e/ ou no desempenho da função de Miguilim, propomos práticas de leitura de um livro e de um texto didatizado literário de conteúdo científico. Pretendemos observar o reconhecimento de elementos científicos presentes no texto e, desse modo, compreender a influência das práticas de leitura junto ao processo de educação científica dos membros do Grupo Contadores de Estórias Miguilim.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Visando alcançar o objetivo proposto por esta pesquisa, investigamos junto ao Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”:

- a) a sua trajetória histórica;
- b) o perfil sócio-cultural de seus integrantes;
- c) as práticas de leitura desenvolvidas por seus integrantes;

- d) a influência da leitura da obra rosiana sobre o processo de educação científica, considerando que os integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” percorrem os textos da obra rosiana, tanto durante o processo de formação quanto no exercício da atividade.
- e) a transferência de uma competência interpretativa e narrativa presente na atuação desses jovens, na interpretação de um texto didatizado literário de conteúdo científico.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para facilitar a leitura do trabalho, organizamos a dissertação em capítulos. O Capítulo 1 traz os elementos teóricos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa através da revisão bibliográfica e do referencial teórico. O Capítulo 2 apresenta o contexto em que a pesquisa ocorreu, o estudo piloto realizado e as escolhas metodológicas definidas e implantadas. No Capítulo 3 apresentamos os resultados alcançados e discutimos os mesmos. Por fim, no Capítulo 4 apresentamos as considerações finais da pesquisa, ao discutir o percurso da pesquisadora ao longo da realização do trabalho, ao retomar os resultados e discussões e contrapô-los aos estudos literários existentes e ao redigir algumas conclusões.

CAPÍTULO 1

PRÁTICAS DE LEITURA, EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E OUTROS FUNDAMENTOS TEÓRICOS.

“O Dito era menor mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas, Deus tinha dado a ele todo juízo. E gostava, muito, de Miguilim” (ROSA, 1984, p.21).

1.1- INTRODUÇÃO

A questão respondida pela presente pesquisa mereceu atenção sob vários âmbitos teóricos. Partindo do princípio de que o processo de formação dos integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” não acontece em um ambiente formal de ensino e sim junto à Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (AAMCGR), consideramos que esse fato torna-se o primeiro ponto a ser destacado na fundamentação da questão a ser respondida.

O fato da AAMCGR existir e atuar há muitos anos faz com que essa seja uma pesquisa com um problema particular, pois observamos que as organizações da sociedade civil no nosso país ainda apresentam práticas em curso de consolidação. Nossas organizações são, em sua maioria, recentes e desenvolvem, principalmente, práticas de assistência à população, devido à sua forte tradição de ligação com ações religiosas (VARGAS, 2008). Mas, como nos relata Nascimento (1999), outras realidades sociais, como o movimento associativo francês, possuem práticas consolidadas de formações educacionais em espaços não-escolares. Em toda a França existem grupos associativos que trabalham com a cultura técnica e científica, formando profissionais para atuarem em atividades de difusão, vulgarização e comunicação científica: os animadores científicos (NASCIMENTO *et al*, 2002).

Outro olhar sobre a questão da pesquisa refere-se às práticas de leitura e interpretação realizadas pelos estudantes. O Grupo estudado é constituído por jovens pré-adolescentes e adolescentes, alunos do ensino fundamental e médio e freqüentadores do espaço formal de ensino: a escola. Mais uma vez, esse fato chama nossa atenção, pois, a nossa pesquisa observa a influência da leitura dos textos e/ou obra rosiana sobre o processo de educação científica, uma vez que promovemos práticas de leitura monitoradas, no entanto, fora do contexto escolar, fora da sala de aula. Assim, destacamos o fato de que não falamos de qualquer leitura. Os Miguilins, durante sua práxis, recorrem à obra de Guimarães Rosa, considerado por muitos especialistas como um autor primoroso e, muitas vezes, de difícil leitura e compreensão. Ampliando a relevância da pesquisa realizada, consideramos que a mesma possibilitou identificarmos a existência ou não da transferência de competências interpretativa e narrativa presente na atuação desses jovens e também o reconhecimento da linguagem científica presente em um texto didatizado literário de conteúdo científico.

Além desses olhares teóricos existentes na pesquisa, pontuamos o processo de educação científica que interfere no olhar dos estudantes sobre o mundo, no comportamento do dia-a-dia e na relação dos mesmos entre si e com os demais componentes sociais e ambientais. Como argumentam Santos e Mortimer (2001), no mundo tecnológico dos dias atuais as tomadas de decisões frente a situações corriqueiras como a escolha de alimentos processados industrialmente é influenciada pela educação científica.

Dessa forma, a pertinência da pesquisa concluída relaciona-se ao fato de ter promovido o estudo de um Grupo que possui peculiaridades até então não discutidas e retratadas em outras situações. Acreditamos que ao lançarmos esses olhares sobre o

objeto de pesquisa, justificamos sua relevância também sob aspectos pertinentes no contexto de produção do conhecimento educacional como um todo.

Diante do exposto, passamos a abordar com maior profundidade os âmbitos teóricos mencionados.

1.2- PRÁTICAS DE LEITURA

A necessidade de se compreender as particularidades das práticas de leitura realizadas pelos jovens adolescentes pertencentes ao Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”, nos exige delinear teoricamente um conceito muito amplo e entendido sob os mais distintos aspectos. Nesse sentido, problematizamos o que vem a ser prática de leitura no contexto dessa pesquisa.

Assumimos que é imprescindível o desenvolvimento da habilidade de leitura para que os indivíduos atuem como cidadãos e enfrentem as dificuldades e necessidades diárias (GAMBARINI e BASTOS, 2006). No entanto, o que vem a ser leitura é bastante discutido pelos mais diferentes estudiosos do assunto.

Para alguns, leitura é a mera decodificação de palavras escritas em sons, para outros a leitura depende não apenas dessa capacidade de decifrar sinais, transformar símbolos em sons, mas também da capacidade de atribuir sentido a eles (GAMBARINI e BASTOS, 2006). De acordo com Pietri (2007), o ato de ler pode ser entendido como o ato de solucionar problemas que são apresentados ao leitor pelo texto, além disso, o mesmo autor, concebe a leitura como uma prática social escolarizada. Desse modo, é cobrado, pela sociedade, o ensino da leitura no ambiente escolar, no entanto, para Pietri (2007), leitura não pode ser considerada exclusivamente uma prática escolar. Segundo o autor, por mais que a escola seja o

ambiente comum em que ocorre o ensino e a aprendizagem da leitura, essa habilidade pode ser aprendida em outros ambientes.

A leitura torna-se assunto fundamental dentro da pesquisa realizada, considerando-se que é por meio dessa prática educativa e pedagógica que os adolescentes do grupo estudado entram em contato com os textos e/ ou a obra de Guimarães Rosa.

Necessário, então, compreender que o ato de ler é percebido como um processo abrangente e complexo; um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra (BRANDÃO e MICHELETTI, 1997). A palavra, então, é encarada enquanto signo, variável e flexível, marcado pela mobilidade que lhe confere o contexto. Assim, o contexto é entendido não só no sentido mais restrito de produção do discurso, mas no sentido que enraíza histórica e socialmente o homem. Compreendendo dessa forma, a recepção de um texto nunca poderá ser entendida como um ato passivo, pois quem escreve o faz pressupondo o leitor sendo ele empírico, real ou virtual. Nesse sentido, compreendemos que “(...) um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que ele é atualizado, e operado lingüística e tematicamente por um leitor (...)” (BRANDÃO e MICHELETTI, 1997).

Nesse contexto, o leitor passa a ser um elemento ativo no processo de leitura e denominado por autores como Brandão e Micheletti (1997) de leitor crítico, pois, apresenta características:

- não é apenas um decifrador de sinais, um decodificador da palavra. A palavra, para ele, é signo e não sinal (no sentido bakhtiniano). Busca uma compreensão do texto, dialogando com ela, recriando sentidos implícitos nele, fazendo inferências, estabelecendo relações e mobilizando seus conhecimentos para dar coerência às possibilidades significativas do texto;
- é cooperativo na medida em que deve ser capaz de construir o universo textual a partir das indicações que lhe são fornecidas;

- é produtivo, na medida em que, refazendo o percurso do autor, trabalha o texto e se institui em um co-enunciador;
 - é, enfim, sujeito do processo de ler e não objeto, receptáculo de informações”.
- (BRANDÃO e MICHELETTI, 1997, p. 19).

Atualmente, como explicita Galvão e Batista (1999), as investigações sobre o tema leitura perpassam diferentes áreas do conhecimento, sendo estudada sob diversas perspectivas, sejam elas no âmbito da pedagogia, psicologia, sociologia, fisiologia, bem como a história. Dessa forma, o que se verifica, portanto, é a ampliação dos olhares sobre a questão da leitura nos mais diversos campos do conhecimento. A leitura, dessa maneira, passa a ser pensada como uma prática sócio-histórica.

Sob essas novas perspectivas, as diferentes áreas do conhecimento passam a enxergar “na leitura um interessante instrumento para compreender como diferentes grupos sociais representam diferentemente o mundo, compartilham significados e lutam para construir o sentido da realidade que mais lhes convém” (GALVÃO e BATISTA, 1999, p.12). Isso, porque passa a existir a pressuposição de que a realidade social é, em grande parte, construída pelos significados e pelas representações dos sujeitos que habitam essa sociedade.

Esses diferentes interesses em relação à leitura fez com que surgisse a expressão - práticas de leituras – sendo essa a marca que define os atuais interesses dos novos campos do conhecimento sobre o ato de ler (GALVÃO e BATISTA, 1999). Essas marcas são definidas pelas perspectivas em que a leitura passa a ser investigada, recebendo destaque: a) a abordagem – caracterizada por lidar com a leitura como um fato concreto, realizada por leitores reais -; b) a diversificação teórica e metodológica utilizada para embasar as pesquisas; c) a visão integradora do conjunto de estudos sobre leitura, fazendo surgir uma dimensão interdisciplinar sobre o tema. Nesse sentido, todos esses aspectos contribuem “para a promoção de modos inovadores de compreender, abordar e problematizar a leitura como um objeto de pesquisa que em

vários pontos se distanciam da tradição dos estudos de hábitos de leitura” (GALVÃO e BATISTA 1999, p.14).

O reflexo desses fatores é contemplado em pesquisas como a realizada por Corrêa (2003) que estuda a prática de leitura e escrita de alunos do ensino médio, a partir do trabalho com textos literários de divulgação científica sobre Física Moderna e Contemporânea e refletem sobre o significado da prática pedagógica referida. Nesse contexto, Orlandi (1996) coloca que

“em uma acepção mais ampla, a palavra leitura pode ser entendida como ‘atribuição de sentidos’. Daí ser utilizada indiferentemente tanto para a escrita como para a oralidade. Diante de um exemplar de linguagem, de qualquer natureza, tem-se a possibilidade da realização de leitura” (ORLANDI, 1996, p. 7).

Orlandi (1996) ainda argumenta outros sentidos para a palavra leitura, como a leitura enquanto concepção de mundo. Assim, pode-se vincular leitura à “leitura de mundo”, refletindo a relação com a noção de ideologia, de modo mais ou menos geral e indiferenciado.

Consultando o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), encontramos que **ler** é: “percorrer com a vista”; “interpretar por uma relação estabelecida entre as seqüências dos sinais gráficos escritos e os sinais lingüísticos próprios de uma língua natural”; “ter acesso ao texto, a obra através de sistema de escrita, valendo-se de outro sentido que não o da visão”; “decifrar”; “examinar com profundidade (o conteúdo de um texto escrito)”; “dedicar-se, entregar-se à leitura como hábito ou como paixão”; “interpretar idéia, conceito mais ou menos complexo ou pensamento de um autor, pensador etc.”; “compreender; atribuir significado, sentido ou forma a algo que se vê”; “decifrar o que não se revela facilmente, o que está além do literal”. Constatamos que todas essas definições implicam a existência de um leitor, de um código com seus símbolos característicos e de um autor. É por meio do código que o autor se comunica

com leitor em qualquer tempo. Tal argumento é reforçado por Chartier (1996) quando coloca que

“(…) todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelos escritos ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo que esboça seu leitor ideal” (CHARTIER, 1996, p.20).

O mesmo autor também afirma que “(…) cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p.20).

Fogaça (2003) complementa a discussão teórica ao argumentar que a leitura deve ser considerada um “instrumento de construção do conhecimento, permitindo ao leitor perceber o mundo, interagir com ele e recriá-lo” (FOGAÇA, 2003, p.121). Além disso, argumenta que a verdadeira prática de leitura ultrapassa a decodificação de códigos, letras e imagens, e absorção de informações. Ela necessariamente é um processo em que o leitor é instigado a desenvolver um trabalho ativo que é o de construção de significados, sejam esses significados atribuídos em sentido amplo ao mundo ou em sentido restrito ao texto lido.

Em outro contexto Bourdieu (1996) traz uma significação para a leitura bastante pertinente para a pesquisa, pois, a considera uma prática cultural como qualquer outra e a coloca como uma obediente das mesmas leis que outras práticas culturais, com a diferença de que ela é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar.

De qualquer forma, é importante considerarmos o texto, uma vez que os livros que compõem a obra de Guimarães Rosa utilizam-se da linguagem escrita e portanto, do texto, ainda que se possa perceber inúmeros elementos da oralidade. Assim,

novamente ao consultar o Dicionário Houaiss, “**texto** vem do latim ‘textus’”, que significa “tecido”, “trama”, “as próprias palavras de um autor ou livro”, “conjunto das palavras de um autor, em livro, folheto, documento”, “redação original de qualquer obra escrita, conjunto de palavras citadas para provar alguma idéia ou doutrina”, “trecho ou fragmento de obra de um autor”. Nesse contexto, para Marcuschi (1996), o texto é um processo e não um mero produto, um simples artefato pronto. E não sendo um produto acabado, o texto encontra-se em permanente elaboração e re-elaboração ao longo das diversas leituras dos diferentes leitores, podendo ser compreendido de diversas formas. O texto oferece diversas possibilidades de leituras que podem proporcionar discussões e enriquecer a formação de quem o lê. Assim,

“O texto, não é um produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo (...) se acha em permanente elaboração e reelaboração ao longo de sua história e ao longo das diversas recepções pelos diversos leitores (...) é uma proposta de sentido e ele se acha aberto a várias alternativas de compreensão (...) também não é uma caixinha de surpresas ou algum tipo de caixa preta. Se assim fosse, ninguém se entenderia e viveríamos em eterna confusão. (MARCUSCHI, 1996, p. 73)

Além disso, a atribuição de diferentes sentidos ao texto está diretamente relacionada com a leitura realizada pelos diferentes sujeitos leitores. É com essa visão que levantamos a hipótese de que os adolescentes integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” podem vir a construir processos de educação científica distintos, ainda que tenham passado pelos mesmos processos de formação educacional.

Essa pesquisa considera que a leitura admite pluralidade de interpretação, desvela significados ocultos, resgata outras formas de conhecimento e permite o estabelecimento uma relação dialética com o texto. Compreendendo a leitura dessa forma ela preenche-se de significado, torna-se um processo que permite uma relação dinâmica entre as diferentes formas de linguagem.

Desse modo, apresentamos que as práticas de leitura são consideradas por essa pesquisa enquanto práticas culturais particulares, por serem aprendidas e ensinadas, principalmente, na instituição escolar; que o texto não é um produto acabado que chega às mãos e ao mundo do leitor e que esse leitor é capaz de interferir no texto ativamente, por meio de seu processo de leitura e pela sua atribuição de significados. Passamos então à educação científica para que, em seguida, possamos relacionar teoricamente os dois fundamentos.

1.3- EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

Para problematizar o que vem a ser educação científica discutimos as distintas definições e os diferentes usos de expressões, consideradas facetas da expressão para que, por fim, possamos apresentar o que essa pesquisa entende por educação científica.

1.3.1- Uma perspectiva histórica

Olhar para a educação científica no Brasil de hoje, do século XXI, é enxergar anos de reformulações de conceitos, de mudanças e de história. Ainda que uma definição do que vem a ser educação científica seja muito controversa em função de várias outras expressões – ensino de ciências, alfabetização científica, letramento científico, divulgação científica, e muitas outras - uma reflexão em torno do tema se faz necessária no contexto dessa pesquisa. Devido ao atual envolvimento da sociedade com o conhecimento científico, seja ele abordado com maior propriedade pela escola e pelos meios de divulgação científica especializados, seja ele focado pelos mais diversos recursos midiáticos, pensa-se na necessidade de se discutir a educação científica brasileira.

De acordo com Lemos (2006) a educação brasileira sofreu mudanças drásticas nos séculos XIX e XX, destacando-se entre elas a concepção de uma educação objetivando a formação do indivíduo com base nas ciências, em oposição à concepção humanista. Desse modo, foram incorporados aos currículos escolares, não somente a ciência em sua perspectiva prática, voltada para a formação profissional, mas também a ciência teórica, objetivando a construção dos pensadores que trariam o progresso para a nação brasileira.

Desse modo, nesse momento pretende-se perpassar rapidamente algumas tendências, teorias, posturas e conceitos, objetivando-se visualizar, ainda que superficialmente, o perfil histórico da educação científica brasileira.

O Positivismo, por exemplo, de acordo com Schilling (2007), foi uma das primeiras doutrinas filosóficas do século XIX e uma das mais influentes do seu tempo. As suas raízes encontram-se no empirismo do filósofo inglês David Hume (1711 - 1776) que inculcou nos seus seguidores uma poderosa vocação em procurar entender as coisas do mundo com olhos científicos, afastando-se de tudo o que não fosse exato, factual, comprovável. No entanto, é bem provável que o positivismo não tivesse se irradiado se não fosse pelo trabalho do pensador francês: Auguste Comte (1798 - 1857). Tanto é assim que seu nome praticamente tornou-se sinônimo de positivismo.

Comte elaborou a chamada doutrina dos três estágios, segundo a qual “passamos, nos tempos antigos, pelo estado teológico, depois, na idade moderna, pelo metafísico e, no presente, rumamos para o estado positivo ou científico” (SCHILLING, 2007, p. 2). Cada um desses estágios era modelado por um conjunto de concepções, valores, opiniões e “mentalidades”, próprios, distintos uns dos outros. O estágio positivo ou científico, marcado pelo Positivismo estaria pautado na

“Procura a reorganização da vida social para retirar a humanidade da anarquia e da crise, em direção a uma nova fase de hegemonia científica, completando a unidade entre o temporal e o espiritual, da mesma forma que o Cristianismo fez na I. Média. É o momento em que a fé monoteísta é substituída pela síntese humana. A realidade é captada mediante as verdades positivas da ciência. É preciso adaptar todas as instituições ao futuro do predomínio científico. Para tal deverá impor-se um sistema de educação universal e aperfeiçoar-se um código ético. O governo será composto por sábios apoiados nas leis precisas extraídas das ciências naturais e que defenderão, com o recurso da república positivista, as classes humildes” (SCHILLING, 2007, p.5)

Hoje, associa-se positivismo a algo que necessariamente é metódico, inflexível, reducionista, sem considerar as minúcias, os pormenores, a subjetividade e a especificidade daquilo que se pretende estudar. Mas, em princípio, o positivismo defendia:

- “o real em oposição ao quimérico;
- o útil em oposição ao vão;
- o preciso em oposição ao vago;
- o orgânico em conexão com todo o resto;
- o relativo em oposição ao absoluto e;
- se declarava simpático àquilo que era inspirado pelos sentimentos sociais” (Notas de aula¹).

Antes da palavra positivismo se tornar pejorativa, a teoria defendida por Augusto Comte deixou marcas no ensino das ciências nas escolas brasileiras. Seus pensamentos influenciaram o mandato de Benjamin Constant, na época, Ministro da Instrução Pública, e levaram à Reforma de Ensino de 1890, fazendo com que a ciência ganhasse destaque e fosse incorporada à escola brasileira (LEMOS, 2006). Assim, se analisarmos os embasamentos positivistas, veremos sua contribuição ao desenvolvimento da educação científica brasileira.

Benjamin Constant define as disciplinas escolares das séries que hoje corresponderiam do 2º ao 8º ano do ensino fundamental, sendo marcante o ensino da Astronomia, da Geometria, do Desenho, nas primeiras séries, bem como o aprofundamento nas ciências naturais (Biologia, Zoologia, Botânica, Mecânica,

¹ Notas de aula realizada durante a disciplina Divulgação e Educação Científica, cursada no primeiro semestre de 2006, na FaE/ UFMG. Professores responsáveis: Profa. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento e Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira.

Mineralogia) e nas ciências humanas (História, Sociologia, Moral, Línguas) nas últimas séries (LEMOS, 2006).

Mas não somente Constant influenciou o ensino das ciências nas escolas brasileiras. Fernando Lobo em 1892, Epitácio Pessoa de 1901 a 1910 e a lei Rivadávia Corrêa de 1911 foram, aos poucos, afirmando e tornando a proposta positivista para o ensino mais evidente (LEMOS, 2006), tanto que os exames de admissão para o curso ginasial, estabelecidos com a lei Rivadávia, vigoraram até 1971.

Desse modo, como afirma Lemos (2006), não se pode negar a influência positivista na escola brasileira, desde a Reforma do Ensino de 1890, determinando não somente conteúdos escolares, mas também uma nova forma de pensar a educação voltada para a realidade e a investigação, fugindo dos estudos do passado clássico.

Ainda de acordo com a teoria positivista, a ciência, por seu caráter universal, deveria servir à humanidade e promover a solidariedade entre as nações. Desse modo, talvez já possamos inferir e rotar uma educação científica preocupada com a sociedade e seu desenvolvimento.

Sob o ponto de vista histórico, outra teoria merece destaque pela sua influência sobre a educação científica. No século XVIII, Condillac (1715 – 1780) elabora uma teoria sensualista do conhecimento, partindo do princípio que a base da vida mental está nas sensações. Desse modo, o conhecimento seria formulado após as experiências com o mundo, e a sensação gerada a partir dessas experiências a única fonte dos pensamentos humanos. Hoje, uma reflexão em torno da teoria de Condillac, de acordo com Caixeta (2003), se faz necessária, principalmente quando se analisa o ensino de ciências nas séries iniciais. A autora coloca a necessidade de se

“tentar compreender se estamos diante de simples coincidências ou se seria uma prática repetida entre os professores de ciências, guiados pela formação ambientalista e pelos manuais didáticos (...) sem questionar a validade e importância no desenvolvimento cognitivo do aprendiz” (CAIXETA, 2003, p. 11).

Dessa maneira, inicia-se a discussão da influência dos manuais didáticos das chamadas Lições de Coisas, na educação científica brasileira. “O Manual de Ensino Elementar” de Calkins escrito em 1884 foi traduzido por Ruy Barbosa em 1886, com o título de “Primeiras Lições de Coisas”, e incorporado ao programa escolar em função das reformas de ensino da época. Caixeta (2003), ao analisar o manual traduzido por Ruy Barbosa verifica que o ensino daquela época estava pautado em algumas premissas:

- “é pelos sentidos que nos advém o conhecimento do mundo material;
- a percepção é a primeira fase da inteligência;
- a existência de uma noção no espírito nasce da percepção das semelhanças e diferenças entre os objetos;
- todas as faculdades prosperam, e robustecem a poder de exercício adequado;
- algumas das energias mentais são já nas crianças muito ativas: sensação, percepção, observação, comparação, memória simples e imaginação. Enquanto que a razão, memória filosófica e generalização são as próprias da idade adulta;
- o melhor, e natural incentivo para obter a atenção e aquisição do conhecimento das crianças é a recreação;
- o bom ensino inspira contentamento à infância;
- os hábitos de atenção são permanentes fontes de educação intelectual;
- o processo natural de ensinar parte do simples para o complexo; do que se sabe, para o que se ignora, dos fatos para as causas, das coisas para os nomes, das idéias para as palavras, dos princípios para as regras” (CAIXETA, 2003, p.13).

Assim, impossível não considerarmos a atualidade de várias dessas premissas que embasam o ensino de ciências nas séries iniciais, sendo ele pautado pelo conhecimento por meio das sensações. Além disso, verifica-se a pertinência da continuidade de um trabalho com base nas sensações, pois o ensino de ciências centrado na memorização de conceitos é largamente criticado.

Portanto, os Manuais das Lições de Coisas, típicos do final do século XIX, que estavam associados a um projeto modernizador da sociedade (VALDEMARIN, 2000) com base na valorização do conhecimento científico e que, muitas vezes, tinham como objetivo formar uma atitude experimental nos alunos (HÉBRARD, 2000) por meio da experimentação do mundo e das sensações produzidas, influenciaram o ensino de ciências no Brasil e a educação científica e podemos nos questionar se ainda não continua a influenciar.

Mas, para compreender a educação científica brasileira é necessário associá-la à história da educação como um todo. Alguns autores como Teixeira (2003a, 2003b), Krasilchik (2000), Moreira e Massarani (2002), e Santos e Mortimer (2001) nos ajudam, por meio de suas pesquisas, a problematizar e delinear uma trajetória paralela entre a educação científica e a história da educação brasileira. Observamos, a partir desses estudos, que o ensino de ciências ao longo da história da educação brasileira já passou por inúmeras influências, já teve as mais diferentes referências e sofreu as mais diversas modificações em função dos ideais e da legislação que rege o sistema educacional brasileiro.

Hoje, longe de sanar a discussão em prol de uma definição do que vem a ser a educação científica, reconhece-se que a ciência está cada vez mais entranhada ao currículo escolar e ao processo de ensino e aprendizagem. A ciência acaba influenciando os modos de organização dos temas, tempos e disciplinas, bem como garantindo credibilidade ao conhecimento, pois feliz ou infelizmente, tudo que é científico ou cientificamente comprovado possui crédito junto à sociedade. Na escola, esse fato não poderia ser diferente.

1.3.2- A divulgação científica e a educação científica: do final do século XIX ao início do XXI.

Quando se pensa em divulgação científica pensa-se também em instrumentos utilizados para se propagar e difundir o conhecimento científico, bem como numa definição. Pois existem muitas controvérsias quando se trata de definir a expressão divulgação científica, não sendo diferente a discussão em torno da definição de educação científica.

A idéia, nesse momento da reflexão, é pensar sobre alguns instrumentos da divulgação científica no Brasil desde o final do século XIX até dias atuais, bem como observar quais as definições que são dadas à expressão divulgação científica e assim estreitar relações entre divulgação e educação científica.

Em tempos passados tínhamos à disposição a linguagem falada e escrita que com o advento da imprensa, permitiu a disseminação de obras que auxiliaram na formação do pensamento científico de gerações, como as utopias do século XIX de Charles Fourier, Etienne Cabet, Edward Bellamy e Júlio Verne, estudadas e analisadas por Oliveira (2005). Além desses, já em 1810 a Imprensa Régia publicava textos e manuais que se autodenominavam voltados para a educação científica da nação brasileira (MOREIRA e MASSARANI, 2002).

No Brasil, trabalhos como os realizados por Moreira e Massarani (2002) revelam que a divulgação científica do país permaneceu ligada à escrita por muitos anos por meio dos periódicos – *Miscelânea científica* (1835), *Nictheroy* (1836), *Minerva brasiliense* (1843), *Revista Brasileira* (1857), *Revista do Rio de Janeiro* (1876), *Ciência para o Povo* (1881) entre outros. A esse instrumento de promoção da ciência foram incorporados outros com o passar dos tempos e aí ganharam força os museus, como o Museu Nacional; as Conferências Populares iniciadas em 1873, que durante 20 anos tiveram impacto significativo sobre a elite intelectual do Rio de Janeiro; e os Livros de Viagens escritos pelos naturalistas que viajavam pelo Brasil. Interessante que os principais divulgadores dessa época eram homens ligados à ciência pela prática profissional como médicos, professores, engenheiros ou naturalistas, sendo irrelevante a participação de jornalistas (MOREIRA e MASSARANI, 2002). Diferente do observado hoje, quando verificamos revistas populares de divulgação das ciências – como *Galileu*, *Super Interessante*, *Globo*

Ciência – escritas e elaboradas quase que exclusivamente por jornalistas que não necessariamente passaram por uma formação em Ciências da Natureza.

Mas os recursos não se resumiram a esses. Com o avanço da tecnologia e a chegada dos séculos XX e XXI, o rádio – na década de 20 sob a coordenação de Roquete-Pinto – o cinema - que na década de 30 se declarava como veículo de educação científica (MOREIRA e MASSARANI, 2001) – a televisão e os computadores, por meio da Internet, passaram a contribuir de modo expressivo para a divulgação do conhecimento científico e a auxiliar na formação do imaginário acerca da ciência. Exemplos não faltam: os inúmeros sites sobre ciência, o programa Ciência na Favela da Rádio Favela, os programas Globo Repórter, Globo Ciência e Globo Ecologia da Rede Globo de televisão, os filmes de Ficção Científica e muito outros gêneros que, mesmo não tratando de ciência, buscam nela elementos para justificar um ou outro aspecto da trama ficcionista.

Além desses, não podemos esquecer de mencionar os trabalhos literários. No século XIX foram exemplificados pelas utopias. Atualmente há uma variedade de obras que de alguma forma ou substancialmente tratam de ciência. Em aulas de Física do ensino médio, por exemplo, são utilizadas obras como “As aventuras científicas de Sherlock Holmes” como texto de divulgação científica objetivando um melhor entendimento sobre Física Moderna e Contemporânea (CORRÊA, 2003), e configurando a literatura também como um recurso de divulgação científica.

Todos esses instrumentos de divulgação do conhecimento científico não facilitam a elaboração de uma definição do que vem a ser divulgação científica. Assim, elaboramos uma discussão focando alguns estudiosos especialistas. Autores, como José Reis *apud* Kreinz (2000) se pronunciam tentando definir a divulgação científica sob as perspectivas da função social/ educacional e do discurso,

argumentando que a divulgação científica realiza duas funções que se completam: a primeira, a função de ensinar, suprimindo ou ampliando a função da própria escola; a segunda, a função de fomentar o ensino.

Authier-Revuz (1998) faz uma análise sob a perspectiva da disseminação do conhecimento para além dos limites da comunidade científica. A autora se pronuncia argumentando que a divulgação científica é considerada como uma atividade de disseminação, em direção à sociedade, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita. Essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária e não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender à comunidade de origem.

Alguns autores divergem em seus pontos de vista quando a perspectiva é o discurso. Authier-Revuz (1998) argumenta que a divulgação científica insere-se como uma prática de reformulação de um discurso fonte (o discurso científico, originado no seio da comunidade científica) em um discurso segundo. Zamboni (1997), contrariamente, vê no discurso da divulgação científica um gênero discursivo particular, que dissociado do campo científico, adquire vida própria no campo do discurso.

A partir dessa discussão podemos entender que, de modo geral, a divulgação científica procura mediar conhecimentos e propiciar ao leitor não especialista o contato com o universo da ciência utilizando uma linguagem acessível e familiar. Assim, em alguns momentos confunde-se com a educação científica e em outros se apresenta como uma faceta da mesma.

1.3.3- Uma discussão atual: o ensino de ciências, a alfabetização científica, o letramento científico, a divulgação científica: facetas da educação científica.

Que há uma grande variedade de contextos de aplicação desses termos e expressões já ficou claro, mesmo porque ao longo do texto apresentado, nos deparamos com situações em que o ensino de ciências e a divulgação científica se confundiram com a educação científica. Mas os problemas conceituais e as definições são ainda mais problemáticas quando pensamos nas expressões alfabetização científica e letramento científico, uma vez que não existem consensos e clarezas nas distinções que separam esses dois termos. De qualquer modo vejamos algumas discussões que perpassam essas expressões e como a educação científica é abordada.

Se iniciarmos a discussão considerando a divulgação científica, veremos autores como Albagli (1996) que afirmam que a divulgação científica pode ter diferentes objetivos, entre eles: o cívico, a mobilização popular e o educacional. Assim, nesse último, de acordo com a autora estaria em jogo

“(…) a ampliação de conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e sua lógica. Neste caso, trata-se de transmitir informação científica tanto com caráter prático, como o objetivo de esclarecer os indivíduos sobre o desvendamento e a solução de problemas relacionados a fenômenos cientificamente estudados, quanto com um caráter cultural, visando a estimular-lhes a curiosidade científica enquanto atributo humano” (ALBAGLI, 1996, p. 397).

A mesma autora, procurando distinguir divulgação científica e educação científica, ainda traz outra definição que pode complicar mais do que solucionar a questão, quando afirma que “popularização da ciência ou divulgação científica pode ser definida como o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral” (ALBAGLI, 1996, p. 397).

Outros autores como Chassot (2000) trabalham somente com o conceito de alfabetização científica, considerando-a “(…) o conjunto de conhecimentos que

facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem” (CHASSOT, 2000, p. 34). E ainda complementa afirmando que assim

“(…) como exige-se que os alfabetizados em língua materna sejam cidadãos e cidadãos críticos (...), seria desejável que os alfabetizados cientificamente não apenas tivessem facilitada a leitura do mundo em que vivem, mas entendessem as necessidades de transformá-lo, e transformá-lo para melhor” (CHASSOT, 2000, p. 34).

E tudo pode se tornar mais complexo se aproximarmos essa definição de alfabetização científica da educação cidadã, pois se os sujeitos devem ser capazes de ler o mundo e transformá-lo, não há porque desconsiderar a questão da cidadania. Desse modo, para Chassot (2000), a cidadania somente será exercida plenamente se os cidadãos tiverem acesso ao conhecimento, sendo responsabilidade dos educadores promover a educação científica. Essa relação entre alfabetização científica, educação científica e exercício pleno da cidadania também é feita por outros autores como Caruso (2003), Lorenzetti e Delizoicov (2001).

Seguindo ainda a mesma perspectiva, Teixeira (2003a) coloca que a educação científica sofreu mudanças radicais, pois progressivamente tem-se abandonado o ensino canônico de ciências nas escolas para se construir uma educação científica comprometida com a cidadania. No mesmo artigo, outros autores (HAZEN e TREFIL, 1995 *apud* TEIXEIRA, 2003) argumentam que a alfabetização científica significa

“(…) ter conhecimento para entender debates públicos sobre questões de ciências e tecnologia. Misto de fatos, vocabulários, conceitos, história e filosofia. Não se trata de discurso de especialistas, mas do conhecimento mais genérico e menos formal. Entender notícias de teor científico, lidar com informações do campo científico da mesma forma como lida com outro assunto qualquer” (HAZEN e TREFIL, 1995 *apud* TEIXEIRA 2003, p. 179).

Quando a discussão volta-se para o letramento científico, temos aspectos muito parecidos. Santos e Mortimer (2001) afirmam que o letramento científico passou a ser a principal meta do ensino de ciências em contraposição aos movimentos das décadas de 50 e 60 que defendiam a preparação dos jovens para agirem

socialmente como cientistas ou optarem por uma carreira científica. Ao mesmo tempo usam uma nota de rodapé para justificar a utilização do termo letramento científico

“Empregamos o termo letramento científico ao invés de alfabetização científica, adotando a versão para o português da palavra inglesa literacy, que vem sendo usada em Educação e nas Ciências Linguísticas com o significado de ‘estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita’ (SOARES, 1998, p.47, citada por SANTOS e MORTIMER, 2001). Nesse caso, letramento científico seria a condição de quem não apenas reconhece a linguagem científica e tecnológica, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam tal linguagem” (SANTOS e MORTIMER, 2001, p. 96).

Podemos perceber que em todos os conceitos aqui trabalhados e discutidos existem pontos de convergência no que diz respeito ao acesso ao conhecimento científico e ao saber utilizá-lo enquanto cidadão capaz de opinar, intervir e transformar a sociedade.

1.3.4- Uma referência para pensar a educação científica

Acreditamos ser necessário buscar algumas referências do que vem a ser a educação científica considerando-se que, inicialmente, a utilização dessa expressão no Brasil esteve associada exclusivamente à tradução da expressão inglesa *science education*. Nesse sentido, podemos dizer que a educação científica foi compreendida, num primeiro momento, como uma nova forma de educar com princípios científicos, principalmente tendo como base o método científico.

No entanto, ao longo do tempo pesquisadores brasileiros passaram a adotar o termo ensino de ciências no lugar da expressão educação científica. E o que pretendemos é retomar o uso da expressão educação científica por meio de uma discussão e uma proposição de um novo olhar sobre o termo. Discussão essa integrada à nova postura frente à ciência, que a considera como uma prática cultural (ZANETIC, 2005; OLIVEIRA e ZANETIC, 2004; DEYLLLOT e ZANETIC, 2004).

Nosso olhar sobre a educação científica se dá de modo abrangente, porque queremos compreendê-la em sua amplitude. Buscamos por uma educação científica

entendida como processual, longa, lenta, gradual, que ocorre no ambiente formal escolar e influenciável pelos mais diversos ambientes sociais e educacionais. Consideramos a educação científica como Chassot (2000, p.34) considera a alfabetização científica: “(...) o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem” para que seja possível transformá-lo para melhor. Também incorporamos elementos do movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) estudados por Santos e Mortimer (2001) por argumentarem que o letramento científico e o ensino de ciências na perspectiva CTS possuem como principal meta preparar os alunos para o exercício da cidadania, proporcionando posturas críticas, tomadas de decisões conscientes e atuações com responsabilidade social, não sendo diferente de outras disciplinas.

Interessante é que é essa a perspectiva contemplada e pretendida pelos Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Tomada de decisões conscientes, sabedoria na utilização os conhecimentos formais/ científicos adquiridos por meio da aprendizagem escolar, exercício da cidadania e atuação com responsabilidade social são alguns dos pontos muitas vezes mencionados nos objetivos de trabalho e abordagem de cada um dos Temas Transversais – Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo.

Entendemos também a educação científica como um processo de aquisição de habilidades e competências para se relacionar com o mundo natural e modificado. Incorporando os princípios do conceito de letramento científico que, segundo Santos e Mortimer (2001) é a “(...) condição de quem não apenas reconhece a linguagem científica e tecnológica, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam tal linguagem”(SANTOS e MORTIMER, 2001, p.96).

Nesse sentido, passamos a considerar o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), pois esse reconhece que a compreensão do mundo natural e transformado demanda o exercício de várias competências, através das quais o aluno refina e modifica suas observações e interpretações sobre a natureza e o ser humano. Assim, para as ciências naturais o SAEB considera três níveis de competências cognitivas:

“- Nível básico: considerado o nível de competência indicadora da habilidade de lembrar e reconhecer noções básicas e fenômenos.

- Nível operacional: reúne as competências relativas ao estabelecimento de relações entre parte e todo de determinados fenômenos dados, que permitem classificar, comparar, interpretar e justificar acontecimentos, resultados de experimentos ou proposições dadas. São competências que atingem o nível de compreensão e explicação do mundo natural ou transformado, relativas aos diferentes objetos de conhecimento das Ciências Naturais.

- Nível global: contempla as habilidades de extrapolar e aplicar conhecimentos, inferir, analisar e criticar situações dadas” (BRASIL, 2006).

Articulando essas informações, passamos a entender a educação científica como um processo educativo, não restrito ao tempo escolar, que visa, por meio da apropriação do conhecimento das ciências da natureza, à formação do cidadão contemporâneo capaz de tomar decisões refletidas sobre as situações cotidianas do mundo globalizado e tecnológico. Além disso, consideramos que a educação científica apresenta-se articulando suas distintas facetas como a alfabetização científica, o letramento científico, a divulgação científica e o ensino de ciências.

Sob esse ponto de vista, a escola deixaria de exercer sozinha seu papel na formação científica e passaria a requerer a existência de novos espaços sociais. Espaços esses que possibilitassem uma educação científica autônoma, contínua e permanente. Portanto, passamos a pensar que a mobilização e o envolvimento da sociedade civil na formação dos cidadãos pode ser vista como uma solução para as cobranças infundáveis quanto à qualidade de ensino de ciências no Brasil.

1.4- RELACIONANDO PRÁTICAS DE LEITURA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: LEITURA, CIÊNCIA E ARTE.

Que leitura e escola relacionam-se intimamente não há como discutir, considerando-se ser esse o espaço social formal onde ocorre o ensino e a aprendizagem da leitura. No entanto, discute-se cada vez mais o fato de que não há como um educador se esquivar do tema leitura (LOPES, 2000), independente de sua formação, seja ela na área de Matemática, de Geografia, de História ou de Ciências.

Desse modo, a compreensão e o aprendizado dos conhecimentos das mais diferentes áreas disciplinares passam a relacionar-se também às práticas de leitura que acontecem nos espaços escolares e não-escolares. As pesquisas em ensino de ciências² vêm avançando nessa discussão ao proporem uma melhor formação científica dos alunos por meio da utilização de textos diferentes dos didáticos. Nesse sentido, textos de divulgação científica, textos escritos por cientistas e textos artísticos e literários têm sido alvo de estudo de diferentes autores e grupos de pesquisa.

A questão é que o conhecimento científico não se encontra isolado dos pressupostos sociais, suas transformações tecnológicas, econômicas e históricas, ou seja, o ensino de ciências não pode ser separado dos processos sociais que acontecem na sociedade atual (GIRALDELLI e ALMEIDA, 2005). Ao considerarmos ciência e leitura como práticas culturais (BOURDIEU, 1996) constatamos, mais uma vez, que estamos lidando com esferas sociais indissociáveis, mas que muitas vezes se desvinculam no contexto escolar, devido à fragmentação e à didatização do conhecimento por meio das disciplinas escolares.

² ALMEIDA e RICON, 1993; SOUSA, 1997; SILVA e ALMEIDA, 1997; SILVA e ALMEIDA, 2000; MARTINS e DAMASCENO, 2002; MOREIRA, 2002; ZANETIC, 2002; MARTINS *et al.*, 2004; ALMEIDA, 2004; CARVALHO e ZANETIC, 2004; DEYLLLOT e ZANETIC, 2004; OLIVEIRA e ZANETIC, 2004; GIRALDELLI e ALMEIDA, 2005; PINTO e RABONI, 2005; CARVALHO e ZANETIC, 2005; NARDI e ALMEIDA, 2006.

Assim, o ensino e a aprendizagem da leitura acaba por se restringir às aulas de Língua Portuguesa ao passo que o ensino e a aprendizagem de ciências restringem-se às aulas de Ciências. Autores como Terrazan (2000) justificam esse fato no trabalho dos professores que possuem, geralmente, uma carga horária de trabalho excessiva e que saem dos cursos de formação não capacitados para lidar com outros instrumentos e alternativas didáticas, permanecendo, assim, fixos ao livro didático, o que torna o mesmo garantia de desenvolvimento das aulas. No entanto, o mesmo autor e outros (ALMEIDA e RICON, 1993), ao realizarem pesquisas utilizando textos de divulgação científica em aulas de Física, comentam sobre a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Massarani (2000), ao mesmo tempo, aponta os textos de divulgação científica e a leitura dos mesmos como úteis instrumentos para a promoção da educação científica. Além disso, a autora apresenta a pesquisa realizada por Mora (1998) onde são enumerados os recursos que devem existir nos textos de divulgação científica para que os mesmos se tornem atrativos aos leitores, chamando nossa atenção a menção à necessidade de vínculo entre arte, ciência e cotidiano.

Outros cuidados na utilização de textos de divulgação científica são recomendados por pesquisadores. Sousa (1997), por exemplo, coloca que esses textos não podem ser usados objetivando a substituição dos livros didáticos. A sugestão da autora é que o trabalho com os jornais e revistas de divulgação científica seja uma quebra na rotina didática, pedagógica, escolar, para que assim se alcance bons resultados no processo de ensino e aprendizagem.

Mas, outros instrumentos além dos textos de divulgação científica têm sido colocados como bons instrumentos para a formação científica dos alunos. Almeida (2004), utiliza em aulas de Física, por exemplo, textos dos próprios cientistas e afirma

os avanços relacionados à produção de significados e à formação cultural e profissional dos estudantes.

O interessante é que ao nos remetermos ao trabalho dos professores, constatamos que a utilização dos mais diferentes gêneros literários em sala de aula de ciências não é novidade. Lopes e Nascimento (2007) afirmam que ao analisarmos os livros didáticos que permeiam a atividade docente dos professores da área de ciências naturais, verificamos que os mesmos carregam em si textos didáticos, textos de divulgação científica, letras de músicas e muitas vezes textos literários sejam eles em prosa ou poesia. Quantos não foram os professores que introduziram a problemática em torno do lixo utilizando o poema “O Bicho” de Manuel Bandeira, que já não trabalharam o conceito de biodiversidade por meio da letra de “Passaredo” de Chico Buarque de Holanda, ou que não abordaram o ciclo da água da natureza com a leitura de “A briga da terra com o ar” de Ana Maria Machado? Desse modo, mesmo que os textos não tenham caráter educativo, o professor pode, em seu planejamento, fazer deles instrumentos facilitadores do processo de ensino e aprendizagem (LOPES e NASCIMENTO, 2007). Pesquisas como a realizada por Corrêa (2003) reforçam esse tipo de abordagem educacional, pois muitos são os estudos que apontam transformações na qualidade do ensino quando se utiliza textos literários e/ ou de divulgação científica. E Zanetic (2002) é categórico ao afirmar que

“não há dúvida que para estabelecer um diálogo inteligente com o mundo é preciso que o leitor domine de forma competente a leitura e a escrita, portanto a literatura deve ter um papel de destaque na educação”(ZANETIC, 2002, p. 5).

Desse modo, Lopes e Nascimento (2007) apontam que mesmo não possuindo “receitas” de como fazer para se alcançar resultados positivos, existem exemplos de pesquisas mostrando diferentes possibilidades de trabalho. Salomão (2005), Zanetic (2002) e Moreira (2002) argumentam sobre os efeitos positivos no processo de ensino e aprendizagem nas diferentes áreas das ciências naturais, como a Física e a Biologia,

quando há a utilização de diferentes gêneros literários nas salas de aula, recebendo destaque os textos poéticos, os literários e os teatrais. No entanto, nos perguntamos se há formação docente preparando nossos professores para esse tipo de abordagem que considera a ciência uma prática cultural e que, portanto, ocupa lugar nas mais diferentes práticas sociais e artísticas, inclusive na literatura. Assim, mesmo com o esforço dos professores para realizarem um bom trabalho seguindo esse viés, precisamos nos questionar até que ponto se consegue conciliar literatura e ciência sem se concentrar no conhecimento científico e se perder a beleza da arte e sua fruição (LOPES e NASCIMENTO, 2007).

Considerando que os conceitos teóricos principais dessa pesquisa foram definidos e relacionados, resta-nos estabelecer o referencial teórico de análise e compreensão do contexto da pesquisa. Assim, no próximo tópico, nos deteremos ao instrumento teórico da Análise de Discursos.

1.5- ANÁLISE DE DISCURSOS

Como toda e qualquer pesquisa implica em escolhas, optamos pelo quadro teórico da Análise de Discursos por considerá-lo um campo que abrange questões sobre a linguagem e um campo de conhecimentos que nos auxiliam na interpretação e compreensão da fala e da ausência de fala dos sujeitos sócio-históricos, quando os mesmos atribuem sentidos e significados às mais diferentes circunstâncias sociais.

A Análise de Discursos nos permite afirmar, como Orlandi (2007, p.9) que “não temos como não interpretar”. No entanto, não podemos simplesmente interpretar sem controle algum. E nesse sentido, a Análise de Discursos contribui para essa pesquisa, fornecendo meios analíticos para a interpretação. Nós pesquisadores somos sujeitos sócio-históricos que nos debruçamos sobre um objeto de pesquisa procurando

a compreensão dos sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos sócio-históricos através da fala e/ ou da ausência de fala.

O discurso é o objeto de estudo teórico e analítico da Análise de Discursos e é compreendido etimologicamente como curso, percurso, movimento. O discurso é “assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2007, p. 15). Discurso é o efêto de sentidos entre locutores, pois consideramos que a linguagem serve para comunicar e para não comunicar e que as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus múltiplos efeitos (ORLANDI, 2007, p.21).

Ao utilizarmos a Análise de Discursos, pretendemos “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2007, p. 15), ou seja, uma língua não tratada enquanto sistema abstrato, mas uma língua que interage com o mundo. Desse modo, o analista de discursos procura relacionar a linguagem produzida pelos sujeitos sócio-históricos com o mundo que os rodeia, pretendendo encontrar regularidades da linguagem em sua produção.

Mas para interpretar e compreender utilizando-se da Análise de Discursos é preciso ler o discurso produzido, seja ele registrado por escrito no texto, ou codificado exclusivamente em sons por meio da oralidade, ou ainda entremeado de gestos e ausências de fala. Assim, para interpretar e compreender é necessário ler.

Leitura, segundo Orlandi (1996) é um conceito polissêmico que engloba as mais diferentes acepções. No entanto, sob a perspectiva discursiva, leitura é entendida como interpretação, como compreensão. Além disso, a autora nos coloca algumas imposições quando se assume uma perspectiva discursiva para se refletir sobre leitura, e nos chamam a atenção três delas: i) tanto a leitura quanto a escrita fazem parte do

processo de instauração do(s) sentido(s); ii) o sujeito-leitor possui suas especificidades e sua trajetória histórica; e iii) tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados ideologicamente e historicamente (ORLANDI, 1996).

É nesse sentido que lemos o discurso produzido, que analisamos o texto escrito pelo discurso dos sujeitos sócio-históricos, que são objetos de estudo dessa pesquisa. Então o texto, nosso objeto de análise, como é proposto pela Análise de Discursos, passa não mais a ser visto como um “(..) dado lingüístico (com suas marcas, organização, etc), mas como fato discursivo trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise (...)” (ORLANDI, 2007, p. 69).

Mas é importante ressaltarmos que, segundo a Análise de Discursos, o texto não é considerado ponto de partida ou chegada absoluto, observando-se as relações de sentido. O texto é visto como um exemplar do discurso (ORLANDI, 2007, p.72), ou seja, não são documentos que ilustram idéias pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem inúmeras possibilidades de leituras.

Assim, ao final desse trabalho, queremos que o leitor compreenda que o objeto de pesquisa permanecerá disponível para análise sob os pontos de vista mais diversos. Considerando-se que nossa análise será nosso modo de interpretar, de ler, de compreender os discursos produzidos pelos sujeitos em determinado tempo sócio-histórico, não teremos esgotado as possibilidades de análise. E como afirma Orlandi (2007, p.64) “(..) isto não tem a ver com a objetividade da análise, mas com o fato de que todo discurso ser parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos (...)”.

CAPÍTULO 2

A PESQUISA: TEMPO, ESPAÇO, SUJEITOS, PERCURSOS E PROCEDIMENTOS.

“A roça era um lugarzinho descansado bonito, cercado com uma cerquinha de varas, mó de os bichos que estragam. Mas muitas borboletas voavam. Afincada na cerca tinha uma caveira inteira de boi, os chifres grandes, branquela, por toda sorte” (ROSA, 1984, p.69)

2.1- O CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa aqui apresentada procurou alcançar respostas às suas questões utilizando uma metodologia de pesquisa predominantemente qualitativa uma vez que trabalhou com um pequeno número de adolescentes que compõem o Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”.

Dentro da pesquisa qualitativa optou-se pela elaboração de uma metodologia original por se tratar de um problema de pesquisa singular, sendo a entrevista semi-estruturada o instrumento de coleta de informações predominante. Não definimos uma abordagem metodológica padrão, no entanto, a imersão e contato com o Grupo pesquisado e a comunidade em seu entorno não pode ser desconsiderada e um cunho etnográfico pode ser designado à pesquisa.

Essa pesquisa foi protocolada, analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP) por meio do parecer no ETIC 137/07 (**Apêndice A**). Desse modo, destacamos todos os cuidados e medidas tomados para que os dados obtidos com a pesquisa sejam destruídos em cinco anos, para que seja mantido o anonimato dos pesquisados menores de 18 anos envolvidos, e para que a divulgação seja restrita aos sujeitos participantes e ao ambiente acadêmico.

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram produzidos seguindo as orientações e exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP) (**Anexo A**). Eles foram apresentados, explicados e assinados pelos pais e/ou responsáveis pelos participantes da pesquisa menores de 18 anos, autorizando a participação dos mesmos voluntariamente na pesquisa. Outros TCLE, destinados aos participantes da pesquisa maiores de 18 anos, foram elaborados objetivando a revelação de seus nomes próprios e a autorização quanto à utilização das informações obtidas por meio de entrevistas. Esses tiveram acesso ao protocolo de entrevista, e foram informados que todos os dados seriam utilizados e divulgados única e exclusivamente no meio acadêmico.

O instrumento de coleta principal – a entrevista semi-estruturada – foi definido visando obter informações em diferentes situações e assim compreender as práticas de leitura e a educação científica dos integrantes do Grupo, bem como conhecer a trajetória histórica e os sujeitos sócio-históricos envolvidos na pesquisa.

2.1.1 – Da obra rosiana à pesquisa

Analisar a obra de Guimarães Rosa seria bastante pretensioso de nossa parte e, portanto, argumentamos desde já que nosso olhar sobre seu texto não teve nenhuma pretensão literária e sim científica. Observamos os elementos científicos de sua obra literária, e somente eles, porque é impossível não se encantar com a riqueza de detalhes, a preocupação com o conhecimento, a descrição minuciosa e a sensibilidade para lidar com os biomas e ecossistemas denominados por ele tão sabiamente de sertão.

Segundo Lopes e Nascimento (2007) um exemplo dessa incorporação do conhecimento científico aos textos rosianos pode ser percebido pela análise da novela

Buriti, integrante de “Noites do Sertão”, inicialmente publicada como a terceira parte do livro “O Corpo de Baile”.

Buriti é uma novela que tem como personagens três mulheres e um homem que vivem juntos na fazenda Buriti Bom. Nessa fazenda, existe uma vereda marcada pela presença do buriti grande. Essa vereda aparece em muitos momentos da trama de Guimarães Rosa, sendo esse destaque no enredo um aspecto que chama atenção e permite utilizá-la como exemplo da incorporação de elementos científicos ao texto literário.

Vejamos como o buriti grande e seu local de “morada”, a vereda, aparecem na história:

“O buriti grande era um coqueiro como os outros, os buritizeiros todos que orlavam o brejão, num arco de círculo. Gualberto saía de casa, cavalgava três léguas, vinha na direção do rio. O rio corre para o norte, Gualberto chegava à sua margem direita. Ali estava o brejão – o Brejão-do-Umbigo – vinte e tantos alqueires de terreno perdido. Entre o cerrado e o Brejão, era uma baixada, de capim-chato e bengo, bonita como uma paisagem. Capim viçoso, bom para o gado, Gualberto pusera lá seus bois para engordar. Toda a volta do Brejão, o côncavo de uma enseada, se assinalava, como um desenho pela dos buritis. Pareciam ter sido semeados, um à mesma distância do outro, um entrespaço de seis ou dez metros. Subiam do limpo do capim, rasteira grama; ali, no liso, um cavalo, um boi, podiam morrer de dia. Mas o buriti grande parava mais recuado, fora da fila, se desarruava. (...). Antes, em prazos idos, o buriti grande se erguera bem na beira, de entrelanço com seus grandes irmãos, como agora os outros mais novos, com o pé quase na água – o que os buritis desejam sempre. Agora ele perdera o sentido de baliza, sobressaía isolado, em todos os modos. Apenas uma coluna. Ao alto, que parecia cheio de segredos, silêncios; acaso, entanto, uma borboletazinha flipasse recirculando em zigiguezague, redor do tronco, e ele podia servir de eixo para seus arabescos incertos. A borboleta viria para o brejo, que era uma vegetação embebida calma, com lameal com lírios e rosas-d’água, adadas, e aqui ou mais um poço azulicho, entre os tacurus e maiores moitas, e o atoalhado de outros poços, encoscorados de verde osgo. O brejão era um oásis, impedida a entrada do homem, fazia vida. Não se enxergavam os jacarés, nem as grandes cobras, que se estranham. (...). Impossível drenar e secar aquela posse, não aproveitada. Serenavam-se os nelumbos, nenúfares, ninféias e sagitárias. Do traço dos buritis, até o rio, era o defendido domínio” (ROSA, 1988, p. 115).

Por esse trecho observa-se a riqueza de detalhes, tão característica da obra rosiana e como os aspectos biológicos ganham destaque. A descrição da vereda é permeada de conhecimentos biológicos que caracterizam esse ecossistema peculiar do bioma cerrado: “o oásis” do sertão, com o solo “lameal” e “impossível de drenar”. Além disso, as plantas típicas são enumeradas como os buritis e outros vegetais de

raízes encharcadas como as nenúfares e as ninféias. A presença da água no ambiente é evidenciada e essa é uma das grandes marcas do ecossistema das veredas.

O modo de escrita rosiano, ainda que declaradamente literário, traz, aos nossos olhos, características do texto científico: descrição detalhada, precisa, minuciosa; criação de palavras; uso de metáforas. Longe da pretensão de classificar o texto literário rosiano como sendo divulgação científica, podemos reconhecer esses elementos em sua literatura o que nos fornece indícios da cultura científica do escritor de formação médica. Vejamos alguns exemplos. A descrição minuciosa e precisa: “(...) *Pareciam ter sido semeados, um à mesma distância do outro, um entrespaço de seis ou dez metros*”. A criação de palavras: “*Ao alto, que parecia cheio de segredos, silêncios; acaso, entanto, uma borboletazinha **flipasse** recirculando em ziguezague, redor do tronco (...)*” (grifo nosso). O uso de metáforas: “*O brejão era um oásis, impedida a entrada do homem, fazia vida*”.

Interessante que outros pesquisadores já procuraram em Guimarães Rosa elementos que os ajudasse a entender a biologia. Meyer (1998) se propôs a estudar a natureza em Guimarães Rosa a partir de suas cadernetas de notas. A autora verifica que a natureza aparece nas notas rosianas com inúmeras facetas, sendo ampla sua visão de mundo, e desvinculada da concepção de que o ser humano não é integrante da mesma. Assim, segundo a autora, sertão e sertanejo não se separam e, portanto, natureza e ser humano também não.

Outra questão pertinente a ser levantada é que nessa vastidão de palavras que compõe o léxico de Guimarães Rosa, Martins (2001) faz uma ressalva quanto aos termos biológicos:

“Quanto aos nomes botânicos e zoológicos, pensei, a princípio, em apenas arrolá-los num apêndice, mas depois achei conveniente incluí-los no corpo do vocabulário, com as respectivas abonações, pois muitas delas são de alto teor poético. Esses nomes têm grande importância na caracterização do ambiente em que se desenrolam as narrativas, e revelam o culto e sensibilidade do artista aos aspectos da natureza. O

fato de serem muitos deles brasileirismos, reforça a conveniência do mesmo tratamento dado a outros tipos de palavras” (MARTINS, 2001, p. xii).

Dessa forma, tentamos exemplificar e ilustrar que muitos são os elementos científicos incorporados ao texto de Guimarães Rosa de maneira poética, mesmo com toda sua propriedade de conhecimentos. No entanto, por uma questão de organização e definições metodológicas da pesquisa optamos por nos ater a dois grandes temas:

a) **natureza**, já estudado por Meyer (1998) e por considerarmos um tema inerente à obra rosiana, principalmente sob seus aspectos antropológicos e biológicos, onde homem e natureza apresentam-se em simbiose. Como afirmava o próprio Guimarães Rosa: o sertão está em todo lugar e dentro de nós.

b) **transformação**, por considerarmos um tema amplo, que abrange o tema natureza, e por verificarmos que os textos rosianos nos permitem perceber a existência de uma dinâmica viva na natureza, seja essa dinâmica relacionada ao ser humano ou aos elementos biológicos e físicos dos ambientes.

Com base nesses temas, escolhidos a partir da obra rosiana, passamos a pensar em uma metodologia que trabalhasse com um outro autor que escrevesse literatura e que também incorporasse esses temas ao seu texto.

2.1.2- A exploração inicial

O trabalho de campo dessa pesquisa ocorreu na cidade de Cordisburgo, localizada a 101 km de Belo Horizonte, no interior do estado de Minas Gerais.

No ano de 2006 a pesquisadora freqüentou todos os eventos promovidos pela XVIII Semana Roseana, realizada em Cordisburgo, entre os dias 10 e 16 de julho. Procurou conversar com muitos Miguilins, com funcionários do Museu Casa Guimarães Rosa e com membros da Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, objetivando conhecer mais sobre o Grupo que se pretendia estudar.

Desse modo, contribuir para o delineamento dos aspectos característicos do Grupo e colaborar, conseqüentemente, para a elaboração das questões e objetivos desta pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram observados e entrevistados em dois ambientes distintos, particulares e associados: o Museu Casa Guimarães Rosa e a Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa.

A coleta de informações aconteceu no período de julho de 2006 a outubro de 2007. Os sujeitos envolvidos foram:

- institucionais: Museu Casa Guimarães Rosa, Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”;
- sócio-históricos: Miguilins participantes voluntários, formadoras e colaborares e o escritor do livro utilizado na pesquisa Prof. Ângelo Machado.

2.1.3- Os Sujeitos da pesquisa

2.1.3.1- Sujeitos institucionais

A) Museu Casa Guimarães Rosa (MCGR)

O Museu Casa Guimarães Rosa (MCGR) – local de desenvolvimento de grande parte da práxis Miguilim –, foi inaugurado em 30 de março de 1974 considerando dois aspectos significativos. Um deles refere-se à morte inesperada do escritor em 19 de novembro de 1974, três dias após ter tomado posse na Academia Brasileira de Letras, e ao desejo de amigos e intelectuais da época em preservar sua casa em Cordisburgo. O outro se associa ao fato de que, em 1971, foi criado o

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, que tem por objetivo a preservação do patrimônio do Estado.

Em 1984, com a criação da Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais (SUM), o MCGR foi incorporado à estrutura da instituição. O MCGR está instalado na casa em que João Guimarães Rosa viveu sua infância, localizada no centro de Cordisburgo, em frente à antiga estação ferroviária. Com um desenho arquitetônico, “a casa apresenta varanda lateral, cunhais de madeira pintada, paredes de adobe, cobertura em duas águas, vãos internos em linhas retas e acabamento singelo” (*site* da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais). Conta com um acervo de 200 peças e 1200 documentos que registram a vida e a obra do escritor. Os objetos e documentos organizam-se nos espaços da casa e retratam a vida familiar do escritor, bem como alguns costumes das antigas famílias mineiras, como manter junto à casa um estabelecimento comercial, a “Venda do Seu Fulô”, nome pelo qual era conhecida a venda do pai de Guimarães Rosa, Sr. Florduardo Pinto Rosa. A visita ao local é uma experiência de contato com o passado de Guimarães Rosa e o acompanhamento dos monitores Miguilins torna-a mais atraente.

Em julho de 2007, durante a Semana Roseana, o MCGR teve seus Projetos de Revitalização e Modernização concluídos e inaugurados, visando melhorar a forma de atendimento ao público, por meio de uma nova proposta de expografia e tendo como propósito “situar a instituição numa perspectiva mais ampla de atuação, à feição de um ecomuseu, entendido como um museu do homem em seu meio ambiente, recolocado como instrumento, ao mesmo tempo, de expressão e de auto-reconhecimento da comunidade para a qual se acha voltado e que, por isso, justifica a sua existência” (*site* da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais). Verificando-se, assim, pela própria conceituação de ecomuseu, a existência de um

forte envolvimento e comprometimento da sociedade com a preservação e a divulgação do patrimônio cultural da cidade de Cordisburgo.

A Semana Roseana prioriza a divulgação e promoção de um estudo da obra literária do escritor Guimarães Rosa. Trata-se um evento desenvolvido em parceria com a Academia Cordisburguense de Letras, com a duração de sete dias e que promove o envolvimento e participação das escolas locais e da comunidade por meio de palestras, feiras, cursos, oficinas, teatros, exposições e apresentações folclóricas. A Semana Roseana reúne estudiosos e professores universitários de todo o Brasil, possibilitando a geração de renda, a divulgação da cidade e seus atrativos e, ainda, a oferta de outros eventos culturais em torno da obra do escritor. “Um de seus principais atrativos é a Caminhada Eco-Literária – a travessia por locais em Cordisburgo citados por Guimarães Rosa em sua obra com contação de histórias pelo Grupo de Contadores de Estórias Miguilim” (*site* da Secretaria de Cultura de Minas Gerais).

B) Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (AAMCGR)

O comprometimento da comunidade com o MCGR culminou, em 1995, com a fundação da Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (AAMCGR). Essa instituição colabora com a Secretaria de Estado da Cultura e com a SUM na gestão do MCGR, sendo responsável pela criação e pela coordenação do Grupo de “Contadores de Estórias Miguilim”. A AAMCGR também promove eventos de significância local, regional e nacional, como o Movimento do Jovem Poeta e a Semana Roseana, que acontece há dezenove anos, em parceria com a Associação Folclórica de Cordisburgo e a Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa.

No ano de 2006 a AAMCGR e a SUM desenvolveram o Projeto Depoimentos para Guimarães Rosa com a colaboração do grupo da terceira idade, coordenado pela

entidade - Estrelas do Sertão. Esse projeto culminou na publicação do livro “O Coração o Lugar” (DARDOT; ALMADA, 2006) organizado pela artista plástica Liliane Dardot e pela historiadora Márcia Almada, e alcançou resultados positivos que só reafirmaram a seriedade e o empenho da comunidade cordisburguense no resgate e preservação da cultura local.

C) O Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”

O Grupo de “Contadores de Estórias Miguilim” foi criado pela Dra. Calina da Silveira Guimarães, em 1995, prima do escritor, objetivando o incentivo à leitura e à divulgação da obra rosiana, bem como a orientação dos visitantes no Museu Casa Guimarães Rosa/ Cordisburgo - MG. É formado por crianças e adolescentes de 13 a 18 anos, estudantes das escolas municipais e estaduais da cidade, e conta com vinte e dois integrantes atualmente. Além disso,

“(…) o Grupo tem uma dimensão maior no aspecto social e educativo, uma vez que oferece perspectivas aos jovens e uma nova opção de lazer e contato com a cultura. Nesse projeto, o Grupo obtém vários conhecimentos: técnicas de ‘contação’ de histórias, formação ética, regras de comportamento, trabalho em grupo, etiqueta social, promoção da cidadania e dos valores universais (...)” (*site* da Prefeitura Municipal de Cordisburgo).

O Grupo, que possui um vasto repertório da obra rosiana, apresenta-se em eventos culturais e artísticos nos mais diversos locais, como escolas, universidades, teatros, entre outros.

A primeira geração de Miguilins – como veremos com detalhes no capítulo seguinte –, formou-se em 1995, quando Calina Guimarães, aposentada e residindo em Cordisburgo, decidiu trabalhar com os adolescentes da cidade. Os primeiros Miguilins foram convidados a participar de reuniões na casa de Calina após a realização de um concurso de teatro promovido por uma escola pública local (Cordisburgo) e presenciado pela idealizadora do Grupo. Além disso, aconteceu na mesma época uma

seção de narração de histórias, em Belo Horizonte, realizada pelas contadoras de histórias profissionais: Dôra Guimarães e Elisa Almeida.

A convite de Dra Calina, Dôra ofertou a primeira oficina de contação de histórias, sendo esse o primeiro contato daqueles jovens com as técnicas de narração de histórias.

Os trabalhos seguintes foram realizados por Calina, que explicava aos jovens a história de vida de Guimarães Rosa, bem como detalhes de sua obra. Além disso, Calina sempre fez questão de contribuir para a formação pessoal dos Miguilins, promovendo aulas de “etiqueta” e “bom comportamento”. Depois desse primeiro grupo, muito outros se formaram.

Atualmente a formação dos Miguilins leva cerca de dois anos e não existe um processo de seleção formal. Os adolescentes interessados, a partir de 11 anos, podem participar das oficinas realizadas pelas profissionais especializadas em contação de história junto à AAMCGR: Dôra e Elisa. Ao final desse período os adolescentes preparados recebem as camisetas de integrantes do Grupo e estão aptos a desenvolver as atividades de monitoria das visitas ao Museu Casa Guimarães Rosa, bem como realizar sessões de contação de história, não só no Museu, mas também nos mais variados eventos dos quais são convidados a participar e levar a obra de Guimarães Rosa.

2.1.3.2- Sujeitos sócio-históricos

A) Os Miguilins voluntários

Inicialmente, nosso interesse era trabalhar exclusivamente com os Miguilins que se encaixassem na faixa de 11 a 15 anos, por acreditarmos que esses se

encontrariam no ensino fundamental – 6º ao 9º ano – e, portanto, estariam vivenciando um estágio inicial do processo de educação científica. Acreditávamos que seria mais fácil perceber a existência ou não da influência da leitura da obra de Guimarães Rosa sobre o processo de educação científica, e ainda observar se as competências e habilidades de leitura trabalhadas no exercício da práxis Miguilim seriam transferidas para a leitura de um texto didatizado literário, que incorpora elementos científicos.

Fomos bem recebidos pela comunidade cordisburguense e o interesse dos Miguilins e o aval de seus pais em participar da pesquisa superou nossas expectativas. Obtivemos a resposta positiva de quinze Miguilins, de diferentes idades e estudantes dos mais diferentes anos escolares, sendo que todos eles tiveram a participação autorizada e documentada pelos pais e/ou responsáveis.

O Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”, no momento da coleta de informações e realização da pesquisa, contava com vinte e dois integrantes de 13 a 18 anos. Entre os três meninos voluntários havia um estudante do ensino fundamental, um estudante de ensino médio e um estudante de cursinho pré-vestibular. Entre as doze meninas havia sete estudantes do ensino fundamental e cinco estudantes do ensino médio, sendo que, uma voluntária não foi entrevistada por incompatibilidade de horários e outra desistiu sem alegar motivos.

B) As formadoras e os colaboradores

Calina da Silveira Guimarães é prima do escritor Guimarães Rosa, médica aposentada residente em Cordisburgo e a idealizadora do Grupo.

Maria Auxiliadora Guimarães Franco é sobrinha de Calina Guimarães. Mais conhecida como Dôra Guimarães é contadora de histórias profissional e atua na formação dos integrantes do Grupo Miguilim.

Maria Elisa Pereira de Almeida, conhecida como Elisa Almeida, também é contadora de histórias profissional e, ao lado de Dôra, atua na formação dos membros do Grupo Miguilim, bem como no Grupo “Tudo era uma vez”.

Lúcia Corrêa Goulart Castro é pedagoga em uma escola pública de Cordisburgo. Tem duas filhas contadoras de histórias: uma que não mais atua como Miguilim, sendo, atualmente, estudante universitária e outra que ainda permanece no Grupo, exercendo a práxis Miguilim. Já foi diretora do MCGR e desde então, atua no processo inicial de recrutamento e constituição dos interessados em ingressar no Grupo Miguilim.

Luana Ferreira de Figueiredo Neves é Miguilim e estudante universitária, além de auxiliar no processo de formação dos demais Miguilins. Junto com outros Miguilins, atua há dez anos no Grupo, organiza as reuniões periódicas e auxilia na leitura de textos rosianos para serem decorados e narrados pelos Miguilins.

Fábio Júnio Barbosa é vigia patrimonial do MCGR, ex-Miguilim formado na primeira turma, na primeira geração (1995). Atualmente, é o responsável pelos Miguilins dentro do MCGR e pela organização de suas apresentações nas mais diversas instituições e situações.

Todas as formadoras e colaboradores consentiram na utilização de seus nomes próprios por meio da assinatura do TCLE elaborado nos moldes do que é exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

C) O escritor Ângelo Machado

Ângelo Machado nasceu em Belo Horizonte, em 1934. Formou-se em medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais, no entanto nunca exerceu a profissão. Comenta, em entrevista a Marcolin (2007), que durante o sexto período fez estágio na Maternidade Odete Valadares onde realizou muito partos, mas segundo ele “(...) graças a Deus não inventou de fazer obstetrícia, porque é a coisa mais chata do mundo”.

Durante muitos anos dedicou sua vida aos estudos de neuroanatomia. Junto à pesquisadora de biologia celular Conceição, sua esposa, falecida em agosto de 2007, fundou o laboratório de Neurobiologia da UFMG. Ambos realizaram inúmeros trabalhos na área, mas após sua aposentadoria Ângelo decidiu dedicar-se exclusivamente à sua “paixão de adolescente”: as libélulas. Incorporou-se ao Departamento de Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, tendo dedicado sua vida profissional ao ensino e à pesquisa nessa área, sendo atualmente professor emérito do Departamento de Zoologia onde, até 2007 atuou como professor da disciplina de Zoologia de Invertebrados com especial enfoque em insetos. Nesse período, descreveu quarenta e oito novas espécies e quatro gêneros de libélulas. Ao mesmo tempo que foi homenageado por outros pesquisadores ao ter seu nome incorporado a 27 seres vivos, entre libélulas, borboletas, besouros, aranhas e um fungo. A espécie de libélula *Chalcopteryx machadoi* é um exemplo dessas homenagens ao pesquisador.

É membro da Academia Brasileira de Ciências e possui vários trabalhos publicados em periódicos de sua área de atuação. Tem importantes contribuições no conhecimento sobre a fauna e flora mineira e brasileira ameaçadas de extinção. Depois da reunião de Estocolmo, em 1972, foi um dos acadêmicos que deu suporte e

garantiu a mudança de posição do Brasil em relação à temática do meio ambiente e do desenvolvimento. Como consultor, membro de conselhos editoriais e conferencista o professor Ângelo Machado viajou pelo Brasil e exterior, proferindo palestras, participando de mais de 50 congressos científicos, de 11 expedições científicas para coleta de material zoológico, sendo oito dessas, na região Amazônica. (GORGULHO, 1995).

Sua paixão e curiosidade em relação aos insetos vem de sua infância, influenciada por seu pai. Quando acreditou que seu trabalho não caberia mais nos limites da academia juntou-se a alguns amigos e criou a Fundação Biodiversitas, ONG dedicada à conservação da natureza. No primeiro trabalho de campo, em uma fazenda de propriedade privada, a nova entidade estudou, planejou e fez funcionar a primeira Reserva Particular de Patrimônio Natural, conceito novo que ensejou ao IBAMA a regulamentação de mais essa unidade de conservação (GORGULHO, 1995).

Foi presidente do Conselho Curador da Fundação Biodiversitas e vice-presidente do Centro para Conservação da Natureza de Minas Gerais. Há cerca de 30 anos desenvolve atividades visando à proteção do meio ambiente, ganhando destaque seu trabalho na área de educação ambiental dirigido às crianças.

O interesse de Ângelo Machado pela literatura também teve fortes influências. O escritor é filho de Paulo Monteiro Machado, escritor premiado pelo livro “O menino feliz”, sobrinho de Aníbal Machado e Lúcia Machado de Almeida, e primo de Maria Clara Machado. Em 1989 lançou seu primeiro livro para o público infanto-juvenil: “O menino e o rio”. Em 1993, recebeu o principal prêmio literário do Brasil, o Jabuti, pelo livro “O velho da montanha: uma aventura amazônica” e hoje é autor de mais de 21 títulos (*site* da Secretaria de Cultura de Minas Gerais).

Pai de quatro filhos e avô de seis netos, Ângelo revela que quando seu filho Eduardo era criança “ele costumava anotar em um caderninho as diversas impressões - e expressões - do garoto acerca do mundo. (...) A experiência de “pai-observador”, no entanto, não se perdeu no vento, e ele aprendeu a esgrimir, como poucos, a linguagem dos pequenos” (SILVA JÚNIOR, 2003).

Com um jeito muito especial de escrever sobre as coisas do mundo para as crianças, coloca realidade, humor, ficção e ciência em seus livros infanto-juvenis e resume as características de suas obras em uma única frase: “A arte é ensinar sem que o menino saiba que está aprendendo” (MACHADO, *apud* SILVA JÚNIOR, 2003).

2.2- PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

2.2.1 - O primeiro contato

Para iniciar o trabalho junto aos Miguilins, foi agendada e realizada uma reunião de apresentação e esclarecimentos sobre a pesquisa, seus interesses e objetivos. A reunião aconteceu, num primeiro momento, somente com os responsáveis pela Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e pelo Museu Casa Guimarães Rosa, na sala das fotografias do Museu, em Cordisburgo, no dia 19 de abril de 2007.

O segundo momento da reunião agrupou, mobilizou e envolveu os pais e responsáveis pelos Miguilins, na biblioteca infantil da Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo, também no dia 19 de abril de 2007.

Para os responsáveis pelo MCGR e pela AAMCGR foi entregue com antecedência uma cópia do projeto de pesquisa e todas as dúvidas que surgiram foram sanadas pela pesquisadora e sua orientadora.

Para os pais e responsáveis pelos Miguilins foi entregue, durante o encontro, um resumo simplificado do projeto de pesquisa, também foram informados que tanto o MCGR, quanto a AAMCGR estavam de posse de uma cópia do projeto de pesquisa completo para consulta, caso houvesse interesse em conhecer mais detalhes sobre o trabalho. O resumo do projeto e o TCLE foram lidos junto com os pais e dúvidas foram esclarecidas. Além de requerer a autorização dos pais para que seus filhos participassem da pesquisa, ressaltamos o quanto era importante a manifestação de interesse dos Miguilins em participar da pesquisa, caso contrário, não seria uma manifestação voluntária.

Aos pais também informamos os números de telefone para contato e esclarecimento de dúvidas junto à pesquisadora e orientadora. Foi requerida permissão dos presentes para se gravar em áudio a reunião, objetivando a elaboração de uma ata posteriormente³. Além disso, uma lista de presença e participação foi assinada pelos presentes.

Ao final, agradecemos a presença de todos, nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos e afirmamos que os TCLE autorizando a participação dos Miguilins deveriam ser entregues para um dos responsáveis pelo MCGR ou pela AAMCGR.

Desse modo, obtivemos, quinze Miguilins voluntários, interessados em participar da pesquisa.

2.2.2- Uma importante ferramenta para a coleta de informações

A escolha dos temas – natureza e transformação –, a definição de conceitos científicos didáticos, a escolha do livro “O Tesouro do Quilombo” do escritor Ângelo

³ A Ata dessa reunião encontra-se arquivada junto à documentação da Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, Cordisburgo/ MG.

Machado e o texto didatizado pela pesquisadora a partir do mesmo foram importantes para a realização da pesquisa.

O processo de escolha do livro, a autorização do autor, a didatização do livro em um texto e a definição dos conceitos científicos a partir do texto e dos temas serão descritos a seguir.

2.2.2.1- A escolha do livro “O Tesouro do Quilombo”

A escolha do livro “O Tesouro do Quilombo”, do escritor Ângelo Machado, não aconteceu ao acaso. Tendo sido aluna do escritor durante a graduação em Ciências Biológicas pelo Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, fui convidada pessoalmente, como todos os seus alunos naquela ocasião – dezembro de 1999 – a participar do lançamento do livro “Os Fugitivos da Esquadra de Cabral”. Era o primeiro livro de Ângelo Machado dedicado ao público juvenil. Livro esse que encanta pela riqueza dos elementos históricos e científicos incorporados ao texto bem humorado, já conhecido e característico do escritor.

Quando surgiu a idéia de trabalhar com um autor que também incorporasse elementos científicos à sua escrita, - uma vez que os Miguilins já estavam acostumados, habituados com esse tipo de leitura -, pensamos imediatamente no escritor e no livro já conhecido. A releitura do livro, no entanto, não atendeu às expectativas de trabalhar com os temas incorporados poeticamente à obra rosiana: natureza e transformação. Foi então que iniciamos uma busca entre os livros já publicados pelo escritor de algo que atendesse nossos interesses de pesquisa. A opção por “O Tesouro do Quilombo” ocorreu já com a leitura da orelha:

“Neste livro, Ângelo Machado dá continuidade a uma linha temática de histórias para adolescentes iniciada com grande sucesso em *Os fugitivos da esquadra de Cabral* (...). A elaboração de *O tesouro do quilombo* exigiu minuciosa pesquisa bibliográfica sobre as tribos indígenas de Minas Gerais (...). Ângelo Machado descreve também o cerrado e sua enorme biodiversidade, além de aspectos do folclore e da vida cotidiana

das comunidades rurais que lá vivem. (...)” (Grifos do autor, orelha da 2ª edição, 2001, Editora Nova Fronteira).

Um livro dedicado aos adolescentes e que teria como cenário o cerrado, o sertão de Guimarães Rosa, pareceu ser perfeito para a realização da pesquisa. Com a leitura do mesmo, todas as expectativas foram superadas e “O Tesouro do Quilombo” foi escolhido. Faltava somente a aprovação do escritor, o que não foi difícil, por tratar-se de uma pessoa aberta, pronta a receber, a ouvir e a participar de tudo aquilo que incentive a leitura entre as crianças e os jovens.

2.2.2.2- A autorização do escritor Ângelo Machado

A conversa com o Prof Ângelo Machado aconteceu no dia 28 de maio de 2007 no departamento de Zoologia do ICB/ UFMG e teve a duração de 62min e 55 seg.

Essa entrevista⁴, em tom de conversa informal, realizou-se com o objetivo de apresentar ao Prof Ângelo Machado a proposta de pesquisa e a intenção da mesma em utilizar um livro de sua autoria: “O Tesouro do Quilombo”.

Entre outros assuntos, Ângelo Machado comentou sobre seu interesse em despertar nas crianças e jovens o gosto pela leitura, sobre sua estratégia de ensinar ciências sem que o leitor perceba, sobre suas muitas obras literárias infanto-juvenis e sobre os anexos de seus livros que mostram a ciência incorporada em suas obras.

O Prof Ângelo ouviu atentamente as colocações da pesquisadora, comentou sobre seus conceitos e estratégias de escrita literária e apoiou a utilização de sua obra literária no contexto da pesquisa.

⁴ A entrevista com o Prof Ângelo Machado foi transcrita, no entanto, decidimos não incorporar aos anexos pensando em preservá-lo.

2.2.2.3 – Do livro ao texto

Tendo a aprovação do escritor em relação à utilização do livro no contexto da pesquisa, o problema a ser solucionado passou a ser a metodologia para que alcançássemos os objetivos pretendidos.

A leitura completa de “O Tesouro do Quilombo” em uma entrevista de muitos minutos ou algumas poucas horas seria impossível. Optamos, então, por reformular o livro, produzindo um texto didático a partir do livro. Uma reformulação didática do mesmo, imaginando que essa seria, por exemplo, a atitude de um professor da rede pública que pretende trabalhar com um texto literário em suas aulas de Ciências, que não possui verba para adquirir os livros e presentear seus alunos e que deseja realizar a leitura do texto com os mesmos em sala de aula. Imaginei-me nessa situação, o que não foi difícil por ser professora da rede estadual de ensino na cidade de Belo Horizonte.

Além disso, consideramos que as formadoras dos Miguilins fazem algo semelhante ao recortarem trechos da obra rosiana para que os mesmos possam decorar e narrar no exercício da atividade Miguilim. Assim, os participantes da pesquisa estariam, também, habituados a essa prática de leitura.

Realizamos uma leitura do livro atenta aos elementos científicos incorporados à trama da história. Selecionamos trechos da obra na íntegra que abordassem, principalmente, os aspectos e temas definidos anteriormente: natureza e transformação. Mas, para que o texto didatizado literário não se tornasse uma “colcha de retalhos” sem sentido, decidimos contar partes da história com nossas palavras e fazer com que todos os trechos selecionados fossem entremeados com nossos parágrafos, permitindo a compreensão da história em seu princípio, meio e fim.

Esse texto (**Anexo B**) foi utilizado nas entrevistas específicas do estudo piloto, relatado a seguir. Como o resultado da leitura e compreensão foi positivo, considerando que os dois Miguilins entrevistados não tinham lido a obra completa anteriormente, decidimos utilizá-lo nas demais.

Depois do estudo piloto, presenteamos os Miguilins voluntários com o livro “O Tesouro do Quilombo” e após um prazo de três semanas, agendamos as demais entrevistas específicas da pesquisa.

A elaboração das perguntas para compor o protocolo da entrevista específica com os Miguilins a partir do texto aconteceu após a realização de um estudo temático, de acordo com a definição de tema de Bakhtin (1995).

Lemos o texto e, pensando nos temas já definidos (natureza e transformação), destacamos os conceitos científicos didáticos que surgiam linearmente e/ ou repetidamente no decorrer da história.

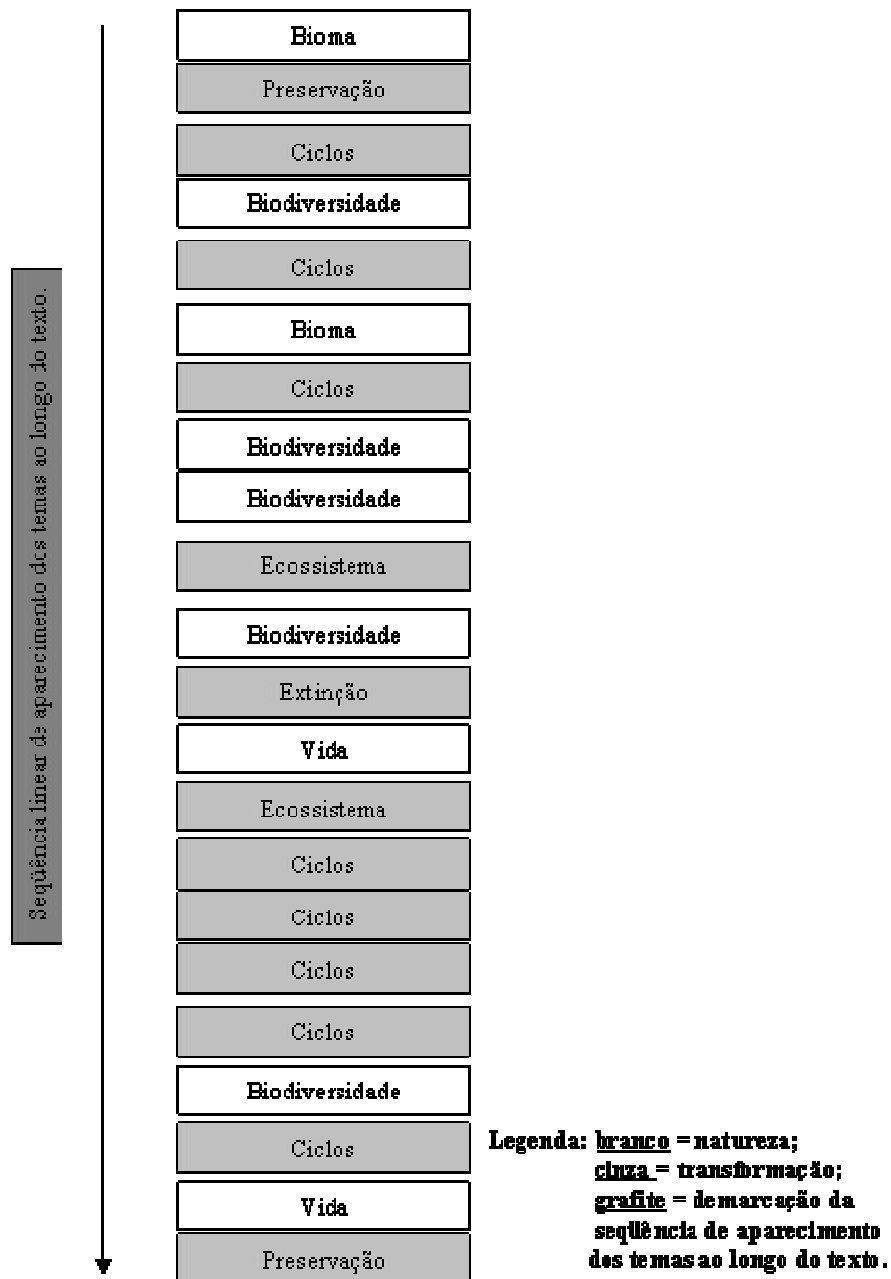
Analisando a história destacamos os seguintes conceitos científicos didáticos: biomas, vida, ecossistema, extinção, biodiversidade, ciclos e preservação, que se relacionam mutuamente, que aparecem linearmente e/ ou se repetem ao longo do texto e que de algum modo estão intimamente ligados aos temas definidos previamente (natureza e transformação).

Ao tema natureza relacionamos os conceitos científicos bioma, biodiversidade e vida; e ao tema transformação associamos os conceitos científicos preservação, extinção, ciclos e ecossistema.

Elaboramos um mapa temático linear que apresenta o modo como os conceitos científicos didáticos apareceram no decorrer da história do texto didatizado, bem como todas as suas repetições.

Para sua compreensão o mapa deve ser lido de cima para baixo, como mostra a seta, sendo que a base da mesma indica o princípio do texto e a ponta indica seu final. Vejamos na **figura 1** o desenho esquemático do mapa temático linear elaborado com base no texto didatizado literário produzido a partir do livro ‘O Tesouro do Quilombo’.

Figura 1: Mapa temático linear elaborado com base no texto didatizado literário produzido a partir do livro “O Tesouro do Quilombo”.



A partir desse mapa temático, onde os temas (natureza e transformação) são desmembrados e associados a conceitos científicos didáticos (biomas, vida, ecossistema, extinção, biodiversidade, ciclos e preservação), questões objetivas, claras e diretas foram formuladas para a entrevista específica.

2.2.3- O estudo piloto

Para a realização do estudo piloto selecionamos dois Miguilins⁵: uma menina de 13 anos, estudante da sétima série do ensino fundamental e um menino de 14 anos, estudante da oitava série do ensino fundamental. A escolha se deu obedecendo a alguns critérios. Mara era a única menina de 13 anos, aluna da sétima série. João era o único menino de 14 anos, aluno da oitava série.

Com os protocolos de entrevistas em mãos (**Anexo C**) e o texto didatizado literário elaborado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo” fomos para campo realizar as entrevistas piloto. Muitos fatores estavam sendo avaliados, não só queríamos saber se as perguntas estavam bem formuladas, mas também se o texto seria bem recebido e quanto tempo demorariam as entrevistas.

Tínhamos tudo definido. As entrevistas geral e específica aconteceram em momentos distintos. As entrevistas gerais aconteceram dia 16 de maio de 2007, na varanda do Museu Casa Guimarães Rosa, Cordisburgo. João, muito falante e extrovertido, foi o primeiro a ser entrevistado e sua entrevista geral durou aproximadamente 33 minutos. Mara, um pouco mais tímida, conversou conosco durante 26 minutos, no mesmo dia e logo em seguida.

Por se constituírem de perguntas mais simples, de caráter muito pessoal, não vimos necessidade em alterar muito o protocolo de perguntas da entrevista geral. As perguntas foram melhor organizadas, duas foram cortadas, mas as demais permaneceram e decidimos realizá-las também na metodologia final da pesquisa.

Aos nossos olhos era indiscutível a necessidade de se realizar outras entrevistas como essas para que, ao organizarmos todas as respostas, conseguíssemos visualizar o perfil sócio-cultural do Grupo. Como tínhamos muitos voluntários,

⁵ Nomes fictícios foram criados para identificarmos os participantes da pesquisa e preservarmos suas identidades originais.

decidimos entrevistar todos aqueles que haviam se interessado em participar da pesquisa. Desse modo, teríamos muitas informações, de jovens nas mais diferentes faixas etárias e com tempos diversos de práxis no Grupo Miguilim. Além disso, estaríamos valorizando o ato voluntário de terem se candidatado para participarem da pesquisa, permitindo a realização da mesma.

No dia 31 de maio do mesmo ano, realizamos as entrevistas específicas com ambos os Miguilins selecionados na Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, Cordisburgo. Era necessário uma mesa para apoiar o material e o texto elaborado. A entrevista específica tinha uma seqüência de eventos pré-definidos a serem seguidos: a) explicação e apresentação pela pesquisadora do texto e dos procedimentos; b) leitura silenciosa do texto; c) seleção de um pequeno trecho do texto para ser preparado e narrado pelo Miguilim entrevistado; d) entrevista semi-estruturada. João, mais uma vez foi o primeiro a ser entrevistado e sua entrevista específica durou aproximadamente 1 hora e 30 minutos. A entrevista específica de Mara, que também aconteceu no mesmo local e logo em seguida à entrevista de João, durou aproximadamente 1 hora e 35 minutos.

Desse modo, tínhamos muito material para analisar e observar quais as modificações seriam necessárias ou não para a realização da metodologia final da pesquisa.

No entanto, mais que resultados em termos de respostas às questões do protocolo, as entrevistas específicas piloto nos trouxeram lições a serem aprendidas. Aprendemos a ouvir nossos entrevistados, verificar suas dificuldades, os problemas e assim remodelar os procedimentos e eventos que deveriam acontecer durante todas as próximas entrevistas.

João, nosso primeiro entrevistado, demonstrou muitas dificuldades em responder às questões propostas, não somente pelo fato de serem muito amplas, mas principalmente, porque de acordo com o protocolo, responder às questões era o último procedimento a ser realizado. De repente era complicado lembrar-se de todos os detalhes do texto depois de ter se preparado para narrar o trecho escolhido. O tempo de preparação e apresentação foi longo, em torno de 45 minutos, e ao final da entrevista João nos relatou sua dificuldade, seu desconforto para responder às questões propostas. Imediatamente trocamos a ordem dos procedimentos previstos durante a entrevista específica. A entrevista com Mara já foi realizada, logo em seguida, obedecendo a uma nova seqüência: a) explicação e apresentação pela pesquisadora do texto, dos procedimentos; b) leitura silenciosa do texto; c) entrevista com base no protocolo definido anteriormente; d) seleção de um pequeno trecho do texto para ser preparado e narrado pelo Miguelim entrevistado. Desse modo, a segunda entrevistada não nos relatou dificuldades para responder as questões propostas em função da seqüência dos procedimentos, mas mais uma vez retomou o fato de serem muito amplas, pouco objetivas e diretas.

Desse modo, optamos por manter nas demais entrevistas específicas, a serem realizadas com as seis outras Miguelins, estudantes da 8ª série do ensino fundamental, a seqüência de procedimentos utilizado com a Miguelim Mara.

Em relação ao texto, observamos bom entendimento e boa aceitação do mesmo. Ao explicarmos que aquele era um texto elaborado pelas pesquisadoras a partir do livro “O Tesouro do Quilombo” e que o mesmo possuía demarcadas as partes retiradas na íntegra do livro (fonte normal) e as partes narradas pelas palavras das pesquisadoras (fonte em negrito).

A decisão por utilizar o mesmo texto nas demais entrevistas esteve relacionada não só a esse fato, mas também ao tempo de leitura observado (aproximadamente 30 minutos) e à compreensão de um texto didatizado literário de conteúdo científico, elaborado a partir de uma obra literária sem que antes houvesse a chance da leitura da obra original. Assim, para as demais entrevistas, decidimos continuar a utilizar o texto, mas antes que elas acontecessem entregaríamos os livros aos entrevistados com antecedência para que fosse dada a eles a oportunidade de entrar em contato com a obra original, seus detalhes e seus meandros. Adquirimos os livros, presenteamos os participantes da pesquisa e realizamos as entrevistas três semanas após a entrega dos mesmos.

Um fato bastante interessante nos chamou a atenção. As entrevistas específicas aconteceram uma em seguida da outra e os entrevistados não tiveram contato entre si no intervalo entre as entrevistas, pois a pesquisadora os acompanhou pessoalmente. Desse modo, não tiveram a oportunidade de conversar, de trocar informações a respeito dos procedimentos realizados durante a entrevista. No entanto, ambos escolheram, decoraram e narraram o mesmo trecho do texto, trecho esse que fala de uma lenda indígena sobre a origem da tribo araxá. Ficamos intrigados com o acontecimento, mas inferimos uma resposta ao fato quando soubemos que durante o processo inicial de formação dos Miguilins há a leitura, preparação e narração de fábulas.

As perguntas que integravam o protocolo da entrevista específica para o estudo piloto eram amplas e pouco objetivas. Julgamos que respostas vagas refletiam a estrutura ampla das perguntas, havendo a necessidade de uma reformulação das mesmas.

As entrevistas piloto colaboraram para a formação da entrevistadora, tanto no momento específico das entrevistas, quanto na transcrição e análise das mesmas. A transcrição, seguindo a metodologia utilizada por Costa (2004), nos fez pensar nas séries sonoras emitidas não somente pelos entrevistados no ato da resposta, mas também pela entrevistadora no ato da pergunta. Os problemas e reflexões passaram a ser outros.

Queríamos compreender se a prática de leitura dos trechos da obra rosiana interferia ou não na educação científica dos Miguilins. Pela metodologia de transcrição e análise escolhida (séries sonoras) essa interferência ou não deveria ser analisada pelas respostas dos Miguilins, em entrevista oral, após a leitura de um texto didático literário diferente do texto rosiano. No entanto, era preciso considerar que a pesquisadora, também professora, e seu discurso, sua forma de colocar as perguntas poderia estar intervindo nas respostas dos Miguilins. Desse modo, se a pesquisadora utilizasse em suas perguntas, em suas falas um discurso que demonstrasse indicadores do gênero educativo seria muito provável que o Miguilim entrevistado passasse a responder como aluno, objetivando atender às expectativas da pesquisadora/professora. Mas se a pesquisadora conseguisse elaborar as perguntas de modo a não explicitar em sua voz indicadores de sua fala como professora, talvez conseguisse obter a voz do Miguilim e não a voz do aluno e desse modo desvincular o conhecimento científico adquirido por meio das práticas de leitura rosianas do conhecimento científico escolar. A grande questão passou então a ser: como perguntar?

Refletindo dessa maneira, estaríamos modificando o foco da pesquisa proposta e desconsiderando que

“as situações em que as entrevistas são desenvolvidas são situações sociais, nas quais o entrevistador e o entrevistado interagem, influenciando-se mutuamente. Influência essa que não se deve apenas às palavras, mas

também à inflexão da voz, aos gestos, às expressões fisionômicas, aos modos de olhar, à aparência, além de outras características pessoais e manifestações de comportamento” (NOGUEIRA, 1964, *apud* ALMEIDA, 2007, p.95).

Optamos então por rever as perguntas do protocolo da entrevista específica, bem como a metodologia de transcrição e análise a ser utilizada. Com base no texto didatizado literário elaborado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo” e no mapeamento de conceitos científicos didáticos, elaboramos novas questões objetivas, claras e diretas.

Desse modo, uma nova entrevista específica foi definida, o que permitiu à pesquisa continuidade e oportunidades de atender aos seus objetivos traçados.

Por fim, mencionamos os avanços promovidos pelo desenvolvimento do estudo piloto para a formação acadêmica, profissional da pesquisadora na área educacional. A importância e relevância da realização desse estudo piloto no contexto dessa pesquisa relaciona-se também, portanto, ao exercício e prática daquele que seria o principal instrumento de coleta de informações: a entrevista. Fato que se justifica, pois a pesquisadora responsável pelas entrevistas é bióloga de formação e até então, nunca havia realizado uma entrevista, fosse ela voltada para o campo jornalístico, ou direcionada à pesquisa acadêmica.

2.2.4- A devolução da pesquisa aos pesquisados

Após a realização de toda a coleta de informações para a pesquisa, promovemos um encontro entre o escritor Ângelo Machado e os Miguilins participantes da pesquisa e leitores do livro “O Tesouro do Quilombo”. Na varanda no MCGR, no dia 19 de novembro de 2007, aconteceu um encontro agradável que permitiu um “bate-papo” sobre o livro e sobre a práxis Miguilim. Além disso, o

evento contou com narração de histórias e mesa de autógrafos e dedicatórias nos livros.

No dia 31 de março de 2008, às 16 horas, na sala de reuniões da AAMCGR, em Cordisburgo, aconteceu a devolução dos resultados da pesquisa para os Miguilins participantes da pesquisa, seus responsáveis e funcionários do MCGR e da AAMCGR.

Estavam presentes dez Miguilins entrevistados, três responsáveis, dois funcionários do MCGR, uma funcionária da AAMCGR, a orientadora do trabalho de pesquisa, duas convidadas e a pesquisadora.

Tomamos cuidados quanto à linguagem a ser utilizada durante a apresentação, facilitando a compreensão das informações por todos os presentes.

Preparamos um painel (**Figura 2**) para apresentar todo o contexto da pesquisa, os resultados, as conclusões e os agradecimentos à comunidade. Também, distribuimos o painel em tamanho A4, para que os ouvintes pudessem acompanhar e levar informações sobre a pesquisa e seus resultados.

Figura 2: Painel apresentado na devolução dos resultados aos pesquisados.

Apresentação dos resultados da pesquisa de dissertação a ser defendida em 18 de junho de 2008 na Faculdade de Educação da UFMG –
Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa

Práticas de leitura e educação científica: um olhar sobre os “Contadores de Estórias Miguilim”

Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes e Profa. Dra. Silvania Sousa do Nascimento

```
graph LR; A[Práticas de leitura  
Educação científica] --> B[Olhar]; B --> C[Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”];
```

Contextualização:

- * **De Guimarães Rosa à pesquisa:** análise de textos rosianos, constatação da presença/ incorporação de elementos científicos, fundamentação por meio de estudos anteriores (Ex: Meyer, M. e Martins, N. S.).
- * **Da pesquisa ao livro “O Tesouro do Quilombo”:** procura por um autor que também incorporasse elementos científicos ao seu texto literário. Escolha do autor Ângelo Machado e do livro “O Tesouro do Quilombo” por ter elementos científicos e por ter como cenário o cerrado: o sertão de Guimarães Rosa.
- * **Do livro ao texto:** didatização do livro – seleção de trechos originais do livro com elementos científicos e resumo de outros trechos para que a história tivesse sentido.

Métodos:

- * **Metodologia piloto:** aprovação do texto e elaboração dos protocolos das entrevistas (2 entrevistados).
- * **Entrevistas gerais:** perfil sócio-cultural dos membros do Grupo Miguilim (11 entrevistados).
- * **Entrevistas com formadoras e colaboradores:** trajetória histórica do Grupo Miguilim (6 entrevistados).
- * **Entrevistas específicas:** práticas de leitura e educação científica (6 entrevistadas).

Resultados:

- Jovens leitores com diferentes práticas**
- Três Diferentes compreensões do que vem a ser leitura:** - leitura literária - leitura geral - leitura preparatória para narração.
- Leitura e escola: uma relação estreita:** leitura ensinada e aprendida na escola; - leitura voltada para o entendimento e compreensão; - leitura literária avaliada e cobrada pela escola.
- Elementos científicos:** Reconhecimento do discurso escolar. Há associação com livros didáticos, com livros de auto-ajuda (atualidade) e outros livros literários. A escola alcança resultados positivos ao propor aos alunos uma alfabetização científica.

Conclusões: A Educação Científica é um processo gradual de criação de significados e para sua efetivação é necessário o trabalho integrado de diversos espaços sociais de formação. A prática de leitura dos adolescentes entrevistados é exemplar no sentido de instalar uma prática social efetiva de relação adolescente e texto.

Agradecimentos: Às equipes do Museu Casa Guimarães Rosa e da Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, ao Grupo de “Contadores de Estórias Miguilim”, ao Prof. Ângelo Machado, aos pais e aos adolescentes que participaram desta pesquisa.

A pesquisadora iniciou sua fala convidando todos para a defesa da dissertação. Em seguida, explicou o título do trabalho, com base nos dois conceitos que foram transformados em olhares de pesquisa lançados sobre os membros do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”. A pesquisa foi contextualizada a partir dos dois

fundamentos norteadores: práticas de leitura e educação científica. Comentou-se sobre a leitura das obras e textos rosianos que incorporam elementos científicos, sobre a escolha do escritor Ângelo Machado e seu livro “O Tesouro do Quilombo” e sobre a didatização do mesmo, sendo esse usado na coleta de informações.

A metodologia, baseada em entrevistas semi-estruturadas, foi explicada e todas as entrevistas, seus objetivos e seus resultados foram colocados, inclusive o estudo piloto.

Comentários quanto aos resultados e conclusões foram realizados pela pesquisadora, que enalteceu o fato do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” ser composto por jovens leitores.

Ao final da apresentação, os agradecimentos foram feitos e a pesquisadora passou a palavra aos ouvintes para que os mesmos fizessem seus questionamentos.

Fábio questionou se os resultados da pesquisa atenderam ou não às expectativas iniciais da pesquisadora. Essa respondeu afirmando que, independente de suas expectativas pessoais, todos os resultados alcançados foram importantes para a pesquisa.

Ronaldo e uma a Miguilim Bia questionaram sobre os aspectos científicos dos textos rosianos e do texto lido durante a entrevista específica. Também questionaram sobre o modo como as questões nas entrevistas específicas foram colocadas. A pesquisadora explicou que em nenhum momento as questões eram explícitas e que a relação entre os conceitos científicos didáticos e os textos rosianos não foi estabelecida pelas entrevistadas, o que não significou um resultado negativo.

Nesse momento, uma mãe sintetiza a fala da pesquisadora afirmando que o interessante era realmente compreender as práticas de leitura e o conhecimento

científico dos Miguilins, considerando as bagagens culturais que os mesmos carregam.

Mais uma vez, a pesquisadora agradeceu a todos por terem recebido tão bem a pesquisa e por fim, com sua orientadora, doaram um Dicionário da Língua Portuguesa à Biblioteca Riobaldo e Diadorim da AAMCGR.

2.3- A COLETA DE INFORMAÇÕES

Esta pesquisa utilizou alguns procedimentos e instrumentos de coleta de informações, sendo que a entrevista semi-estruturada recebeu destaque. O trabalho de campo e a coleta de informações, realizado de julho de 2006 a outubro de 2007, constituiu-se:

- da observação das XVIII e XIX Semanas Roseanas, algumas oficinas de formação realizadas pelas formadoras, reuniões periódicas do Grupo, narrações realizadas pelos Miguilins em eventos e no MCGR, com anotações em caderno de campo;
- da gravação de áudio de alguns eventos observados;
- da realização de um estudo piloto, no mês de maio de 2007;
- da realização de entrevistas semi-estruturadas com as quatro formadoras e com dois colaboradores que auxiliam na formação dos Miguilins mais jovens com o intuito de delinear a trajetória histórica do Grupo e os meandros do processo formativo;
- da realização de entrevistas semi-estruturadas com onze Miguilins voluntários (entrevistas gerais) objetivando traçar o perfil sócio-cultural do Grupo e compreender as práticas de leitura de seus integrantes;

- da realização de entrevistas semi-estruturadas e com seis Miguilins voluntárias (entrevistas específicas) visando responder à questão principal proposta pela pesquisa: as práticas de leitura dos textos rosianos influenciam o processo de educação científica dos integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”?

A seguir, explicam-se cada um dos procedimentos utilizados durante a coleta de informações.

2.3.1- Observações

Observamos as XVIII e XIX Semanas Roseanas nos meses de julho dos anos de 2006 e 2007 respectivamente. Ambas ocorridas na cidade de Cordisburgo organizadas pelo MCGR e pela AAMCGR em parceria com a SUM/ MG.

Observamos algumas oficinas de formação realizadas pelas formadoras no mês de maio de 2007 no espaço disponibilizado pela AAMCGR; reuniões periódicas do Grupo também no mês de maio de 2007, reuniões essas que acontecem semanalmente na varanda do MCGR; narrações de histórias pelos Miguilins em eventos e no MCGR com anotações em caderno de campo.

Todas as observações e notas em caderno de campo, associadas às entrevistas semi-estruturadas realizadas, permitiram a interpretação e organização dos resultados dessa pesquisa.

2.3.2- Entrevistas semi-estruturadas

Ao todo realizamos três tipos de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas com as formadoras e colaboradores, explicitadas no tópico 2.3.2.1, tinham como

objetivo conhecer melhor o processo formativo dos integrantes do Grupo Miguilim, bem como traçar a trajetória histórica do Grupo, após doze anos de existência.

As entrevistas gerais, explicitadas no tópico 2.3.2.2, foram realizadas com todos os Miguilins voluntários da pesquisa, vislumbrando traçar o perfil sócio-cultural do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”.

Por último, no tópico 2.3.2.3, apresentamos os procedimentos para a realização das entrevistas específicas realizadas com as seis Miguilins voluntárias da pesquisa, estudantes do ensino fundamental.

2.3.2.1 - Entrevistas com as formadoras e os colaboradores

As formadoras e colaboradores foram entrevistadas com o intuito de conhecer melhor o processo formativo dos integrantes do Grupo Miguilim, bem como traçar a trajetória histórica do Grupo, após doze anos de existência.

Dôra Guimarães, Elisa Almeida e Calina Guimarães foram entrevistadas em suas respectivas residências, as duas primeiras em Belo Horizonte e a última em Cordisburgo. Lúcia de Castro foi entrevistada na varanda do MCGR, locais escolhidos pelas próprias entrevistadas. Dôra foi entrevistada dia 09 de outubro, Lúcia dia 10 de outubro, Elisa dia 15 de outubro e Calina dia 16 de outubro de 2007. As entrevistas tiveram duração média de 40 minutos, sendo que a entrevista mais longa durou 52 minutos e a mais curta 35 minutos e 36 segundos.

Os colaboradores Fábio Barbosa e Luana Figueiredo foram entrevistados em conjunto, no dia 25 de outubro de 2007, na sala de fotografias do MCGR. A entrevista durou 46 minutos e 18 segundos, sendo que precisou ser dividida em dois momentos, em função da chegada de uma visita escolar ao MCGR sem agendamento prévio. A

entrevista foi interrompida por 1 hora, para que o grupo de estudantes pudesse percorrer todos os espaços do Museu, inclusive a sala das fotografias.

O protocolo de perguntas para a realização das entrevistas com as formadoras e colaboradores compõe os anexos desse trabalho (**Anexo D**); no entanto, decidimos não incorporar aos anexos às transcrições das mesmas, tendo em vista a preservação de cada um daqueles que se expuseram consideravelmente ao revelarem seus próprios nomes.

A trajetória do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” narrada pelas formadoras e colaboradores será apresentada no Capítulo 3.

2.3.2.2 - As entrevistas gerais

Entrevistamos todos os Miguilins voluntários na entrevista geral, com o intuito de obtermos muitas informações que nos ajudasse a desenhar o perfil sócio-cultural do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” e a compreensão das práticas de leitura. No entanto, como já comentado, uma Miguilim desistiu sem nos dar maiores explicações e outra Miguilim, por incompatibilidade de horários, não foi entrevistada, fatos que estavam previstos e que, portanto, não alteraram o andamento da coleta de informações.

Todas as entrevistas foram gravadas em mídia de áudio digital. Anteriormente e/ ou posteriormente a cada uma delas, a pesquisadora fez anotações adicionais em caderno de campo, quando possível e necessário.

Desse modo, para a realização das entrevistas gerais, utilizamos como instrumentos de coleta de informações: o protocolo de entrevista geral (**Anexo E**), o registro em áudio e o caderno de campo.

Como garantido anteriormente aos pais/ responsáveis pelos Miguilins voluntários, suas identidades foram preservadas e nomes fictícios foram criados para identificarmos cada um deles.

As entrevistas gerais tiveram duração média de aproximadamente 23 minutos, sendo que a entrevista mais curta durou 14 minutos e 40 segundos e a mais longa, 33 minutos e 05 segundos.

O principal objetivo da entrevista geral foi delinear o perfil sócio-cultural e compreender as práticas de leitura dos integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”, sendo apresentado no Capítulo 3.

2.3.2.3 - As entrevistas específicas

As entrevistas específicas foram realizadas com as seis Miguilins estudantes do ensino fundamental, já entrevistadas anteriormente e seguindo-se o protocolo de perguntas (**Anexo F**). Todas as alunas são da mesma sala da oitava série de uma escola pública de Cordisburgo.

As entrevistas específicas aconteceram na quarta semana do mês de outubro de 2007. Lívia e Kika foram entrevistadas dia 22 na sala das fotografias do Museu Casa Guimarães Rosa. Ana, Isa e Bia foram entrevistadas dia 25, no entanto, em locais diferentes. Isa e Bia na sala de reuniões da AAMCGR e Ana na sala das fotografias do MCGR. Nina foi entrevistada no dia 26 na sala de reuniões da AAMCGR.

A definição do local de realização das entrevistas específicas esteve intimamente relacionada à programação de visitas ao MCGR. O espaço, o conforto, a acústica e a iluminação da sala de fotografias do MCGR foram considerados melhores para a realização das entrevistas, mas quando já havia uma visita programada optamos por realizar as entrevistas na AAMCGR.

Para a realização das entrevistas específicas, disponibilizamos a cada uma das entrevistadas os seguintes materiais: uma cópia do texto didático literário elaborado a partir do livro do escritor Ângelo Machado “O Tesouro do Quilombo”, folhas de papel A4 branco, lápis de cor, caneta azul, caneta vermelha, caneta preta, lápis, borracha, caneta grifa-texto, Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, tesoura, cola, régua. Todos os materiais foram organizados nas mesas: ou da sala das fotografias no MCGR ou da sala de reuniões na AAMCGR. As entrevistas específicas foram gravadas, observadas e anotações no caderno de campo foram registradas quando possível e necessário.

As entrevistas específicas seguiram a mesma seqüência de procedimentos definida após a realização do estudo piloto:

- explicação geral de todos os procedimentos que aconteceriam durante a entrevista, apresentação rápida do texto e do escritor Ângelo Machado;
- observação e/ ou monitoramento da leitura do texto (sem a gravação em áudio);
- realização de perguntas a partir de temas definidos com base no texto reformulado (com gravação de áudio);
- observação da escolha e preparo de um trecho do texto para ser narrado pela entrevistada (sem áudio);
- observação e gravação em áudio da narração do trecho escolhido.

2.3.3 - Transcrição e análise das entrevistas

As transcrições de todas as entrevistas foram feitas a partir dos arquivos de áudio digitais. As entrevistas foram ouvidas e transcritas de forma literal, mas

pontuadas, seguindo-se as regras gramaticais, objetivando a compreensão das mesmas durante a leitura.

As entrevistas gerais com os Miguilins e as entrevistas com as formadoras e colaboradores foram analisadas quanto ao conteúdo apresentado, permitindo organizar por semelhanças e diferenças as respostas obtidas. Desse modo, produzimos textos onde delineamos o perfil sócio-cultural de seus integrantes e traçamos a trajetória histórica do Grupo Miguilim, sendo esses apresentados no capítulo seguinte.

As entrevistas específicas foram analisadas utilizando-se como instrumento a Análise de Discursos (ORLANDI, 2007), permitindo a interpretação e organização das respostas obtidas em textos apresentados também no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

O GRUPO “CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”: TRAJETÓRIA, PERFIL SÓCIO- CULTURAL, PRÁTICAS DE LEITURA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA.

*“Miguilim apeou para verter água, debaixo de um pau-
terrinha. Gavião e urubu arrastavam sombras. Vez em
quando a gente ouvia também um gró de papagaio. O
cerrado estava cheio de pássaros. No alto da maria-
pobre, um não cantava, outro no ramo passeava reto, em
quanto cabia: era alma-de-gato, que vive em visgo de
verdes árvores” (ROSA, 1984, p.127).*

Nesse capítulo apresentamos os resultados obtidos por meio das entrevistas e observações realizadas ao longo da pesquisa. As diversas entrevistas interpretadas, analisadas e organizadas, nos permitiram, conhecer a trajetória histórica do Grupo, seu perfil sócio-cultural, suas práticas de leitura e compreender as influências existentes no processo de educação científica.

A discussão sobre os resultados será feita de duas formas. Em determinados momentos, trechos dos discursos dos entrevistados serão utilizados como ilustrações dos resultados discutidos. Em outros momentos, considerando-se a Análise de Discursos, apresentaremos extratos da entrevista em sua íntegra, sendo os mesmos anunciados e explicitados no decorrer do texto. Os extratos são compostos de perguntas da entrevistadora e de respostas do entrevistado. Os trechos e extratos apresentados foram numerados demarcando os turnos de fala. Quando necessário, para facilitar a leitura, omissões de algumas passagens da entrevista foram demarcadas por reticências entre parênteses.

3.1- A TRAJETÓRIA DO GRUPO “CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”: UMA HISTÓRIA DE MUITOS PROTAGONISTAS.

A trajetória do Grupo estudado só poderia ser contada através dos protagonistas dessa história de 12 anos. Nesse sentido, procuramos as pessoas primordiais desse trajeto para que nos fosse possível percorrê-lo: Dra. Calina, Dôra, Elisa, Lúcia, Luana e Fábio. Formadoras, Miguilim e ex-Miguilim que hoje colaboram com a formação dos novatos e atuam na organização do Grupo.

Observamos que o envolvimento das formadoras com o Grupo Miguilim iniciou-se de diferentes maneiras, mas hoje, aos nossos olhos e ouvidos, todas se relacionam com o mesmo, não somente profissionalmente, mas também emocionalmente por acreditarem no trabalho realizado nesses 12 anos de Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”.

Tudo teve início com Dra Calina da Silveira Guimarães, que após se aposentar em Juiz de Fora/ MG, onde exerceu a medicina por muitos anos, resolveu retornar a Cordisburgo e fazer algo em benefício dos jovens da cidade. Dra. Calina, hoje com 82 anos, foi quem teve a idéia de criar um grupo de jovens contadores de histórias, que pudesse monitorar as visitas ao MCGR e também presentear os visitantes com trechos da obra rosiana.

3. *“(...) Eu estava em Juiz de Fora, vim e fiquei decepcionada com o Museu. O Museu era uma casa que estava aberta, as pessoas passavam muito rápido e saíam. Não tinha nada pra ver e não tinha ninguém que desse uma idéia de quem era Guimarães Rosa.*

[...]”⁶

9. *“(...) A visita era muito sem graça. O que tem naquela casa se você não conversa nada? Não é? As pessoas entram, saem e vão embora. Eu comecei a freqüentar o Museu por livre e espontânea vontade e monitorar a visita. Explicava, falava alguma coisa sobre Guimarães Rosa” (Calina Guimarães).*

Luana Ferreira de Figueiredo Neves é Miguilim desde 1999, quando aos 10 anos se integrou ao Grupo. Hoje aos 19 anos é estudante universitária, colabora com a

⁶ [...] Este símbolo representa a supressão de falas.

formação dos mais novos e nos conta que Calina foi fundamental para a constituição do Grupo.

15. *“(…) Eu acho que ela foi o membro mais importante. Por ela ter a idéia de criar o Grupo. Eu acho que foi através dessa idéia que Cordisburgo e o Grupo alcançaram esse patamar porque o Grupo está conhecido em todo Brasil. Sucesso que a gente tem hoje eu acho que ele é todo graças a Calina” (Luana F. Neves).*

Segundo Dra. Calina, trabalhar com o adolescente já estava em seus pensamentos, só não tinha certeza de como aconteceria, de como iria promover algo que envolvesse e mobilizasse os jovens da cidade de Cordisburgo, por considerar que a cidade não tinha muito a oferecer além da escola. Calina conta que por ter escolhido a ginecologia para se especializar, teve que estudar muito, principalmente as jovens não só sob os aspectos médicos, mas também sob os aspectos psicológicos.

7. *“O grupo de adolescentes já estava em mim. O que trabalhar com eles era o que eu não sabia. Conversando com as pessoas da Superintendência de Museus (SUM/ SECMG) eu sugeri a idéia de preparar os adolescentes para auxiliar os visitantes. Eu fui uma das primeiras médicas em Juiz de Fora e as meninas me procuravam muito e eu tive que estudar as adolescentes. Eu fui para os Estados Unidos, estudei psicologicamente, todos os aspectos, não só o aspecto médico. Estudei muito” (Calina Guimarães).*

O fato de que Dra. Calina não tinha muita certeza do que fazer pelos jovens Cordisburgueses e pelo MCGR é comprovado em conversa com o Fábio Junio Barbosa, ex-Miguilim, 27 anos, hoje vigia patrimonial do MCGR e colaborador no processo de formação dos Miguilins.

4. *“O Grupo Miguilim na verdade ele começou com a Calina Guimarães. Ela veio para Cordisburgo depois de se aposentar como médica. Ela chegou aqui e quis dar uma melhorada no Museu para receber melhor os visitantes e aí ela foi nas escolas e convidou alguns jovens para começar a freqüentar a casa dela. No princípio ela explicava o quanto era importante o fato de Guimarães Rosa ter nascido em Cordisburgo. Sem a gente nunca ter lido os livros, ela contava algumas histórias pra gente e a gente começou a estudar com ela a obra do Guimarães Rosa. Isso antes, eu acho, dela querer tornar esses jovens contadores de histórias” (Fábio Barbosa).*

Calina nos conta que a idéia de fazer dos jovens cordisburgueses contadores de histórias surgiu depois que foi convidada por sua sobrinha Dôra Guimarães (Maria Auxiliadora Guimarães Franco) para assistir a narração de “Contos de Amor”. Dôra é

contadora de histórias profissional e naquela ocasião, ano de 1994, estava apresentando no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, “Contos de Amor”: contos de diferentes autores, entre eles o primeiro encontro de Riobaldo e Diadorim de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa.

2. “(...) Tudo começou quando tia Calina nos ouviu contando histórias no Palácio das Artes. Estávamos contando Contos de Amor. Entre esses contos tinha Guimarães Rosa. Convidei a tia Calina para nos assistir e aí ela teve a idéia de formar jovens para contar Guimarães Rosa no Museu. Ela ficou sabendo que nós já dávamos oficinas de formação de contadores e ela nos convidou para dar a primeira oficina em 1995” (Dôra Guimarães).

No entanto, Fábio nos conta que o Grupo começou após a realização de um concurso numa escola pública de Cordisburgo, pouco antes da apresentação de “Contos de Amor”. Fábio era integrante do grupo de teatro vencedor do concurso. Foi nessa ocasião que Dra. Calina fez o convite àqueles jovens para que passassem a freqüentar sua casa.

8. “(...) a escola promoveu um concurso de teatro baseado no livro *Sagarana* do Guimarães Rosa e justamente a Calina foi assistir e o grupo que ganhou fez o *Corpo Fechado* que é do *Sagarana*. Esse foi o primeiro grupo que ela convidou para fazer um grupo de estudos na casa dela” (Fábio Barbosa).

Em relação ao nome – Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” -, Fábio também nos apresenta uma explicação.

47. “Começou porque o grupo que fazia teatro se deu bem. O teatro ficou legal e o grupo teve o nome de Grupo de Teatro Miguilim. Eu lembro que a gente ia apresentar numa noite aqui no Museu o mesmo teatrinho. A gente foi convidado pra reapresentar várias vezes. Eu era desse grupo. Aí um dia aqui no Museu alguém perguntou “Qual o nome do grupo?”. Agora não lembro se foi a Calina que falou Grupo de Teatro Miguilim. E aí surgiu. Esse grupo ficou sendo Grupo de Teatro Miguilim e depois a Calina só transferiu para o Grupo de contadores” (Fábio Barbosa).

Dôra Guimarães já naquela época realizava seus trabalhos de narração de histórias em companhia de Elisa Almeida (Maria Elisa Pereira de Almeida), no grupo “Tudo era uma vez” que reafirma a história em suas palavras.

3. “(...) eu e Dôra já estávamos atuando juntas no nosso grupo, mas mais ou menos nessa época fizemos um trabalho chamado *Contos de Amor*. Eram contos de vários autores com essa temática e a gente se apresentou no Palácio das Artes. Foi um primeiro trabalho nosso que deu certo, que todo mundo queria assistir, que foi convidado para ir a Brasília. Um dos contos era do Guimarães Rosa. Eu contava o primeiro encontro de Riobaldo e Diadorim. A Dôra é

sobrinha da Calina e então convidou a Calina para nos assistir. A Calina (...) queria fazer alguma coisa pelo adolescente, mas não sabia bem o que. Ela nos conta que quando ela nos assistiu foi que “caiu a ficha”. Que ela teve a idéia de formar os adolescentes para se especializarem em contar a obra de Guimarães Rosa no Museu, ou seja, unindo uma coisa a outra. Uma forma de fazer do Museu um lugar vivo. Não só um lugar como os outros onde as pessoa vão para fazer o percurso normal, mas que fosse um lugar onde pudesse ter um contato real com a obra através da fala desses adolescentes. Então acho que foi uma idéia muito feliz. Depois que a coisa aconteceu e deu certo, a gente vê que foi uma idéia muito feliz. Ela nos assistiu, sabia que dávamos oficinas de contação de história e nos convidou para dar as primeiras oficinas em Cordisburgo” (Elisa Almeida).

Dôra e Elisa então realizaram a primeira oficina de contação de história no ano de 1995 em Cordisburgo, para jovens estudantes do ensino médio. No entanto, Elisa conta que Calina percebeu que o ideal seria trabalhar com adolescentes ainda mais jovens para que eles pudessem permanecer mais tempo atuando no Museu antes de deixarem a cidade.

3. “(...) Junto com a gente, ela foi percebendo que o ideal é que fossem treinados jovens mais novos para que pudessem ficar um tempo atuando, morando na cidade, atuando no Museu. Porque Cordisburgo não tem perspectiva nenhuma, então aqueles que têm condição de fazer vestibular, saem da cidade. Ela percebeu isso” (Elisa Almeida).

Dôra, em princípio não aceitou muito bem a idéia porque acreditava que seria muito difícil trabalhar com estudantes tão jovens, na faixa etária de 11 e 12 anos, mas nos conta que Calina decidiu assumir a responsabilidade. Dôra e Elisa, então, deram somente a oficina no ano seguinte (1996), e Calina assumiu o trabalho com os adolescentes em Cordisburgo lendo, decorando, interpretando os textos com os mesmos.

2. “(...) No ano seguinte, ela nos convidou para dar a oficina para meninos de 11 e 12 anos e na época eu falei que ela estava doida, porque como a gente ia ensinar meninos de 12 anos contar Guimarães Rosa! Mas a Calina falou que era para eu dar a oficina que ela ia se virar com eles depois” (Dôra Guimarães).

Dra. Calina, após a oficina realizada pelas contadoras de histórias Dôra e Elisa, passou a estudar os textos rosianos com os jovens interessados em se tornar Miguilim, sendo que inicialmente foi necessário conquistá-los. Conta que convidava os jovens para sua casa, tornava-se amiga dos mesmos e aqueles que tinham interesse iam ficando porque queriam aprender não só sobre a vida e obra de Guimarães Rosa, mas

também regras de etiqueta que ela fazia questão de ensiná-los para que soubessem se portar, cumprimentar, tratar os visitantes, conversar, sentar, comer à mesa.

21. *“Eu conquistei os adolescentes da cidade. Estimulava, inventava moda. Convidava os meninos pra vir aqui em casa. Estabeleci um relacionamento com os adolescentes porque já tinha experiência. (...) Já era preparada psicologicamente para me relacionar com eles. Eles passaram a freqüentar minha casa, começavam a conversar. Foi mesmo conquista.*

[...]

23. (...) *Vinham aqui pra casa. Comecei a falar pra eles quem foi Guimarães Rosa. Falava os casos pra eles. Nesse tempo a cabeça ainda tava muito boa, porque agora eu já estou com 82 anos, mas quando eu vim pra cá eu estava com 55 anos.*

[...]

25. (...) *Eu tive que preparar os meninos na parte social.”*(Calina Guimarães).

Fábio nos confirma as palavras de Dra. Calina em seu relato.

56. *“Na nossa primeira geração... Na verdade ela sempre falou, mas eu acho que ela deixou isso mais explícito com a gente. “Contador de Estória Miguilim” era diferente de qualquer outro contador de história. “Contador de Estória Miguilim” tinha que passar por várias formações, então a gente ia pra casa dela aprender etiqueta, como se portar na mesa, falar... Ela conversava coma a gente porque tínhamos que saber falar bem, ler bem. E ela era mais rigorosa em relação à escola também”* (Fábio Barbosa).

Assim, Calina preocupava-se em oferecer aos jovens não somente uma atividade que os ocupasse, mas também que os permitisse passar pela adolescência de maneira saudável e feliz. Esse era e ainda é o grande lema e objetivo de Dra. Calina com a criação do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”. Interessante é que todas as formadoras remetem-se a ela e seu lema quando perguntadas sobre os objetivos do Grupo. Dôra também menciona a intenção de Calina *“de fazer do Museu uma amostra viva da obra de Guimarães Rosa”*, permitindo que os visitantes conhecessem não somente o local do nascimento e infância do escritor, mas sua obra. Lúcia, além de citar o grande lema de Calina, complementa com sua opinião a respeito: *“Eu acho que é socializar, interar mais da leitura rosiana, conhecer a literatura, incentivar todo tipo de leitura, não só a rosiana, porque eles abrem a cabeça”*. Mas Elisa responde concordando com o lema de Calina e contando o que observa:

5. *“A Calina sempre falava com a gente, e apesar dela falar parecendo uma brincadeira, é uma brincadeira séria, ela sempre falava que o principal objetivo do Grupo Miguilim é encontrar uma maneira saudável de passar pela adolescência. Eu acho isso muito interessante porque a gente vê que realmente acontece com aqueles que estão ali dentro. A gente vê que eles aprendem de uma maneira saudável e envolvente. Tem o lado do trabalho, claro, da disciplina,*

porque tem que ter disciplina pra preparar o texto do Guimarães Rosa, mas o que acontece do outro lado, o mundo que se abre pra eles com as viagens, com o contato com os turistas e o próprio contato com a obra, o que abre de perspectiva pra eles os fazem realmente meninos felizes. Eu admiro muito. É claro que contar Guimarães Rosa é importante nesse processo todo, mas ela sempre falou que contar Guimarães Rosa é uma desculpa. O principal é encontrar essa maneira saudável de passar a infância” (Elisa Almeida).

Além dos objetivos mencionados, as formadoras comentam outros como a divulgação da obra do escritor, a melhoria das visitas ao MCGR, alguns perpassando o que é definido pelo Regimento Interno⁷ do Grupo de “Contadores de Estórias Miguilim” (**Apêndice B**), elaborado e ainda não registrado.

“Art 2º - O programa do Grupo Contadores de Estórias Miguilim deverá ser coordenado pela Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e consiste em:

- I- possibilitar aos jovens atravessarem a adolescência de maneira saudável de feliz;
- II - capacitar e treinar adolescentes de 10 a 13 anos para serem narradores das estórias do autor e guias turísticos do Museu Casa Guimarães Rosa;
- III- divulgar a obra de João Guimarães Rosa e incentivar sua leitura;
- IV- incentivar o conhecimento literário, para o desenvolvimento intelectual e social, facilitando a formação de cidadãos críticos, responsáveis e participativos;
- V- fomentar a atividade turística e cultural no Museu Casa Guimarães Rosa, com a narração de textos da obra de Guimarães Rosa, bem como entrevistas por ele concedidas”.

E os colaboradores, Fábio e Luana confirmam, concordam e congregam as falas das formadoras em seus depoimentos.

85. *“A Calina sempre deixou claro que tinha alguns objetivos. Um objetivo era divulgar a vida e a obra do Guimarães Rosa. Tornar a visita mais atrativa. (...) Tinha um outro objetivo que era primordial da Calina que era trabalhar com esses jovens da época, para abrir a cabeça desses jovens, tirar essa mente fechada que as pessoas da época tinham. Trabalhar usando Guimarães Rosa como desculpa para trabalhar com esses jovens. Quando chegasse a hora de ir pra fora, pra estudar, pra trabalhar pudessem competir de igual para igual com aqueles que estão lá. Eu acho que o objetivo primordial da Calina era esse, de proporcionar a esses jovens, durante essa fase de adolescência, aquilo que se não estivessem no Grupo, não teriam” (Fábio Barbosa).*

86. *“Ela fala que contar histórias foi uma desculpa que ela arranjou pra que os jovens de Cordisburgo atravessassem a adolescência de uma maneira alegre e saudável. Feliz e saudável, sempre foi o discurso dela” (Luana F Neves).*

Calina, após as oficinas de contação de histórias oferecidas pelas formadoras Dôra e Elisa assumia a responsabilidade de formar os adolescentes para que pudessem atuar no Museu e contar trechos da obra rosiana. No entanto, a partir do ano 2000 Dôra passou não só a organizar as oficinas, à medida que Calina via a necessidade de

⁷ A cópia da versão original do documento foi disponibilizada para a pesquisa e possui registros a mão.

formar uma nova turma, mas também passou a prepará-los para participar das Semanas Roseanas que já aconteciam, mas que até então não tinham sessões de contação de histórias. O envolvimento maior com o Grupo passou a acontecer, pois Dra. Calina já mostrava que a idade avançada estava prejudicando e dificultando a formação dos jovens.

2. *“Quando foi em 2000 (...) me disseram que a Calina não estava dando conta mais de tomar conta dos pequenos que precisavam ser formados e que seria bom se eu assumisse. Me sugeriram acompanhar os mais velhos, porque já conheciam muito e não podiam ser deixados de lado. Passei a ir mais freqüentemente a Cordisburgo e passei a prepará-los para as Semanas Roseanas. Até então eles não participavam. Em 2000 a temática foi Noites do Sertão e preparei textos de Dão-la-lão para eles. Passei a ir mais vezes e assumi o papel da tia Calina que era recortar texto, ler com eles, explicar a obra. Todo ano era uma temática na Semana Roseana e pra cada ano eu preparava textos diferentes. Depois teve Festa de Manuelzão, História de Lélío e Lina que esse ano eu repeti, Campo Geral com a história de Miguilim, depois 4 quatro anos com Grande Sertão: Veredas. Com esse negócio de prepará-los para a Semana Roseana eu passei a ir com mais freqüência” (Dôra Guimarães).*

Assim, de 1995, ano da primeira oficina, até 2005 Dôra trabalhou com a ajuda de Elisa, mas sem que houvesse um envolvimento maior da mesma. Somente quando Dôra percebeu que era necessário formar uma nova turma houve o convite para que Elisa assumisse, junto com a Dôra, a formação dos Miguilins.

2. *“(...) Quando foi em 2005 eu percebi que estava na hora de formar outro grupo, mas eu não dava conta porque eu estava com o papel da tia Calina. Não dava conta de cuidar dos mais velhos e formar um novo grupo. Foi em 2005 que eu pedi a Elisa para me ajudar. Demos as oficinas juntas” (Dôra Guimarães).*

5. *“(...) Em 2000 a Dôra assumiu e uns três anos depois eu assumi também com ela. Agora a gente vai de 15 em 15 dias. A Calina se afastou porque ela já está muito idosa, não se envolve mais e acho que nem precisa mais, porque o Grupo está formado. É claro que os mais velhos que tiveram mais contato com ela foram privilegiados, mas a gente tenta, na medida do possível, suprir esse lado que ela passava da disciplina, do entorno do contador de história, do que é ser integrante do Grupo Miguilim” (Elisa Almeida).*

Nesse contexto é que teve início o envolvimento da formadora Lúcia com o Grupo Miguilim. Na época em que Dôra e Elisa assumiram a formação e o acompanhamento dos Miguilins, Lúcia era diretora do MCGR. Sua participação, de acordo com Dôra e Elisa, as ajuda muito.

7. *“(...) Ela tem um contato próximo com os alunos, ela está sempre observando aquele que tem mais gosto pela leitura, que ela imagina que vai se dar bem. Agora acontece muito do menino demonstrar desejo, interesse. Ela monta o grupo e vai fazendo um trabalho inicial. Quando a*

gente chega para dar a primeira oficina, já é com o grupo que ela indica. O grupo que ela trabalhou” (Elisa Almeida).

2. *“(…) A Lúcia ajudou e ajuda muito a gente, porque como ela é professora, ela faz uma seleção antes dos alunos e aí ela entrega os meninos. A gente dá a oficina e começa a trabalhar com os textos de Guimarães Rosa” (Dôra Guimarães).*

Luana e Fábio também nos contam como se deu o envolvimento de Lúcia com o Grupo Miguilim por meio de falas seguidas complementares.

96. *“A Lúcia foi coordenadora aqui do Museu e aí ela começou a ter um contato bem próximo com o Grupo, quando a Calina se afastou do Grupo...” (Luana F Neves).*

97. *“Ela chamou a Lúcia e pediu para ajudar na formação dos novos. Foi quando a Lúcia teve essa iniciativa de estar sendo a pessoa para juntar as crianças para um primeiro contato que é contar história” (Fábio Barbosa).*

98. *“A Calina passou pra Lúcia o primeiro contato que era o que ela fazia. Ela ia na escola e pedia pros professores indicarem e hoje em dia é a Lúcia que é...” (Luana F Neves).*

99. *“Esse gancho. A Lúcia, no primeiro contato com os meninos, ela explica a importância de se conviver em grupo, o que é o Grupo Miguilim, porque existe o Grupo Miguilim, porque ele foi criado e começa a ensinar algumas técnicas de contar história, até a Dôra e a Elisa assumirem” (Fábio Barbosa).*

No entanto, Lúcia considera seu trabalho muito pequeno e diz o ter iniciado, pois não havia quem divulgasse um edital que convocasse os jovens da cidade para participar do Grupo Miguilim.

2. *“Minha participação começou por falta de um elemento específico para lidar com as crianças, para fazer o edital de convocação dos adolescentes. Para começar o trabalho, colocar o edital nas escolas. E o Museu não tinha uma pessoa específica para fazer esse trabalho. Em algumas ocasiões abria edital e não apareciam crianças e adolescentes, ficava solto. Quando eu vim para o Museu, sou professora também, a Dôra e a Elisa me pediram para ajudá-las nesse processo, então fiz o edital, coloquei nas escolas, depois de um tempo a meninada vinha aqui, registrava nome, telefone, dados e marcava a primeira reunião. Isso começou em 1999/2000. (...) Eu faço o primeiro contato, a primeira seleção. Trago os meninos para o Museu para que conheçam o ambiente. Na Associação fazíamos algumas brincadeiras. Eu explicava o que é contar história, como começou, onde surgiu, os tipos de contação de história (...). Quando pegávamos para contar história lida cada um lia do seu jeito, alguns liam bem, outros liam mal. Outros com maior facilidade, outros com dificuldade e assim começava. Passava a perceber quem lia melhor, quem tinha melhor entonação. E assim ia selecionando os meninos. Quando fazíamos uma história dramatizada tinha sempre alguns que olhavam muito para o chão, então a primeira vez era muito livre, para conhecê-los, depois fui chamando a atenção para não olhar no chão, olhar para as pessoas que estavam assistindo. Começava como uma brincadeira, de maneira lúdica, sem muita obrigação. Esses encontros eram uma vez por semana, geralmente no sábado, aqui no Museu onde eu gostava mais porque já iam se adaptando, familiarizando ao ambiente, ou na Associação. Gosto muito desse trabalho, mas acho que faço pouquinha coisa mesmo, contribuo pouco porque depois é que vem a parte séria”(Lúcia de Castro).*

Atualmente as formadoras Dôra e Elisa dividem-se no acompanhamento dos Miguilins já formados. Dôra fica com os mais velhos, que já são Miguilins há mais tempo. Elisa fica com os que são Miguilins há menos tempo e ambas dividem uma turma de jovens entre 11 e 14 anos que estão em formação. Calina quase não participa mais, apesar de Elisa e Dôra incentivarem os jovens em formação a irem até sua casa para lerem e estudarem os textos rosianos com ela. Lúcia atua há seis anos na seleção e preparação inicial dos jovens que desejam se tornar Miguilim, ou seja, já preparou três turmas para iniciar as oficinas com Dôra e Elisa, que acontecem de 15 em 15 dias durante dois anos. De acordo com Lúcia, não há uma seleção propriamente dita, à medida que os estudantes participam dos encontros que acontecem no princípio, vão verificando se querem realmente ou não participar do Grupo, assumir responsabilidades e compromissos necessários à práxis Miguilim.

4. *“Começa com o convite, aparecem até 50 alunos. Mas mesmo na brincadeira, tinha horário pra chegar, horário pra sair, era tudo marcadinho. Tinha que ter compromisso e responsabilidade. Eles mesmos acabavam se excluindo quando viam que não era aquilo que queriam, quando viam que não estavam entrosados. Aos poucos se afastavam, deixavam de vir aos encontros. Fazemos chamada porque não pode faltar três vezes sem justificativa, e o desinteressado começa a faltar. A mãe pede para chamar de volta. Ficam aqueles que têm responsabilidade, que tem afinidade com a literatura, com a leitura, com o social. O muito tímido raramente fica. Mas algumas vezes, quando a gente vê que o tímido tem chance de melhorar, de ficar, que tem potencial, a gente vai atrás da família, busca o menino em casa, insiste Alguns saem e depois voltam. (...) Muitas vezes já aconteceu da mãe pedir pra buscar. Conversamos com o menino, mas não adianta se ele não quiser. Tem que estar dentro dele a vontade” (Lúcia de Castro).*

Luana nos conta que com sua geração chegou a acontecer um teste de seleção onde os participantes do curso de formação tiveram que se apresentar para um júri composto pelas formadoras Calina e Dôra e pelos Miguilins já formados naquela ocasião. Em seguida nos confirma a fala da formadora Lúcia, quanto ao processo natural de seleção e permanência no Grupo.

79. *“(…) Então eu era a mais novinha dos meninos que estavam fazendo o curso. Eu acho que foram uns três ou quatro meses, mas eu não tenho certeza disso. Eu lembro que foi tudo muito rápido. Eu entrei, comecei a fazer o curso. No meu grupo a gente teve um processo diferente de seleção. Quando eu comecei tinha muita gente participando e à medida que o curso foi acontecendo, foi peneirando porque o pessoal via que tinha que ter pontualidade, responsabilidade. Tinha que abrir mão. No final eram poucos os meninos que restavam. A gente*

passou por uma apresentação teste que foi um domingo na casa da Calina. Estava a Dôra, a Calina, os contadores de histórias do primeiro grupo e a gente tinha que apresentar o texto que a gente estava trabalhando pra eles. Eles faziam uma votação. No final somavam as notas e quem tivesse as melhores notas ficava no Grupo. Na época acho que ficaram umas sete pessoas, que foram selecionadas desse grupo que restou” (Luana F Neves).

Nos primeiros encontros Lúcia inicia o trabalho com as técnicas de contação de histórias e gosta de trabalhar com textos simples, de linguagem fácil. Como gosta muito de fábulas e poesias, seleciona vários textos diferentes e leva para os encontros com os iniciantes para que comecem a aprender como pronunciar corretamente as palavras, como colocar ênfase, entonação e expressividade no texto. Ela mesma afirma que é tudo muito leve, solto, lúdico, e depois é que fica sério.

12. “Adoro fábulas, mas não só fabulas, poesias. Geralmente, eu escolho fábulas que tem um fim moral, porque aí trabalho a fábula propriamente dita, o vocabulário, a expressão, e o que pode ser aproveitado para a formação pessoal. Prefiro as fábulas que tragam coisas boas para a formação do Grupo. Que possa contribuir para a formação dos meninos. Não tem um jeito certo de selecionar. Algumas pessoas me procuram para mostrar histórias, fábulas para eu trabalhar com os meninos. Tudo que fala do belo, do bonito, do bom, que pode ajudar na formação, eu gosto de levar para o Grupo. A linguagem é comum. Quando tem palavras que eles não conhecem, trabalho o significado, mas é uma linguagem fácil porque são adolescentes de quinta série. Então tem que ser uma linguagem simples, fácil, para que alcance todos” (Lúcia de Castro).

Lúcia, na escola em que trabalha em Cordisburgo, coordena um grupo semelhante aos Miguilins. O Grupo João Bolinha é inspirado no Grupo Miguilim, mas dele participam crianças das 3^a e 4^a séries do ensino fundamental. As crianças contam trechos da infância de Guimarães Rosa registrados por vovô Felício (Vicente Guimarães), no livro Joãozito. Vovô Felício era tio do Guimarães Rosa e estudou com ele na mesma escola, sendo seu colega de travessuras. Lúcia comenta que seu objetivo com o desenvolvimento do grupo é incentivar a leitura, aumentar a frequência escolar, sem fazer das crianças contadoras de histórias.

6. “(...) Lá posso explorar mais porque é muito mais lúdico, tem menos o compromisso de contar história. É mais um incentivo para ler. Incentivar a gostar de história, um incentivo a ficar na escola, a não faltar” (Lúcia de Castro).

Coincidentemente, Luana e Fábio nos contam fatos interessantes sobre as oficinas de contação de histórias dadas por Dôra e sobre a utilização de diferentes

textos no processo de formação dos “Contadores de Estórias Miguilim”. Fábio comenta que se formou entre os primeiros e que não se tornou contador de história com textos de Guimarães Rosa. Naquela ocasião os textos de Vicente Guimarães, o Vovô Felício, eram trabalhados para que aprendessem as técnicas de contação de histórias. Luana, ao contrário, conta que sua formação teve duas fases, uma inicial sem textos rosianos e outra já com textos do autor.

62. “(...) Dôra trabalhava outros textos com a gente. Ela trabalhava os textos de Vicente Guimarães, o Vovô Felício. Com os textos do livro Joãozito. Eu lembro que a primeira história que eu decorei foi Viagens para Cordisburgo, quando o Guimarães vinha de trem para Cordisburgo. Ela ensinava a gente a contar história. Tanto que a primeira apresentação do Grupo Miguilim, alguns ainda não estavam ainda narrando Guimarães Rosa. Eu comecei como Contador de Estória Miguilim narrando o Vovô Felício ainda. Depois que eu peguei textos de Guimarães. A Dôra veio ensinar a contar história e a Calina continuou quando a gente ia pra casa dela” (Fábio Barbosa).

66. “Na minha época a Dôra já começou a introduzir além dos textos que não eram de Guimarães Rosa. Numa segunda fase ela já começou a introduzir trechos do Miguilim, do Sagarana ‘Leôncio Madureira’. Ela começou introduzindo os textos de Guimarães Rosa. A autobiografia infantil a gente já apresentava” (Luana F Neves).

Mas Fábio nos apresenta uma explicação para a diferença de formação entre as gerações de Miguilins.

114. “Eu acho que na época elas julgavam o texto do Guimarães Rosa mais difícil, então pra você aprender a contar história você teria que passar por um texto mais fácil pra aprender as técnicas e depois pegar textos do Guimarães. Hoje não. No decorrer do tempo elas foram aprendendo também como coordenar. Hoje a gente já sabe que textos dentro da obra do Guimarães os textos que a gente pode iniciar com um contador de histórias, que pode trabalhar. Na época elas não tinham essa experiência” (Fábio Barbosa).

Atualmente a formação dos novatos dura em torno de um ano e meio ou dois anos e acontece por meio de oficinas ministradas por Dôra e Elisa quinzenalmente. As atividades passam técnicas vocais, técnicas de expressão facial e de expressão corporal. Além disso, trabalham a leitura com entonação, não só de textos rosianos, mas também diferentes autores, e em alguns momentos a percepção e sensibilidade artística através da exibição e discussão sobre filmes de arte. Mas o interessante, é que as formadoras Dôra e Elisa concordam que mesmo após a formatura, ou seja, o

recebimento da camiseta de Miguilim, os contadores de histórias ainda não estão “maduros”. Elisa, particularmente, comenta que a experiência junto ao Museu, após o recebimento da camiseta de Miguilim, é que permite que os mesmos fiquem “bons, craques”. Dôra, fala das vantagens e da importância do Museu para a formação dos Miguilins.

12. “Para receber a camiseta é mais ou menos dois anos. (...) Mas eles ficam bons mesmo depois de três, quatro anos. No momento em que eles começam no Museu, eles desenvolvem mais porque pra eles o Museu é o laboratório porque eles treinam a contar histórias. Eles expandem quando começam a contar no Museu. Inclusive em outros lugares é difícil um grupo de contadores de histórias ir pra frente porque não tem um lugar onde possam contar regularmente e os Miguilins têm o Museu. Isso é uma grande vantagem pra eles porque eles contam sempre e são reforçados. O legal é isso aí. Eles contam, eles treinam, são reforçados pelo público, querem mais. São elogiados e isso faz com que eles cresçam. Vão viajando e querem aprender para viajar mais. Eles conhecem muita gente viajando” (Dôra Guimarães).

Um aspecto peculiar do trabalho de Dôra e Elisa está na reformulação da obra rosiana. As contadoras de histórias profissionais, cada uma à sua maneira, recortam trechos da obra completa, montam textos e histórias completas, possíveis de serem compreendidas por aqueles que contam – os Miguilins – e por aqueles que ouvem – os visitantes do MCGR e muitos outros. Ambas contam que tudo começa com uma leitura minuciosa da obra original e que tudo fica mais fácil porque Guimarães Rosa escrevia histórias dentro de uma história maior. Assim, elas conseguem extrair de “Campo Geral” (a história de Miguilim) textos como Pingo de Ouro, Miopia de Miguilim, A Morte do Dito; extraem de “Uma história de amor” (a história de Manuelzão) textos como A Morte do Riachinho; extraem de “Grande Sertão: Veredas” textos como O primeiro encontro de Riobaldo e Diadorim, Chefes e Outros e muitos outros, não somente dessas obras, mas de muitas mais.

20. “(...) Eu leio várias vezes o conto e vou pegando as partes mais importantes da história, dando uma seqüência, uma linha narrativa. Então eu pego os personagens principais, a história principal, porque às vezes, no mesmo conto, tem várias histórias. Meu trabalho é um trabalho bem... Eu não digito, não sei mexer com computador, então eu marco as páginas onde estão as partes que eu quero recortar, xeroco, vou recortando cada pedacinho, monto numa folha, em várias folhas e depois eu xeroco e tenho o texto. Se você pegar o texto, às vezes você não vai encontrar na seqüência certa do livro, porque eu vou pegando pedaços e formando um texto que tem princípio, meio e fim. Às vezes fico semanas e semanas pra trabalhar um conto. Porque tem

que ver. Torno reler, acrescento um pedacinho que é importante no contexto geral. Vou descobrindo detalhes. Interessante porque quando eu leio com os meninos e eles passam a contar eu texto, eu entendo. No momento que eles estão narrando aí que eu vou entendendo minúcias que me passaram despercebidas. Eu percebo quando eles falam. No ouvir” (Dôra Guimarães).

19. *“(…) A gente já lê o texto com o olhar voltado para o que pode ser contado. O que é contável ali. A gente vai se habituando com isso. Tem muito tempo que a gente já trabalha com isso, inclusive com Guimarães Rosa, então já vira um hábito de fazer a leitura já direcionada para o que dá pra ser contado. Quando percebe que no meio do trecho que a gente gostou tem alguma passagem que pode ser retirada, que pode ser enxugada, a gente volta no texto e faz esse recorte, tentando manter o fio do que está sendo contado ali. Mas a gente nunca introduz nada nosso. O máximo que a gente faz é recortar. Tem lá o Grande Sertão, que tem mil histórias dentro de uma. Tem uma historinha contada por um personagem que é perfeita, tem início, meio e fim, mas mesmo nessa historinha tem parágrafos muito descritivos que são bonitos, mas que vão tornar a história longa. Então, a gente avalia isso, tira e deixa a outra parte. É um trabalho um pouco intuitivo, mas que é feito já há algum tempo.*

23. *(…) Eu digito. Primeiro faço uma leitura, marco, digito. É legal ver em separado. Tem uma outra noção” (Elisa Almeida,).*

Fato é que diferentes Miguilins narram diferentes textos. Existem aqueles textos narrados por vários contadores de histórias, mas também aquele texto exclusivo, narrado somente por um Miguilim. Dôra e Elisa explicam que levam em consideração habilidades, facilidades de cada um quando reformulam a obra, produzem os textos e os entregam aos Miguilins. Afirmam que os textos mais complexos são dados aos Miguilins mais experientes e que, segundo elas, contam melhor. Relatam que os tons de voz também são levados em consideração e assim, textos suaves são dados a meninas de voz doce, leve; textos que exigem raiva são dados a meninos ou meninas de voz forte.

25. *“(…) Na medida que já trabalhamos com eles há mais tempo, vamos conhecendo cada um, o jeito de cada um contar, a facilidade de cada uma. Não só o jeito, a facilidade, o desempenho. (...) No momento em que você está terminando de montar, ocorre que “isso é a cara de fulano!” A tendência é você dar os textos mais difíceis para aqueles que são mais capazes; pra quem tem mais experiência; pra quem conta melhor. Às vezes também o próprio Miguilim quer tanto um texto que você não tinha pensado em dar pra ele, mas ele quer tanto que você acaba aceitando o desafio, dando uma chance com aquele texto. Mas no geral a gente que estabelece”. (Elisa Almeida)*

As formadoras e os colaboradores são unânimes quando o assunto é a leitura no processo de formação dos “Contadores de Estórias Miguilim”. Todos, sem exceção, vêm na leitura a base para que possam crescer não somente como contadores de

histórias, mas como pessoas. Vêm que é a partir da leitura de Guimarães Rosa que passam a se interessar por jornais, revistas e outros autores; passam a ser melhores alunos, mais engajados, mais comprometidos; passam a pensar num futuro próspero e repleto de possibilidades que Cordisburgo não tem a oferecer, assim, passam a almejar o ensino superior e carreiras profissionais variadas. Para Elisa os Miguilins passam a se interessar por outros autores; Lúcia nos conta que a leitura “*abre a cabeça*”, melhora o desempenho escolar dos Miguilins e os faz almejar um futuro melhor; para Luana leitura é “*a base, o principal*” e Fábio nos conta que a leitura é a “*protagonista do trabalho*” de Miguilim.

32. *“Eu acho que na medida que os meninos vão aprendendo a ler Guimarães Rosa eles vão descobrindo outros autores. Eles começam a ler outros autores. Eu acho natural deles. Percebo que naturalmente eles vão buscando ler outros livros. Sentem necessidade de ler outros autores, principalmente os mais velhos. Eu acho que Guimarães Rosa é uma porta que se abre para a literatura” (Dôra Guimarães).*

Outra unanimidade que fechou a conversa com todas as formadoras e colaboradores foi a pergunta que questionava se os entrevistados enxergavam diferenças entre os jovens Miguilins e os jovens cordisburguenses. Todos concordam que existem diferenças e um fato nos chama a atenção: a menção ao sucesso escolar e profissional da grande maioria que deixa o Grupo para se tornar estudante universitário em outras cidades, como Belo Horizonte e Sete Lagoas, para exercer uma profissão que talvez, a permanência em Cordisburgo, não permitisse.

32. *“A gente acha que tem, porque a gente vê o que acontece com eles. Eles abrem a cabeça, começam a querer conversar sobre outros assuntos. Eles se interessam por uma série de coisas. Eles passam a ter mais gosto pela escola (...). A gente não tem isso rigorosamente registrado, mas a gente vê isso. A gente vê que o que vai acontecendo com eles é fruto da atividade de contação de histórias que os outros meninos não têm. Os outros meninos podem ter outras experiências ligadas a outras áreas que podem abrir a cabeça deles em outro sentido, mas é difícil generalizar sem conhecer. Mas a princípio eu quero crer que são diferentes” (Elisa Almeida).*

26. *“Vejo. Eu não sei, acho que os Miguilins são mais sensíveis, são mais educados, são responsáveis, todos trabalhos feitos por eles, conseguem um bom resultado. (...) Ele está sempre querendo melhorar. Sempre querendo aprimorar os conhecimentos. Ele é sempre curioso. Ele começa a viajar. (...) De modo geral, pelos professores eles são bem vistos porque eles entram pro Grupo e melhoram, dão uma revolucionada. Melhoram mesmo em todos os aspectos, mas pelos colegas eles são vistos com antipatia, porque eles acham que eles são os melhores e acho*

que isso não é ruim, isso é um desafio. Ele tem que mostrar que é melhor mesmo, que estuda mais, que sabe mais. Tem que ser melhor, mas não passar por cima do colega, mas mostrar que está sempre querendo dá um melhor de si, porque vai melhorar pra ele e pra comunidade. A gente vê diferença positiva. (...)” (Lúcia de Castro).

Desse modo, atualmente, o Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” compõe-se de 22 membros que ainda residem em Cordisburgo, estudam, monitoram as visitas ao Museu Casa Guimarães Rosa em plantões e narram trechos da obra rosiana no exercício da práxis Miguilim. No entanto, além desses, destacam-se aqueles que já não estão mais em Cordisburgo, já partiram em busca dos estudos e da formação profissional, mas que sempre são convidados a participar de eventos de narração de histórias, das Semanas Roseanas, de espetáculos organizados pelo Grupo “Tudo era uma vez”. Alguns deixam de ser Miguilim, mas não se afastam do exercício de contar histórias, outros abandonam por completo a prática para exercerem suas profissões.

Traçar o percurso individual de cada um dos muitos Miguilins que passaram pelo Grupo nesses 12 anos não era o objetivo principal de nossa pesquisa, mas acreditamos que o modo como apresentamos os resultados das entrevistas com as formadoras e colaboradores nos auxiliou a delinear a história geral e destacar algumas particularidades da trajetória do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”.

3.2- O PERFIL SÓCIO-CULTURAL DOS MEMBROS DO GRUPO “CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”.

Quem são os integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”? Essa é uma questão que pretendemos responder com essa pesquisa, pois ao nos propormos a estudar um Grupo de sucesso e reconhecimento, que até então não havia sido estudado, torna-se necessário compreender quem são esses sujeitos. Nesse sentido, realizamos as entrevistas gerais, transcrevemos as mesmas (**Anexo G**) e organizamos

as respostas com o intuito de traçar o perfil sócio-cultural dos integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”.

As respostas das entrevistas realizadas mostram um grupo de adolescentes heterogêneo nos mais diversos sentidos. São jovens pertencentes a níveis sócio-econômicos distintos, que possuem famílias organizadas das mais diversas formas, que possuem hábitos de leitura diferenciados, que vêm de modos diferentes a práxis Miguilim e a escola. Ao mesmo tempo também revelam facetas de similaridades como a influência de Contadores de Estórias no ingresso junto ao Grupo; o gosto pelo cinema e o teatro ainda que tenham pouquíssimas oportunidades de freqüentar esses ambientes culturais ou que nem mesmo os conheçam, e por último o gosto pela escola o que faz que mesmo aqueles que se declaram não serem bons alunos, gostem da escola e remetam a ela importância para uma vida futura.

Muitos são os que se declaram bons alunos e que definem um bom aluno como aquele que tem responsabilidade, que realiza todas as tarefas propostas, que é freqüente às aulas, que tira boas notas, que tem um bom comportamento, que presta atenção nas aulas, que é dedicado, interessado, compromissado e que sabe exatamente que na escola existe “*hora para tudo*” (Kika): hora para conversar, hora para brincar, hora para estudar, hora para prestar atenção nas aulas e nas explicações dos professores.

40. “Tem que ter responsabilidade, os deveres em dia, tem que tirar boas notas, porque se você estuda, você consegue tirar boas notas. Tem que ser responsável. Tem que prestar atenção na explicação do professor. Tem a hora de conversar, né? Tem hora que a gente não presta atenção, mas é isso, o aluno tem que ter responsabilidade, compromisso, tem que ser atencioso com as matérias” (Ana).

Parecem repetir os ensinamentos dos pais, dos professores e da sociedade em geral que prega exatamente esse discurso. Até mesmo os que não se declaram bons alunos ou que mencionaram já terem sido “*muito péssimos*” (Fred) comentam e repetem, o discurso que qualifica um bom aluno.

38. *“Antigamente eu era muito péssimo aluno. Eu mesmo admito isso. Ninguém me agüentava, sabe. Aí eu percebi que não é assim. Aí mudei pra frente da sala, conversei muito menos e tiro boas notas. Eu acho que um bom aluno, pra ser um bom aluno, ele tem que prestar atenção na aula, conversar menos e tirar boas notas. Porque se tira boas notas é resultado do que fez o bimestre todo” (Fred).*

Interessante é que grande parte menciona que o Grupo exige deles boas notas, bom comportamento, não ser chamado atenção pelos professores. Ao mesmo tempo alguns contam precisar de esforço, empenho, dedicação e alguns xingamentos dos pais (Nina) para conseguirem alcançar bons resultados escolares.

94. *“(…) Não pode ter um comportamento ruim na escola, ter nota baixa, tudo que acontece na sala não pode ser ruim e eu tive que melhorar, aí eu já entrei no Grupo com isso na cabeça. Então, eu ainda não sou 100%, mas cada dia eu vou melhorando mais” (Pati).*

Gostam e desgostam das mais diversas disciplinas escolares. Entre os estudantes do ensino médio a Física e a Matemática recebem destaque entre os conhecimentos mencionados, quando perguntados sobre as disciplinas que não gostam.

36. *“Matemática e Física. Tenho muita dificuldade. São as matérias que eu mais estudo para tirar notas” (Sarah).*

36. *“(…) Física. Não sou boa de raciocínio. Eu tenho dificuldade de resolver os problemas. Matemática e Física na realidade, mas é mais em Física mesmo que eu não consigo entender. Coisa que não é matéria que eu não posso pegar para ler e entender, coisa que tem número eu não gosto” (Júlia).*

Claro, mais uma vez, que num Grupo tão heterogêneo não poderiam faltar exceções e assim, não falta aquele que afirma gostar de Matemática (Fred).

30. *“Matemática eu gosto por causa dos problemas que tem pra desafiar a gente” (Fred).*

No entanto, entre os estudantes do ensino fundamental, alvo específico dessa pesquisa, a Matemática é mencionada muitas vezes como a área do conhecimento que provoca raciocínio (Isa), que traz facilidade (Bia) e tranqüilidade (Kika) para o aprendizado.

É interessante o relato de muitos que afirmam gostar de ler e não gostar de Língua Portuguesa.

34. “Português, porque tem interpretação de texto e eu não sou muito boa. Assim, eu gosto de ler mas eu não gosto muito de Português não” (Bia).

42. “(...) Português eu faço o possível pra dar conta de seguir em frente, mas no meu caso eu acho que é a professora, por isso que a matéria fica assim” (Kika).

As respostas das perguntas relacionadas à leitura também merecem ser mencionadas, pois a pergunta “O que você gosta de ler quando está na escola?”, em especial, provocou as mais diversas reações. A diversidade, aparentemente, associou-se ao significado da palavra leitura. Para alguns, leitura é o mesmo que leitura de livros literários. Assim, como nos mostra o **Extrato 1**, para Ana, a princípio, na escola não existe leitura, porque só se faz a leitura dos livros didáticos ou de textos.

Extrato 1: Trecho da entrevista geral em que Ana afirma não ler nada na escola.

45. Pesq: O que você gosta de ler quando você está lá dentro da escola?
46. Ana: [Risos] Como assim?
47. Pesq: Você está lá dentro da escola, o que você gosta de ler quando você está lá dentro?
48. Ana: Eu nunca li nada lá não! A gente não tem... O professor de Matemática não leva a gente na biblioteca. Quando falta algum professor e tem que cobrir a aula alguém da secretaria leva a gente pra biblioteca pra passar o tempo, aí nessas horas tem a revista *Recreio*, a revista *Escola* que eles dão pra gente lê.
49. Pesq: Mas você não falou que gosta de ler quando o professor de Português pede?
50. Ana: Gosto, gosto de lê o livro. Você quer saber o tipo do livro?
51. Pesq: Não, quero saber de leitura. A minha pergunta foi o que você gosta de ler quando você está dentro da escola?
52. Ana: [Silêncio] Eles não dão leitura, nada pra gente. Agora, quando tá na aula de Português, o livro tem alguns textos aí gente reúne os grupos e lê os textos que falam de romance. É assim, mas a escola não proporciona leitura não.

Outros associam leitura a qualquer artefato que possa ser lido tornando a resposta ao questionamento simples, direta e associada à leitura dos livros e textos didáticos.

58. “Alguns textos que têm nos livros de Português, de Ciências, de Geografia. Os professores mandam a gente ler e eu gosto” (Nina).

O gosto pela leitura fora do ambiente escolar mostrou-se diverso. Existem aqueles que não gostam de ler e lêem muito (Fred), aqueles que só gostam de um único autor e lêem os demais por exigência da escola (Nina), aqueles que dizem gostar de ler jornais mesmo que sejam as páginas do horóscopo e do resumo das

novelas (Sarah), aqueles que amam ler e chegam a ler dois livros ao mesmo tempo (Chico), aqueles que já gostaram muito de ler e hoje não sabem explicar porque já não têm o mesmo interesse e gosto pela leitura (Pati) e aqueles que afirmam gostar de ler jornais, e revistas mesmo não tendo contato com os mesmos há algum tempo (Bia).

A resposta à pergunta “Você vê diferença na leitura dos textos do Guimarães Rosa para serem contados e na leitura de textos em geral?” por pouco não foi unânime. Apenas Chico menciona não haver diferença:

77. “No meu caso não, porque depois que eu entrei pro Grupo, quando a gente vai preparar o texto tem toda a preparatória antes de ler, de entender, de fazer o esqueleto. Aí chega o ponto, fase que tem que ler já interpretando. Então quando eu vou ler os textos de Guimarães Rosa eu já vou lendo buscando a expressão e criei o hábito de ler em voz alta que é muito bom. Quando eu vou ler outros autores, eu não sei se é porque eu já acostumei, mas já leio com expressão. Mesmo em voz alta ou baixa a gente lê buscando a expressão e fica muito mais fácil” (Chico).

Os demais afirmam que a leitura dos textos de Guimarães Rosa exige tempo e dedicação, leitura em voz alta (Ana), entonação (Isa), estudo das palavras e dos silogismos (Júlia e Bia), muitas leituras (Fred), diferente das outras quaisquer leituras que é só ler e entender (Lívia).

Quando perguntados sobre a prática Miguilim, a importância dedicada ao fato de pertencer ao Grupo passa pelos mais diferentes motivos, caracterizando, mais uma vez, um grupo de adolescentes que querem se sentir importantes e, portanto considera “o máximo” ter o *status* de Miguilim (Júlia), receber o nome Miguilim, poder usar a camiseta de Miguilim, ser diferente dos demais (Sarah). Mas também há outros que vêem ali uma oportunidade de, no futuro, cursar uma universidade pública, alcançar “vãos altos”, morar em Belo Horizonte (Isa), ter um bom emprego, passar a adolescência de modo tranquilo e ocupado com uma atividade bela (Lívia e Pati) e que, em alguns momentos, pode até auxiliar nas despesas pessoais ou de casa (João).

120. “Não sei, dá um status pra gente. ‘Ela é Miguilim’. Eu gosto de ser Miguilim, eu gosto de ficar aqui no museu e ainda ser Miguilim. O povo vê a gente e fica: “Você é Miguilim, que bacana!” (Júlia).

92. “(...) Porque ser Miguilim ajuda você a encontrar um caminho. Porque os coordenadores ensinam que a gente tem que procurar, tem que estudar, pra ser alguém quando crescer. A Calina ajuda. Você pode ficar em Belo Horizonte, no apartamento dela. O Fábio ajuda a gente a escolher alguma coisa que a gente goste mais pra ser quando a gente crescer. Então o Grupo Miguilim ajuda muito a gente a dar um início, um empurrãozinho pra definir o que quer ser quando crescer. Ajuda muito a ir embora trabalhar, estudar e ter uma vida. Eu sei de muito Miguilim que passou pelo Grupo e agora já tá trabalhando e quem ajudou foi o Grupo Miguilim, os coordenadores: Calina, Fábio, Associação ajuda muito também” (Isa).

Ainda relacionada a essa questão, em alguns momentos nos pegamos tentando compreender se o fato de ser onterrâneo do escritor Guimarães Rosa poderia interferir na importância dada para o ser Miguilim. Refletimos sobre o sentimento de pertencimento e chegamos a nos questionar se poderia haver relação entre os dois fatos: ser Miguilim e ser cordisburguense, como Guimarães Rosa. No entanto, nos deparamos, como visto anteriormente, com as respostas mais variadas à questão: Por que, para você é importante ser Miguilim? Júlia que tem como origem a cidade de Belo Horizonte, cujos pais não têm vínculos afetivos e familiares com a cidade de Cordisburgo, é a segunda Miguilim da família, pois sua irmã, hoje estudante universitária, já foi Miguilim Sarah que é cordisburguense e de família de cordisburguenses, não nos mostra sentimentos de pertencimento, pois o que é importante para ela é ser diferente e ser Miguilim é ser diferente, é ser importante. Mas num grupo de tantas diferenças, Fred e Chico, de origem cordisburguense, nos mostram traços do sentimento de pertencimento. E aí nos questionamos se esse fato pode estar também relacionado ao tempo de permanência no Grupo, uma vez que Fred e Chico são os Miguilins voluntários e entrevistados mais antigos do Grupo.

124. “Eu acho que é muito legal você divulgar Guimarães Rosa porque você nasceu, cresceu, no lugar onde ele também cresceu, na infância pelo menos. É muito interessante. Eu vejo as pessoas virem aqui e ficarem tão alegres ouvindo a gente contar histórias do escritor que é tão grandioso, que eles lêem e que nunca ouviram contar histórias. Eu acho muito empolgante. Eu fico tão alegre quando alguém sorri, quando alguém me elogia e diz que eu contei bem. Eu to divulgando a obra dele e eu acho isso muito prestigiante”(Fred).

107. “Primeiro lugar é importante ser Miguilim para divulgar Guimarães Rosa, principalmente a gente que é aqui da cidade. Porque muitas pessoas aqui de Cordisburgo não têm conhecimento sobre Guimarães Rosa. Algumas têm e gostam, outras têm e não gostam. A gente que é que Cordisburgo tá divulgando Guimarães Rosa é uma honra muito grande e a gente é aqui da cidade. Tá divulgando a obra dele pra outras pessoas, pessoas que gostam, fazendo um trabalho tão bonito, que eu acho, é muito incentivador. Porque divulga e incentiva a leitura,

porque eu acho que tem muitas pessoas que vêm ao Museu não conheciam Guimarães Rosa, não conheciam a obra. Vê a gente contando história e passam a gostar, acham bonitos os textos dele. Acho que isso é o mais importante de ser contador de história”(Chico).

As questões associadas ao processo de formação dos integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” nos mostram muitas diferenças. Como os entrevistados foram formados em diferentes momentos e já exercem a atividade de Miguilim em tempos distintos, verificou-se, pelas respostas, que ao longo dos 12 anos de existência do Grupo ocorreram modificações no que diz respeito à formação dos membros integrantes. Os Miguilins que já exercem a atividade há cinco, seis, sete anos relatam momentos de formação junto a Dra. Calina Guimarães (prima do escritor Guimarães Rosa) com mais frequência, e chegam a fazer comparações. Miguilim Fred, por exemplo, relata que no seu modo de ver, as formadoras preocupam-se hoje e sempre se preocuparam mais com a formação “*profissional*”, enquanto a Dra. Calina sempre pareceu se preocupar mais com a formação “*pessoal*” dos Miguilins, atendo-se a comportamentos e regras de etiqueta, postura frente às pessoas em geral e frente aos turistas, fala com a utilização correta das palavras. Preocupações diferentes que se complementaram e constituíram Miguilins, que se expressam muito bem e utilizam palavras da Língua Portuguesa com conhecimento e propriedade.

O processo de formação inicial dos Miguilins entrevistados variou entre um ano e meio e dois anos. Durante esse tempo os Miguilins inscritos ou convidados para fazer parte do Grupo passaram por fases de formação e por formadores diferentes. Além disso, possuíram diferentes tempos de atuação no Grupo Miguilim.

As técnicas de contação de histórias, as expressões vocais, corporais e as entonações necessárias para “dar vida aos textos” eram ensinadas inicialmente pela formadora Lúcia. Logo após esse trabalho, as formadoras Elisa e Dôra entravam em

ação com os textos de Guimarães Rosa, fortalecendo as técnicas de contação de histórias, a expressividade vocal e corporal e a entonação dos textos.

Muito forte no depoimento dos Miguilins entrevistados foi a questão das leituras dos textos, processo esse anterior ao estudo individual que objetiva decorar os mesmos. Segundo a grande maioria entrevistada, os textos de Guimarães eram lidos muitas vezes pelas formadoras, com especial atenção da formadora Elisa, uma vez que a formadora Dôra, encarrega-se do trabalho com os mais velhos. Segundo os entrevistados, essa leitura tem por objetivo passar aos Miguilins a entonação correta e a expressividade do texto para que compreendam e “dêem vida” aos mesmos. Como disseram os Miguilins, é necessário aprender a entonação correta antes de decorar, porque se o texto for decorado errado, fica muito mais difícil de consertar.

Ao serem perguntados sobre o que foi preciso ser feito para se tornarem Miguilins, algumas respostas foram relacionadas ao esforço, persistência, paciência, entre outras habilidades como constatamos entre os exemplos: tive que ser muito paciente (João), tive que me esforçar muito (Kika), tive que ter responsabilidade (Mara), precisava ser persistente. Outros foram mais práticos e relatam a necessidade de uma inscrição (Pati) ou o convite de uma das formadoras (Bia), a necessidade da frequência e participação nas reuniões e oficinas, o empenho para decorar os textos, nos revelando que para alguns o mais marcante foi o empenho para alcançar o pertencimento ao Grupo. Elemento da entrevista algumas vezes comprovado quando João relata, que entre os 58 inscritos inicialmente, somente 17 receberam a camiseta e tornaram-se Miguilins, ou quando o Chico observa que, dos 20 meninos inscritos restaram somente ele e mais um.

Outra pergunta cujas repostas foram diferentes e interessantes relacionou-se ao que foi aprendido durante o processo de formação. Alguns, mais uma vez apegam-se

ao sentido pessoal e reportam-se ao aprendizado da força de vontade, do empenho, da determinação, da responsabilidade para decorar os textos. Outros são práticos e objetivos e relatam o aprendizado técnico da interpretação, da desenvoltura para guiar os turistas e contar histórias, a entonação das palavras no texto. Instigantes são as diferenças num Grupo de tanto sucesso e tantas heterogeneidades! Nina responde, nos revelando que nem sempre conseguem expressar seu aprendizado.

82. “ *Muita coisa. Sei lá, Miguilim, é uma coisa boa e todo mundo quer ser, mas tornar Miguilim foi muito útil pra mim porque eu gosto de contar aqui no Museu. Guiar, me interessou, sei lá!* [...]”

84. *O que eu aprendi com isso, nossa! (Silêncio) O que eu aprendi com isso, eu nem sei” (Nina).*

Ao passo que Chico responde reconhecendo tanto o aprendizado pessoal quanto as habilidades técnicas e práticas:

71. “*Bastante coisa. Não só como contador, mas pessoal também.* [...]”

73. *Como contador, foi isso mesmo. Interpretar... Não tem como ser contador de história e não ler e não gostar de ler porque você vai tá lendo o tempo todo Guimarães Rosa e também é bom ler outros autores pra não ficar preso só em Guimarães Rosa. A gente aprende muito a desenvolver como contador de história e agora pessoal... Tem um monte de coisa: ter muita responsabilidade, porque ser Miguilim tem várias coisas. Ir no Museu, nas reuniões, chegar no horário das viagens, tem que estar com os textos decorados em dia, a gente aprende a ter responsabilidade. A gente aprende a conversar com as pessoas porque no Museu a gente tá em contato com várias pessoas. Então a gente tem que saber conversar com gente de diferentes opiniões, diferentes culturas, diferentes lugares. A gente fica muito educado, porque no Museu não são todos os turistas que são educados com a gente e a gente tem saber se equilibrar, ser educado, simpático com os turistas. No Grupo a gente aprende vários valores, faz amizades e com elas a gente aprende. Eles ajudam a gente” (Chico).*

Quanto à seleção dos textos para serem decorados e contados existem fatos que nos chamam a atenção. Textos considerados simples como “A Miopia de Miguilim” ou a “Autobiografia infantil de Guimarães Rosa” parecem ser contados por todos os membros do Grupo. No entanto comentam que, mesmo não tendo certezas de como as formadoras selecionam os textos e definem quais serão os Miguilins responsáveis pelos mesmos, lhes parece que as formadoras já os conhecem tão bem que sabem suas maiores dificuldades e habilidades e que em função disso recebem

textos. Além disso, também pedem e escolhem textos por interesse, ou por reconhecerem que os mesmos requerem habilidades expressivas que possuem.

80. *“Na Semana Roseana a Elisa me deu um texto do Hermógenes porque é um homem de fúria e ela mesma me falou que eu tenho essa expressão de raiva boa e tenho a voz muito grossa na narração de histórias. Então por isso que ela me deu esse texto, porque o texto precisa de raiva” (Kika);*

70. *“(...) eu não sei como elas definem cada texto. Eu acho que a medida que elas vêem que ta melhorando ela vai dando os textos que elas acham que a gente dá conta e vai treinando com a gente” (Bia);*

Ainda em relação ao processo de formação, observamos diferenças entre os relatos dos entrevistados e o que ocorre atualmente com o novo grupo, uma vez que oficinas de formação do grupo atual foram acompanhadas pela pesquisadora. A Dra. Calina, por problemas de saúde, não tem participado do trabalho de formação. A formadora Lúcia, nesse momento, não exerce sua atividade iniciadora junto aos Miguilins, sendo o trabalho de formação inicial dividido entre as formadoras Elisa e Dôra.

O que se perpetua durante o exercício da práxis Miguilim são as frequentes reuniões dos mesmos com as formadoras, para exercitarem a expressão vocal, corporal e prepararem novos textos seja para apresentações especiais como as realizadas durante a Semana Roseana, seja para contarem aos turistas que visitam o Museu Casa Guimarães Rosa. Nesse sentido, a trajetória histórica de formação dos integrantes do Grupo nos mostra um processo de profissionalização onde há, ao longo do tempo, a passagem de uma ação pontual para uma prática estabelecida, chegando a uma práxis. E quando nos referimos a uma práxis estamos falando da observação de reflexões sobre as próprias práticas ao longo dos anos, de rituais e hierarquias estabelecidas, e de uma formação continuada. Verificamos que os Miguilins veteranos participam do processo de formação dos novatos e ao mesmo tempo modificam, aperfeiçoam, melhoram sua prática e, desse modo, formam-se continuamente.

Além disso, aos nossos olhos, é bastante nítido o fato de que são adolescentes como quaisquer outros que demonstram isso no gosto pela televisão, pelas novelas, pelos programas de fofoca, pelas novidades dos artistas, pelo interesse nas tecnologias digitais, pela necessidade de bater-papo virtualmente por meio de sites ou programas de relacionamento como *MSN Messenger* e *orkut*. Que gostam de se divertir com aquilo que a cidade onde vivem tem a oferecer: esportes, clube, sorvete, conversa com os amigos, viagem com a família e o Grupo. Que em meio a tantas diferenças, passam por um processo de formação único e de sucesso, que “produz” Contadores de Estórias capazes de encantar a todos aqueles que conhecem e que se sensibilizam com a beleza da literatura rosiana.

3.3 – AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS INTEGRANTES DO GRUPO “CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”.

Impossível não afirmar que esse é um grupo de jovens adolescentes leitores. As respostas relacionadas à leitura, ao gosto pela leitura, aos hábitos de leitura nos mostram adolescentes que lêem. Mas lêem o que? Para quê? Por quê? Como? Quando? Muitas questões de difícil resposta, mas que podem ser discutidas e trabalhadas com base nas entrevistas gerais.

O gosto pela leitura é muitas vezes declarado, mas interessante são as justificativas à pergunta: Por que você gosta de ler? Uma relação com a escola é marcada. Respostas do tipo - eu gosto de ler porque essa é uma atividade que me proporciona prazer, lazer, diversão – não aparecem com frequência. O gosto pela leitura relaciona-se muito mais ao aprendizado, ao entendimento e à compreensão de conhecimentos do que ao entretenimento (**Extratos 2, 3 e 4**). Mesmo quando a

curiosidade, o interesse, a “viagem”, as “aventuras”, as descobertas são citadas, o conhecimento e o aprendizado não deixam de ser mencionados.

Extrato 2: Trecho da entrevista geral de Sarah em que a mesma justifica seu gosto pela leitura.

31. Pesq: Você gosta de ler?
32. Sarah: Gosto
33. Pesq: Por que?
34. Sarah: E [Silêncio]..
35. Pesq: O que que a leitura te proporciona?
36. Sarah: *Eu percebi que na leitura, cada vez que você lê você sempre aprende mais. Quando você gosta de um livro e fica lendo o livro você entra numa aventura. Com a leitura seu vocabulário fica melhor. Não sei. (Sarah).*

Extrato 3: Trecho da entrevista geral de Chico em que o mesmo justifica seu gosto pela leitura.

40. Pesq: Você gosta de ler?
41. Chico: *Gosto. Porque antes de entrar pro Grupo eu tinha muita preguiça de ler, mas depois que eu entrei pro Grupo eu passei a ler com mais frequência. Lendo eu viajava. Quando eu via já tava descobrindo um monte de coisas, frases. Adorava ler, marcar e depois copiar a parte que eu mais gostava. Aí passei a gostar de ler pra viajar mesmo. (Chico).*

Extrato 4: Trecho da entrevista geral de Lívia em que a mesma justifica sem gosto pela leitura.

43. Pesq: Você gosta de ler?
44. Lívia: *Gosto. Dependendo do que eu vou ler, leio por interesse ou curiosidade. Mas tem livros que as pessoas indicam e eu fico querendo ler pra eu conhecer. Leio mais por curiosidade e pra aprendizagem porque tem coisas que a gente aprende. (Lívia).*

Mas exceções existem. Nina declara não ser boa aluna (**Extrato 5**), diferentemente de todos os outros entrevistados, e podemos inferir que em função dessa sua afirmação, sente-se a vontade para dizer que gosta de ler um único autor e que todo o restante que lê é por obrigação escolar (**Extrato 6**). Declara ter consciência de que a leitura desse único autor não lhe ajuda na escola, pois a mesma lhe exige a leitura de livros que possuem um “*potencial maior*”. A seqüência da entrevista, cujo assunto é leitura, é bastante interessante e particular.

Extrato 5: Trecho da entrevista geral de Nina em que a mesma declara não se considerar uma boa aluna.

31. Pesq: Você se considera uma boa aluna?
32. Nina: Não.

Extrato 6: Trecho da entrevista geral de Nina em que a mesma responde as questões sobre leitura.

39. Pesq: Você gosta de ler?
40. Nina: *Um pouco.*
41. Pesq: O que você gosta de ler?
42. Nina: *Paulo Coelho.*
43. Pesq: E por que?
44. Nina: *Sei lá. Os livros dele me chamam atenção.*

45. Pesq: Tem mais alguma coisa que você lê?
46. *Nina: As vezes eu pego um livro aqui do Guimarães Rosa.*
47. Pesq: O que você não gosta de ler?
48. *Nina: Romance. Aqueles livros que no início ta tudo bom e depois o romance não dá mais certo. Aí eu não gosto de ler não.*
49. Pesq: A escola cobra a leitura de livros de você?
50. *Nina: Cobra. Todo bimestre a gente lê um livro e nesse bimestre a gente vai ler dois.*
51. Pesq: Quem pede essa leitura?
52. *Nina: A professora de Português.*
53. Pesq: Só ela que exige essa leitura?
54. *Nina: É.*
55. Pesq: Tem alguma coisa que você não gosta de ler além dos romances?
56. *Nina: Não.*
57. Pesq: Quando você ta lá dentro da escola, o que você gosta de ler?
58. *Nina: Alguns textos que tem nos livros de Português, de Ciências, de Geografia. Os professores mandam a gente ler e eu gosto.*
59. Pesq: Textos dos livros didáticos?
60. *Nina: É.*
61. Pesq: E fora da escola, só os livros do Paulo Coelho?
62. *Nina: É*
63. Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola, ajuda você na escola?
64. *Nina: Não.*
65. Pesq: Por que não?
66. *Nina: Eles mandam a gente lê outros livros que tem lá na escola e eu gosto de pegar os do Paulo Coelho. Porque, sei lá. Eu prefiro ele, mas cobram de mim outros livros que tem lá. Geralmente quando eu vou pegar livros lá, eu pego livros pequenos, porque eu não gosto de ler muito.*
67. Pesq: Por que você acha que esses livros não te ajudam na escola? O que tem neles de diferente dos livros da biblioteca?
68. *Nina: Nada. Eles são iguais. Mas eu acho que não me ajuda porque as vezes eles me pedem pra ler um livro que tem um potencial maior que Paulo Coelho e eu não gosto.*
69. Pesq: Como assim, potencial maior?
70. *Nina: Que exige maior concentração nas palavras.*
71. Pesq: Você lê sempre?
72. *Nina: Não, só quando pede na escola.*
73. Pesq: Mas e os livros do Paulo Coelho que não pede na escola?
74. *Nina: Aí eu leio de vez em quando. Leio uma parte, paro, leio uma parte, paro e assim vai até eu terminar.*

Fred é outra exceção e a seqüência de sua entrevista sobre o mesmo assunto é interessante, sendo que em alguns momentos nos parece confuso. O que significa fazer da leitura um hábito? Ler um livro a cada dois meses não é hábito? Vejamos o

Extrato 7.

Extrato 7: Trecho da entrevista geral de Fred em que o mesmo responde às questões sobre leitura.

39. Pesq: Você gosta de ler?
40. *Fred: Eu leio muito, mas gostar, gostar demais, não. Eu leio bastante, mas gostar porque é meu hobby gostar de ler, não.*
41. Pesq: Por que você não gosta?
42. *Fred: Eu leio mais jornal, revista. Livro...*
43. Pesq: A leitura que você ta falando que não gosta muito é a leitura de livro?
44. *Fred: De livro. Livro muito grande. Eu não dou muito certo. Gosto de ler jornal, revista, todo dia, mas de livro...*

45. Pesq: Que tipo de jornal e revista?
46. *Fred: Eu gosto de ler jornal sobre cultura, o Gerais do Estado de Minas, revista Veja, Época, Isto É.*
47. Pesq: Onde que você pega essas revistas?
48. *Fred: As vezes em casa. Compra jornal Super de 25 centavos. Revistas na escola, na biblioteca da escola.*
49. Pesq: A escola cobra a leitura de livros?
50. *Fred: Cobra.*
51. Pesq: E aí como é que você faz?
52. *Fred: Aí eu leio. Porque não é que não gosto de ler. É porque tem livro que é bom e é ruim. Tem livro que te prende e você vai até o final e quer saber o final da história. Mas tem livro que não dá. É ruim o início e aí você não quer ler o restante.*
53. Pesq: Mas aí na escola, como é que você faz?
54. *Fred: Aí eu leio. Mesmo que não goste, eu leio até o final. Eu preocupo muito com isso. Nota no final do bimestre.*
55. Pesq: Quando, você tá lá dentro da escola, o que é que você gosta de ler?
56. *Fred: Eu leio só quando o professor me pede pra ler. Alguns exercícios que tem que ler, as questões, mas ler mesmo dentro da escola...*
57. Pesq: Livro didático, então só.
58. *Fred: Enunciado de exercício, texto pro professor.*
59. Pesq: Quando você tá fora da escola, tem algum tipo de livro que te atrai mais?
60. *Fred: Livro de aventura.*
61. Pesq: Essas leituras que você faz, ajudam você na escola?
62. *Fred: Quase sempre ajudam. Tem muito tema que eles abordam na escola sobre os jornais. Tem texto que tem que recortar palavras de jornais e revistas.*
63. Pesq: Você lê sempre? É um hábito?
64. *Fred: É. A leitura de jornal e revista. Livro eu leio de mês em mês, de dois em dois meses.*

A relação íntima da escola com a leitura no Grupo Miguilim não finda nesse ponto. Opiniões diferentes quanto ao conceito de leitura aparecem nas entrevistas.

Alguns entrevistados relacionam a palavra leitura à expressão leitura literária, compreendendo ambas como sinônimos. Ana, ao afirmar que “*não lê nada na escola*”, nos faz pensar e questionar o que esse Grupo entende por leitura? Leitura é só leitura de livros literários? A leitura dos livros didáticos não é leitura? A leitura dos textos jornalísticos dos jornais e revistas não é leitura?

Se, para Ana, na escola não se lê nada e a palavra leitura nos parece ser colocada como sinônimo de leitura literária, qual é o lugar e o tempo que a leitura literária ocupa na escola? Esse tempo e lugar existem?

Nesse sentido refletimos sobre o papel e a importância atribuída às aulas dos professores de Língua Portuguesa e às bibliotecas escolares, muitas vezes mencionados pelos Miguilins. Pelo que se pode perceber nas falas dos entrevistados,

esses são os espaços escolares onde a leitura literária é recomendada, discutida, debatida, avaliada. Mas o tempo dedicado a leitura literária acontece em casa. Quando a leitura literária acontece no tempo escolar, ela se restringe aos textos literários didatizados, transferidos dos livros literários para os livros didáticos. Nada muito diferente do que se conhece das escolas em geral.

Alguns outros Miguilins entrevistados parecem entender a palavra leitura como leitura de todo e qualquer suporte que possua texto e que seja possível de ser lido. Nesse sentido, afirmam ler na escola e em outros espaços, textos dos livros didáticos, textos jornalísticos dos jornais e revistas, livros literários. Assim, inferimos que para esses integrantes do Grupo Miguilim a leitura é um conceito geral, uma prática que se aprende na escola, que é valorizada pela escola, mas que se aplica aos mais diferentes textos e contextos sociais.

Em meio a tantas observações, respostas e opiniões diferentes, divergentes, mas, ao mesmo tempo, em certos pontos, semelhantes e convergentes, fica bastante complicado concluir, definir o que vêm a ser as práticas de leituras dos integrantes do Grupo Miguilim. No entanto, nos atrevemos a afirmar que a leitura, processo aprendido na escola, ensinado pela escola, marca a vida desses adolescentes de sucesso escolar.

3.4 – A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA DOS MEMBROS DO GRUPO “CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”.

Compreender se as práticas de leitura dos textos rosianos influenciam ou não o processo de educação científica dos integrantes do Grupo Miguilim foi o grande objetivo proposto por essa pesquisa. Conseguimos, até o momento, percorrer a trajetória histórica desse Grupo, delinear o perfil sócio-cultural de seus integrantes, e

traçar marcas que nos ajudaram a entender as práticas de leitura exercidas pelos mesmos.

No entanto, alcançar o objetivo maior traçado exigiu, como isto anteriormente no Capítulo 2, a elaboração de uma metodologia de pesquisa específica, particular. Desse modo, realizamos entrevistas específicas com as seis Miguilins voluntárias, estudantes do ensino fundamental e transcrevemos as mesmas (**Anexo H**).

As entrevistas específicas foram analisadas e interpretadas utilizando-se o instrumento da Análise de Discursos. Estudamos primeiramente as entrevistas e, após esse estudo, verificamos dois conceitos chave que nos auxiliariam na interpretação e análise das mesmas: a condição de produção do discurso e a interdiscursividade (ORLANDI, 2007).

Segundo Orlandi (2007), as condições de produção do discurso podem ser consideradas em dois sentidos: um sentido estrito e outro amplo. A autora nos apresenta o conceito da seguinte forma:

“Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2007, p.30).

A condição de produção do discurso foi a entrevista específica realizada pela pesquisadora, entrevista essa que fugia de dois outros contextos marcantes na vida sócio-cultural e histórica desses Miguilins: a instituição escolar formal e o Grupo “Contadores de Estória Miguilim”. Esses dois outros locais que produzem um discurso próprio e que impõem condições específicas para que os Miguilins produzam seus discursos não poderiam ser desconsiderados na análise das entrevistas específicas.

Contudo, tão importante quanto não desconsiderar essas duas instituições citadas é demarcar a condição de produção dos discursos das seis Miguilins entrevistadas. A pesquisa e a pesquisadora foram muito bem recebidas pela comunidade do MCGR e da AAMCGR. O diretor do MCGR, Ronaldo Alves de Oliveira, incentivou a participação voluntária dos Miguilins e a autorização dos pais dos mesmos com o discurso de que seria realizada, uma pesquisa científica sobre o Grupo que, até então, nunca havia sido estudado. O discurso de incentivo passou também pelo fato de que a pesquisa, aprovada pela UFMG, estaria produzindo um documento escrito e de alto valor para aquelas instituições cordisburguenses. Vejamos trechos da Ata de apresentação da pesquisa aos pais dos Miguilins:

“Ronaldo comenta da importância do trabalho para a AAMCGR e para o MCGR por ser um trabalho científico e acadêmico voltado para o Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”. Ressalta que é importante por produzir um documento respaldado pela universidade. Destaca que no futuro pode servir de fonte de pesquisa para outras pessoas, inclusive para os próprios Miguilins”. (...) “Ronaldo destaca que o trabalho da Gilmara é diferente do trabalho de um jornalista porque os Miguilins serão alvo de um estudo científico, fazendo com que a dimensão do mesmo seja mais importante e interessante”.

Nesse sentido, impossível não argumentar que o discurso proferido pelas entrevistadas no momento da entrevista específica é um discurso que procura atender ao significado da palavra científico. Feliz ou infelizmente essa é uma palavra que afirma e atesta sobre qualidade, autenticidade, confiabilidade. Nossa sociedade capitalista crê na ciência, e o discurso do cientificamente comprovado é o que possui validade na grande maioria das instâncias sociais.

Importante também demarcarmos o fato de que estamos lidando com jovens que se auto-declaram bons alunos, ou seja, que carregam uma bagagem escolar de sucesso, que possuem credibilidade perante a instituição social responsável pela transmissão do conhecimento cientificamente produzido: a escola. O discurso

proferido pelas entrevistadas e analisado pela entrevistadora não poderia desconsiderar esse fator.

A questão da participação voluntária é um outro fator da condição de produção do discurso a ser pontuado durante a análise da entrevista específica. É preciso ressaltar que por serem voluntárias as entrevistadas engajaram-se pessoalmente e produziram um discurso diferente daquele que seria produzido numa situação de imposição, por exemplo. Não foi exigido nada a cada uma, não foi prometido nenhum retorno e não houve nenhuma promessa de recompensa.

Outro fator a ser pontuado para a compreensão das condições de produção do discurso é o fato da entrevistadora já ser conhecida e reconhecida pelo Grupo. A entrevistadora já havia sido apresentada à comunidade pela Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais (SUM/ MG), como aluna de mestrado da UFMG. Já havia tido contatos anteriores com a comunidade durante as Semanas Roseanas de 2005, 2006 e 2007. Portanto, impossível não considerar que relações de poder se estabeleceram por ser a UFMG a instituição de referência em Minas Gerais em termos de ensino e pesquisa, e por ser a SUM/ MG o órgão que auxilia na manutenção do MCGR.

O Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”, que é outra instância de produção de um discurso específico é lembrado. Para ser Miguilim não basta aprender a contar histórias, é preciso ser comprometido, pontual, responsável, bom aluno, ou seja, ser “*espelho*” e referência para os demais jovens da cidade de Cordisburgo (**Extrato 8**). Como Ana mesmo nos relata em sua entrevista geral:

Extrato 8: Trecho da entrevista geral de Ana em que a mesma afirma que ser Miguilim é ser referência para os demais jovens da cidade de Cordisburgo.

85. Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você se tornou Miguilim?
86. Ana: “(...) A Calina sempre falava que ser Miguilim é ser o espelho da cidade. As pessoas vêem a gente diferente.
87. Pesq: Eles quem? Quem vê vocês com outros olhos?
88. Ana: *As pessoas, a comunidade aqui de Cordisburgo. Vêem a gente como espelho da cidade. (...) Miguilim não pode ficar bebendo muito, não pode ficar fumando, porque a Calina sempre falou que Miguilim é o espelho da cidade e que as pessoas espelham-se na gente*”(Ana).

Desse modo, demarcar a condição de produção do discurso das Miguilins entrevistadas é também considerar essa instituição presente na vida das mesmas. Instituição essa que cobra o comportamento exemplar, a responsabilidade e o sucesso escolar.

Por, necessariamente, considerarmos essas outras instituições de produção de discurso é que o conceito de interdiscursividade foi fundamental para a análise das entrevistas específicas. Compreendemos o interdiscurso conforme o conceito de Orlandi (2007, p.31):

“A memória (...) tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discurso que torna possível todo dizer e retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.”

Diante do contexto acima explicitado, começamos a apresentar cada uma das seis Miguilins entrevistadas, suas respostas e as análises feitas utilizando-se a Análise de Discursos e os dois conceitos chave comentados.

3.4.1 - As Miguilins entrevistadas

Nina, Ana, Kika, Lívia, Bia e Isa são todas alunas da oitava série de uma escola pública de Cordisburgo/ MG. Todas estão na faixa etária correspondente ao

ano escolar: 14 ou 15 anos. Todas são acompanhadas pela formadora Elisa Almeida nos encontros quinzenais do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”.

Para a realização das entrevistas específicas, levamos para as Miguilins o livro e o texto didático literário elaborado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo”, que aborda aspectos pertinentes e científicos identificados na obra de Guimarães Rosa: natureza e transformação, sendo indiscutível a importância desses temas no contexto da obra rosiana. O livro e o texto foram lidos pelas Miguilins estudantes do ensino fundamental em momentos distintos. Não tivemos acesso à leitura do livro, pois quando essa aconteceu, realizou-se nas residências das participantes da pesquisa. A leitura do texto envolveu primeiramente uma leitura silenciosa ou oral que as permitisse entrar em contato pela primeira vez com o texto. Em seguida, as entrevistamos para que pudéssemos perceber ou não o reconhecimento dos elementos científicos presentes no texto e assim chegarmos ao objetivo da pesquisa: o processo de educação científica dos integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim”. Por último, a narração de um trecho do texto com o objetivo de tentarmos perceber se existia ou não a transposição para a leitura de outro texto características da narração de histórias, da narrativa, da oralidade e da interpretação trabalhadas na práxis Miguilim.

As entrevistas foram interpretadas e analisadas sem que fosse seguida a ordem cronológica de realização das entrevistas. Selecionamos duas entrevistas para analisar primeiramente: a entrevista de Nina, por ser a mais curta e a mais marcada por respostas do tipo “Não sei”, “Nunca pensei nisso”; e a entrevista de Ana por ser a mais longa. As demais entrevistas analisadas em seguida não obedeceram a critérios pré-estabelecidos. Diante disso, optamos por apresentar os resultados das mesmas, seguindo a seqüência de análise.

● Nina

Nina é um caso bastante particular dentro do Grupo Miguilim. Dentre todos os entrevistados, foi a única que não se declarou uma boa aluna na entrevista geral. Interessante é que Nina aponta quais deveriam ser os critérios para rotular um aluno desse modo, mas reconhece que não atende aos requisitos citados (**Extrato 9**).

Extrato 9: Trecho da entrevista geral de Nina em que a mesma apresenta os requisitos necessários para se ser considerado um bom aluno.

31. “Pesq: Você se considera uma boa aluna?
32. *Nina: Não.*
33. Pesq: Por que?
34. *Nina: Porque às vezes eu converso bastante e as professoras ficam chamando minha atenção. Elas falam com minha mãe e ela xinga pra caramba. É isso.*
35. Pesq: O que é que um bom aluno tem que ter?
36. *Nina: Eu acho que ele tem que cumprir com todas as coisas. Não pode conversar em sala de aula quando a professora estiver explicando a matéria, ter boas notas, ter um comportamento bom.*
37. Pesq: E você não se considera uma boa aluna porque você não atende a todos esses requisitos?
38. *Nina: Não [Risos]” (Nina).*

Como já comentado, sua entrevista segue a seqüência de procedimentos estabelecidos para a realização da entrevista específica. Para que fique bastante claro, vejamos um exemplo da explicação inicial (**Extrato 10**) durante a entrevista da Nina.

Extrato 10: Trecho da entrevista específica de Nina que exemplifica a explicação inicial da pesquisadora sobre a entrevista.

1. Pesq: Bom dia!
2. *Nina: Bom dia!*
3. Pesq: Hoje a nossa conversa vai ser um pouco diferente da primeira. Eu trouxe pra você esse texto que é uma adaptação do livro O Tesouro do Quilombo. O livro foi escrito pelo professor Ângelo Machado. Ele é especialista em insetos do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG e ele já há alguns anos escreve livros de literatura infanto-juvenil. O Tesouro do Quilombo é um deles. Esse texto é uma adaptação que eu fiz, então tem duas cores de letras no texto. Uma mais escura e uma mais clara. A mais escura fui eu que escrevi. O que está mais claro foi retirado do livro na íntegra. Esse trecho foi tirado por completo do livro. A idéia é que você leia esse texto, ao final dessa leitura a gente conversa um pouco sobre ele. Eu tenho algumas perguntas para fazer. Quando você terminar essa parte da entrevista, a idéia é que você escolha um trecho do texto, se prepare, decore e conte pra mim, como você tem o costume de fazer como Miguilim. Aí o trecho é o que você quiser, do tamanho que você quiser. Isso não importa e é pro final. Então, não precisa ficar preocupada com isso agora. Também não precisa ficar preocupada com as respostas das perguntas que eu tenho pra fazer, porque pra essas perguntas não existem respostas certas ou erradas. O importante é que você fale pra mim aquilo que vier à sua cabeça. Vamos começar a leitura então?
4. *Nina: Vamos.*

Após essa explicação, Nina inicia a leitura do texto silenciosamente, sem questionar se a leitura deveria ser ou não silenciosa. Propositamente, não explico inicialmente a nenhuma das entrevistadas como deveria ser essa leitura do texto, aguardando uma reação das entrevistadas.

No entanto, Nina inicia a leitura silenciosa, sem questionamentos, segurando o texto e gesticulando os lábios sem emitir sons. O texto de seis páginas é lido em 33 minutos e após a leitura, inicio as questões.

Nina não leu o livro “O Tesouro do Quilombo” que ganhou de presente e justifica o fato por não ter tido tempo, uma vez que estava preparando muitos trabalhos para a escola. Quando questionada sobre a leitura do texto comenta que gostou e que achou interessante o que entendeu. Analisando, essa primeira passagem da entrevista, temos que, para Nina, leitura precisa de tempo, precisa proporcionar entendimento e precisa ser interessante.

O que chama sua atenção no texto é o índio e a maneira como se veste. Mas a resposta ao questionamento vem acompanhada de um silêncio, como se não soubesse ou não quisesse responder algo além.

As perguntas relacionadas aos temas e conceitos científicos pré-definidos – natureza, vida, biodiversidade transformação (englobando os temas preservação, extinção, ciclos) e ecossistema – trouxeram respostas interessantes que nos fizeram refletir sobre as diferentes instituições que influenciam a produção do discurso e o processo de educação científica dessa Miguilim e das demais.

Respostas do tipo – 23. “*Ai! O que significa? [Silêncio] Sei lá. Não sei não*”; 37. “[*Silêncio*] *Sei lá! Vida pra mim! Eu não sei o que significa vida pra mim não. [Risos]*”; 41. “*Ai! Nada. Não vem nada na minha cabeça*”; 53. “*Não sei. Eu já ouvi falar na palavra, mas o que é eu não sei não*” – foram comuns durante toda a

entrevista específica realizada com Nina o que fez da mesma um importante ponto de partida para refletir sobre o discurso e as diferentes influências sobre a produção dele. Se considerarmos que o contexto analisado, ou seja, a entrevista específica realizada por uma pesquisadora, foge às outras duas instituições de produção do discurso no qual a Miguilim se insere - a escola e o Grupo – poderemos observar a presença e a ausência de ambas no discurso produzido pela Miguilim.

Nina, exerce sua práxis Miguilim, e se o contexto de produção do discurso fosse o Grupo, inferimos que provavelmente teríamos respostas diferentes para cada uma das questões. Assim como no contexto escolar, inferimos que teríamos também respostas diferentes, mesmo se considerarmos que Nina não se declara uma boa aluna.

O ambiente escolar impõe um discurso diferente diante de questões sobre temas científicos ensinados e aprendidos na escola. No entanto, quando anuncio que para as questões propostas não existem respostas certas ou erradas dou liberdade para que a Miguilim coloque-se e produza um discurso muito próprio.

Nina declara não saber, não ter aprendido, não se lembrar dos temas e conceitos científicos abordados no ambiente escolar. Ou, então, se esquivava, se recusa a responder aos questionamentos propostos, não se permitindo ser entrevistada, não revelando seus pensamentos. Podemos refletir que o contexto de produção do discurso, a entrevista específica, não mostra à Miguilim o tipo de resposta que é esperado dela e, assim, há uma recusa expressada em respostas do tipo: 27. *Não*; 39. *Não. Nunca parei não*; 63. *Eu acho que não*.

Além disso, verificamos uma exclusão de si própria no discurso produzido quando não se coloca, mas afirma 61. “(...) *Eles falam direto. Eu vejo quando passo nas salas (...)*”. Assim, nos parece que Nina, na entrevista, declara não pertencer ao ambiente escolar, não incorpora o discurso produzido na escola, não se integra, não

faz parte, ainda que lhe seja possível ouvir e ver o que acontece e é falado nesse ambiente.

O interessante é que as perguntas são direcionadas ao sujeito, à entrevistada - 36. “Pra você, o que significa vida?” ou 48. “Você já ouviu falar na palavra biodiversidade?” – mas as respostas, o discurso, como observado acima, nos remetem a alguém que não fala com suas próprias palavras, mas usa aquelas já prontas proferidas por outras pessoas em ambiente aparentemente desconhecido. E podemos supor que a escola e a sala de aula não são ambientes desconhecidos para Nina, mas ela remete-se a eles sem posicionar-se.

Outro fato que nos chama a atenção é o conceito de transformação de Nina. Pergunto: 66. “Pra você, o que é transformação? A palavra transformação no sentido de mudanças da natureza”. Nina responde: 67. “Mudar... Mudar o jeito das pessoas de cuidar da natureza”. Desse modo, observamos que, mesmo após anunciarmos o que estamos chamando de transformação, a entrevistada relaciona o conceito aos seres humanos exclusivamente (**Extrato 11**). Mesmo afirmando na pergunta tratarmos de mudanças da natureza, quem deve mudar, para Nina é o ser humano e seu comportamento frente à natureza. Mas, ao pedir um exemplo de transformação da natureza presente no texto, Nina muda seu conceito e anuncia um trecho que informa como as mudanças da paisagem natural ao longo dos anos não impediram os personagens da história de descobrirem o tesouro.

Extrato 11: Trecho da entrevista específica de Nina em que a mesma apresenta seu conceito de transformação.

- | |
|--|
| <p>66. “Pra você, o que é transformação? A palavra transformação no sentido de mudanças da natureza?”</p> <p>67. <i>Mudar... Mudar o jeito das pessoa de cuidar da natureza.</i></p> <p>68. Então pra você transformação da natureza seria mudar o jeito das pessoas?</p> <p>69. <i>É.</i></p> <p>70. Jeito de fazer o que?</p> <p>71. <i>Não desmatar, não cortar as árvores. Eu acho isso.</i></p> <p>72. Você já leu algum texto ou livro que fale desse tema, transformação?</p> <p>73. <i>Não.</i></p> <p>74. O texto que você acabou de ler traz exemplos de mudanças que acontecem na natureza?</p> |
|--|

75. Fala.
76. Me dá um exemplo?
77. Ah. Tem uma parte que fala que mudou totalmente o jeito da natureza. Que eles vão procurar o tesouro e mudou o jeito mas ainda dá pra distinguir” (Nina).

Desse modo, observamos duas situações distintas. No primeiro momento, Nina se coloca, dá sua opinião, produz um discurso próprio. No segundo momento, remete-se ao texto para responder à questão, pois essa seria a resposta mais adequada, mesmo que contraditória à primeira colocação.

Quando pergunto se reconhece exemplos de ecossistemas no texto, Nina demonstra dificuldade: 87. “[Silêncio] Eu posso explicar o que pra mim é ecossistema?”. Nina, enquanto sujeito sócio-histórico, pertencente a instituição escolar e ao Grupo Miguilim que sempre lhe cobra uma resposta adequada, demonstra dificuldade em responder ao se colocada num contexto terceiro, criado especificamente para a realização da pesquisa. Desse modo, questiona se pode se colocar autonomamente. Ao se colocar, não se prende ao fato de ser a aluna Nina, nem a Miguilim Nina. Coloca-se simplesmente como Nina e cria um conceito próprio, associando o mesmo à primeira definição de transformação (**Extrato 12**):

Extrato 12: Trecho da entrevista específica de Nina em que a mesma apresenta seu conceito de ecossistema.

86. “Você reconhece exemplos de ecossistemas que aparecem no texto, se é que eles aparecem?
87. [Silêncio]. Eu posso explicar o que pra mim é ecossistema?
88. Claro.
89. A mudança do mundo. Mudar a cabeça das pessoas”. (Nina)

Ao falar sobre a mensagem deixada pelo texto, nos faz refletir sobre o didatismo do mesmo. 93. (...) *O jeito que fala no texto parece que é pra gente cuidar mais da natureza*”. O texto deixa uma mensagem para Nina, uma mensagem que se aproxima de um ensinamento, uma lição semelhante àquela que é proferida pela escola, ao levantar a bandeira da preservação do meio ambiente.

Terminam as questões e Nina escolhe um curto trecho de texto para narrar. Prepara-se muito rapidamente (6 minutos) e narra duas frases sobre o ninho do pássaro joão-graveto.

A transposição da habilidade de ler, decorar, interpretar e narrar é transferida da prática Miguilim para um texto diferente. Esse fato é observado quando analisamos a postura e a entonação da voz.

● Ana

Ana é uma das entrevistadas mais falantes, expressivas e comunicativas. Diante disso, sua entrevista foi a mais extensa. Ao contrário do que fiz com Nina, não anuncio na explicação inicial de todo o procedimento da entrevista que não existirão respostas certas ou erradas às questões. Fato que necessariamente precisa ser mencionado, pois traz para a entrevista mais um elemento que precisa ser considerado na análise de discursos produzidos.

Ana, antes de começar a leitura, questiona se a mesma precisa ser feita em voz alta: 6. “*Lê alto?*” Explico que a leitura deve ser realizada do modo que ela considerar melhor para seu entendimento e Ana se explica: 8. “*Eu prefiro ler alto porque eu entendo. Pode, não é?*” Assim, Ana pega um lápis para acompanhar o texto, pronuncia corretamente as palavras, coloca diferentes entonações nos diálogos entre os personagens, faz exclamações e o mais interessante é que o tom de voz usado durante a leitura é um tom diferente daquele usado para conversar durante a entrevista. A leitura não parecia ser para que eu ouvisse, mesmo estando ao seu lado. Sua leitura para si mesma é em um tom de voz baixo, mas que me permite ouvi-la

com muita clareza. Realiza uma leitura rápida, sem deixar de pronunciar nenhuma palavra.

Após 20 minutos, Ana termina a leitura e início as questões. A leitura enquanto entendimento é presente em sua fala, mas esse entendimento depende de uma leitura específica: a leitura em voz alta. Além disso, comenta que a facilidade de leitura de um texto ou de um livro associa-se à linguagem e ao níveis de detalhes. Assim, o texto didatizado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo” é mais fácil de ler, porque possui menos detalhes que o livro, e traz um resumo da história completa.

Ana leu o primeiro capítulo do livro e justifica-se ao colocar que achou um pouco difícil a linguagem. Em seguida, afirma que todo livro em seu início “é um pouco difícil”. Coloca que a leitura do livro e do texto são leituras diferentes, pois o texto possui menos detalhes da história e facilita o entendimento. Mesmo não tendo lido o livro todo, reconhece no texto trechos que podem ter sido resumidos do livro. Desse modo, reconhece diferenças entre os suportes livro e texto, ou seja, os diferentes gêneros textuais utilizados em cada um deles (**Extrato 13**).

Extrato 13: Trecho da entrevista específica de Ana em que a mesma reconhece a reformulação do livro em um texto.

- | |
|---|
| <p>12. Você leu o livro?
13. Não. Eu li só o primeiro capítulo. Esse aqui, ó.
14. Esse início você gostou?
15. Gostei... Mais ou menos porque no início fica meio confuso. Qualquer livro quando a gente pega a gente acha assim... A linguagem é um pouco difícil, mas deu pra entender bem.
16. Você achou a linguagem um pouco difícil?
17. Sim. Muito detalhe, né. Esse texto dá pra gente entender mais. Até na parte que você escreveu, deu uma resumida no livro que tem muito detalhe e nessa parte. Foi pra entender.
18. Foi diferente do livro?
19. Foi.
20. Em que sentido foi diferente?
21. No sentido dos detalhes porque tem um resumo nas partes do negrito. Aqui “Meri-Buttu conta aos meninos a história do negro Ambrósio”. Não sei, essa parte eu não cheguei, mas deve estar contando todos os detalhes e aqui faz só um enxugada mesmo do texto.</p> |
|---|

Além disso, ao final da entrevista, nos conta que uma de suas colegas, Bia, lhe incentivou a ler o livro, assim como Ronaldo, diretor do MCGR. Conta-nos que leitura exige tempo e deve gerar entendimento.

Quando pergunto qual o trecho do texto que mais lhe chamou a atenção, associa o “chamar a atenção” à passagem que mais gostou do texto. Incorpora e reconta sem precisar ler o texto novamente.

Ao ser perguntada sobre o conceito de natureza, responde:

25. *“Natureza, são as árvores, os animais, os córregos. São isso. O que... biodiversidade. Ai meu Deus! Porque todo mundo quando pensa em natureza, pensa em árvores, o que tem dentro de uma floresta, são os córregos, as árvores as cachoeiras, os animais em geral. Todos. Aves, insetos, peixes, cobras. Eu acho que natureza pra mim é isso. São um quantidade de coisas criadas por Deus. Eu acho que são só assim para nosso melhoramento, porque sem árvore a gente não respira. Sei lá, acho que é isso” (Ana).*

Ao dizer que *“todo mundo quando pensa em natureza, pensa em árvores”*, Ana justifica e critica sua própria resposta ao se colocar junto de “todo mundo”. Mas, quem é todo mundo? No entanto, modifica sua resposta para se colocar e falar por si só afirmando *“Eu acho que natureza pra mim é isso. São uma quantidade de coisas criadas por Deus”*.

A escola, como grande referencial de leitura, é lembrada na resposta à questão:

26. *“Você já leu algum texto ou livro que ajudou você a entender o que é natureza?”*
Ana, inicialmente, fala de si mesma, colocando-se fora do contexto escolar, mas em seguida remete-se à escola, coloca-se nesse contexto e responde lembrando-se de um projeto trabalhado na escola: 27. *“Que eu to lembrada assim não. Só teve.... Na escola ta trabalhando agora o projeto Semeando aí lá fala do aquecimento global, fala da biodiversidade, mas não fala assim natureza.”*

Ana define o que vem a ser natureza e ao ser questionada se o texto a ajuda a entender esse conceito, afirma que sim (**Extrato 14**). Segundo Ana, o texto vai abordar questões que ela entende como elementos integrantes da natureza.

Extrato 14: Trecho da entrevista específica de Ana em que a mesma explica seu conceito de natureza.

28. *“Esse texto que você acabou de ler, você acha que ajuda a entender o que é natureza?”*
29. *Ajuda. Aqui fala de muitas árvores. Fala dos bichos, que cada índio nasceu. Igual do buriti, dos animais, das cachoeiras, das frutas que tem na floresta, fala também da mata ciliar, do cerrado, as árvores que tem nesse cerrado. Ajuda”.* (Ana)

A questão sobre o tema vida, conceito muito dificilmente problematizado no ensino fundamental devido à sua complexidade, é respondida com espanto, admiração: 33. “[Risos]. Vida. Ai meu Deus! Como assim, gente!?”. Ou seja, Ana procura uma referência para conseguir responder à questão proposta. O contexto terceiro criado pela entrevista específica não mostra caminhos, indícios para que a resposta adequada seja dada. Mas, para facilitar a resposta, peço que fale o que vem à cabeça quando pensa na palavra vida e nesse momento Ana transforma vida num conceito ligado intimamente ao ser humano.

37. *Eu acho que vida assim... É o que?... É a gente mesmo. É assim o nosso ser. Você pode fazer a sua vida de tristezas, de alegrias. Mas o que veio aqui agora foi assim. Nosso ser. Sou eu. Eu por dentro, eu por fora. Tudo. Cada um. Cada ser tem um jeito de viver. Tem aquelas pessoas mais deprimidas, tem as mais alegres e cada um tem que escolher o jeito que quer viver. Não tem um jeito. Eu nunca, até agora, parei pra pensar o que é vida. Mas eu acho que isso. É a própria pessoa. Os próprios seres humanos.*

Nesse sentido, sua resposta à pergunta subsequente é muito coerente. Ana entende que vida é sinônimo de vida humana, então ao recomendar a leitura de um livro sobre o tema, escolhe livros de auto-ajuda de um autor que ela conhece e gosta de ler.

77. *Esses livros de auto-ajuda. Eu acho que esses livros são muito bons. Eu gosto muito do autor Augusto Cury “Você é um ser insubstituível”, “As dez razões para ser feliz”. Tem até um livro que fala de vida, mas eu não lembro do título. Eu recomendaria pra isso mesmo. Pra quando vier uma pergunta dessa [Risos] ficarem mais cientes do que é. É um tema que a gente não pára pra pensar o que é. Por isso que eu recomendaria.*

Não só muito coerente, mas também muito atual, Ana mostra-se integrada às práticas de leitura contemporâneas, uma vez que os livros de auto-ajuda estão sempre nas listas dos mais vendidos em todo o país.

Antes de questionar sobre o conceito de biodiversidade lembro à entrevistada que ela mesma já havia usado a palavra quando anuncia o que entende por natureza. Pergunto onde havia ouvido falar a palavra e Ana, bastante atualizada, responde **(Extrato 15)**.

Extrato 15: Trecho da entrevista específica de Ana em que a mesma explica onde ouviu a palavra biodiversidade.

78. “Você falou na palavra biodiversidade.
79. *Falei.*
80. Então, onde foi que você ouviu falar na palavra biodiversidade?
81. *A gente ouve na televisão, em tudo. Mas quando eu parei mesmo pra ver foi nesse texto na revista Semeando que fala. Tem um texto falando sobre biodiversidade. Foi nessa revista que eu vi falando mesmo*”(Ana).

Ana recorda-se, inicialmente, do discurso de todos os locais, de todas as mídias, mais especificamente da televisão, mas volta-se para o assunto e o modo como o mesmo foi tratado em sua escola. A revista utilizada em contexto escolar, com um texto específico para abordar o conceito científico é lembrada.

Ao definir biodiversidade resume seu significado afirmando: 47. *“Biodiversidade é a vida (...)”*. Portanto, seu conceito de vida torna-se mais amplo nesse momento, objetivando atender às expectativas do contexto da entrevista. A vida, até então colocada como sinônimo de vida humana, passa a abranger outras vidas: 47. *“(...) A vida somos nós seres humanos, a natureza, o planeta terra em geral. Eu acho”*.

Mas o que nos chama a atenção são as respostas subseqüentes, pois Ana contradiz sua primeira afirmação de que já ouviu falar de biodiversidade *“na televisão, em tudo”* e nos confirma a força do discurso escolar, principalmente quando se trata de bons alunos (**Extrato 16**). E verificamos a escola influenciando o entendimento de um conceito científico por meio de uma atividade avaliativa.

Extrato 16: Trecho da entrevista específica de Ana em que a mesma demonstra a força do discurso escolar sobre o conhecimento científico.

82. “Foi esse texto que você leu na revista Semeando que ajudou você a entender o que é biodiversidade?
83. *Foi.*
84. Você lembra de mais algum?
85. *Não. Que eu soube mesmo foi lendo esse texto e a gente fez até um trabalho falando disso. Eu acho que é isso*”(Ana).

Mais uma vez, Ana amplia um conceito, ao ser questionada se o texto reformulado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo” ajuda a entender o que é biodiversidade (**Extrato 17**).

Extrato 17: Trecho da entrevista específica de Ana em que a mesma amplia seu conceito de biodiversidade.

52. “Esse texto que você acabou de ler, de alguma forma ajudou você a entender o que é biodiversidade?”
53. *Ajuda porque aqui é uma mistura. Ta falando de tudo, dos índios... No meu entendimento, o Eduardo até compara aqui com prédios de apartamentos. São coisas diferentes do Eduardo e do índio. Tem uma visão diferente. Ajuda sim a saber o que é biodiversidade porque são culturas diferentes, mas o índio Meri-Buttu foi ensinando os ensinamentos pro Eduardo que a biodiversidade é isso. É em geral, as naturezas, as culturas de raças diferentes”(Ana).*

Ana, passa a comentar sobre diferentes naturezas, tornando o conceito de biodiversidade ainda mais complexo, englobando “culturas e raças diferentes”. Desse modo, o conceito de biodiversidade de Ana modifica-se à medida que reflete sobre o mesmo na situação da entrevista.

Em relação ao conceito de transformação, mesmo após a explicitação de que a palavra transformação remetia-se às mudanças da natureza, Ana cria um conceito que torna a transformação da natureza sinônimo de transformação provocada exclusivamente pelo ser humano. Desse modo, constrói um conceito semelhante àquele criado por Nina, desconsiderando a dinâmica própria da natureza, não enxergando que não somente por influência humana a natureza se altera.

57. *“Transformação. São as mudanças na natureza né. Quando eu vim, eu olhei e vi um pasto, mas quando eu subir eu não sei se vai estar lá, porque o tanto que nós homens estamos fazendo isso com a natureza. Eu não sei se pode já ter tido uma queimada. Essa balança que está acontecendo na natureza. Ao mesmo tempo que eu corto uma árvore eu não planto de novo(...)”(Ana).*

Em seguida, Ana não se recorda de nenhum texto sobre o tema, mas quando recorre ao texto procurando reconhecer no mesmo exemplos de mudanças da natureza, modifica mais uma vez seu discurso (**Extrato 18**). O conceito de transformação adquire outro sentido, ganha um novo significado, procurando atender

às expectativas da entrevista, da condição de produção do discurso instituída pelo instrumento de pesquisa. As características morfológicas das espécies de árvores dos diferentes biomas são colocadas como exemplo de transformação da natureza reconhecido a partir do texto.

Extrato 18: Trecho da entrevista específica de Ana em que a mesma modifica seu conceito de transformação.

58. “Você já leu algum texto ou livro que fale desse tema (transformação)?
59. Não. *Aí eu não li não. Que eu lembre, né?*
60. O texto traz exemplos de mudanças da natureza?
61. *[Silêncio. Folheia o texto.] Mudanças que acontecem no momento ou não?*
62. Como assim, no momento? Em geral, mudanças da natureza.
63. *Ah, eu acho que é aqui ó. “Nêuber resolveu voltar por um caminho mais estreito que passava bem no meio do cerrado, vendo tantas árvores tortas, Eduardo comentou...” Isso das árvores eu acho que é transformação. Porque tem árvores que são menores e tortas e tem árvores com troncos bem grossos e retinhas. Eu acho que isso aqui é transformação da natureza. *Aí. “Parecem árvores aleijadas. Aleijadas nada, dão muito mais flores e frutos que muitas árvores que tem aí nas matas”. Eu acho que isso é uma transformação. É uma característica.*
64. Uma árvore do cerrado torta e menor pode vir a se transformar numa árvore da floresta com o tronco grosso, reto e alto?
65. Não. *Eu acho que não.*
66. Então me explica melhor onde você está vendo transformação aí. É nessa diferença entre um e outro?
67. *Eu to vendo é nessa diferença entre uma e outra. A diferença das árvores do cerrado para as árvores das matas. Eu não sei. Acho que é por aí”*(Ana).*

Sem desconsiderar a colocação da entrevistadora, impossível não observar como Ana modifica seu discurso produzindo um diferente conceito de transformação. Assim, vemos a necessidade de atender às expectativas da entrevista, produzir um bom resultado. Diferente de Nina, que simplesmente afirma não saber, nunca ter pensado sobre o assunto, Ana produz um novo discurso.

No entanto, quando questionada sobre o conceito de ecossistema, Ana mostra desconforto e não se preocupa em produzir um discurso que responda à questão colocada (**Extrato 19**). Nesse momento, se coloca e afirma que sobre esse tema não sabe falar. Em seguida, afirma não haver nenhum texto que a tenha ajudado a compreender o conceito porque “nem soube responder” à pergunta colocada. Também em função de não responder à questão afirma não reconhecer no texto exemplos de ecossistemas.

Extrato 19: Trecho da entrevista específica de Ana em que a mesma afirma não saber o que é ecossistema.

68. “Pra você o que é ecossistema?
69. *Ecossistema... Ecossistema são [Risos]... Como eu vou falar?... Ai meu Deus! O planeta terra, não sei. A palavra ecossistema mesmo eu não sei falar não.*
70. Mas o que vem a sua cabeça?
71. *Isso, o planeta terra com terras, árvores. Não sei [Risos] É isso, entende?*
72. Tem algum livro ou texto que já ajudou você a entender ou reconhecer o termo ecossistema?
73. *Não. Não. Eu nem soube responder [Risos]. Então não teve não.*
74. Você pode citar exemplos de ecossistemas do texto, se é que eles aparecem aí no texto?
75. *[Folheia o texto. Silêncio]. Ah, eu acho que não aparece não” (Ana).*

A mensagem que o texto deixa para Ana não segue em direção ao discurso preservacionista, didático, midiático. Ana vê uma mensagem para sua vida pessoal.

77. *Deixa, a mensagem de que não podemos desistir, porque aqui muitas vezes eles tiveram muitos empecilhos e pensaram em desistir. Também não devemos desistir por mais que seja difícil, porque achar um tesouro também é difícil. Eles pensavam que estava num lugar mas poderia estar em outro. Eu acho que é isso. A persistência. Sempre devemos ter persistência nas coisas que vamos fazer, seja fácil ou difícil.*

Por último escolhe um trecho do texto para decorar e narrar. Trecho que conta a lenda de surgimento da tribo araxá. Mais uma vez verificamos a transposição das habilidades adquiridas pela práxis Miguilim para a leitura, preparação e narração de um texto diferente do texto rosiano. No entanto, Ana nos mostra mais uma habilidade além da postura e da entonação dada às palavras. Como faz suas formadoras, Ana recorta um trecho do texto escolhido para ser narrado. Resume o mesmo sem que se perca o sentido, o entendimento. Escreve, no papel branco, decora e narra.

● **Kika**

Kika, ao longo de toda a entrevista, remeteu-se à escola e aos conteúdos científicos abordados por essa instituição, compreendida pela nossa sociedade como aquela que é responsável pela transmissão do conhecimento científico.

Em alguns momentos, como vamos ver, sentiu-se pressionada pelas perguntas, desconsertada e em função disso, a pesquisadora adotou posturas para que a entrevistada não se sentisse agredida.

A pesquisadora, mesmo tomando cuidados, formula as questões de modo diferente daquele definido pelo protocolo (**Extrato 20**). Kika questiona se a leitura do texto deve ser feita em voz alta e a entrevistadora responde sem permitir que a mesma faça a opção pela leitura silenciosa ou não.

Extrato 20: Trecho da entrevista específica de Ana em que a pesquisadora demonstra suas falhas no momento da entrevista.

- | |
|---|
| <p>4. (...) <i>É em voz alta?</i>
5. Não. Do jeito que você achar melhor. Se você achar melhor ler em voz alta, você pode ler. Se você achar melhor a sua leitura silenciosa, é você quem sabe.</p> |
|---|

A afirmação do não no início da explicação, com certeza deve ser considerada em relação à decisão tomada pela entrevistada em ler silenciosamente o texto.

Kika não leu o livro e também não justificou o fato de não ter lido. Afirma ter gostado do texto e considera-o de fácil entendimento por possuir uma linguagem do dia-a-dia, utilizada inclusive por ela mesma (**Extrato 21**). Mais uma vez a leitura é associada ao entendimento.

Extrato 21: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma justifica a facilidade da leitura do texto.

- | |
|---|
| <p>11. O que você achou da leitura?
12. <i>Fácil de ser entendida.</i>
13. Por que é fácil? O que tem nela que a torna fácil?
14. <i>Ah! Linguagem do dia-a-dia. A linguagem nossa mesmo.</i></p> |
|---|

Chama sua atenção no texto um trecho da história que, a seu ver não há a possibilidade de sua existência e não consegue imaginar uma possível explicação. A lagoa que provoca coceira chama atenção realmente na história, mas na leitura do livro é possível conhecer a explicação científica biológica para o fato.

Logo na primeira pergunta sobre os temas científicos abordados pelo texto Kika registra uma marca de sua entrevista: o silêncio, a pausa que antecede a resposta.

Acreditamos que seja um momento de reflexão, de pensamento sobre o que é questionado, talvez na tentativa de alcançar a resposta esperada e correta.

Para Kika, a natureza tem algo humanizado e bucólico. Natureza é um ambiente que promove a vida do ser humano, mas não é qualquer ambiente. Esse ambiente produzido pela natureza é calmo, tranquilo, agradável (**Extrato 22**).

Extrato 22: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma conceitua natureza.

- | |
|--|
| <p>21. O que pra você é natureza?</p> <p>22. <i>[Silêncio.] É um ambiente muito agradável que traz a vida para o ser humano porque sem a natureza não há a vida. Porque ele é que faz o ambiente mais tranquilo porque sem a natureza... Porque um ar poluído... Sem a natureza. É ela que dá aquele lugar calmo, tranquilidade. É o verde que traz a esperança. São as árvores que nós temos.</i></p> |
|--|

Remete-se ao texto que acabou de ler quando perguntada se algum livro ou texto já a ajudou a compreender o conceito de natureza, após a característica pausa para a reflexão. Justifica ao afirmar que o texto aborda a questão do cerrado, nos permitindo perceber em seu discurso uma associação direta de natureza ao bioma cerrado e, portanto, sendo o cerrado esse ambiente bucólico que permite a vida humana.

Interessante é que nesse mesmo momento lembra-se de um trecho do texto que poderia auxiliá-la a mostrar essa relação entre natureza e cerrado, mas prefere não procurar o trecho seja porque pode lhe ser trabalhoso, seja porque lhe fará perder tempo, prolongar a situação da entrevista (**Extrato 23**). Além disso, continua a mostrar como o texto a ajuda a compreender o conceito de natureza afirmando que a mesma tem a capacidade de “salvar as nossas vidas” se for preservada. Nesse momento, mostra em seu discurso a influência de instâncias como a escola e a mídia. O discurso de que a natureza preservada pode salvar a vida planetária é proferido nas mais diferentes mídias e particularmente defendido na instituição escolar. No entanto, mesmo colocando que o texto fala muito de natureza, Kika não exemplifica um trecho específico do texto.

Extrato 23: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma mostra no seu discurso influência da escola e da mídia em relação ao seu conceito de natureza.

25. Em que momento ele ajuda você a entender?
26. *Assim, na hora que por exemplo, o cerrado... Tem uma parte aqui que fala, mas até eu achar, deixa pra lá. Salvar as vidas. Igual o Meri-Buttu, o índio. Falou que tinha vontade de salvar vidas e eu acho que a natureza pode salvar as nossas vidas se sabemos preservar poderemos salvar não só a natureza, mas também os animais. E a natureza é um lugar muito bonito. Deu pra perceber que fala muito da natureza nesse texto.*
27. Tem algum trecho que você acha que representa bem assim, a natureza? Você lembra?
28. *[Silêncio.]*
29. Alguma coisa que pra você ficou “Olha, a natureza está aqui oh!”
30. *Pode ter e eu não estou... [Silêncio.]*

Quando questionada sobre o conceito de vida, repete a pergunta e em seguida, sem pausas, responde com convicção, sem se remeter a uma abordagem conceitual. Não procura um conceito de vida, parece não se preocupar em explicar sob o ponto de vista da ciência e simplesmente nos permite analisar por meio das palavras que, segundo seu ponto de vista, vida é viver (**Extrato 24**). Na seqüência, não se recorda de texto ou livro sobre o tema e através de seu silêncio responde a questão colocada.

Extrato 24: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma conceitua vida.

79. Tudo bem. O que é vida pra você?
80. *O que é a vida?*
81. Pra você.
82. *É saber aproveitar cada minuto, cada segundo. Não ficar esperando. Não ter medo do futuro e viver o presente, o agora.*
83. Tem algum livro ou texto que você já leu que você recomendaria a alguém para que ela entendesse melhor esse tema, a vida?
84. *Esse é o difícil, se eu li algum texto...*
85. Se você lembra de alguma coisa.
86. *[Silêncio.]*

A pergunta sobre biodiversidade provoca risos (**Extrato 25**). Kika afirma já ter ouvido falar sobre a palavra biodiversidade e remete-se ao texto e a escola como instituições que teriam “anunciado” a mesma. No entanto, o texto, em momento algum traz essa palavra, diferente da escola que, com certeza, em algum momento “anunciou” e/ ou explicou o significado desse conceito científico biológico. Desse modo, Kika remete-se ao discurso escolar para justificar ter escutado a palavra biodiversidade em algum momento. Mas ao ser questionada sobre o significado de

biodiversidade, fica em silêncio, anuncia risos e a pesquisadora tenta obter alguma informação, afirmando que não existem respostas certas ou erradas para as questões. Nesse momento, Kika coloca-se afirmando não ter certeza e está lembrando corretamente do conceito. Assim, podemos inferir que quem tem o conhecimento verdadeiro, correto e que deveria ser lembrado pela mesma por se considerar uma boa aluna, é a escola. Fato que se comprova em seguida, quando responde que o livro didático de ciências foi aquele que a ajudou a compreender o conceito de biodiversidade. O discurso escolar é também reforçado quando Kika coloca que as professoras explicam.

Extrato 25: Trecho da entrevista de Kika em que a mesma conceitua biodiversidade.

- | |
|--|
| <p>43. E pra você o que significa biodiversidade?
44. [Silêncio. Risos.]
45. Lembra do que eu falei. Não tem resposta certa ou errada. Pra mim o que vem à sua cabeça é que é o importante.
46. <i>Pra mim, que eu não sei se eu estou me lembrando muito bem. É que faz parte da natureza, que inclui a atmosfera. O ar.</i>
47. Tem algum livro ou texto que você já leu e ajudou você a entender o que é biodiversidade? Você lembra de alguma coisa?
48. [Silêncio.] <i>Livro mesmo de ciências que as professoras mesmo explicam.</i></p> |
|--|

Ao ser questionada se o texto que acabou de ler auxilia no entendimento do que vem a ser biodiversidade, Kika mostra desconforto por meio de seu silêncio e pela procura da resposta junto ao texto. Desse modo, justifica-se com uma resposta tipicamente do discurso escolar: 50. (...) *Posso ter lido e posso não ter prestado muita atenção quando eu estava lendo.* Kika demonstra incoerência, pois em pergunta anterior afirma que o texto fala sobre biodiversidade e em seguida coloca que o mesmo não a ajuda a compreender o significado do conceito. Mas também podemos refletir, pois trata-se de uma situação de entrevista que requer da entrevistada uma postura e uma resposta. Como foi pedido a leitura de um texto e em seguida foram realizadas questões, nada mais plausível que a entrevistada associe diretamente o que foi perguntado ao texto lido.

Kika, como outras entrevistadas, ao ser perguntada sobre o conceito de transformação **da** natureza, responde referindo-se às transformações que acontecem **na** natureza provocadas pelo ser humano. No entanto, vai um pouco além, afirmando que esse tipo de interferência vai contra a vontade divina.

Afirma já ter lido sobre o assunto na revista Semeando e aponta que o texto lido traz exemplo de mudança da natureza. Pede para procurar o trecho do texto e responde afirmando que para si o conceito de transformação está associado ao processo de extinção de espécies (**Extrato 26**). Bastante coerente sua associação se considerarmos que o processo de extinção das espécies tem se agravado em função das interferências humanas no ambiente. Além disso, se considerarmos que a extinção de espécies não deixa de ser uma transformação e que também provoca muitas outras transformações sob o ponto de vista do equilíbrio natural dos ecossistemas.

Extrato 26: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma conceitua transformação.

- | |
|--|
| <p>53. O que significa pra você transformação? E aí eu estou falando transformação no sentido de mudanças da natureza?</p> <p>54. <i>Está acontecendo na natureza. As queimadas mesmo que os homens estão fazendo. Isso é uma transformação muito grande porque Deus não que não é isso, Ele quer a coisa bonita do jeito que Ele fez e está acontecendo uma transformação muito grande entre todos nós. Acho que transformação é cortar, queimar.</i></p> <p>55. Já leu algum livro, algum texto que falasse sobre esse tema?</p> <p>56. <i>Já.</i></p> <p>57. Você lembra que livro ou texto que era?</p> <p>58. <i>Não, era em textos em várias revistas mesmo. Por exemplo, Semeando.</i></p> <p>59. O texto traz algum exemplo de mudança que acontece na natureza?</p> <p>60. <i>Traz.</i></p> <p>61. O que você percebeu? O que você consegue me contar?</p> <p>62. <i>Que... Agora eu não sei onde tá. Pode procurar, não pode?</i></p> <p>63. Claro!</p> <p>64. <i>[Silêncio.] Igual o tamanduá, a onça pintada está em extinção.</i></p> <p>65. Isso é mudança?</p> <p>66. <i>É, pra mim é uma mudança que está acontecendo, os animais estão em extinção.</i></p> |
|--|

A questão sobre o tema ecossistema provocou bastante desconforto na entrevistada. Kika, por ser Miguilim e se considerar uma boa aluna, chega a falar em vergonha, afirma saber sobre o assunto, mas sente muita dificuldade em responder (**Extrato 27**). Inferimos que Kika sentiu-se na obrigação de conseguir atender à

expectativa da entrevista e responder ao questionamento sobre um conceito científico abordado, discutido, trabalhado pela escola. O discurso escolar está tão presente e é tão nítido no discurso produzido por Kika nesse momento, que ao recordar-se de um texto ou livro sobre o tema ecossistema, cita imediatamente o livro didático. Kika afirma saber o que é ecossistema, mas não consegue reconhecê-lo, transportá-lo para outros suportes ou outras situações cotidianas diferentes das escolares. Ecossistema, por ser um termo científico explicado pela escola e na escola, mesmo sendo possível entendê-lo, reconhecê-lo em outras instâncias, para uma Miguilim como Kika, a resposta correta só poderia ser produzida utilizando-se do discurso escolar. Por fim, esquiva-se, não responde ao ser perguntada se reconhece exemplos de ecossistemas no texto. Mostra-se pressionada pela situação da entrevista, pressionada pelo conhecimento escolar e, chegamos a inferir que se o assunto tivesse sido revelado anteriormente à participante voluntária da pesquisa, suas respostas aos questionamentos seriam outras, pois tudo indica que teria se preparado estudando o conteúdo escolar.

Extrato 27: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma demonstra dificuldades para conceituar ecossistema.

- | |
|--|
| <p>87. O que é ecossistema pra você?</p> <p>88. <i>[Risos.] Nossa! [Não é possível entender, fala muito baixa e confusa.] Vergonha! A nem, viu! Eu sei.</i></p> <p>89. Então fala o que está na sua cabeça. O que te lembra quando eu falo de ecossistema?</p> <p>90. <i>Ecossistema. Oh meu Deus, palavra tão trabalhada! [Silêncio.] Vamos dizer... Do ambiente. [Silêncio.]</i></p> <p>91. Teve alguma coisa que você já leu que ajudou você a reconhecer um ecossistema, a entender o que é um ecossistema?</p> <p>92. <i>Livro, os livros da escola.</i></p> <p>93. Você pode citar exemplos de ecossistemas que aparecem no texto, se é que você acha que eles aparecem?</p> <p>94. <i>[Silêncio. Passa as folhas do texto. Silêncio. Silêncio.] Ai gente! [Silêncio.]</i></p> |
|--|

Quando Kika conta a mensagem deixada pelo texto, mais uma vez os discursos pedagógico e midiático em nome da preservação aparecem e a entrevistada reproduz o que ouve na mídia e na escola. No entanto, não podemos desconsiderar o

discurso que é proferido pelo texto e pelo livro “O Tesouro do Quilombo” (MACHADO, 2001), uma vez que, como o próprio autor afirma em entrevista concedida à pesquisadora: “o livro foi escrito após uma parceria da Fundação Biodiversitas com a CEMIG para um projeto de educação ambiental no Triângulo Mineiro”. Por se tratar de um livro encomendado para um projeto específico o discurso preservacionista se faz presente (**Extrato 28**). Assim, Kika que leu o texto e o livro já reconhece e anuncia esse discurso.

Extrato 28: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma conta a mensagem deixada pelo texto.

75. Na sua opinião, o texto deixa alguma mensagem para o leitor?
76. *[Silêncio.] Eu acho que sim. Olha pra você ver. Igual ao índio. Ele queria salvar a vida e não era só a vida de pessoas. Ele queria salvar a vida da natureza e dos animais. Igual os meninos quando eles acharam o tesouro e pensaram em salvar a vida das pessoas e não era essa vida só que ele queria. Ele queria salvar a vida da natureza e dos animais, então devemos ver que o que estamos fazendo está prejudicando a natureza e os animais.*

Kika, incomodada com a situação da entrevista chega a colocar alguns pequenos empecilhos quando lhe é solicitado a escolha de um trecho do texto para decorar e narrar (**Extrato 29**). No entanto, escolhe uma pequena frase, decora rapidamente, narra e assim que termina, preocupada em atender às expectativas, questiona se o trecho que deveria narrar tinha um tamanho pré-definido.

Extrato 29: Trecho da entrevista específica de Kika que mostra as dificuldades colocadas pela mesma.

79. Então agora vamos partir para a última etapa. Escolhe um trecho. Não tem tamanho definido. Se prepara e na hora que você disser que está pronta, você vai contar pra mim.
80. *Você quer que eu decore uma parte?*
81. Quero.
82. *Nossa! O meu jeito de decorar tem que ser copiado.*
83. Todo material que está aí você pode usar. Você pode interferir no texto se você quiser e achar que assim vai ficar mais fácil. Fica a seu critério.
84. *Decoro alto também.*
85. Não tem problema não. Eu vou desligar os aparelhos enquanto você estiver se preparando.
86. Quer ficar sentada mesmo ou em pé?
87. *Sentada.*
88. Pronto?
89. *A vereda grande era uma vereda bonita com nascentes cheias de buritis de onde saíam um córrego margeado de dois lados com fileiras de palmeiras. Não tinha tamanho certo, tinha?*
90. Não.

Pergunto sobre o motivo da escolha daquele trecho específico e a resposta vai de encontro ao discurso produzido na instância do Grupo Miguilim (**Extrato 30**). Kika apóia-se no fato de que um diálogo, um trecho mais longo lhe exigiria pausas, gestos, mas não esquece de mencionar que a beleza do pequeno trecho narrado também lhe chama atenção.

Extrato 30: Trecho da entrevista específica de Kika em que a mesma justifica a escolha da frase narrada.

102. Por que esse trecho? O que você viu nele? 103. <i>Porque eu não quis pegar um diálogo porque tem que dar pausas, às vezes precisa de mais gestos. Eu achei que um trecho seria melhor. Também é bonito: A vereda grande era uma vereda bonita. Você gostou?</i> 104. Ta ótimo. Muito obrigada! 105. <i>Obrigada você!</i>

● ***Lívia***

Lívia foi a primeira Miguilim a ser entrevistada e a transição de sua entrevista demonstra a adaptação da pesquisadora à situação da entrevista e à função de entrevistadora. A primeira colocação diferente do protocolo relaciona-se à pergunta que Lívia faz quanto à leitura do texto precisar ou não ser em voz alta. Respondo que pode ser do modo que ela julgar melhor, mas antes disso faço uma negação e, mais uma vez é impossível desconsiderar essa afirmação do processo de interpretação e análise.

Lívia afirma estar lendo o livro, porque uma de suas colegas de sala, também Miguilim e também participante voluntária da pesquisa – Bia – havia lhe dito que o livro era bom e interessante. Nesse caso, a indicação de que um livro é bom leva à leitura do mesmo, mas esse fato não ocorreu somente com Lívia. Ana também comenta que Bia e Ronaldo haviam comentado que o livro era interessante e em função desses comentários iniciou a leitura do livro.

Lívia gosta da leitura do livro mesmo considerando-o muito diferente daqueles que está habituada a pegar na biblioteca. Inferimos que Lívia esteja habituada a pegar os livros que costuma ler na biblioteca, pois, mesmo não havendo essa sua afirmação, sabemos por meio das entrevistas gerais e que os Miguilins pegam livros na biblioteca escolar e na biblioteca da AAMCGR. Além disso, Lívia interpreta sua leitura do livro afirmando que o mesmo mistura história com fatos reais. Acreditamos que seja uma interpretação, pois se estava lendo o capítulo oito do livro, ainda não teria chegado ao anexo onde o escritor Ângelo Machado revela o que existe de realidade e ficção ao longo da história.

Seu gosto pela leitura do texto associa-se ao fato de conhecer o final do livro, ao fato da história apresentarse no texto resumida possibilitando um bom entendimento (**Extrato 31**). Lívia chega a afirmar que durante a leitura do livro precisou ler mais de uma vez algum trecho específico e que como o texto é resumido, pôde ler uma única vez e compreender.

Extrato 31: Trecho da entrevista específica de Lívia em que a mesma justifica o gosto pelo texto.

- | |
|---|
| <p>40. Por que você gostou do texto?</p> <p>41. <i>Ele está um pouco resumido e conta a história toda e dá pra entender bem. Porque tem umas partes do livro que eu não entendi muito bem. Então eu tive que ler mais uma vez pra eu conseguir entender e esse aqui não, eu li uma vez e consegui entender bem melhor.</i></p> <p>42. A leitura do texto foi muito diferente da leitura que você está fazendo do livro?</p> <p>43. <i>Um pouquinho.</i></p> <p>44. O que tem de diferente nessas leituras?</p> <p>45. <i>Eh. Como eu disse, esse aqui está um pouco mais resumido e ficou mais fácil pra entender porque tem umas partes que não ficou muito claro no livro. E aqui ficou melhor, mais fácil.</i></p> |
|---|

Ao ser perguntada sobre o que é natureza, Lívia responde com o discurso escolar pronto, repetindo o mesmo e citando elementos que, segundo ela, fazem parte da natureza (**Extrato 32**). Recorda-se da revista Semeando lida na escola, afirmando existir nela textos que a ajudaram a compreender o conceito de natureza. Diz que o texto lido durante a entrevista também ajuda a compreender parte do conceito de natureza pois aborda alguns elementos que a compõem, nos permitindo compreender

que, para Livia, o conceito de natureza é mais amplo do que o que foi abordado pelo texto.

Extrato 32: Trecho da entrevista específica de Livia em que a mesma conceitua natureza.

30. Pra você, o que é natureza?
31. *Natureza é tudo aquilo que tem vida. As árvores, as plantas, os córregos, rios, lagoas.*
32. Até agora você já leu algum texto ou algum livro que ajudou você a entender o que é natureza?
33. *Uma revista que chama Semeando. Fala só sobre a natureza.*
34. Quando foi que você leu essa revista?
35. *Foi há um tempo atrás, na escola, porque tem um projeto na escola que chama Semeando. Há pouco tempo.*
36. Esse texto, você acha que ajuda a entender o que é natureza?
37. *Um pouquinho. Ajuda.*
38. Em que momento você acha que ele te ajuda a entender?
39. *Fala do cerrado, de córregos, de lagoa. Dá pra ter uma noção, mais ou menos do que é.*

A pergunta sobre o conceito de vida desconserta Livia, mas a entrevistada não se esquivava e responde afirmando não saber explicar por ser difícil. No entanto, recomenda a leitura do livro “O Tesouro do Quilombo” para a compreensão do conceito de vida por considerar que o índio, personagem do livro, fala muito sobre a vida. Nesse sentido, o discurso de Livia nos remete ao fato de que cientificamente o conceito de vida não é bem explicado nem pelos cientistas, nem pela escola, por ser complexo e controverso. Mas Livia, por compreendê-lo, consegue reconhecer textos que abordem o tema (**Extrato 33**).

Extrato 33: Trecho da entrevista específica de Livia em que a mesma sem conceituar vida, recomenda a leitura do livro para o entendimento do conceito.

40. Pra você, o que é vida?
41. *Vida. É um pouco difícil de explicar, mas... Vida. Sei lá. [Silêncio.] Não sei explicar, é difícil [Risos.]*
42. Você recomendaria a alguém a leitura de algum livro ou de algum texto sobre esse tema, sobre vida?
43. *Recomendaria. O Tesouro do Quilombo é um bom livro. O índio fala muito de vida, não só do ser humano, mas da natureza, das plantas. Essas coisas.*

As questões quanto ao conceito de biodiversidade fugiram ao protocolo elaborado pela pesquisadora (**Extrato 34**) e produziram respostas que não nos permitem inferir sobre o que realmente Livia pensa a respeito desse tema científico.

Extrato 34: Trecho da entrevista específica de Livia que demonstra os erros cometidos pela entrevistadora.

46. Em algum momento você já ouviu falar na palavra biodiversidade?
47. *Biodiversidade. Já ouvi. Na revista Semeando fala sobre a biodiversidade, mas eu não cheguei a ler o texto mesmo. Mas já ouvi falar nessa palavra.*
48. Você sabe me explicar o que significa essa palavra?
49. *Biodiversidade. Não exatamente.*
50. Você consegue dar um exemplo?
51. *Biodiversidade, provavelmente deve falar de plantas, essas coisas. A revista é toda baseada nisso, mas eu não o que exatamente o que significa não.*
52. Você nunca chegou a ler nada que ajudasse você a entender o significado dessa palavra, porque você não terminou de ler a revista.
53. *Não.*
54. Você acha que algum momento esse texto fala sobre biodiversidade?
55. *Acho que sim. Eu não sei citar ao certo, mas eu acho que biodiversidade é alguma coisa tipo desmatamento, destruição. Alguma coisa assim. Pelo menos é o eu acho. Como eu não li, não sei exatamente. Mas aqui fala que tem uma parte do cerrado que está desmatado, com fogo, que polui os rios.*

Para Livia, o conceito de transformação está associado à destruição da natureza sem que haja a indicação dos responsáveis por esse acontecimento. Interessante que Livia reconhece que a natureza sofre transformações, uma vez que não indica que alguém promova a destruição da natureza. Recordar-se de textos da revista Semeando e de textos escolares selecionados pelas professoras quando perguntada sobre algum livro ou texto que tenha lido e que tenha abordado o tema transformação da natureza. O discurso escolar é muito forte e presente (**Extrato 35**).

Extrato 35: Trecho da entrevista específica de Livia em que a mesma conceitua transformação.

56. Eu quero saber, na sua opinião, o que significa transformação? Eu uso a palavra transformação no sentido de mudanças da natureza. O que significa a palavrinha transformação para você?
57. *Transformação. Antes existia muito pouco essa coisa de desmatar, de poluir e agora ta maior esses acontecimentos. Transformação, o cerrado antes... O cerrado não, as florestas eram mais bonitas, alguma coisa assim. E com isso tudo acontecendo, desmatamento, incêndio, ela se transformou. Agora está com menos árvores, menos água, porque água de beber está acabando, ta ficando poluída. Eu acho que é isso.*
58. Você já leu algum texto ou algum livro que aborde esse tema, das transformações da natureza?
59. *Já li textos. Da revista Semeando e tem alguns trechinhos que algumas professoras levam para escola pra gente ler. Textos pequenininhos, mais eu já li.*

Os conceitos de ecossistema e biodiversidade tornam-se sinônimos sob o ponto de vista de Livia, sem perder a ligação com o conceito de natureza (**Extrato 36**). O interessante é que Livia se coloca, sem temer afirmar não saber ao certo responder, mas reconhece que o conceito está relacionado a outros já questionados

anteriormente. Além disso, Lívia é bastante coerente ao afirmar que não consegue reconhecer exemplos de ecossistemas no texto por não saber o significado exato.

Extrato 36: Trecho da entrevista específica de Lívia em que a mesma conceitua ecossistema.

62. O que significa pra você ecossistema?
63. *Ecossistema. É igual biodiversidade. Eu não tenho uma idéia do que exatamente seja, mas eu já li mais ou menos algumas coisas. Tem a ver com natureza também. A revista toda fala sobre a natureza, sobre água, mata, desmatamento. Mas eu não tenho uma idéia do que exatamente seja.*
64. Esse texto que você acabou de ler, que é uma adaptação de O Tesouro do Quilombo, você pode citar alguns exemplos de ecossistema que aparecem nesse texto? Você consegue reconhecer exemplos de ecossistemas que aparecem no texto?
65. *Eu não consigo reconhecer o que aparece, porque eu não tenho o significado exato, aí não tem como.*

Para Lívia a mensagem deixada pelo texto para o leitor associa-se, mais uma vez, à preservação, nos permitindo inferir que se remete ao discurso pedagógico e midiático de preservação do meio ambiente. E como já comentado anteriormente, esse é o discurso não somente muito trabalhado e debatido pela escola e pelas mídias, mas também o discurso utilizado pela história do livro “O Tesouro do Quilombo”.

Lívia prepara, decora e narra um longo trecho do texto. Conta, como outras Miguilins entrevistadas, a lenda do surgimento da tribo araxá, permitindo que nos remetamos ao trabalho com fábulas anterior aos textos rosianos durante o processo formativo Miguilim.

● **Bia**

Bia foi a entrevistada que incentivou a leitura do livro “O Tesouro do Quilombo” entre suas colegas. Ana e Lívia, por exemplo, referem-se a ela quando questionadas sobre os motivos que as levaram a ler o livro. Desse modo, foi a entrevistada que mais avançou na leitura, nos revelando que até o dia da entrevista estava lendo o capítulo oito.

Seu gosto pela leitura do livro associou-se à preservação do cerrado e às curiosidades de uma história que narra o encontro de adolescentes com um índio. Bia considera o livro interessante. Mas o gosto pelo texto associa-se a outro fator - a história resumida que facilita o entendimento daquilo que é lido. A leitura enquanto entendimento aparece mais uma vez (**Extrato 37**).

Extrato 37: Trecho da entrevista específica de Bia em que a mesma justifica o gosto pelo livro e texto.

6. Você chegou a ler o livro O Tesouro do Quilombo?
7. *Eu to lendo só que eu não terminei de ler não. Eu to no capítulo 8.*
8. Até agora você tem gostado da leitura do livro?
9. *Tenho.*
10. Por que você está gostando?
11. *Bom, tá envolvendo muito essa coisa de tá salvando o cerrado e também é uma curiosidade do texto que são Eduardo, Nêuber e De Jesus porque eles encontram o índio e podem pesquisar mais. A história é interessante.*
12. Você gostou do texto?
13. *Gostei.*
14. Por que?
15. *Eh. Porque aqui tá mais resumido e eu acho que dá pra gente entender melhor, não sei.*
16. A leitura do texto foi muito diferente da leitura que você está fazendo do livro?
17. *Eh, porque você aqui retirou trechos, não foi? E no livro tá com mais detalhes e tudo. Então tá diferente.*
18. Qual é mais fácil?
19. *Esse aqui porque está mais resumido, então dá pra entender melhor.*

Um fato que nos chamou a atenção na entrevista com Bia foi sua justificativa à pergunta: 22. *Por que você gostou desse trecho?* Inferimos que procurando atender às expectativas de uma situação desconhecida, Bia conta com suas palavras praticamente todo o enredo da história (**Extrato 38**), mostrando à entrevistadora que leu e compreendeu o texto que acabara de ler.

Extrato 38: Trecho da entrevista específica de Bia em que a mesma demonstra ter lido e compreendido o texto.

22. Por que você gostou desse trecho?
23. *Porque a foram várias aventuras. Eles saíram depois descobrem que na lagoa tinha um grande mistério porque só de encostar na água dava coceira. Depois eles resolvem. Eles acharam uma minhoca e usaram como isca para pescar um peixe porque eles estavam com fome, aí nesse peixe eles acharam uma argola marrom que tinha muito lodo e a De Jesus resolveu raspar com a unha. Aí foi dando um grande brilho e aí eles descobriram que era o anel de ouro da [Procura no texto]... Aliança da noiva de Ambrósio. Descobriram um do ouro que eles tinham achado, mas não conseguiram achar tudo porque todo o tesouro estava dentro do lago e como não podia entrar porque dava coceira eles resolveram usar o celular do Eduardo para ligar para um dos atendentes do pai dele pra ir lá. Aí eles buscaram e ficou todo resolvido. Eles ficaram sem saber o que fazer com o ouro, mas o índio que tinha contado a história pra eles, que é o Meri-Buttu, pediu que salvasse vida, mas não identificou que vidas, então eles resolveram salvar o cerrado porque estava sendo destruído e aí eles fizeram o parque que tinha muita utilidade pra eles e para os filhos deles também. É isso.*

Para Bia, o conceito de natureza está muito associado ao discurso de preservação da mesma para a sobrevivência, tanto dos seres vivos quanto dos não-vivos. Mas um aspecto interessante de sua resposta é que a natureza passa a ser regional, ou seja, Bia considera que as árvores, a terra, a água fazem parte de uma natureza que não é a mesma em todos os locais (**Extrato 39**). Quando questionada sobre a leitura de algum texto ou livro sobre o assunto remete-se a revista Semeando utilizada pela escola para trabalhar com os alunos sobre as questões ambientais. Por fim, afirma que o texto lido ajuda a entender o conceito de natureza por abordar elementos que constituem a natureza.

Extrato 39: Trecho da entrevista específica de Bia em que a mesma conceitua natureza.

28. O que é natureza pra você?
29. *Natureza... [Silêncio]. Bom eu acho que é o conjunto de árvores, plantas existentes na região e que todo mundo deve cuidar porque a natureza também faz parte da nossa vida, para que possamos viver bem também, porque inclui água, terra, todas as coisas. Eu acho que é isso.*
30. Você já leu algum texto ou livro que ajudou você a entender o que é natureza?
31. *Bom, lá na escola a gente estava estudando um negócio da revista Semeando que fala da questão do meio ambiente e tudo... Fala da natureza assim mas... Fala dos textos todos de como a gente deve tratar tudo, a questão do meio ambiente.*
32. Esse texto que você acabou de ler, ajuda você a entender o que é natureza?
33. *Ajuda porque fala do cerrado, da floresta, das margens grandes, então também fala da lagoa que também inclui a natureza.*

O conceito de vida para Bia é difícil de ser explicado. O silêncio, a reflexão, fazem parte da resposta de Bia a esse questionamento, mostrando-nos o quanto sente

dificuldade para definir vida (**Extrato 40**). Esse fato não nos chama a atenção, pois como comentado anteriormente, o conceito de vida não é bem resolvido, explicado nem no meio científico, acadêmico, nem no ambiente escolar. Sendo assim, já era de se esperar uma resposta do tipo 35. “(...) *Eu não to sabendo explicar*”. No entanto, a entrevistadora, permite a utilização de um exemplo objetivando facilitar a resposta. Assim, Bia acaba por associar o conceito de vida à preservação do meio ambiente por considerar que dele depende a vida. Observamos, desse modo, uma repetição do discurso escolar e midiático de que devemos preservar para sobreviver.

Extrato 40: Trecho da entrevista específica de Bia em que a mesma exemplifica o conceito de vida.

- | |
|---|
| <p>34. Pra você o que é vida?
35. <i>Vida. Bom, a vida... Como é que eu te explico? ... [Silêncio]. Bom, a vida é... [Silêncio]. Eu não to sabendo explicar.</i>
36. Você quer dar um exemplo?
37. <i>Quero. Assim, pra gente sobreviver tem que também cuidar do meio ambiente porque dele dependemos para sobreviver. A terra é a nossa vida. Eu já li um texto nessa revista que o título é Terra mãe da vida, que inclui muito a biodiversidade, é a existência... que ela faz parte da vida. Eu acho que é isso. As pessoas têm que se conscientizarem mais e cuidarem do meio ambiente porque ele também faz parte da nossa vida.</i></p> |
|---|

Bia, pouco antes de ser perguntada sobre o conceito de biodiversidade, usa esse termo para exemplificar a vida. Ao nos responder demonstra a força da influência da escola sobre sua formação científica, pois, de acordo com seu discurso, trata-se de um tema estudado na escola com o auxílio de uma revista como material didático (**Extrato 41**). Bia não se recorda de nenhum outro texto ou livro que aborde o tema. Para Bia a biodiversidade é compreendida como algo que inclui os seres naturais e os ecossistemas. O texto didatizado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo” a ajuda a entender o conceito de biodiversidade porque aborda elementos que constituem a mesma, mas reconhecer um trecho que exemplifique a biodiversidade no texto provoca confusão entre o que vem a ser biodiversidade e o que vem a ser ecossistema, ainda que isso não seja explícito. Refletindo sobre esse discurso de associação entre biodiversidade e o ecossistema do cerrado, lembramo-nos dos livros didáticos e das

imagens que são lidas e preservadas nas memórias visuais dos alunos. Geralmente, como grande exemplo da biodiversidade brasileira, nossos livros didáticos de ciências trazem figuras ilustrativas da floresta amazônica ou do cerrado, que são biomas, ecossistemas que apresentam um alto índice de biodiversidade entre suas espécies. Desse modo, a confusão estabelecida por Bia nos remete a um ensino de Ciências associado a leitura de imagens, sendo essas mais facilmente gravadas na memória.

Extrato 41: Trecho da entrevista específica de Bia em que se aborda questões sobre o conceito biodiversidade.

38. Você já ouviu falar em biodiversidade. Você acabou de usar essa palavrinha, né? Onde foi que você ouviu falar em biodiversidade?
39. *Assim, a gente já estudou sobre isso, nesse texto dessa revista que eu li também fala da biodiversidade que inclui ecossistemas, seres naturais, plantas, animais. Tudo um conjunto.*
40. Isso, pra você é biodiversidade?
41. *É, são os seres naturais, plantas, ecossistemas... é isso.*
42. Você falou que você leu textos da revista Semeando que ajudou a entender o que é biodiversidade. Teve mais algum texto ou livro que você se lembre que ajudou você a compreender o que é biodiversidade?
43. *Não to lembrando não.*
44. O texto que você acabou de ler, de alguma forma ajuda você a entender o que é biodiversidade?
45. *Ajuda. Aqui também fala um pouco de tudo. Não, de tudo não. Fala das plantas, fala do cerrado.*
46. Tem algum trecho desse texto que exemplifica a biodiversidade?
47. *[Silêncio]. Ah. Pode ser um pedacinho de um e outro pedacinho de outro?*
48. Pode.
49. *Tem quando fala que... Quando o pai do Eduardo começa a mostrar a eles as coisas. “Tudo o que você vê na margem direita do rio é nosso” Então ta falando do rio. Aí depois, aí o menino pergunta das árvores que estão separadas aí fala do cerrado. Logo mais em baixo o menino fala “Olha pai, entre os morros tem uma mata grande. Lá é mais úmido e as árvores crescem mais e ficam mais juntas. Parece mata mas as árvores são de cerrado. É o cerradão.” Aí fala, aí exemplifica*

Quanto ao conceito de transformação, mais uma vez aparece, agora no discurso de Bia, a questão da mudança que o ser humano provoca na natureza considerando-a estática, passível de alterações geradas por um agente externo; e a mudança de postura que o ser humano deve ter para preservar a natureza. Mas ao invés de se recordar de texto ou livro lido sobre o tema, lembra-se de texto próprio escrito em contexto escolar, acompanhado pela professora e após a leitura do livro didático (**Extrato 42**). Em relação ao texto lido durante a entrevista, mostra marcas de

seu entendimento, demarca trecho específico que esteja relacionado ao assunto sob seu ponto de vista.

Extrato 42: Trecho da entrevista específica de Bia em que se aborda questões sobre o conceito transformação.

50. Pra você o que significa transformação? Eu estou usando a palavra transformação no sentido de mudanças da natureza! Então o que significa pra você mudanças da natureza?
51. *Como assim, incluindo as pessoas também para mudar?*
52. É pra você! O que você entende por essa palavra? O que vem a sua cabeça quando eu falo transformação e aí você relaciona transformação a mudanças da natureza.
53. *Transformação... É você... É uma maneira de estar mais concentrado na natureza e vendo o que ta prejudicando para que possa transformar. Ta tendo queimadas, essas coisas. Ta sendo destruído. Acho que é isso, uma maneira de ta mudando, dando jeito pra ta mudando.*
54. Teve algum texto ou algum livro que você já leu e que aborde esse tema?
55. *Bom, eu já fiz um texto relacionado ao meio ambiente que também inclui a natureza, né? A professora pediu pra gente fazer e aborda muito isso de os índios darem mais valor à natureza que os homens modernos de hoje. E não só esse, eu já fiz outros textos sobre essa questão de estar mudando o mundo com várias poluições, essas coisas.*
56. Então você mesma já escreveu sobre esse tema.
57. *Já. E também antes da gente fazer esse texto e a gente já leu num livro pra depois estar fazendo.*
58. Que livro?
59. *O livro da escola mesmo, o que a gente usa.*
60. Esse texto que você acabou de ler, traz exemplos de mudanças que acontecem na natureza?
61. *Eu acho que só no final quando os meninos resolvem salvar o cerrado e fazer o parque nacional. Eu acho que é nessa parte do texto.*
62. Isso é mudança.
63. É.

Mais uma vez, antes de ser questionada, Bia já havia usado a palavra ecossistema para explicar seu conceito de biodiversidade. No entanto, para responder ao questionamento - 64. “(...) O que significa ecossistema, pra você?” – Bia repete o discurso escolar utilizando o recurso didático de desmembramento da palavra para explicá-la (**Extrato 43**). Mesmo não conseguindo alcançar uma resposta conceitualmente correta, Bia nos mostra, mais uma vez, a força da escola em sua formação científica. Além disso, nesse momento da entrevista nos conta como se deu o trabalho com a revista Semeando dentro do contexto escolar.

Extrato 43: Trecho da entrevista específica de Bia em que se aborda questões sobre o conceito ecossistema.

70. Você já usou outra palavrinha, ecossistema. O que significa ecossistema, pra você?
71. *Ecossistema... Pode falar, explicar assim a palavra eco vem de... [Silêncio]. Eco eu acho que vem de ecologia e sistema... [Silêncio]. Acho que inclui também a parte dos animais.*
72. Onde você ouviu falar na palavra ecossistema?
73. *Nessa revista, estava lá a palavra ecossistema só que eu não li o que era. Só vi que estava lá.*
74. Tem quanto tempo que você na escola está estudando essa revista?

75. *Assim, foi só... A gente não estuda... É uma aula ou outra quando a professora de Português resolve dar a revista pra gente, mas foram só duas professoras: Geografia e Português. A de Português deu porque na escola estava acontecendo o Projeto Semeando sobre a água, da questão do meio ambiente e a gente fez a produção de texto. A professora deu a revista para ajudar a gente a fazer esse texto sobre a questão do meio ambiente mesmo.*

Quanto a mensagem deixada pelo texto, Bia não se mostra diferente da maioria das demais entrevistadas. Repete o discurso pedagógico, midiático e do próprio livro “O Tesouro do Quilombo” de preservação do ambiente (**Extrato 44**).

Extrato 44: Trecho da entrevista específica de Bia em que a mesma coloca a mensagem deixada pelo texto.

70. Você acha que o texto deixa alguma mensagem para o leitor?
71. *[Silêncio]. Acho que sim que as pessoas devem preservar o meio ambiente porque fala que o cerrado estava sendo destruído e eles queriam salvar, então as pessoas devem se conscientizar que não devem poluir o meio ambiente porque ele faz parte de uma mudança pro mundo porque... É isso... Se a gente não cuidar do meio ambiente pode trazer várias falhas pra gente como já tendo o... Trazem várias coisas ruins pra gente como o aquecimento global.*

Bia, antes de escolher o trecho do texto para decorar e narrar, questiona se pode realizar uma prática muito comum em sua atividade enquanto Miguilim: recortar o texto, retirar partes, frases do texto original. Ainda que esse trabalho de reformular o texto seja das formadoras, os Miguilins sabem que ele existe e como ele é realizado, o que nos permite perceber que Bia remete-se ao discurso e à prática Miguilim.

● **Isa**

Diferente das outras Miguilins entrevistadas, Isa, nem sequer questiona se a leitura precisa ser ou não realizada em voz alta. Após a explicação inicial de todos os procedimentos da entrevista, segura o texto, prepara a voz e inicia a leitura do texto pelo título, em voz alta. Interrompo e pergunto se Isa prefere fazer a leitura em voz alta. Ela responde afirmando que não faz diferença ler silenciosamente ou não. Explico que não há a necessidade da leitura em voz alta, mas que ela deve escolher o

modo de ler que julgue ser melhor para seu entendimento. Assim, Isa volta a ler o texto silenciosamente.

Isa, nos conta que parou a leitura do livro no capítulo que contava a história dos índios araxás, ou seja, capítulo V do livro “O Tesouro do Quilombo”. Afirma gostar do livro por envolver aventura em busca de um tesouro, por ser diferente, provavelmente dos livros que está habituada a ler. Ao ser questionada quanto às diferenças na leitura do livro e do texto, afirma que diferenças existem, pois o texto é modificado em relação ao livro, exigindo uma nova forma de leitura. Desse modo, reconhece as modificações do texto em relação ao livro, ou seja, reconhece a mudança de suporte e as diferentes exigências de leitura em relação a cada uma delas.

O gosto de Isa pelo texto foi associado diretamente ao fato de ser curto e de ser de fácil entendimento. Além disso, afirma ter conseguido entender toda a história do texto mesmo sendo esse um resumo do livro. Desse modo, percebemos, mais uma vez a relação da leitura enquanto processo que permite o entendimento (**Extrato 45**).

Extrato 45: Trecho da entrevista específica de Isa em que a mesma justifica seu gosto pelo texto.

- | |
|---|
| <p>40. E do texto, você gostou?
41. <i>Gostei.</i>
42. Por que?
43. <i>Não é grande e deu pra eu entender bem do que história está falando.</i>
44. Você conseguiu entender a história toda?
45. <i>Sim.</i>
46. Mesmo o livro tendo sido resumido.
47. <i>É.</i></p> |
|---|

O que chama a atenção de Isa no texto é o comportamento dos jovens adolescentes, personagens da história, diferente do que ela teria.

Para Isa, natureza é o centro da vida (**Extrato 46**). É um espaço que contém seres vivos, criado por Deus e capaz de transmitir a vida. Bastante complexo o conceito que Isa formula para natureza. Produz um discurso que perpassa diferentes instâncias, sem abrir mão do fato de que foi Deus o grande criador do mundo, mas

não o criador da vida, sendo a transmissão da vida responsabilidade da natureza. Isa não se recorda de um texto ou livro que a ajudou a entender o conceito de natureza, mas afirma que o texto didatizado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo” ajuda na compreensão do conceito de natureza por abordar, ao longo da história, elementos que compõem a natureza e por possuir personagens que procuram preservar. No entanto, é necessário avaliarmos a resposta dada a essa última questão mencionada, uma vez que o contexto em que a pergunta é realizada é uma entrevista sobre o texto “O Tesouro do Quilombo”. Assim, a resposta de Isa, afirmando que o texto ajuda na compreensão do conceito de natureza, deve ser analisada também considerando a necessidade da Miguilim em atender às expectativas da entrevista e da entrevistadora.

Extrato 46: Trecho da entrevista específica de Isa em que a mesma aborda as questões relacionadas ao conceito de natureza.

32. O que significa natureza pra você?
33. *É um espaço onde tem várias plantas e animais e que deve ser cuidado. Eu acho que o Deus deu a natureza pra gente e ela que transmite a vida pro mundo. É através dele que a gente ta vivo. Vai que um dia ela acaba. Ninguém sabe o que pode acontecer. Eu acho que ela é o centro da vida.*
34. Você já leu algum texto ou livro que ajudasse você a entender o que é natureza?
35. *Não.*
36. Esse texto, você acha que de alguma maneira ajuda você a entender o que é natureza?
37. *Ajuda. Fala muito do cerrado, das plantas, das riquezas que tem no cerrado e que os meninos quiseram preservar.*
38. O cerrado é a natureza?
39. *Eu acho que é uma parte. Não é tudo, mas faz parte da natureza.*

Ainda que Isa afirme ser difícil de explicar o que é vida ou não ter uma explicação para a vida, usa palavras em seu discurso que nos leva à constatação de que a vida relaciona-se à vida humana, a vida em sociedade (**Extrato 47**).

Extrato 47: Trecho da entrevista específica de Isa em que a mesma define vida.

40. E o que é vida pra você?
41. *Ai...Vida é meio difícil de explicar. Sei lá, desde que você nasce ta vivendo um vida, mas ela traz vários aspectos que é cuidar de si mesmo, aprender com as várias oportunidades que o mundo dá pra você, cuidar do que é seu e que pode e o que pode não ser também e... Não sei. Acho que pra mim não tem explicação a vida. A vida é o viver da gente de cada dia que a gente tem que cuidar sempre porque um dia todo mundo vai morrer então eu acho que pra mim vida é isso.*

Interessante é que em nenhuma das entrevistas realizadas, a explicação das aulas de Ciências a respeito da vida aparece, é reproduzida, lembrada. Ainda que a ciência não tenha uma definição concreta do que vem a ser vida, na escola, aprendemos quais as características que definem o que vem a ser um ser vivo. Mesmo que os vírus sejam colocados como exceção durante as aulas de Ciências, a presença de células, a necessidade de energia para a manutenção da vida, a reprodução, o nascimento e a morte, são características associadas à presença de vida, e, portanto, aos seres vivos.

Isa recomenda a leitura do livro “Meu pé de laranja lima” para a compreensão do conceito de vida humana (**Extrato 48**), considerando que a vida impõe dificuldades e obstáculos a serem superados e exige a formação de valores.

Extrato 48: Trecho da entrevista de Isa em que a mesma recomenda a leitura de um livro literário para a compreensão do conceito de vida.

- | |
|---|
| <p>42. Você recomendaria a alguém a leitura de um texto ou de um livro sobre esse tema?</p> <p>43. <i>Recomendaria.</i></p> <p>44. Que livro ou que texto seria esse?</p> <p>45. <i>É sobre o livro do Quilombo ou...</i></p> <p>46. Não, eu te perguntei o que é vida e você me explicou que é vida pra você, certo? Então agora eu estou te perguntando se você recomendaria a alguém a leitura de um texto ou de um livro que ajudasse a entender o que é vida.</p> <p>47. <i>Eh. O livro “Meu pé de laranja lima” porque fala da vida de um menino... eu não sei se você já leu, já?</i></p> <p>48. Já.</p> <p>49. <i>Por isso, eu acho que é muito bonito.</i></p> <p>50. Mas explica pra mim a história!</p> <p>51. <i>Porque a história é do menino que era muito pobre e passava por muitas dificuldades, tinha que cuidar dos irmãos ainda pequeno. Ele só tinha cinco anos, mas dizia que tinha seis. Eu acho que no mundo de hoje nenhuma criança dá conta de criar uma outra. Antigamente sim, mas eu acho que é bom a gente estar lendo esses livro pra ver as dificuldades que antigamente as pessoas passavam, porque a gente é muito egoísta. A gente pensa que os pais da gente têm que dar tudo, que tudo eles tem que fazer e que só quando a gente crescer é que gente vai seguir nossa vida e mesmo assim tem gente que nem segue porque quer viver de herança de pai, de mãe. A gente não vê a dificuldade que eles passavam antigamente. Eu acho que na vida a gente tem que aprender valores e nossos deveres também. A gente tem que fazer. Por isso que eu recomendaria “Meu pé de laranja lima”.</i></p> |
|---|

Isa, afirma conhecer a palavra biodiversidade por a ter escutado e aprendido seu significado na escola. Desse modo, não hesita ao colocar seu conceito, parecendo repetir o discurso aprendido em sala de aula (**Extrato 49**). No entanto, quando

questionada sobre livro ou texto que a ajudou a compreender o conceito de biodiversidade não se lembra de nenhum. Assim, pergunto como foi que aprendeu o conceito, e mais uma vez, sem hesitar, Isa retorna ao discurso escolar para justificar seu conhecimento nas explicações proferidas pela professora de Ciências durante suas aulas.

Extrato 49: Trecho da entrevista específica de Isa em que a mesma aborda as questões sobre o conceito de biodiversidade.

- | |
|--|
| <p>52. Você já ouviu falar em biodiversidade?
53. <i>Já.</i>
54. Onde foi que você ouviu falar?
55. <i>Na escola.</i>
56. E pra você o que significa biodiversidade?
57. <i>É o conjunto de animais e plantas que existem na natureza.</i>
58. Tem algum livro ou algum texto que ajudou você a entender o que é biodiversidade?
59. <i>Não. Eu acho que não.</i>
60. Como foi que você aprendeu o significado de biodiversidade dessa maneira como você está falando?
61. <i>Foi na aula de Ciências. Foi a professora que explicou e foi dessa maneira que eu aprendi. Nunca tinha ouvido antes dela explicar.</i></p> |
|--|

Isa afirma que o texto lido no contexto da entrevista a ajudou a entender o conceito de biodiversidade, pois reconhece o cerrado como parte da natureza e da biodiversidade. Nesse momento, Isa procura atender às expectativas da entrevista e afirma que natureza e biodiversidade são conceito que se confundem, que podem ser sinônimos. Ao apontar um trecho do texto que exemplifique biodiversidade, demonstra o não conhecimento conceitual. Desse modo, inferimos que o problema de Isa e das demais entrevistadas nada mais é que um problema conceitual, pois todas as entrevistadas, assim como Isa, conheciam a palavra biodiversidade, mas nenhuma delas reconhece no texto passagens que apontam explicitamente o conceito de biodiversidade. As palavras não ganham significados apesar de aprendidas. Muitas vezes, são decoradas para que bons resultados em avaliações sejam alcançados, mas significados que possam ser levados para fora do universo escolar e reconhecidos em diferentes contextos não são construídos.

Isa considera que a natureza é passiva e que sofre transformações realizadas pelos humanos; além disso, afirma que quem deveria sofrer transformações somos nós, seres humanos, para que possamos valorizar e preservar a natureza. Recordar-se da leitura de textos didáticos nas aulas de Língua Portuguesa sobre o tema, mas modifica completamente seu conceito de transformação quando se remete ao texto “O Tesouro do Quilombo”. Isa aponta elementos de reconhecimento da dinâmica da natureza, sendo os ciclos de vida dos seres vivos exemplos desse dinamismo inerente à natureza. Desse modo, Isa nos apresenta dois conceitos distintos de transformação, provavelmente, procurando atender positivamente às expectativas da entrevista (Extrato 50).

Extrato 50: Trecho da entrevista específica de Isa em que a mesma aborda as questões sobre o conceito de transformação.

72. O que significa pra você transformação, sendo que transformação está sendo utilizada no sentido de mudanças da natureza? Pra você.
73. *Transformação pra mudar a natureza eu acho que... Quem tinha que transformar eram os humanos para não estarem destruindo a natureza do jeito que está porque é a única coisa que a gente tem que estar preservando. Eu acho que quem devia estar transformando somos nós em verem a importância que ela tem pra gente, porque ela tem toda a riqueza e a gente não tá sabendo valorizar.*
74. Você já leu algum texto ou algum livro que fale desse tema?
75. *Transformação. Já.*
76. Me fala qual?
77. *Na escola que a minha professora de Português deu já, mas eu não lembro o nome concreto do texto não. Falava muito de a gente estar preservando a natureza. Esse ano mesmo a maioria dos textos que estão dando na escola é sobre isso, preservação porque está acontecendo muito o efeito estufa, essas coisas então as professoras estão dando mais textos de preservação da natureza.*
78. Nesse texto, você acha que existem exemplos de mudanças que acontecem na natureza?
79. *Tem exemplos de uma forma porque fala muito de... Os índios nasceram nos coquinhos e as lagartas... Isso é um tipo de transformação que eu vi e que está no texto.*
80. Essa transformação que você acabou de citar. Você falou da transformação dos índios terem nascido dos buritis e as lagartas. Esse tipo de transformação tem sentido diferente do sentido que você usou antes?
81. *É.*
82. Por que?
83. *Porque a outra transformação que tinha citado era pra gente está preservando a natureza porque ela é centro da gente e essa transformação foi de quando ela nasceu, de quando tudo se formou, quando tudo nasceu, os bichos, as plantas, os índios...*
84. E tudo é transformação da natureza?
85. *Eu acho que sim.*

A questão sobre o conceito de ecossistema provoca insegurança em Isa, que afirma não saber explicar o que é, mas não deixa de se colocar e responder ao

questionamento (**Extrato 51**). Isa comenta que ecossistema relaciona-se a plantas nativas de um determinado lugar. Lembra-se do livro de Geografia quando perguntada se algum livro ou texto a ajudou a compreender o conceito de ecossistema, no entanto, não reconhece nenhuma passagem do texto que possuía exemplo de ecossistema.

Extrato 51: Trecho da entrevista específica de Isa em que a mesma aborda as questões sobre o conceito ecossistema.

86. O que significa ecossistema pra você?
87. *Bom... Ai meu Deus. Bom, não sei como explicar o ecossistema, pode ser determinada parte nativa, sei lá, de um lugar, de determinadas plantas. Eu acho que ecossistema é isso. Ontem mesmo a gente estava vendo um pouco disso, a diferença de um conjunto de plantas de um lugar que depois transforma em outro. Não sei como explicar.*
88. O que é nativo?
89. *Onde as plantas não foram derrubadas e colocadas outras. São nativas, conservadas, porque nasceram lá.*
90. Tem algum livro ou texto que já ajudou você a reconhecer e entender os ecossistemas?
91. *Já.*
92. Que livro ou que texto é esse?
93. *Eu acho que foi um livro.... No livro de Geografia mesmo fala um pouco disso. Que me ajudou mais porque nem sempre eu sei distinguir uma coisa da outra da natureza assim. Eu acho que não tem um texto concreto não, só na explicação da matéria mesmo na escola.*
98. Você consegue reconhecer exemplos de ecossistemas que aparecem no texto, se é que eles aparecem?
99. *Não [Tom de voz baixo].*

A mensagem que o texto deixa para Isa nos remete ao discurso escolar, midiático pela preservação da natureza. Discurso esse que marca a grande maioria das entrevistadas (**Extrato 52**).

Extrato 52: Trecho da entrevista específica de Isa em que a mesma conta a mensagem deixada pelo texto.

100. Na sua opinião, esse texto deixa alguma mensagem para o leitor?
101. *Eu acho que deixa sim porque aqui mostra que o índio queria que os meninos achassem o tesouro e conservassem a vida. Eu acho que deixa uma mensagem para que a gente cuide da natureza porque é a nossa vida que está ali e que se Deus deixou isso pra nós não foi pra destruir do jeito que está sendo, então deixa uma mensagem pra gente está conservando a natureza que ela é muito valiosa pra si mesmo.*

Ao final, Isa questiona se deve contar a história ou contar sobre a história e explico que quero que exerça sua prática de Miguilim. Isa escolhe o trecho, prepara-se, inicia a contação, sente dificuldades, pede mais tempo para se preparar e que eu

me retire da sala para que possa treinar o texto em voz alta. Quando termina sua preparação, narra o trecho do texto onde o índio leva as crianças para uma festa indígena. Justifica sua escolha afirmando se tratar de um momento alegre da história.

Com todas as entrevistas específicas das Miguilins estudantes do ensino fundamental analisadas poderemos, no capítulo seguinte, realizar considerações e conclusões. Assim, verificaremos de que modo essa pesquisa relaciona-se com o conhecimento produzido até o momento e como contribui para a área acadêmica em que se insere.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PESQUISADORA, PESQUISA, MIGUILINS, LEITURAS E CIÊNCIAS.

“Miguilim olhou. Nem podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo, lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui ali, meu Deus, tanta coisa, tudo...” (ROSA, 1984, p.139).

4.1- O PERCURSO DA PESQUISADORA NA PESQUISA

Propor um estudo de um grupo de adolescentes estudantes da escola formal, mas também formados fora do ambiente escolar de ensino foi um modo de procurar diferentes maneiras para voltar a crer no processo educativo. Como professora da rede estadual de ensino, existia em mim uma necessidade de deixar a sala de aula e procurar outros instrumentos que me fizessem continuar a crer na educação, a continuar a crer na profissão escolhida. Sem procurar muito, encontrei um processo formativo de sucesso, capaz de formar adolescentes que se destacam no exercício de suas atividades.

Também encontrei, naquele mesmo grupo de jovens em formação ou formados e em plena atividade, Guimarães Rosa. Estava diante de adolescentes que se destacavam por contar trechos das mais belas obras de arte da literatura brasileira. O encantamento foi imediato e o desejo de propor um estudo do grupo tornou-se imperativo, tendo em vista que, em minha sala de aula, me deparava todos os dias com adolescentes de 11 a 16 anos, que chegavam ao segundo ciclo do ensino fundamental mal sabendo ler e escrever. Como podiam aqueles jovens serem tão diferentes daqueles com quem convivia diariamente?

Mas não era possível deixar para trás minha formação científica e propor um estudo. Impossível desconsiderar que sou professora de Ciências e não de Língua Portuguesa. Mas essa questão também não foi difícil de ser resolvida. Guimarães Rosa tinha uma formação ampla, conhecimentos sobre o sertão e o sertanejo, que o permitia não somente imprimir em seus textos a beleza de seu modo de escrever, mas também seus conhecimentos científicos e seus conhecimentos sobre a alma humana.

Lendo e relendo algumas novelas, alguns contos e alguns livros me encantei, mais uma vez, e não somente com a beleza das histórias, mas com a riqueza do conhecimento científico, que aos meus olhos estava transformado em literatura, em arte; ciência e arte andavam juntas. Nesse momento, pude perceber que estudar aquele grupo de jovens adolescentes contadores de histórias, poderia ser um modo de estudar a formação científica dos mesmos.

O interessante desse “causo” é que ao final, como veremos a seguir, aquela professora que saiu da sala de aula com o intuito de crer na educação deparou-se justamente com a instituição social que valida o conhecimento, principalmente o conhecimento científico: a escola. Um projeto de pesquisa que inicialmente não pretendia abordar as questões educacionais que perpassam o ambiente formal de ensino e aprendizagem foi obrigado a se remeter à escola, suas especificidades e sua força perante a sociedade, que vê nessa instituição o local de formação, aprendizado da leitura e validação do conhecimento científico.

Nesse sentido, foi preciso amadurecer, crescer, refletir sobre o exercício da profissão docente e sobre os erros e acertos cometidos em sala de aula para, assim, compreender o percurso dessa pesquisa, os resultados da mesma e as mudanças necessárias para o aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Esse capítulo 4, então, é dedicado à educação científica promovida pela escola, ao processo de aprendizagem e exercício da leitura ensinado e avaliado pela escola, objetos de estudo dessa pesquisa.

4.2 – SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA

Os Miguilins entrevistados nos apresentam práticas de leitura semelhantes e distintas, no entanto, todas elas muito próximas ao processo aprendido e ensinado pela escola. Considerando que Bourdieu (1996) nos coloca a leitura como uma prática cultural, regida pelas mesmas leis das demais práticas culturais, no entanto, ensinada predominantemente pela escola, não fica muito difícil entender essa proximidade em relação ao ambiente formal de ensino.

Quando as Miguilins entrevistadas afirmam que gostaram do texto lido durante a entrevista específica, porque o mesmo foi fácil de entender, nos remetemos imediatamente à leitura aprendida, ensinada e avaliada no ambiente escolar. Afirmações do tipo: *Gostei de ler porque foi prazeroso; Porque me fez recordar de umas férias que passei na fazenda da minha tia*, não aparecem entre as respostas das Miguilins entrevistadas. Nesse sentido, pesquisadores como Evangelista, Brandão e Machado (2006, p.11) discutem o dilema dos professores de Língua Portuguesa “(...) de trabalhar com textos literários na escola, de promover a leitura de livros, de contribuir para que os alunos se tornem leitores voluntários e autônomos (...)”. Também acrescentam ao debate a necessidade escolar de avaliar a leitura, transformando em cobrança, repulsa e desgosto a relação com o ato de ler e provocando afastamento das práticas sociais de leitura (EVANGELISTA, BRANDÃO e MACHADO, 2006). Desse modo, percebemos que o prazer e o gosto pela leitura, enquanto manifestação artística, por mais que seja um discurso proferido

e sistematizado pela escola, é contraditório ao sistema de avaliação que exige a leitura dos alunos para que haja, em seguida, uma cobrança sistematizada sob a forma de trabalhos, fichas literárias e provas. Assim, o prazer pela leitura, por mais que ocorra na sala de aula e fora dela, dificilmente é lembrado.

Ainda com o olhar sob essa discussão, acrescentamos o questionamento feito pelo escritor Ângelo Machado aos Miguilins, em encontro promovido após a leitura do livro e realização das entrevistas específicas: *Por que eu escrevi o livro* (referindo-se ao “Tesouro do Quilombo”)? Os Miguilins, em resposta ao autor, afirmam, em sua maioria: *para que aprendamos a preservar a natureza, para que vejamos o quanto é importante cuidar do meio ambiente*. O escritor, não satisfeito com a resposta dos leitores, afirma: *Escrevi o livro para que vocês aprendessem tudo isso sim, mas meu objetivo principal era que vocês gostassem da história, se divertissem com ela*.

Desse modo, verificamos, entre os Miguilins entrevistados, que o gosto pela leitura relaciona-se muito mais ao aprendizado, ao entendimento e compreensão de conhecimentos do que ao entretenimento. Temos por hipótese, que por serem todos membros de um mesmo grupo e alunos da escola formal, a justificativa para essa tendência pode estar também alicerçada nos âmbitos teóricos, até o momento, discutidos e apresentados.

A maioria entrevistada afirma gostar de ler, mas mesmo aqueles que declaram não gostar de ler reconhecem a importância da leitura. O reconhecimento de que a atividade de leitura é importante e necessária pode ser mais uma reprodução do discurso escolar. Ou seja, podemos inferir que, por serem todos formados pela instituição social responsável pelo processo de ensino e aprendizagem da leitura – a escola – todos reproduzam o discurso veementemente proferido nesse ambiente.

No entanto, podemos também inferir que o reconhecimento de que a leitura é fundamental para a vida cidadã esteja relacionada à observação do sucesso escolar e profissional entre aqueles que integraram o Grupo Miguilim. E, talvez, possamos discutir que a leitura, enquanto processo de entendimento, perpassa esse sucesso escolar e profissional.

Interessante é que o entendimento do que está no texto está intimamente relacionado ao ensino e à aprendizagem da leitura. Não é por acaso que o Sistema de Avaliação do Estado de Minas Gerais (SIMAVE) tem avaliado em suas provas o domínio de estratégias de leitura e diferentes gêneros e o domínio de recursos lingüístico-discursivos na construção de gêneros. Para que esses domínios sejam avaliados é necessária a compreensão do texto lido, uma vez que é cobrada, por exemplo, a competência de localização de informações no texto e a realização de inferências textuais e lexicais (MINAS GERAIS, 2001).

Mas não podemos explicar somente por meio desse fato a associação direta entre leitura e entendimento pelas nossas entrevistadas. Como afirma Soares (2001), não basta ler, é preciso se apropriar da habilidade da leitura, utilizá-la e aplicá-la às diferentes práticas sociais, ou seja, é preciso ser letrado. E para se tornar um cidadão letrado é necessário compreender, atribuir sentidos aos textos que os livros e a vida nos apresenta no cotidiano social. Aspecto que reforça a aproximação entre leitura e entendimento.

No entanto, essa visão de que a leitura deve ser apropriada, utilizada e aplicada em diferentes instâncias sociais é bastante atual. No princípio do século XX as habilidades exigidas eram outras. Os Programas de Ensino até os anos de 1924, como mostra Klinke (2003), exigiam que os alunos do 2º ano escolar tivessem leitura corrente. Era necessário que os alunos lessem o livro adotado com expressão e

naturalidade, observando as pausas, esclarecendo o significado das palavras e resumindo o que haviam lido. Além disso, aos alunos do 3º ano escolar era exigido reproduzir exatamente o sentido do texto lido oralmente. Dava-se uma grande importância à interpretação dos textos lidos, pois segundo Thomaz Galhardo⁸, a diferença entre ler e saber ler estava justamente na compreensão do que era lido.

Por mais que essa estratégia de ensino e aprendizagem da leitura tenha tido fim e a questão do letramento tenha ganhado espaço amplo nos dias atuais, sabemos o quanto as mudanças de discurso e postura são morosas no ambiente escolar. E esse fato não se deve a simples incapacidade dos profissionais escolares de implementarem novas formas de trabalhar. É preciso considerar que todos aqueles que hoje ocupam o lugar de educadores já foram alunos e trazem junto de si uma bagagem sócio-histórica impossível de ser descartada. Desse modo, como observamos as práticas de leitura aprendidas e ensinadas atualmente no ambiente escolar ainda devem guardar resquícios dos antigos tempos.

Outro fato interessante a ser comentado quanto às práticas de leitura identificadas em nossas Miguilins entrevistadas está na distinção entre a leitura oral (em voz alta) e a leitura silenciosa. Apenas Ana realizou sua leitura oralmente. As demais acabaram optando por ler silenciosamente, após a explicação da entrevistadora de que a leitura poderia ser feita do modo que as entrevistadas considerassem melhor. O princípio da entrevista de Isa ilustra bem essa questão, uma vez que a Miguilim nem mesmo questiona se a leitura deve ser silenciosa ou não e inicia a leitura oral. Quando a entrevistadora esclarece que ela tem opção de escolher, a leitura passa a ser silenciosa.

⁸ Segundo Klink (2003), Thomaz Galhardo foi autor de um livro de leitura adotado por muitos anos para o ensino e a aprendizagem de leitura nos 1^{os} e 2^{os} anos escolares.

O que nos chama atenção para esse fato é que mais uma vez nos deparamos com os resquícios do passado. Klinké (2003, p.149) aponta a “ruptura sensível quanto à importância incólume dada à leitura oral” por volta de 1925. A partir dessa data, a leitura oral, que era vista como uma forma do aluno expressar seu entendimento do texto lido, como uma forma de ensinar a ler, como um exercício de memorização, como um meio de socialização nas festas comemorativas escolares e como forma de avaliação do ensino da leitura, passou a ter novo significado.

Nesse momento histórico, então, a leitura silenciosa passa a ser a leitura inteligente e que é valorizada por assumir a função de desenvolvimento da capacidade de compreensão junto aos alunos (KLINKE, 2003). A preferência pela leitura silenciosa e a necessidade de Ana de confirmar que realmente poderia realizar sua leitura em voz alta podem estar alicerçadas em estratégias pedagógicas de ensino da leitura, fundamentadas há décadas atrás.

Mesmo entre as Miguilins que optaram por realizar a leitura silenciosamente encontramos vestígios da leitura oral. Kika, por exemplo, gesticula os lábios, ou seja, pronuncia sem sons as palavras durante a leitura silenciosa do texto.

Mas é interessante mencionar que observamos as práticas de leitura serem modeladas pelas situações. Desse modo, quando a leitura teve por objetivo narrar um trecho do texto lido, a prática de leitura mostrou-se diferente. Nesse momento da entrevista a leitura silenciosa com a gesticulação dos lábios e sem a emissão de sons esteve mais presente, como por exemplo, nas preparações de Bia, Lívia e Ana. Isa, diferentemente, sente necessidade de ler oralmente e chega a pedir a entrevistadora que deixe a sala para ler e, assim, se preparar para a narração. Kika, ao contrário, chega a mencionar que precisa ler oralmente para se preparar, mas acaba por decorar rápida e silenciosamente, após copiar o trecho escolhido várias vezes.

O significado da palavra leitura é um outro resultado a ser discutido. Verificamos que nem sempre a palavra leitura esteve associada à capacidade de ler todo e qualquer material escrito, passível de leitura. Ana, por exemplo, ao ser questionada sobre sua leitura em sala de aula, chega a afirmar que não lê na escola. Nesse sentido, nos deparamos mais uma vez com o conceito de letramento uma vez que, sob essa perspectiva, “as habilidades de leitura devem ser aplicadas diferencialmente a diversos tipos de suportes e textos” (PINHEIRO, 2006, p. 24). Ou seja, devem existir diferentes habilidades para ler literatura, livros didáticos, obras técnicas, dicionários, listas, enciclopédias, quadros de horário, catálogos, jornais, revistas, anúncios, cartas formais e informais, rótulos, cardápios, sinais de trânsito, sinalização urbana, receitas, e muitos outros (SOARES, 2001, p. 69).

Sendo assim, para Ana, leitura e leitura literária nos parecem ser termos considerados sinônimos e historicamente observamos o surgimento da palavra literatura, com o intuito de distinguir esse tipo de leitura das demais. A palavra literatura surgiu num momento histórico, século XVIII, em que a leitura e a escrita começaram a se espalhar perante toda a população, deixando de ser privilégio da elite letrada. Abreu (2005) *apud* Pinheiro (2006, p.30) nos confirma:

“A definição moderna de literatura se faz no momento em que entraram em cena novos leitores, novos gêneros, novos escritos e novas formas de ler. Escritores e leitores eruditos interessavam-se fortemente em diferenciar-se de escritores e leitores comuns a fim de assegurar seu prestígio intelectual, abalado pela disseminação da leitura. Isso os levou a eleger alguns autores, alguns gêneros, e algumas maneiras de ler como os melhores. Convencionaram chamar isso de literatura” (ABREU, 2005, p.28, *apud* PINHEIRO, 2006, p.30).

Após essa distinção entre leitura e leitura literária, os textos literários passam a ser valorizados, em determinadas situações chegam a ser sacralizados, passando a receber lugar de destaque na sociedade e permitindo que museus literários ou em homenagem a literatos sejam criados. No entanto, a maioria dos Miguilins vê

literatura em geral como mais um texto, mais uma forma de expressar a escrita, sendo então passível de leitura, assim como jornais, revistas e livros didáticos. Inferimos, então que a prática de leitura é exercida enquanto prática cultural, uma vez que a literatura perde seu lugar de destaque e mistura-se aos demais textos passíveis de leitura.

O que verificamos entre os Miguilins entrevistados é uma relação com uma obra literária não elitizada, não sacralizada, ainda que esse tenha sido o percurso histórico. Ainda que a obra literária receba lugar de destaque dentro do Museu Casa Guimarães Rosa, local onde os Miguilins exercem sua práxis e onde a obra rosiana é preservada, guardada, enaltecida. Os Miguilins, em geral, lêem literatura, como lêem jornais, revistas, textos didáticos.

Talvez possamos procurar respostas para esse fato junto ao ambiente escolar, onde a leitura literária é recomendada, incentivada, cobrada e avaliada; fato que não se restringe somente à escola cordisburguense, pois se aplica a qualquer outra instituição escolar de nossa sociedade. Mas também podemos procurar resposta em outro fator: a existência da Biblioteca Riobaldo e Diadorim dentro da AAMCGR. O “entra e sai” da biblioteca de crianças, adolescentes, adultos e idosos observados durante a pesquisa, revela uma relação harmônica com a literatura, contrastando com o lugar de destaque que a obra literária rosiana recebe dentro do MCGR.

Vale ressaltar que a inferência de que a relação natural harmônica com a obra literária não é válida quando nos remetemos à literatura rosiana. Somente Chico afirma não haver diferença entre a leitura que realiza dos textos rosianos e a leitura em geral. Os demais entrevistados fazem distinção entre leitura geral e leitura dos textos rosianos, considerando essa última uma leitura diferenciada, que exige dedicação, tempo e várias leituras para se alcançar o entendimento. Assim, interpretamos que a

prática de leitura da obra rosiana estaria mais próxima do plano do sagrado para os Miguilins, se distanciando das demais práticas desenvolvidas pelos mesmos. Percebemos uma relação de respeito e de distanciamento, principalmente entre aqueles que recentemente passaram a desempenhar a práxis Miguilim, sendo, portanto, diferentes de Chico.

Atentamo-nos também para outro resultado. A utilização dos livros didáticos em sala de aula é questionada, tendo em vista que alguns autores colocam que há uma fixação na utilização dos mesmos como garantia de segurança e desenvolvimento da aula (TERRAZAN, 2000). No entanto, nossa pesquisa mostrou a presença de outras fontes de leitura em sua sala de aula, como uma revista com foco na questão da educação ambiental, para trabalhar produção de texto com os alunos. Ou seja, estamos diante de uma situação diferenciada, mas sabemos que é comum, entre os professores, o uso de recursos didáticos que fogem a um domínio de conhecimento específico, para trabalhar com seus alunos. Esse recurso didático foi citado muitas vezes pelas entrevistadas, como o instrumento que lhes teria apresentado alguns conceitos científicos e é disponibilizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (FAENG). O Programa Semeando, considerado pelos mesmos como o maior programa de educação ambiental do Estado de Minas Gerais, “(.) pretende proporcionar às crianças e aos educadores uma reflexão sobre a importância do desenvolvimento sustentável” (site <http://www.senarminas.org.br/>). A Revista Semeando, que é distribuída às escolas participantes do programa, tem seu conteúdo elaborado seguindo-se as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN); seguindo o programa de educação ambiental do Estado de Minas Gerais; seguindo as

ações da Agenda 21 e do Projeto Milênio das Nações Unidas 2005 ([site http://www.senarminas.org.br/](http://www.senarminas.org.br/)).

Mas o que nos chama a atenção realmente como resultado dessa pesquisa quanto às práticas de leitura dos integrantes do Grupo “Contadores de Estórias Miguilim” é o fato de serem jovens e adolescentes leitores. A afirmação chavão – “Os jovens não lêem” – não é válida e não se aplica a esse grupo. E mais, trata-se de adolescentes e jovens leitores, estudantes do ensino fundamental e médio de uma escola pública, que possuem pontuação média na prova de leitura do SIMAVE superior à média de todo o ~~estado~~ estado de Minas Gerais ([site http://www.simave.ufjf.br/2007](http://www.simave.ufjf.br/2007)).

Além disso, são adolescentes que dominam uma prática de leitura especializada, que tomam para si a liberdade de interferir no texto, que repetem a prática das formadoras de recompor e/ ou reconstruir o texto didatizado literário. Observamos que esses estudantes, membros do Grupo transferem essas competências e habilidades de leitura e narração adquiridas no decorrer da formação inicial e práxis Miguilim para a leitura e narração de outros textos. Leitura essa que poderíamos rotular de leitura cênica, leitura dramática, leitura interpretada, leitura para contação de história.

4.3 – SOBRE A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

As Miguilins participantes das entrevistas específicas deixaram claro a não relação entre os temas e conceitos científicos e a obra rosiana. Inferimos que esse fato esteja associado intimamente, mais uma vez, à escola.

Assim como a escola é a instituição social responsabilizada pelo ensino e a aprendizagem da leitura, é esse o local também da legitimação do conhecimento

científico. Sendo assim, é ao discurso proferido nesse ambiente que as Miguilins se remetem.

Compreender e perceber que ciência e literatura são conhecimentos que podem caminhar juntos não é simples. Autores como Silva (2006) nos fazem refletir sobre o papel da escola na dissociação entre algumas produções humanas como a ciência e a arte. Assim essa autora nos traz Italo Calvino que “(...) pensa a literatura como um espaço em que diversos campos se cruzam, levando seus leitores a refletirem sobre separações estanques que a nossa tradição escolar opera e impõe, como, principalmente, entre ciências e arte” (CALVINO *apud* SILVA, 2006, p.3).

O que a autora argumenta é que a escola, muitas vezes,

“(...) nega as semelhanças que existem entre arte e ciências, ao basear-se em uma visão maniqueísta, na qual a arte estaria no campo da imaginação, da invenção do lúdico, do ilógico, do falso ou não verdadeiro; e a ciência – seu pólo oposto, como discurso – corresponderia ao domínio do racional, do lógico, do comprovado, do verdadeiro” (SILVA, 2006, p.3).

Nesse mesmo sentido, o professor Ângelo Machado, ao ser entrevistado, nos conta as críticas que recebeu quando iniciou seu trabalho de escritor infanto-juvenil, por incorporar conhecimento científico às histórias literárias. Ângelo fala que as críticas iniciais estavam no fato de acreditar que “*a realidade às vezes é mais fantástica do que a gente pode imaginar*” e, em função disso, procurar na natureza fatos interessantes que poderiam ser contados numa bela história. Além disso, o escritor considera absurda a vertente dos escritores literários que desconsideram a possibilidade da realidade tomar-se literatura. Hoje, com seu trabalho de escritor infanto-juvenil reconhecido e elogiado, seus livros já ocupam lugar de destaque entre aqueles classificados como literatura ecológica, ou seja, livros literários que incorporam conhecimento científico ecológico às narrativas literárias.

Salomão (2000) também nos aponta os problemas em reconhecer que tanto a ciência quanto a arte são produções humanas, históricas e sociais, que necessariamente compõem o universo escolar e que, portanto, exigem do professor habilidades para lidar com essas formas de conhecimento e atuar como mediador.

Desse modo, inferimos que o fato de Ana, Bia, Lívia, Kika, Isa e Nina não se remeterem aos textos rosianos, não criarem um interdiscurso com a obra rosiana pode estar associado ao fato do conhecimento científico ser expresso por meio de uma linguagem diferente da linguagem científica. A utilização da linguagem literária para expressar o conhecimento científico faz surgir dificuldades para se relacionar os termos científicos aos textos literários, tendo em vista que a linguagem científica estruturada, objetiva e própria choca-se com a liberdade de expressão e a pluralidade de sentidos que podem ser atribuídos à literatura (SALOMÃO, 2000).

Inferimos, desse modo, que nosso sistema escolar ainda não consegue promover efetivamente a educação científica em seu sentido amplo, tornando possível, por exemplo, o relacionamento da ciência com as mais diferentes instâncias sociais, inclusive as artísticas, como a música, a literatura e o teatro. Desse modo, fica fácil compreender os resultados encontrados nessa pesquisa. Não nos é espantoso um resultado como esse, por observarmos que em sistemas de avaliações internacionais, como o *Programme for International Student Assessment* (PISA), o Brasil encontra-se entre os países abaixo da média definida pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) (site <http://www.inep.gov.br>). Nesse sentido, cabe-nos refletir sobre o que tem sido cobrado nessas avaliações e o que é realmente desenvolvido e trabalhado nas nossas escolas.

A relação entre ciência e arte ainda é complicada em nossa sociedade e dentro da nossa escola não poderia ser diferente. Enquanto a obra literária apresenta-se

polissêmica, permitindo ao leitor múltiplas leituras (AGUIAR, 2006), diferentes interpretações e diversas possibilidades de atribuição de sentidos, o texto científico, expositivo/ descritivo/ analítico, exige que o leitor tenha um único entendimento e atribua um único sentido após sua leitura, sendo impossibilitada a polissemia. Pelo menos, esses são os moldes que o sistema escolar impõe ao ensino e aprendizagem das leis, teorias e conceitos científicos.

Almeida (2004, p.33) afirma que a “(...) linguagem, além de ser suporte do pensamento e instrumento para transmissão de informações, ou seja, meio de comunicação, é essencialmente, produto do trabalho dos homens num processo de interação social e, portanto, histórico”. Assim, inferimos que os diferentes sujeitos sócio-históricos não conseguem atribuir sentidos únicos aos textos lidos, mesmo que de conteúdo científico, uma vez que cada um ocupa um determinado local social e vive um determinado tempo histórico. Buscamos, desse modo, outras explicações para o fato das Miguilins entrevistadas não terem feito referência aos textos rosianos quando questionadas sobre os conceitos científicos.

Outro aspecto nos ajuda a compreender o fato de nossas entrevistadas não relacionarem os conceitos científicos às obras rosianas. Ao procurarmos suporte teórico junto ao Sistema de Avaliação do Estado de Minas Gerais (SIMAVE), nos deparamos com metas que prevêem o desenvolvimento de uma educação científica, objetivando a transformação social. E para alcançar tal meta o programa de ensino do governo do Estado de Minas Gerais deseja, entre outros objetivos:

- “(...) extrapolar os limites da sala de aula, os muros das escolas e ir ao encontro da comunidade, integrando os alunos ao contexto sócio-político em curso;
- instrumentalizar nossos jovens nos domínios da ciência, promovendo a aquisição de uma cultura científica (conhecimentos, meio e métodos), que lhes proporcione competências adequadas para pensarem e intervirem em uma sociedade na qual a ciência e a tecnologia se tornaram operante;
- substituir a ênfase no detalhamento, na memorização de fatos e informações pela apropriação e/ ou compreensão das noções e conceitos estruturadores do pensamento em Ensino de Ciências (...)” (MINAS GERAIS, 2003, p. 106).

No entanto, o próprio documento traz questionamentos do tipo “*O ensino de ciências naturais em nossas escolas/ salas de aula tem contribuído para a construção de uma cultura científica na educação básica?*” (MINAS GERAIS, 2003, p. 108) confirmando que são necessárias uma reflexão e uma avaliação para verificar se as metas traçadas estão sendo alcançadas.

O SIMAVE/ PROEB visando avaliar as metas traçadas para a formação científica dos alunos do Estado de Minas Gerais, propõe um sistema avaliativo que divide as competências cognitivas para a educação científica em três níveis. Entre essas competências, pressupõe-se a aquisição de habilidades que permitam ao estudante interagir simbolicamente com sua realidade sócio-cultural (MINAS GERAIS, 2003, p. 108). Ao nos confrontarmos com essa informação, nos vemos diante da possibilidade de inferir que o ensino de ciências entre as Miguilins entrevistadas não atingiu as expectativas do plano educacional científico do governo. Observamos que a realidade sócio-cultural das Miguilins envolve a atuação em um grupo de contadores de histórias leitores de trechos da obra de Guimarães Rosa, escritor esse que, por meio da linguagem literária, expressava também seus conhecimentos científicos.

Podemos refletir e inferir que o ensino de ciências escolar não possibilita essa interação simbólica com a realidade sócio-cultural, por ainda não compreender as ciências naturais em sua complexidade, em sua articulação com outros conhecimentos, sem respostas exatas e verdades absolutas.

Fazer com que os alunos alcancem os três níveis de competências cognitivas para a disciplina Ciências da Natureza avaliados pelo SIMAVE/ PROEB, considerando a reflexão sobre o ensino de ciências atual, seria uma tarefa complexa. São eles:

“- O nível básico ou presentativo compreende as ações e operações cognitivas que aproximam o objeto de conhecimento para o sujeito. Podem ser percebidas pelo professor, quando o aluno é capaz de identificar, indicar, localizar, descrever, discriminar, apontar, constatar, nomear, ler, observar, posicionar, reconhecer, representar, e suas correlatas.

- O nível operacional ou procedural envolve as ações e operações cognitivas que permitem ao sujeito estabelecer relações com e entre os objetos de conhecimento. Esse processo é indicado pela realização de atividades de associar, classificar, comparar, conservar, compreender, compor, decompor, diferenciar, estabelecer, estimar, incluir, interpretar, justificar, medir, modificar, ordenar, organizar, relacionar, representar, transformar, e suas correlatas.

- O nível global ou operatório compreende as ações e operações cognitivas de transposição e aplicação de conhecimentos e resolução de situações problemas inéditos. Esse nível de desenvolvimento pode ser observado quando o aluno realiza atividades de analisar, antecipar, avaliar, aplicar, abstrair, construir, criticar, concluir, supor, deduzir, explicar, generalizar, inferir, julgar, prognosticar, resolver, solucionar e suas correlatas” (MINAS GERAIS, 2001).

Considerando esses três níveis de competências a serem desenvolvidos pelos alunos da disciplina Ciências da Natureza, ao longo dos anos de estudos do Ensino Fundamental, percebemos que a entrevista específica e as perguntas realizadas às Miguilins voluntárias estariam mais próximas da explicitação de competências cognitivas do nível básico. Tal aproximação relaciona-se ao fato de que foi requisitado às Miguilins **a identificação, a indicação, o apontamento, o reconhecimento, a observação, a localização** dos temas e conceitos científicos didáticos – natureza, ecossistema, biodiversidade, vida, transformação – junto ao texto didatizado literário elaborado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo”.

Observamos as Miguilins reconhecerem a incorporação desses temas e conceitos científicos ao texto didatizado literário, sem nos atermos à aplicação e /ou conceituação correta dos mesmos, mas não observamos as Miguilins se remeterem à obra rosiana. Desse modo, percebemos que não existem indícios que nos permitam afirmar a existência de influência das práticas de leitura dos textos rosianos junto ao processo de educação científica das entrevistadas.

Ressaltamos que, apesar do SIMAVE ser um instrumento de avaliação, nossa pesquisa não se interessou em avaliar as competências cognitivas das Miguilins participantes da pesquisa. Esclarecemos a não concordância com todas as operações cognitivas atribuídas ao nível básico, uma vez que, nossa pesquisa tem um entendimento, já esclarecido, quanto ao que vem a ser leitura. Desse modo, não concordamos que a competência **ler** esteja no mesmo nível de competências como apontar, localizar, observar.

Nossas entrevistadas reconheceram os temas e conceitos científicos didáticos – vida, ecossistema, biodiversidade, transformação (preservação, extinção, ciclos) e natureza. Reconheceram, já ouviram e fizeram uso dos termos em suas respostas, antes mesmo de terem sido questionadas sobre seus significados. Desse modo, verificamos que as habilidades mínimas de identificação e reconhecimento dos temas e conceitos científicos são alcançadas por nossas entrevistadas, estudantes do ensino fundamental.

Nossas entrevistadas, as alunas de sucesso, são desconcertadas pelas perguntas propostas na entrevista específica. Utilizamos os conceitos científicos didáticos ensinados e aprendidos na escola, identificados e reconhecidos pelas mesmas. Mas não pedimos definições e conceituações, e sim relações com o texto didatizado literário, com os textos e livros da vida social, com outros conhecimentos. Formulamos perguntas que não possuem uma resposta exata, uma resposta imediata no texto didatizado literário. Formuladas desse modo, as perguntas tinham o intuito de provocar o interdiscurso, de permitir que as entrevistadas recorressem a outros discursos para efetivarem suas respostas.

Observamos as Miguilins procurarem as respostas que julgavam adequadas e/ou corretas remetendo-se ao discurso escolar, principalmente. Assim, promovem um

interdiscurso com a escola, buscando na disciplina de Língua Portuguesa um exemplo concreto do conhecimento científico escolar e mencionando a Revista Semeando.

Remetendo-se particularmente ao discurso escolar, as Miguilins participantes da entrevista específica mostram o quanto a escola influencia sua formação científica. Inferimos que a escola apresenta-se como a instância que produz o discurso de referência, o discurso que traz conforto e estabilidade no momento em que entrevista específica e as questões provocam desconcerto. Percebemos que devido à força exercida pelo discurso escolar, o relacionamento de conceitos científicos com outros usos e contextos sociais, como a literatura e a mídia, é complexo.

Somente Ana remeteu-se à televisão quando questionada sobre o local onde havia ouvido falar na palavra biodiversidade, e ao livro de auto-ajuda, ao recomendar o mesmo para a compreensão do conceito de vida. E somente Isa remeteu-se a um texto literário – “Meu pé de laranja lima” –, para explicar o conceito de vida, ainda que sua explicação não se assemelhe às discussões científicas sobre o conceito. O fato de Ana e Isa terem mencionado outras obras literárias e também a mídia, nos permite inferir que as mesmas promovem um interdiscurso com outras instâncias sociais além da escola. Interpretamos, então, que essas outras instâncias podem vir a influenciar o processo de educação científica das entrevistadas.

Podemos também refletir sobre o processo de educação científica das entrevistadas lançando um olhar sobre a escola e sua organização curricular fragmentária e disciplinar do conhecimento. Organização que facilita o ensino, mas que dificulta a inserção do conhecimento aprendido no dia-a-dia e também a constatação dos usos dos conceitos científicos nas mais distintas situações sociais.

Talvez, se a escola desempenhasse a função de capacitar seus alunos para a vida cidadã ampla, teríamos alunos educados cientificamente. Ou seja, teríamos

cidadãos formados, que reconheceriam o gênero discursivo da sala de aula, e que fariam uso do mesmo nas situações cotidianas em que esse gênero deixa a sala de aula e entra no mundo. Esse texto do mundo não é escrito didaticamente e os cidadãos educados cientificamente saberiam reconhecê-lo. Os fenômenos científicos não se apresentam no mundo real como se apresentam na sala de aula e as pessoas desenvolvem essas competências quando a escola se preocupa em fazer com que o conhecimento científico seja percebido nas mais diferentes situações cotidianas, expresso nos mais diferentes discursos.

E sugerimos uma reflexão considerando que não existe “(...) proposta definitiva para a educação ou para o aprendizado científico e tecnológico que não dependa das circunstâncias **sociais, econômicas, culturais e políticas** (...)” (MENEZES, 2005, p.155, grifos nossos). Também pensar sobre uma definição clara do que se pode esperar da escola, tendo em vista que a “(...) a formação científica deve ser promovida a partir da convicção de que a **sociedade** deve prover oportunidade de vida digna para todos, em serviços de saúde, educação, atendimento social, ou para atividades artísticas, científicas e de desenvolvimento tecnológico (...)” (MENEZES, 2005, p.157, grifos nossos).

Qual deve ser o papel a ser desempenhado pela escola? A formação científica é uma atribuição que deve ser função única e exclusiva da escola? Acreditamos que se nossa sociedade civil se organizasse em grupos associativos e procurasse proporcionar aos cidadãos uma formação científica contínua e processual, talvez tivéssemos menos o que cobrar da escola, mais a oferecer a nossos alunos e melhores resultados em avaliações. Em países europeus como na França essa prática já é muito antiga e a formação científica em ambientes não-escolarizados é uma atividade consolidada (NASCIMENTO, 2002). Talvez esse seja um exemplo a seguir para alcançarmos

resultados positivos quanto à educação científica.

No nosso Brasil, associações e organizações não-governamentais vêm se estabelecendo com intuito de atuar na promoção da formação científica dos nossos alunos (HAMBURGER e MATOS, 2000). No entanto, o que observamos é que essas entidades não assumem sozinhas a responsabilidade da formação científica da população. Ao contrário, essas associações e organizações promovem um trabalho de parceria com as escolas e, desse modo, atuam auxiliando a escola em seu papel de promotora da educação científica da população (MIRANDA, 2000; BAIER, 2000; TRIVELATO Jr., 2000; MONIS, 2000; PUCCI, 2000).

Nesse sentido, nossa discussão quanto à educação científica das Miguilins entrevistadas aponta para uma repetição dos resultados já observados em programas avaliativos. Ou seja, nossas meninas, assim como a maioria dos estudantes de sucesso escolar, demonstram uma formação científica no nível básico, sendo necessário repensar os modelos e as atribuições escolares para se alcançar uma educação científica em seu sentido amplo.

4.4 – SOBRE A ENTREVISTA ESPECÍFICA

A entrevista específica no âmbito dessa pesquisa mostrou-se uma situação particular para a obtenção dos resultados, tendo em vista que produziu um contexto específico. Tratou-se da criação de um contexto terceiro, contexto esse diferente da sala de aula escolar e do Grupo Miguilim. Contexto esse produzido pela pesquisa e que permitiu, a partir dele, não analisar as Miguilins em suas performances junto à obra rosiana, nem em seus desempenhos junto à escola. A entrevista foi o instrumento criador desse novo contexto, através do qual as entrevistadas produziram um discurso diferenciado, que possibilitou analisar as questões referentes às práticas de leitura e à

educação científica, em uma nova situação. Situação essa diferente daquelas em que as entrevistadas estavam habituadas a se portar, a usar determinado discurso, a agir. Foi por meio da entrevista específica que um discurso diferenciado foi produzido, e pelo interdiscurso, pode-se perceber a influência maciça do discurso escolar.

Além disso, os questionamentos feitos aos sujeitos entrevistados não foram comuns aos mesmos. Responder a algo que não estavam habituadas a ouvir e a refletir provocou desconcerto, principalmente por se tratar de um grupo do qual sempre se espera a melhor resposta, a melhor postura. Assim, a apropriação do discurso de autoridade – científico, escolar, validado – por parte desses sujeitos não nos foi espantosa.

O silêncio, muito marcante em algumas entrevistas, nos permite inferir ainda que, por serem “espelhos” para os demais jovens cordisburguenses e por serem alunas modelo torna-se mais importante não emitir qualquer resposta. Miguilim, de acordo com o que observamos e constatamos, não pode falar qualquer coisa e, em alguns casos, afirmar “*Eu não sei*” pareceu ser a melhor solução para que não haja o pronunciamento de qualquer resposta. A reflexão antes de responder à pergunta feita é um fato que acontece em muitas entrevistas e a nossos olhos mostra um aspecto particular desse grupo de jovens adolescentes. Nessa faixa etária, é muito comum que os jovens não se preocupem, não pensem antes de emitir opiniões, mas entre as jovens Miguilins entrevistadas a reflexão foi uma prática frequente.

Outro ponto a ser comentado refere-se a alguns questionamentos específicos realizados durante a entrevista específica. A cada uma das entrevistadas fizemos questionamentos objetivando a promoção do interdiscurso, procurando relacionar os temas científicos definidos, às práticas de leitura cotidianas.

26. Você já leu algum texto ou livro que ajudou você a entender o que é natureza?

42. Você recomendaria a alguém a leitura de um livro ou de um texto sobre esse tema?

58. Teve algum texto ou livro que ajudou você a entender a biodiversidade?
62. Você acha que esse texto, de alguma forma, ajuda você a entender o que é biodiversidade?
72. Você já leu algum texto ou livro que fale desse tema, transformação?
73. O texto que você acabou de ler traz exemplos de mudanças que acontecem na natureza?
84. Algum livro ou algum texto ajudou você a reconhecer ou a entender esse termo?

Nossa maior intenção com essas questões era observar se em algum momento os textos rosianos lidos, durante o exercício da práxis Miguilim, poderiam ser lembrados, fornecendo indícios, dessa maneira, de uma possível influência na formação processual da educação científica dos membros do Grupo Miguilim. Pretendíamos saber se fariam referência aos textos rosianos e reconheceriam nos mesmos descrições do ecossistema vereda, exemplos da biodiversidade do cerrado (sertão para Guimarães Rosa). Acreditávamos que, desse modo, caracterizariam uma transposição para o mundo, para a arte, para a vida dos ensinamentos científicos escolares.

No caso de Nina, isso não foi observado. Suas respostas não mostram indícios do reconhecimento dos conceitos científicos e temas nos textos rosianos e, portanto, não podemos afirmar que o processo de educação científica, pelo qual a mesma passa, sofre influência dos conhecimentos científicos incorporados à trama textual rosiana.

Em relação ao discurso produzido por Ana no contexto da entrevista específica, dessa pesquisa não podemos concluir que os textos rosianos lidos durante o exercício da práxis Miguilim interferem em seu processo de educação científica, pois ao recomendar livros, recordar-se de textos, não faz referência, em momento algum, às obras de Guimarães Rosa. Ana recomenda livros de auto-ajuda para a compreensão do conceito de vida e textos didáticos para a compreensão de outros conceitos científicos abordados durante a entrevista, mas não se recorda ou não observa a incorporação de conhecimento científico, especialmente biológico, ao texto literário

rosiano. Talvez, a explicação esteja no fato de que as palavras utilizadas durante a entrevista estejam associadas intimamente aos conceitos científicos escolarizados e abordados com propriedade pela instituição escolar. Também devemos considerar que a formação junto ao Grupo Miguilim não perpassa discussões teóricas como a construção lingüística ou a incorporação da ciência ao texto rosiano, atendo-se a formação artística, performística e profissional de seus integrantes.

Também ao final da análise da entrevista de Kika, Lívia, Bia e Isa, mais uma vez, não podemos afirmar que os textos rosiano lidos, decorados e narrados pelas Miguilins entrevistadas interferem em seu processo de educação científica. Não verificamos nenhuma recordação de um trecho da obra rosiana, não havendo o relacionamento de conceitos científicos trabalhados e explicados pela escola, com outra instância que não a escolar: a literatura rosiana.

4.5 - CONCLUSÃO

Nosso trabalho não tem a pretensão de responder a todos os questionamentos que surgiram no decorrer da pesquisa, principalmente porque se propôs a estudar um grupo de adolescentes que passam por um processo de formação não-escolar. No entanto, o delinear da pesquisa nos levou ao processo de educação científica em seu contexto escolar e o que pudemos realizar foram apontamentos, questionamentos, inferências e algumas discussões a cerca desse ambiente não estudado especificamente.

Para responder a todas as dúvidas e incompreensões seria necessário estudar não somente a escola, a sala de aula dos Miguilins, mas também as bibliotecas que freqüentam, os livros a que têm acesso. Desse modo, esse é um trabalho que deixa muitas questões em aberto, possibilitando que novas pesquisas se realizem, não

somente relacionadas aos Miguilins, mas a outros grupos de sujeitos sócio-históricos, escolares ou não-escolares que lêem, que aprendem ciências e que exercem cidadania.

Especificamente em relação à entrevista específica, observamos desconforto entre as entrevistadas, tendo em vista que lhes foi solicitado o reconhecimento de temas e conceitos científicos didáticos junto a um texto que não possuía uma linguagem didática e/ ou científica, mas sim uma linguagem literária e, portanto, polissêmica. Ainda assim, o reconhecimento foi alcançado por muitas entrevistadas, pois não nos prendemos à aplicação exata dos conceitos.

Observamos que os Miguilins são jovens que se apropriam de uma prática de leitura, narração e interpretação especializada, tendo em vista que transpõem tal competência para a narração de um texto didatizado literário, elaborado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo”. Assim, reconstroem, recompõem, resumem, recortam trechos do texto para se prepararem e narrarem os mesmos.

Constatamos tratar-se de um Grupo de adolescentes leitores, que exercem práticas de leitura variadas, que concebem leitura de modos diferentes. Jovens que fazem das práticas de leitura uma prática cultural, sendo exceção somente a prática de leitura da obra roseana, que se apresenta distanciada e respeitosa. De qualquer modo, observamos que a prática de leitura dos adolescentes entrevistados é exemplar, no sentido de instalar uma prática social efetiva de relação adolescente e texto.

Percebemos, pelo discurso dos Miguilins entrevistados, a estreita relação entre leitura e escola, e entre conhecimento científico e escola, tendo em vista que o interdiscurso predominante foi com a escola. Esperávamos que as Miguilins entrevistadas promovessem interdiscurso com várias instâncias sociais distintas, inclusive com a instância artística da literatura rosiana, mas inferimos que a relação respeitosa e distanciada com a mesma, interfere nesse processo.

Observamos que a escola é o local social onde predominantemente aprende-se e ensina-se a leitura e também o local de ensino, aprendizagem e validação do conhecimento científico. Por entendermos a educação científica como um processo longo e gradual de criação de significados, sugerimos, então, a realização de um trabalho integrado de diversos espaços sociais de formação, para se alcançar a efetiva educação científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária e escola. IN: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org). **A escolarização da leitura literária**. 2ª edição, 2ª reimpressão, Autêntica. Belo Horizonte, 2006. p.235 – 255.
- ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? In: **Ci. Inf., Brasília**, v. 25, n. 3, p. 396 – 404, set/ dez 1996.
- ALMEIDA, Maria José P. M. de. Entrevista e representação na memória do ensino de Ciências: uma relação com a concepção de linguagem. In: (org) NARDI, Roberto. **A pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil: alguns recortes**. Escrituras. São Paulo. 2007. 336p.
- ALMEIDA, Maria José P. M. **Discursos da ciência e da escola: ideologia e leituras possíveis**. Mercado das Letras, Campinas, SP, 2004, 127p.
- ALMEIDA, Maria José P. M., SILVA, Henrique César. **II Encontro Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência**. Campinas, Graf. FE/ UNICAMP, 2000, 143p.
- ALMEIDA, Maria José P. M.; RICON, Alan Esteves. Divulgação científica e texto literário uma perspectiva cultural em aulas de Física. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, v. 10, n. 1, abril, 1993, p. 7 – 13.
- AUTHIER- REVUZ, Jacqueline. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In. AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp. 1998. p.107 – 131.
- BAIER, Tânia. Universidade Regional de Blumenau. In: HAMBURGER, Ernest W.; MATOS, Cauê (Orgs.). **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. Estação Ciência. CNPq. Edusp. Brasília, 2000. 247-250p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Editora Hucitec. 7ª Edição. São Paulo. 1995
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier – A leitura: uma prática cultural. In. CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Editora Estação Liberdade. 1996.
- BRANDÃO, A. H. N; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In. CHIAPPINI, L. (COORD. Geral). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. v. 2, 1997. p. 17-30.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica**. MEC/ INEP. [online] Disponível na Internet via <http://www.inep.gov.br/saeb/default.htm>. Arquivo capturado em dezembro de 2006.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. MEC/ INEP. [online] Disponível na Internet via http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/news04_51.htm. Arquivo capturado em fevereiro de 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais.** MEC/ SEF. Brasília, 1998. 436 p.

CAIXETA, Maria. Emília. Condillac e o ensino de ciências: que relações podemos encontrar ainda hoje? **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências.** v. 05, no 1, mar 2003.

CARUSO, Francisco. **Desafios da Alfabetização Científica.** [online]. In: Ciência, Cultura e Sociedade: a importância da educação científica hoje. Ciclo 21 da Fundação Planetário, set/ 2003. Disponível na Internet via http://cbpfindex.cbpf.br/publication_pdfs/cs01003.2006_12_08_10_39_34.pdf. Arquivo capturado em junho de 2006.

CARVALHO, Silvia Helena Mariano; ZANETIC, João. Ciência e arte, razão e imaginação: complementos necessários à compreensão da Física Moderna. IN: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física** (Atas), *cd-rom*, 2004.

CARVALHO, Silvia Helena Mariano; ZANETIC, João. Ciência e arte, razão e imaginação: um projeto de ensino de Física Moderna para alunos do ensino médio. IN: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física** (Atas), *cd-rom*, 2005.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura.** Editora Estação Liberdade. 1996.

CHARTIER, Roger.; BOURDIEU, Pierre. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier – A leitura: uma prática cultural. In. CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura.** Editora Estação Liberdade. 1996.

CHASSOT, Attico Inacio. Alfabetização científica e cidadania. In. CHASSOT, Attico Inacio. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação.** Ijuí: Ed. Ijuí, 2000.

CORREIA, Ana Lúcia Lopes. **A Prática de leitura e escrita de alunos do ensino médio sobre Física Moderna e Contemporânea.** Dissertação de Mestrado. FaE. UFMG. Belo Horizonte, 2003.

COSTA, Ana Paula Bossler. **Indicadores do gênero educativo no programa de rádio Ciência na Favela.** Dissertação de mestrado. FaE. UFMG. Belo Horizonte, 2004.

DARDOT, Liliane; ALMADA, Márcia (Orgs.). **O coração do lugar: depoimentos para Guimarães Rosa** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 187p.

DEYLLLOT, Mônica Elizabeth Caldeira; ZANETIC, João. Ler palavras, conceitos e o

mundo: o desafio de entrelaçar duas culturas. IN: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física** (Atas), *cd-rom*, 2004.

ERAS, Edilene. **As condições de leitura e de produção de respostas em atividades de interpretação de textos na sala de aula**. Dissertação de mestrado. FaE/ UFMG. Belo Horizonte, 2000.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs). **A escolarização da leitura literária – O jogo do livro infantil e juvenil**. 2ª Edição. Autêntica. Belo Horizonte, 2006. 272p.

FOGAÇA, Adriana Galvão. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. **Revista PEC**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 121 – 131, jul. 2002 – jul. 2003. [online]. Disponível na Internet via http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003.pdf. Arquivo capturado em junho 2006.

GALVÃO, Ana Maria Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (org) **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Coleção Linguagem e Educação. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 1999, 165p.

GAMBARINI, Clorisa; BASTOS, Fernando. A utilização do texto escrito por professores e alunos nas aulas de Ciências. IN: NARDI, Roberto e ALMEIDA, Maria José P. M. **Analogias, Leituras e Modelos no Ensino da Ciência: a sala de aula em estudo**. Escrituras Editora, São Paulo, 2006, p. 93 – 115.

GIRALDELLI, Carla Giulia Corsi Moreira; ALMEIDA, Maria José P. M. Mediações possíveis numa leitura coletiva para o ensino de ciências e ambiente no ensino fundamental. IN: **V Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências** (Atas), *cd-rom*, 2005.

GORGULHO, Silvestre. **Ângelo Machado, um ecologista de base científica sólida**. Brasília, outubro de 1995. [online] Disponível na Internet via <http://www.gorgulho.com/gente%20meio/angelo.htm> Arquivo capturado em setembro de 2007.

HAMBURGER, Ernest W.; MATOS, Cauê (Orgs.). **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. Estação Ciência. CNPq. Edusp. Brasília, 2000. 349p.

HÉBRARD, Jean. Notas sobre o ensino das ciências na escola primária (França – séc. XI e XX). **Contemporaneidade e Educação**. Ano v, n. 7, 1º sem/ 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. (Orgs.) **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Objetiva. Rio de Janeiro, 2001.

KLINKE, Karina. **Escolarização da leitura no ensino graduado em Minas Gerais (1906-1930)**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte. FaE, UFMG. 2003.

KRASILCHICK, Myriam. Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. **São Paulo em Perspectiva**, v.14, n.1, 2000. p.85-93.

KREINZ, Glória. Teoria e prática da divulgação científica. In: KREINZ, G; PAVAN, R. **Os donos da paisagem – Estudos sobre divulgação científica**. São Paulo: Núcleo José dos Reis de Divulgação Científica da ECA/ USP, 2000.

LEMOS, Marina Siqueira. **O cientificismo na escola brasileira no final do século XIX e início do século XX**. Projeto de Pesquisa do Programa de Aperfeiçoamento Docente (PAD). Belo Horizonte. Faculdade de Educação/ UFMG, 2006.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Bachelard, obstáculos verbais e a epistemologia escolar. IN: ALMEIDA, Maria José P. M. e SILVA, Henrique César. **II Encontro Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência**. Campinas, Graf. FE/ UNICAMP, 2000. p.11 – 22.

LOPES, Gilmara Célia Lana Rodarte; NASCIMENTO, Sylvania Sousa. Educação científica, veredas e a novela Buriti (Noites de Sertão, Guimarães Rosa). IN: **VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências** (Atas). Florianópolis. 2007.

LORENZETTI, Leonir.; DELIZOICOV, Demétrio. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. In. **Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**. v. 3, n. 1. jun 2001. [online]. Disponível na Internet via http://www.fae.ufmg.br/ensaio/v3_n1/leonir.PDF Arquivo capturado em fevereiro de 2005.

MACHADO, Ângelo. **O Tesouro do Quilombo**. Editora Nova Fronteira. 2ª Edição. Rio de Janeiro, 2001.

MARCOLIN, Neldson. Entre livros e libélulas: entrevista a Ângelo Machado. **Revista Pesquisa. Fapesp**. Edição Impressa 132, fev 2007.[online] Disponível na Internet via <http://www.revistapesquisa.fapesp.br>. Arquivo capturado em setembro de 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, Brasília: INEP, ano 16, n. 69, jan/mar, p. 64-82, 1996.

MARTINS, Nilce Santana. **O Léxico de Guimarães Rosa**. 2ª edição. São Paulo. Edusp. 2001.

MARTINS, Isabel et al. Clonagem na sala de aula: um exemplo do uso didático de um texto de divulgação científica. **Investigações em Ensino de Ciências**. v. 9, n. 1, março, 2004. [online] Disponível na Internet via <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/revista.htm> Arquivo capturado em novembro de 2006.

MARTINS, Isabel. DAMASCENO, Allan R. Uma análise das incorporações de textos de divulgação científica em livros didáticos de ciências. IN: **VIII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física** (Atas) 2002.

MASSARANI, Luisa. Textos científicos para crianças. IN: ALMEIDA, Maria José P. M. e SILVA, Henrique César. **II Encontro Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência**. Campinas, Graf. FE/ UNICAMP, 2000 , p.61 – 74.

MENEZES, Luís Carlos de. Cultura científica na sociedade pós-industrial. In: WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio da. (Orgs.). **Educação científica e desenvolvimento: o que pensam os cientistas**. UNESCO, Instituto Sangari. Brasília, 2005. 232p.

MEYER, Mônica Angela de Azevedo. **SER-TÃO NATUREZA, a natureza de Guimarães Rosa**. Tese de Doutorado. IFCH/ UNICAMP, Campinas, 1998.

MINAS GERAIS. SIMAVE – Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública. **Boletim Pedagógico – Língua Portuguesa**. PROEB. UFJF, Juiz de Fora, 2001.

MINAS GERAIS. SIMAVE – Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública. **Boletim Pedagógico – Ciências da Natureza**. PROEB. UFJF, Juiz de Fora, 2001.

MINAS GERAIS. SIMAVE – Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública. **Avaliação Continuada 2001 – 2002, Ciências, Geografia e História**. SEE/ MG – Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais. GAME – Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais. UFMG. Belo Horizonte, 2003.

MINAS GERAIS. SIMAVE – Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública. **Resultados. Língua Portuguesa**. PROEB. Disponível na Internet via http://www.simave.ufjf.br/2007/proeb/resultado/escolas/escola_140538.pdf. Arquivo capturado em fevereiro de 2008.

MIRANDA, Eustácio Lopes. Fundação Bradesco: ensino para o Brasil do próximo milênio. In: HAMBURGER, Ernest W.; MATOS, Cauê (Orgs.). **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. Estação Ciência. CNPq. Edusp. Brasília, 2000. 243-246p.

MONIS, Fátima Cristina. GAIA – Grupo de Aplicação Interdisciplinar à Aprendizagem. In: HAMBURGER, Ernest W.; MATOS, Cauê (Orgs.). **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. Estação Ciência. CNPq. Edusp. Brasília, 2000. 256-258p.

MORA, Ana María Sánchez. **La divulgación de la ciencia como literatura**. Ciudad de México: Universidad Autónoma de México. 1998.

MOREIRA, Ildeu de Castro, MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v. 7, n. 3, Rio de Janeiro, nov/ 2000, fev/ 2001. p. 627 - 651.

MOREIRA, Ildeu de Castro, MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In. **Ciência e público: Caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da cultura, 2002. p. 43 -71.

MOREIRA, Ildeu de Castro. Poesia na sala de aula de ciências? A literatura poética e possíveis usos didáticos. **Física na Escola**, v.3, n.1, p. 17-23, 2002. [online]. Disponível na Internet via <http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol3/Num1> Arquivo capturado em julho de 2007.

NARDI, Roberto, ALMEIDA, Maria José P. M. **Analogias, Leituras e Modelos no Ensino da Ciência: a sala de aula em estudo.** Escrituras, São Paulo, 2006, 159p.

NASCIMENTO, Silvania Sousa; WEIL-BARAIS, Annick; DAVOUS, Dominique. L'animation scientifique: dès démarches éducatives différentes? **Aster: recherches em didactique dès sciences expérimentales.** n. 35, 2002. p. 39 – 64.

NASCIMENTO, Silvania Sousa; WEIL-BARAIS, Annick; DAVOUS, Dominique. Diferentes fazeres, diferentes saberes: a ação de monitores em espaços não-escolares. **Ensaio**, v.5, n. 2, p. 28 – 38, 2002.

NASCIMENTO, Silvania Sousa; WEIL-BARAIS, Annick; DAVOUS, Dominique. Novas formas de popularização da cultura científica: o exemplo da França. **Presença Pedagógica.** v. 7, n. 37, p. 63 – 70, jan/ fev, 2001.

NASCIMENTO, Silvania Sousa. **Essai d'objectivacion de la pratique dès associations de culture scientifique et technique française.** Tese de Doutorado. Universidade Pierre et Marie Curie: Paris 6, 1999.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson. Ciência e cientistas no imaginário utópico do século XIX. In. FIGUEIREDO, B. G., CONDÉ, M. L. L. (Org), **Ciência, História e Teoria.** Argumentum, Belo Horizonte, 2005.

OLIVEIRA, Neusa Raquel; ZANETIC, João. A presença do teatro do ensino de Física. IN: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física (Atas), cd-rom,** 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** Pontes. 7ª edição. Campinas, SP. 2007. 100p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** Editora Cortez, 3ª edição, Campinas, SP, 1996.

PIETRI, Emerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente.** Lucerna, Rio de Janeiro, 2007, 92p.

PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura de literatura na formação da “Comunidade de leitores”.** Tese de Doutorado. FaE/ UFMG. Belo Horizonte, 2006.

PINTO, Antônia Aurélio; RABONI, Paulo César de Almeida. Concepções de ciência na literatura infantil brasileira: conhecer para explorar possibilidades. IN: **V Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências (Atas), cd-rom,** 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORDISBURGO. **Cultura.** [online] Disponível na Internet via <http://www.cordisburgo.mg.cnm.org.br>. Arquivo capturado em agosto de 2005.

PUCCI, Luis Fábio Simões. Instituto Galileu Galilei para a educação. In: HAMBURGER, Ernest W.; MATOS, Cauê (Orgs.). **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. Estação Ciência. CNPq. Edusp. Brasília, 2000. 259-262p.

ROSA, João Guimarães. Campo Geral. In: ROSA, João Guimarães, **Manuelzão e Miguilim**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 13 – 142p.

ROSA, João Guimarães Rosa. Buriti. In. ROSA, João Guimarães Rosa, **Noites do Sertão**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1988. p.89-258.

SALOMÃO, Simone Rocha. **Lições da Botânica: um ensaio para as aulas de Ciências**. Tese de Doutorado. FE/ UFF, Niterói, 2005. [online]. Disponível na Internet via http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/2/TDE-2006-05-17T104235Z-161/Publico/Simone%20Salomao_Tese_Doutorado_UFF.pdf. Arquivo capturado em julho de 2007.

SALOMÃO, Simone Rocha. Linguagem científica e linguagem poética: práticas culturais na escola. IN. ALMEIDA, Maria José P. M.; SILVA, Henrique César (org.). Textos de palestras e sessões temáticas. **III Encontro Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência**. Graf. FE/ UNICAMP. Campinas, SP, 2000. p 83 – 90.

SANTOS, Wildson Luis Pereira; MORTIMER, Eduardo Fleury. Tomada de decisão para ação social no ensino de ciências. **Ciência e Educação**, v.7, n.1, p. 95-111, 2001. [online]. Disponível na Internet via <http://www.fc.unesp.br/pos/revista/>. Arquivo capturado em setembro de 2006.

SCHILLING, Voltaire. Caderno de História, n. 23. In. **Memorial do Rio Grande do Sul**. 2007. [online] Disponível na Internet via <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/comte.pdf>. Arquivo capturado em junho de 2007.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. **Superintendência de Museus**. Museu Casa Guimarães Rosa. [online] Disponível na Internet via <http://www.cultura.mg.gov.br>. Arquivo capturado em setembro de 2007.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL. **Programa Semeando**. [online] Disponível na Internet via <http://www.senarminas.org.br/>. Arquivo capturado em dezembro de 2007.

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. A festa literária de Ângelo Machado. **Boletim Informativo da UFMG**. no 1402, ano 29. Belo Horizonte, jul, 2003. [online] Disponível na Internet via <http://www.ufmg.br/boletim/bol1402/oitava.shtml>. Arquivo capturado em setembro de 2007.

SILVA, Henrique César; ALMEIDA, Maria José P. M. Como, quando e o que se lê em aulas de Física do ensino médio. IN: **XII Simpósio Nacional de Ensino de Física** (Atas). Belo Horizonte, janeiro, 1997, p.352 – 356.

SILVA, Henrique César; ALMEIDA, Maria José P.M. O funcionamento de textos de divulgação científica: gravitação no ensino médio. In: **VI EPEF – Encontro de**

Pesquisa em Ensino de Física, 1998, Florianópolis. Atas do VI EPEF, 1998.

SILVA, Susana Souto. Narrativa literária e ciência. **Ciência & Ensino**, v. 1, n. 1, dezembro, 2006. Disponível na Internet via <http://www.ige.unicamp.br/ojs/index.php/cienciaeensino/article/view/49/94>. Arquivo capturado em dezembro de 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

SOUSA, Guaracira Gouvêa. O uso de jornais e revistas de divulgação científica no ensino de ciências. IN: **XII Simpósio Nacional de Ensino de Física** (Atas). Belo Horizonte, janeiro, 1997, p. 121 – 126.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo M. A educação científica sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica e do movimento C.T.S. no ensino de ciências. **Ciência e Educação**, v.9 n. 2, p. 177 – 190, 2003a.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo M. Educação científica e movimento C. T. S. no quadro das tendências pedagógicas no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. v 3, n. 1. 203b. [online] Disponível na Internet via <http://www.fc.unesp.br/abrapec/revistav3n1.htm> Arquivo capturado em maio de 2007.

TERRAZAN, Eduardo A. O potencial didático dos textos de divulgação científica: um exemplo da Física. IN: ALMEIDA, Maria José P. M. e SILVA, Henrique César. **III Encontro Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência**. Campinas, Graf. FE/ UNICAMP, 2000, p. 31 – 42.

TRIVELATO Jr., José. Na trilha da Ciência – IDEC. In: HAMBURGER, Ernest W.; MATOS, Cauê (Orgs.). **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. Estação Ciência. CNPq. Edusp. Brasília, 2000. 251-255p.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 52, nov/ 2000.

VARGAS, Viviane Castilho. **As aprendizagens dos profissionais de saúde em eventos de ação social**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG. Escola de Enfermagem, 2008.

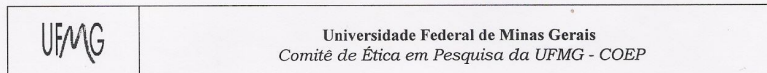
VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação: a observação**. Plano Editora. Brasília. 2003.

ZAMBONI, LÍlian Márcia Simões. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, IEL, 1997.

ZANETIC, João. Física e Arte: uma ponte entre duas culturas. In: **VIII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**, 2002, Água de Lindóia. Atas do VIII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, *cd-rom*, 2002.

ZANETIC, João. Física e Cultura. **Ciência e Cultura**. Jul/ Set, 2005. v.57, n.3, p. 21-24. [online] Arquivo disponível na Internet pelo site <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n3/a14v57n3.pdf> Arquivo capturado em fevereiro de 2008.

APÊNDICE A
Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG



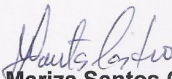
Parecer nº. ETIC 137/07

Interessado(a): Profa. Silvânia Sousa do Nascimento
DMTE
FAE -UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 15 de maio de 2007, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado **“Práticas de leitura e educação científica - um olhar sobre os Contadores de Estórias Miguilim”** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.


Profa. Dra. Mariza Santos Castro
Vice -Presidente do COEP-UFMG
Presidente em Exercício

APÊNDICE B

Regimento Interno do Grupo Miguilim

REGIMENTO INTERNO DO GRUPO DE CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM

Art. 1º - A Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa cria o Regimento Interno do Grupo de "Contadores de Estórias Miguilim" - C.E.M., que será anexado ao Estatuto da Associação.

DO PROGRAMA

Art. 2º - O programa do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim deverá ser coordenado pela Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e consiste em:

- I - possibilitar aos jovens atravessarem a adolescência de maneira saudável e feliz;
- II - capacitar e treinar adolescentes de 10 a 13 anos para serem narradores das estórias do autor e guias turísticos do Museu Casa Guimarães Rosa;
- III - divulgar a obra de João Guimarães Rosa e incentivar sua leitura;
- IV - incentivar o conhecimento literário, para o desenvolvimento intelectual e social, facilitando a formação de cidadãos críticos, responsáveis e participativos;
- V - fomentar a atividade turística e cultural no Museu Casa Guimarães Rosa com a narração de textos da obra de Guimarães Rosa, bem como entrevistas por ele concedidas.

DAS OBRIGAÇÕES DO MIGUILIM

Art. 3º - Cada participante do Grupo Miguilim para se manter no *programa*, deverá observar as seguintes disposições:

- I - estar presente às reuniões e mostrar-se assíduo aos treinamentos e convocações;
- II - obedecer à escala de atendimento ao Museu;
- III - cumprir com esmero toda orientação e recomendações dadas pela coordenação e pela equipe da A.A.M.C.G.R.;
- IV - apresentar-se uniformizado nos eventos do Grupo;
- V - compatibilizar os horários das tarefas com o horário escolar;
- VI - apresentar bimestralmente, aos coordenadores, os rendimentos escolares, comprovando obtenção de percentual maior ou igual a 60%;
- VII - repassar a A.A.M.C.G.R. 10% das gratificações das apresentações;
- VIII - apresentar relatório após cada apresentação;
10% p/c grupo
- IX - em caso de desligamento apresentar por escrito o pedido e devolver o uniforme.
notas
- X - em caso de desligamento ao completar 1 ano ou o de grau, devolver o uniforme

DAS OBRIGAÇÕES DA FAMÍLIA (REPRESENTANTE LEGAL) DOS MIGUILINS

Art. 4º - caberá à família dos Miguilins observar as seguintes disposições:

- I - apresentar carteira de identidade do menor;
- II - manter o filho regularmente matriculado na escola, com frequência igual ou superior a 85% das aulas;
- III - apresentar cartão de vacinação atualizado, em relação aos menores de 12 anos, quando solicitado;
- IV - fornecer à Associação quaisquer documentos solicitados relacionados ao Miguilim, tais como autorização para viagens e outros;
- V - freqüentar obrigatoriamente todas as reuniões agendadas.

DAS OBRIGAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU/CASA GUIMARÃES ROSA

Art. 5º - Compete a AAMCGR o seguinte:

- I - propiciar meios, de forma a alcançar o disposto no art. 2º desse regulamento;
- II - buscar recursos para fornecer uniforme a cada Miguilim;
- III - repassar a cada Miguilim a contribuição paga pelas apresentações, descontados os 10% da AAMCGR; *o 10% do grupo*
- IV - designar a equipe de Coordenação de Programa para desenvolver e acompanhar as atividades dos Miguilins, inclusive para selecionar e treinar os iniciantes;
- V - apoiar administrativamente o programa;
- VI - programar eventos, apresentações, viagens e outros;
- VII - desenvolver a capacitação dos membros do grupo
- VIII - Conceder o Certificado de Aptidão, se assim entender, a cada Miguilim, após o treinamento e o período de experiência (período probatório).

DA CAPACITAÇÃO DOS MIGUILINS

Art. 6º - A capacitação dos Miguilins ficará a cargo da AAMCGR e da Coordenação, e será desenvolvida através da realização das oficinas de narração de histórias e treinamentos constantes que abordarão os seguintes conteúdos:

- I - vida e obra de Guimarães Rosa;
- II - leitura expressiva dos textos do autor;
- III - técnicas de memorização e apresentação;

- IV - exercícios de expressão corporal e técnica vocal;
- V - técnicas de atendimento ao público.

DOS REQUISITOS PARA A SELEÇÃO DOS MIGUILINS

Art. 7º – A investidura de adolescentes no “Programa Miguilins” será realizada através de processo de seleção sob a administração da AAMCGR a qual deverá obedecer as disposições previstas nesse Regimento.

Art. 8º - Os requisitos exigidos aos adolescentes para se iniciarem no “Programa Miguilins” são os seguintes:

- I - possuírem idade compreendida na faixa etária de 12 a 13 anos;
- II - estarem matriculados em escola e comprovarem frequência superior ou igual a 85% das aulas;
- III - terem boa leitura, boa dicção e desenvoltura;
- IV - participarem das Oficinas de Iniciação.

Art. 9º - fica proibido aos Miguilins:

- I - narrarem textos de Guimarães Rosa sem o prévio consentimento da AAMCGR;
- II - unirem-se a outros grupos ou pessoas, sem o consentimento da AAMCGR, para participarem de projetos culturais que também promovam a divulgação da obra do autor;
- III - repassarem a outras pessoas ou grupos os textos e as autobiografias montadas pela Coordenação;
- IV - usarem o uniforme dos Miguilins fora das apresentações e dos plantões na Casa – Museu e dos eventos em que o uniforme seja obrigatório.

DO DESLIGAMENTO DO MIGUILIM AO PROGRAMA

Art. 10º - Será desligado do Programa o Miguilim que:

- I - atingir a idade máxima de 18 anos completos ou completar o 2º grau;
- II - deixar de atender as condições estabelecidas nesse Regimento, em especial o dispositivo no Art. 3º desse Regimento;
- III - Praticar condutas incondizentes com as exigidas pelo Programa;
 - a) nesse caso, deverá a equipe de Coordenação antes de desliga-lo, adotar as seguintes medidas:
 - 1º - advertência (por escrito) no máximo de 3 (três);

2º - suspensão (sendo o período estipulado a critério da equipe de Coordenação);

3º - desligamento.

7 **Parágrafo I** – Permanecerá após os 18 anos o Miguilim que estiver cursando o Grau Superior desde que mantenha contato constante com a AAMCGR e com o Grupo, e aquele que participar de atividades na AAMCGR ou Coordenação dos grupos mais novos;

X **Parágrafo II** – O Miguilim que estiver cursando o Grau Superior deverá, sempre que se apresentar em algum evento, se comunicarem a AAMCGR, apresentando declaração do Órgão contratante.

Art. 11º - Cumpre à Coordenação, observar o estabelecimento no artigo e deliberar acerca do desligamento do “Miguilim”, sendo tal ato, formalizado, através de Termo de Desligamento, encaminhando-o, com as devidas justificativas, acompanhadas dos documentos hábeis a comprovar o fundamento do mesmo, a conhecimento do(a) Presidente da AAMCGR para homologação.

Este Regimento terá vigência a partir de sua assinatura.

Cordisburgo, de de 2005.

Andréia Ferreira de Figueiredo
Presidente da A.A.M.C.G.R.

ANEXO A
Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Específico para pais/ responsáveis das crianças/ adolescentes de 13 a 17 anos.

A professora Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes, aluna do curso de mestrado em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e sua orientadora, Professora Dr.^a Silvania Sousa do Nascimento do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da (FaE- UFMG) requisitam a autorização da participação de meu(minha) filho(a) neste estudo intitulado **“PRÁTICAS DE LEITURA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: UM OLHAR SOBRE OS CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”**.

O objetivo geral da pesquisa é identificar as contribuições da leitura da obra de Guimarães Rosa junto ao processo de educação científica dos integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. Tendo por princípio que os integrantes do grupo lêem várias obras de Guimarães Rosa, seja durante o processo de formação e/ ou no desempenho da função de Miguilim, proporemos práticas de leitura de textos de gêneros literários variados e pretendemos compreender a educação científica dos membros do Grupo. A pesquisa não apresentar riscos à integridade física dos participantes, mas por envolver entrevistas com pré-adolescentes, consideramos a possibilidade de riscos à integridade psicológica dos mesmos. Para minimizar tais riscos, buscamos controlar o procedimento de coleta de dados, seja ela em relação à linguagem a ser utilizada, seja relacionada às vestimentas. Assim, os pais e/ou responsáveis têm todo acesso ao protocolo inicial de entrevista e direito de acompanhar todos os momentos da coleta de dados. Todos os dados coletados são confidenciais, logo a identidade do participante não será revelada publicamente em nenhuma hipótese, sendo o nome da instituição e dos demais sujeitos participantes, alterados no registro escrito e, somente os pesquisadores envolvidos neste estudo terão acesso a estas informações, que serão utilizadas apenas para fins científicos.

Os resultados desta pesquisa só poderão ser divulgados futuramente em veículos e eventos acadêmicos como congressos e periódicos. Assume-se o compromisso de não publicar e divulgar os resultados da pesquisa em veículos de circulação em massa como jornais e revistas. Além disso, os resultados dessa pesquisa poderão trazer benefícios ao grupo e à Associação por divulgar o trabalho realizado pelos mesmos.

Será garantido a meu(minha) filho(a) total liberdade para solicitar esclarecimento de qualquer dúvida em relação à pesquisa ou a sua participação, antes ou depois do meu consentimento. Todas as dúvidas deverão ser esclarecidas pelos membros da equipe responsável, pessoalmente durante toda a pesquisa. Além disso, é garantido a meu(minha) filho(a) desligar-se deste projeto a qualquer momento sem necessidade de se justificar junto aos pesquisadores.

Eu, autorizo a participação do meu (minha) filho(a) nesta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

_____, _____ de _____ de 2007.

Assinatura do responsável: _____.

Assinatura do pesquisador: _____.

Pesquisadoras:

Silvania Sousa do Nascimento: tel (31) 3499-5356

Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes: tel (31) 3378-4951

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP): Av Antônio Carlos, n 6627. Unidade Administrativa II, 2º andar. Campus Pampulha. Belo Horizonte. MG. CEP: 31270-901

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Específico para crianças/ adolescentes de 13 a 17 anos.

A professora Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes, aluna do curso de mestrado em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e sua orientadora, Professora Dr.^a Silvania Sousa do Nascimento do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da (FaE- UFMG) solicitam minha autorização para a minha participação na pesquisa intitulada “**PRÁTICAS DE LEITURA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: UM OLHAR SOBRE OS CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM**”.

O objetivo geral da pesquisa é identificar as contribuições da leitura da obra de Guimarães Rosa junto ao processo de educação científica dos integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. Sabendo que os integrantes do Grupo lêem várias obras de Guimarães Rosa, seja durante seu processo de formação, seja no desempenho da função de Miguilim, proporemos a leitura de textos de gêneros literários variados (literatura, texto jornalístico, entre outros) e pretendemos compreender a educação científica dos membros do Grupo. A pesquisa não apresentar riscos à integridade física daqueles que se prontificarem em participar, mas por ser necessária a realização de entrevistas com os integrantes do Grupo, consideramos a possibilidade de riscos à integridade psicológica dos mesmos. Para minimizar esses riscos, buscamos controlar o procedimento de coleta de dados, utilizando uma linguagem simples e acessível, bem como roupas apropriadas. Assim, seus pais e/ ou responsáveis têm todo acesso às perguntas da entrevista e o direito de acompanhar todos os momentos da coleta de dados. Todos os dados coletados são confidenciais, assim a identidade do participante não será revelada publicamente de modo algum, sendo o nome da instituição e dos demais participantes, alterados no registro escrito e, somente os pesquisadores envolvidos neste estudo terão acesso a estas informações, que serão utilizadas apenas para fins científicos.

Os resultados desta pesquisa só poderão ser divulgados futuramente em veículos e eventos acadêmicos como congressos e revistas científicas. Assume-se o compromisso de não publicar e divulgar os resultados da pesquisa em veículos de circulação em massa como jornais, revistas e programas de televisão. Os resultados dessa pesquisa poderão trazer benefícios ao grupo e à Associação por divulgar o trabalho realizado pelos mesmos.

Será garantido a você total liberdade para solicitar esclarecimento de qualquer dúvida em relação à pesquisa ou a sua participação, antes ou depois do seu consentimento. Todas as dúvidas deverão ser esclarecidas pelos membros da equipe responsável, pessoalmente durante toda a pesquisa. Além disso, é garantido a você o direito de desligar-se deste projeto a qualquer momento sem necessidade de se justificar junto aos pesquisadores.

Eu me candidato voluntariamente a participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

_____, _____ de _____ de 2007.

Assinatura da criança/ adolescente: _____.

Assinatura do pesquisador: _____.

Pesquisadoras:

Silvania Sousa do Nascimento: tel (31) 3499-5356

Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes: tel (31) 3378-4951

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP): Av Antônio Carlos, n 6627. Unidade Administrativa II, 2º andar. Campus Pampulha. Belo Horizonte. MG. CEP: 31270-901

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aprovação da revelação do nome dos maiores de 18 anos envolvidos na pesquisa

A professora Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes, aluna do curso de mestrado em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e sua orientadora, Professora Dr.^a Silvania Sousa do Nascimento do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da (FaE- UFMG) requisitam a minha autorização para revelar meu nome no estudo intitulado **“PRÁTICAS DE LEITURA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: UM OLHAR SOBRE OS CONTADORES DE ESTÓRIAS MIGUILIM”**.

O objetivo geral da pesquisa é identificar as contribuições da leitura da obra de Guimarães Rosa junto ao processo de educação científica dos integrantes do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. Tendo por princípio que os integrantes do grupo lêem várias obras de Guimarães Rosa, seja durante o processo de formação e/ ou no desempenho da função de Miguilim, proporemos práticas de leitura de textos de gêneros literários e pretendemos compreender a educação científica dos membros do Grupo.

Os resultados desta pesquisa só poderão ser divulgados futuramente em veículos e eventos acadêmicos como congressos e periódicos. Assume-se o compromisso de não publicar e divulgar os resultados da pesquisa em veículos de circulação em massa como jornais e revistas.

Será garantido a mim total liberdade para solicitar esclarecimento de qualquer dúvida em relação à pesquisa ou a minha participação, antes ou depois da minha autorização. Todas as dúvidas deverão ser esclarecidas pelos membros da equipe responsável, pessoalmente durante toda a pesquisa.

Nestes termos, eu _____ declaro ter participado direta ou indiretamente dessa pesquisa e aprovo que meu nome seja revelado nos resultados da mesma, pois estou ciente dos objetivos da pesquisa, de sua vinculação ao Programa de Pós-graduação em Educação/ Mestrado: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG, e de sua aprovação junto ao Conselho de Ética em Pesquisa da UFMG.

Assinatura: _____.

_____, _____ de _____ de 2007.

Pesquisadoras:

Silvania Sousa do Nascimento: tel (31) 3499-5356

Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes: tel (31) 3378-4951

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP): Av Antônio Carlos, n 6627. Unidade Administrativa II, 2º andar. Campus Pampulha. Belo Horizonte. MG. CEP: 31270-901

ANEXO B
Texto didatizado a partir do livro “O TESOURO DO QUILOMBO”
Ângelo Machado

Pai e filho estavam num avião observando a paisagem da fazenda no Triângulo Mineiro.

Dr. Armando começou a lhe mostrar as coisas lá em baixo:

- Tudo o que você vê na margem direita do rio é nosso.

- Pai, mas as árvores estão separadas umas das outras.

- No cerrado é assim mesmo. Na floresta é que as árvores ficam juntas (...).

- Pai, a margem do rio tem praias brancas e depois uma faixa verde. É cerrado também?

- É mata ciliar. Ela protege os barrancos do rio contra a erosão.

Voando baixinho, o avião chegou à outra extremidade da fazenda Vereda Grande. Passando entre dois morros, a mata ciliar expandiu em uma grande área verde.

- Olhe, pai. Entre aqueles morros, tem uma mata grande.

- Lá é mais úmido, as árvores crescem mais e ficam mais juntas. Parece mata mas as árvores são de cerrado. É o cerradão. O pessoal da fazenda chama aquela área de capão do índio.

Dr Armando e seu filho Eduardo chegam a fazenda. No dia seguinte...

Eduardo acordou com um canto estridente de duas aves. Começava alto e ia diminuindo (...).

- Que bicho é esse que está cantando menina?

- (...) É um casal de seriemas lá do cerrado. Elas são de muito proveito pra gente porque comem as cobras venenosas.

Eduardo conhece De Jesus e Nêuber e eles passeiam pela fazenda para conhecer o cerrado e a cachoeira da fazenda.

- Olha lá! Um filhote de urubu!

- Não é filhote de urubu! – exclamou Nêuber. – Aquilo é anu-preto. Filhote de urubu é branco; depois é que fica preto.

Eduardo ficou um pouco envergonhado. Dera mais uma mancada. Já podiam ouvir de longe o barulho da cachoeira quando Eduardo viu um monte de gravetos dependurados em uma árvore. Desse vez perguntou com cautela o que era aquilo.

- É um ninho de João-Graveto. Um ninho comprido como aquele deve ter uns quatro ou cinco ninhos menores, feitos de pena. A cada ano o casal abandona o ninho de baixo e faz outro em cima.

- Legal! – exclamou Eduardo. – É como se fosse um prédio de apartamentos (...).

Ao voltar da cachoeira, encontraram o vaqueiro Ambrósio tocando umas vacas.

- Oi, meninos, nadaram muito? A Clarice pediu para vocês levarem uns pequis para fazer com arroz no almoço. Levem também outras frutas que acharem pelo caminho.

Nêuber resolveu voltar por um caminho mais estreito que entrava bem no meio do cerrado. Vendo tantas árvores tortas, Eduardo comentou:

- Parecem árvores aleijadas.

Nêuber não conseguiu esconder sua indignação.

- Aleijadas coisa nenhuma. Elas são assim mesmo. E tem mais: dão mais flores e frutas que muita árvore reta que tem por aí nas matas. Você vai ver.

- É. Mas para mim o cerrado é uma floresta de árvores anãs.

- De jeito nenhum. O tamanho delas sempre foi esse mesmo. Elas são baixas e tortas mas são bonitas.

Para confirmar as palavras de Nêuber, logo apareceu um pequizeiro cheio de pequis. Debaixo da árvore o chão estava coberto de frutos caídos. Já com fome, Eduardo logo pôs um na boca.

- Não é assim. Tem que cozinhar primeiro, e a gente só come a poça. A semente serve pra fazer óleo. O povo daqui do sertão chama o pequi de “rei do cerrado”, pois dele se aproveita tudo. Mais adiante colheram também frutos de umbu, cagaita e sirigüela (...).

De Jesus começou a cantar acompanhada por Nêuber:

Tem cagaita e araçá
Ananás e cajuzinho
O melado é docinho
Tem pitomba e cajá
Sirigüela e buriti
Até mel da jataí
Mas uma coisa eu insisto
Eu não troco nada disto
Por um óleo de pequi (...).

De Jesus, Eduardo e Nêuber foram conhecer o capão do índio...

(...) Acharam uma pequena trilha. Amarraram os cavalos em uma árvore e continuaram a pé. A mata era bonita, com árvores bem mais altas que as do cerrado comum, algumas realmente bem grandes, como as braúnas, sucupiras e perobas. No alto de um gigantesco jequitibá viram dois macacos muito peludos.

- É um casal de guigós – disse Nêuber.

Quanto mais se aproximavam do rio do centro da mata, maior era a umidade. Na copa das árvores havia bandos de periquitos (...).

No capão do índio os meninos conheceram o último velho índio da tribo araxá - Meri-Buttu - que começou a contar a sua história...

- Antigamente não tinha índio araxá. Um dia, apareceu na vereda um brotinho de palmeira buriti. Brotinho cresceu, tronco ficou grosso, ganhou muitas folhas e lá no alto apareceu um cacho muito bonito cheio de cocos. Os coquinhos caíram no córrego da vereda, correnteza levou e eles foram parando nas margens. De cada coquinho nasceu um índio araxá. Eles cresceram, foram morar na aldeia e tiveram muitos filhos. Isso aconteceu só uma vez há muito, muito tempo. De lá pra cá, dos coquinhos só nascem buritis que ficam enfileirados nas margens do córrego das veredas (...).

Meri-Buttu contou que outras tribos teriam surgido de outras plantas e animais como a palmeira acuri, onça-pintada, tatu-canastra, tamanduá-bandeira, tartaruga, lagarta mandrúva entre outros.

Eduardo estava fascinado com o que acabava de ouvir. Ele sabia da importância que os índios davam a animais e plantas, mas não a ponto de se considerarem descendentes deles. Assim, - pensou ele - para muitos índios o desaparecimento de espécies animais e plantas significa o desaparecimento de seus próprios ancestrais. O pior é que muitos dos animais de que falou Meri-Buttu estavam ameaçados de extinção, como o tamanduá-bandeira, a onça pintada, o tatu canastra e, com a destruição das veredas, o próprio buriti.

Meri-Buttu diz...

- (...) Para índio araxá, gente, planta e bicho é tudo igual. Tudo é vida.

A fazenda do Dr Armando era chamada de Vereda Grande por causa da grande e bonita vereda que havia na propriedade...

(...) A vereda Grande era uma vereda muito bonita, com nascente cheia de buritis, de onde saía um córrego margeado, dos dois lados, com fileiras de palmeiras. O pai de Eduardo dizia que as veredas eram a caixa d'água do cerrado (...). Eduardo não entendia bem, pois achava que vereda era só um caminho, mas agora ia conhecer uma vereda de verdade (...).

Feliz com a amizade dos meninos, Meri-Buttu os convidou para a Festa do Buriti que comemorava o nascimento do povo araxá. Os meninos ficaram muito satisfeitos com o convite e foram participar da festa.

Meri-Buttu estava todo enfeitado com desenhos negros de tintura de jenipapo imitando tronco de palmeira.

- Muito bem meninos - disse ele. - Vocês têm que tirar essas roupas de gente e vestir-se como se fossem buritizeiros. Trouxe enfeites para todos.

Quando estavam todos prontos, saíram dançando e cantando pela margem do córrego, passando entre uma palmeira e outra.

Começaram. Na frente ia Meri-Buttu batendo um tambor de couro de anta enquanto pisava ritmamente no chão alagado da vereda, espirrando água para os lados. De longe podia-se ouvir o som deles dançando (...).

Enquanto desciam dançando e cantando pelas margens do córrego, passando alternadamente entre um buriti e outro, bandos de maritacas sobrevoavam a vereda, gritando como se aplaudissem aquela dança. Algumas emas saíam do capinzal e esticavam a cabeça, observando curiosas (...).

Meri-Buttu conta aos meninos a história do negro Ambrósio e seu Quilombo que foi destruído pelos soldados e pelos Bandeirantes. Conta que para defender seu povo mandou um dos índios araxá – Okiwa - que também vivia no Quilombo, esconder um tesouro (...).

Passados alguns dias o índio Meri-Buttu, que era muito idoso, adoece e morre, mas antes decide ensinar aos meninos o segredo do tesouro do Quilombo de Ambrósio (...).

Enterraram Meri-Buttu na margem da vereda, debaixo de uma palmeira buriti.

- O primeiro índio araxá nasceu de um coquinho de palmeira buriti. É bom que o último volte à palmeira de onde nasceu – disse Nêuber (...).

Os meninos voltaram à cabana do índio e descobriram o mapa do tesouro que o Meri-Buttu havia deixado para eles. Assim, começou a aventura em busca do tesouro do Quilombo.

Os meninos começaram a estudar o mapa.

- Que legal! – exclamou De Jesus. – Okiwa desenhou uns bichos para enfeitar o mapa.

- Legal mesmo – disse Nêuber.

Passaram a estudar atentamente os detalhes. No canto inferior, à direita, estava um pequeno trecho de rio, bem largo; próximo dele, um círculo feito de pequenas linhas verticais. Dessa área partia uma linha marcada com flechas, indicando uma direção para o alto e para a esquerda. A linha terminava bruscamente ao lado de uma árvore na parte superior esquerda do mapa, cuja ponta estava faltando.

- Provavelmente essa parte foi roída por baratas – disse De Jesus. – A sacola de couro que protege o mapa está furada bem nesse ponto. Na parte que a barata comeu, devia estar desenhada a copa de outra árvore. E a gente só pode ver o seu tronco.

- Essa área cercada deve ser o quilombo – disse Nêuber. – E as flechas indicam a direção que Okiwa seguiu com o tesouro, atravessando rios e montanhas até o local das duas árvores grandes.

- Isso me parece bem claro – disse Eduardo. Até aí é fácil, mas nosso problema vai ser descobrir onde ficava o quilombo. Esse é o ponto de partida. Sem saber onde ele ficava, não saberemos de onde partir, seguindo as setas.

- Olhe! – disse De Jesus. – O quilombo ficava perto de um rio muito mais largo que os outros do mapa. Se for o rio Grande, o tesouro provavelmente está enterrado em algum lugar no Triângulo Mineiro; se for o Parnaíba, está em Goiás.

- É no Grande! – exclamou Nêuber. – Eu lembro quando Meri-Buttu nos contou a história do Ambrósio, que ele disse que o quilombo ficava na banda direita do rio Grande.

- Então deve ser em Minas Gerais – disse Eduardo.

- Vejam, tem um sol desenhado do lado direito e outro do lado esquerdo do mapa – disse De Jesus. – Com isso Okiwa quis indicar a direção do sol, que nasce a leste e se põe a oeste. Ou seja, o tesouro está a oeste do quilombo, a partir do rio Grande.

- Está certo – disse Eduardo. – Mas falta saber a distância entre o quilombo e o lugar onde o tesouro está escondido. Se essa distância for pequena, ele estará no Triângulo. Se for muito grande, pode estar em Goiás.

- E estas duas bolinhas escuras e uma clara e vazia ao longo da linha? – perguntou De Jesus.

- Parecem luas – disse Nêuber.

- São luas sim – disse Eduardo. – Já vi isso num filme. Os índios costumam marcar o tempo usando as fases da lua.

- Tem sentido – disse Nêuber. – Notem, ele saiu do quilombo com lua nova. No meio do caminho a lua já estava cheia e depois voltou a ficar nova. Isso dá 28 dias de caminhada.

- Excelente! – disse De Jesus. – Agora, para chegarmos lá, só falta saber o local exato do quilombo na margem direita do rio Grande.

Os meninos começaram a pesquisar sobre o local exato do quilombo. Nêuber e De Jesus entre as pessoas mais velhas da fazenda Vereda Grande e Eduardo junto aos livros de vários lugares, inclusive do Arquivo Público Mineiro, onde encontrou, finalmente, um mapa com a localização do quilombo do Ambrósio (...).

(...) Ficava situado no município de Cristais, ao sul da cidade de Formiga, na desembocadura do ribeirão do Quilombo com o rio Grande. Eduardo ficou exultante com o resultado de suas pesquisas. Passou no correio e enviou um telegrama que chegou às mãos de Nêuber na escola do arraial: “Descobri tudo. Sigo na próxima semana. Comecem preparativos. Abraços, Eduardo” (...).

Eduardo chega à fazenda e começam os preparativos para a caça ao tesouro...

Para que ninguém percebesse seus planos, os três meninos foram discuti-los debaixo de uma árvore na margem da cachoeira. Nêuber levou o mapa de Okiwa e um mapa atual da região e Eduardo levou um xerox do mapa que encontrou no Arquivo Público Mineiro.

- Vejam – disse Eduardo. – Os nomes de alguns rios mudaram, mas é fácil ver que a fazenda do meu pai está mais ou menos no meio do caminho entre o quilombo e o local das duas árvores onde o tesouro deve estar enterrado (...).

- Olhe – disse De Jesus. – Esta serra aqui no mapa do Okiwa é a serra da Canastra. A gente tem de atravessá-la. Depois tem outra serra e lá no alto as duas árvores onde o tesouro deve estar enterrado. Nosso problema agora é encontrar as duas árvores.

- E se elas tiverem morrido? – perguntou Nêuber. – Aí não vamos achar o tesouro nunca. Será que tem árvore que vive 250 anos?

- Também pensei nisso – disse Eduardo. – Perguntei a um amigo do meu pai que é botânico na Universidade de São Paulo e ele me disse que nessa região do Triângulo ainda pode ter árvore que vive até quatrocentos anos, como o jequitibá, por exemplo.

- Isso mesmo! – exclamou Nêuber, olhando a grande árvore no mapa. – O jeito dele é de jequitibá.

- Vamos encontrá-la – disse De Jesus. – Ela é a chave do tesouro do Ambrósio.

Os meninos saíram em busca do tesouro do quilombo...

(...) Durante a viagem, iam apreciando os animais e as árvores do cerrado. Nêuber quase não precisava ensinar mais nada a Eduardo, que já conhecia a maioria dos bichos e plantas. Em determinado ponto subiram a serra da Canastra e ficaram deslumbrados com a beleza e a quantidade de flores, especialmente as sempre-vivas e as canelas-de-ema. Por volta do meio-dia paravam na beira de algum córrego para almoçar comida enlatada, paçoca e alguma fruta. Descansavam um pouco e continuavam. Às vezes nadavam no poção de alguma cachoeira. Passavam por algumas fazendas e quase sempre os fazendeiros deixavam que dormissem no paiol ou no quintal. Entretanto, na maioria das vezes acampavam no meio do cerrado mesmo. Uma noite viram um lobo-guará, com suas pernas compridas e olhos curiosos, chegando pertinho do acampamento.

Com o tempo, a região foi ficando cada vez mais desabitada e o cerrado mais bonito. Diariamente viam micos-estrelas, tamanduás-bandeiras, seriemas e bandos cada vez maiores de emas.

Após alguns dias de cavalgada, os meninos já estavam cansados e quase sem comida. De Jesus pensou em desistir, mas com a ajuda de um binóculo Eduardo enxergou os dois jequitibás. Cavalgaram mais um pouco até ficarem bem debaixo dos jequitibás.

Os meninos começaram a cavar enquanto De Jesus soltava os cavalos próximos a uma lagoa...

Os animais começaram a beber água. Deviam estar com muita sede. Foi quando aconteceu uma coisa muito estranha. Os animais começaram a resfolegar e relinchar com a boca espumando. Acabaram arrebitando as cordas e saíram em disparada para longe da lagoa. Nêuber tentou ir atrás, mas eles se distanciavam cada vez mais, sempre relinchando e balançando a cabeça, como se alguma coisa os incomodasse muito. Cautelosamente, Nêuber e Eduardo aproximaram-se da margem da lagoa. Quem sabe tinham esbarrado em alguma caixa de marimbondos, que os espantaram. Mas não era isso. Tudo ficou mais claro quando Eduardo entrou descalço na parte mais rasa da lagoa e começou a sentir uma forte coceira. Saiu rapidamente esfregando as pernas com os pés vermelhos.

- Não entre! – gritou para Nêuber. – Essa água tem qualquer coisa que dá coceira.

Nêuber abaixou-se, enfiou o dedo na água e confirmou.

- Dá coceira sim. É a lagoa da coceira. É por isso que os cavalos fugiram daquele jeito. O pior é que nossos cantis já estão quase vazios. Vamos ter que encontrar água (...).

Os meninos voltaram a cavar em baixo dos jequitibás e nada de encontrar o tesouro. Quando já estavam desistindo Nêuber conseguiu encontrar uma minhoca. Como a comida já estava acabando, resolveram iscar a minhoca num anzol e tentar pescar um peixe na lagoa.

Na parte mais funda da lagoa, havia uma grande pedra. Nêuber subiu nela, atirou o anzol e ficou esperando. Depois de algum tempo um puxão forte.

- (...) Um bagre – disse ele. – E dos grandes!

- Pelo menos teremos churrasco de peixe antes de voltar para casa – disse De Jesus.

- Ótimo! – exclamou Eduardo. – Isso mostra que bagre não sente coceira. Mas como nós sentimos é bom secá-lo com um pano para não encostar na água dessa lagoa maluca (...)

De Jesus limpava as vísceras do bagre quando retirou de dentro do estômago do peixe uma pequena argola marrom.

- Olhem, gente! Ele engoliu uma argola de ferro. Deve ter ficado com dor de barriga.

Eduardo e Nêuber começaram a examinar a argola de perto. De um lado havia uma pequena elevação e toda ela estava recoberta de uma espécie de lodo marrom. De Jesus começou a raspar o lodo com a unha. Nesse momento um raio de sol bateu sobre a argola e ela brilhou forte. Um brilho de ouro. Fascinada, De Jesus raspou com a unha a pequena elevação. Um novo brilho forte. Brilho de diamante. Brilho de diamante.

- Minha Nossa Senhora! – gritou ela. Achamos um anel de ouro com diamante (...).

Os meninos encontraram a aliança da noiva de Ambrósio, que de acordo com a história de Meri-Buttu, foi entregue a ela pouco antes do ataque ao quilombo. Assim, os meninos concluíram que o tesouro deveria estar no fundo da lagoa da coceira.

Como não tinham como entrar na lagoa, decidiram usar o celular de Eduardo para ligar para o piloto de seu pai e pedir que fosse buscá-los. Antes disso usaram um GPS para passar as coordenadas corretas da localização ao piloto.

Não demorou e o piloto chegou com a roupa de mergulho a seco, o equipamento para mergulho autônomo, a lanterna que Eduardo havia pedido, e os pais dos meninos.

Eduardo mergulhou na lagoa e recuperou o tesouro do quilombo.

O problema, então, passou a ser o que fazer com o tesouro. Nêuber, De Jesus e Eduardo precisavam resolver o que fazer com todo aquele dinheiro. Primeiro pensaram em construir um hospital porque Meri-Buttu dizia que o tesouro era para salvar vidas, mas...

Nêuber continuou pensativo:

- Acho que estamos quase encontrando o fio da meada. Notem, ele não falou em salvar vidas humanas, ele falou em salvar vidas. Isso inclui não só homens, mas também as plantas e os animais. Acho que para um índio como ele não há diferenças entre essas coisas. Lembrem que ele nos contou como os vários grupos de índios araxás surgiram a partir de animais e plantas. Pois ele próprio é descendente de uma palmeira... Hospital só salva vida de gente. Ele queria salvar gente e muito mais (...).

Em discussão os meninos concordaram que deviam salvar o cerrado.

- Mas salvar o cerrado, como? – perguntou De Jesus. – Estão destruindo o cerrado por todo lado e quem somos nós para impedir?

- Podemos salvar uma parte. Vamos criar um grande parque no cerrado.

- Um parque? – admirou-se De Jesus.

- Isso mesmo. Uma área onde ninguém põe fogo, não corta árvores, não seca as veredas e nem mata os bichos. Um lugar legal.

- Ótima idéia! Dessa eu estou gostando – exclamou Nêuber. – Vai ser um lugar onde, no futuro, a gente vai poder levar os nossos filhos para passear e ver pequizeiro em flor e até tomar banho de cachoeira.

Assim, o Parque Nacional do Ambrósio foi inaugurado e o tesouro do quilombo foi empregado de acordo com a vontade do último velho índio Meri-Buttu.

FIM

ANEXO C

Protocolo – Entrevista Geral (piloto)

Cumprimento.

- 1- Quem você é, quantos anos você tem, onde é que você estuda?
- 2- Em que série você estuda?
- 3- Onde foi que você nasceu?
- 4- Sempre viveu aqui?
- 5- Você conhece alguém do Grupo que não é de Cordisburgo? Que não viveu sempre aqui?
- 6- Sua família é toda daqui também?
- 7- Quem mora com você?
- 8- Na sua casa, todo mundo estudou?
- 9- Até que série? Você sabe?
- 10- Todo mundo na sua casa trabalha?
- 11- As pessoas do Grupo têm uma história de família parecida com a sua, ou tem gente muito diferente?
- 12- Você gosta da escola?
- 13- Das matérias, qual que você mais gosta?
- 14- Qual que você não gosta?

- 15- Você se considera um bom aluno?
- 16- Gosta de ler?
- 17- O que você gosta de ler?
- 18- Por que você gosta de ler?
- 19- Sua leitura fora da escola te ajuda na escola?
- 20- O que você não gosta de ler? Por que?
- 21- Leitura para você é um hábito? Você lê sempre?
- 22- A escola cobra e leitura de livros?
- 23- Por que você quis se tornar Miguilim?
- 24- O que foi preciso você fazer para se tornar Miguilim? O que você fez?
- 25- Qual foi o processo para que você se tornasse um Miguilim? O que teve que acontecer?
- 26- O que é que foi acontecendo ao longo desses dois anos? O que você foi aprendendo?
- 27- Você sentiu dificuldades durante o processo para se tornar Miguilim?
- 28- Você ficou quanto tempo em formação até se tornar Miguilim?
- 29- Como eram os encontros com a Dora e a Elisa, durante esse processo de formação?
- 30- Você sabe como é que elas selecionam o texto pra vocês?
- 31- O que você aprende com as formadoras?
- 32- Que diferença você vê entre contar e ler?
- 33- Teve alguma coisa que ficou mais fácil ou melhor, depois que você se tornou Miguilim?
- 34- Teve alguma coisa que ficou pior, mais difícil, depois que você se tornou Miguilim?
- 35- Fora da atividade Miguilim, o que você gosta de fazer?
- 36- O que você gosta de fazer quando você tem tempo pra lazer?
- 37- Cordisburgo oferece lazer?
- 38- Você viaja muito?
- 39- Você gosta de cinema? Por quê?
- 40- Você gosta de teatro? Por quê?
- 41- Você acha que os membros do Grupo tem mais ou menos esse seu perfil em relação ao lazer? Ou tem pessoas muito diferentes?
- 42- Por que pra você é importante ser Miguilim?

Agradecimento

Protocolo – Entrevista Específica (piloto)

Cumprimento.

- 1- Você gostou do texto?
- 2- Você se identificou com o texto?
- 3- O que não gostou no texto?
- 4- Por que você não gosta da morte do índio?
- 5- Você não sabe por que não gosta?
- 6- O que você não entendeu?
- 7- Quais as palavras você procurou no dicionário?
- 8- Você gostou da história que o texto trata?
- 9- Teve alguma passagem do texto que você achou curioso?
- 10- Você acha possível existir uma lagoa da coceira?
- 11- Você daria uma explicação para o fato da água da lagoa fazer coçar?
- 12- O que você achou da passagem do texto em que o Dr Armando mostra a fazenda para o Eduardo de dentro do avião?
- 13- Por que você achou legal?
- 14- O que você achou quando o Eduardo falou que as árvores eram aleijadas?
- 15- O fato do Nêuber ter chamado as árvores de aleijadas, significa que ele não conhecia o cerrado?
- 16- O que você achou da atitude do Nêuber?
- 17- O que você achou do trecho que conta que os índios araxá nasceram do coquinho do buriti?
- 18- O que você achou do trecho da história que fala sobre a morte do índio?
- 19- O que você achou da discussão dos personagens para entender o mapa do tesouro?
- 20- O mapa tinha desenhos e palavras ou só tinha desenhos?
- 21- Como os personagens conseguiram fazer o mapa ficar mais fácil?
- 22- Que conhecimentos os personagens tinham ou deveriam ter para entender o mapa?
- 23- Como é que você acha que os personagens descobriram tudo isso?
- 24- O que você achou da atitude dos personagens no final da história?

- 25- Por que com o parque as pessoas não vão desmatar?
- 26- Por que você escolheu esse trecho para contar para mim?
- 27- O que mais chamou sua atenção no trecho escolhido por você?
- 28- Por que você usou esses objetos?
- 29- Como você fez esse resumo? Você escreveu com suas palavras ou retirou frases do texto?
- 30- Ficou com vontade de ler o livro?

Agradecimento.

ANEXO D

Protocolo de entrevista – formadoras e colaboradores

Dra Calina Guimarães

- 1) Li, em uma reportagem de jornal, que uma peça encenada por alunos da EE Cláudio Pinheiro de Lima foi o ponto de partida para reunir os primeiros integrantes do grupo. Essa informação procede? Como isso aconteceu?

- 2) A criação do grupo está relacionada ao fato de você ter voltado a morar em Cordisburgo, certo? Quando você voltou para Cordisburgo, já existiam guias que monitoravam as visitas ao museu?
- 3) Como surgiu a idéia de criar um grupo de contadores de estórias?
- 4) O grupo surgiu por acaso, sem objetivos muito claros ou você já tinha objetivos traçados para o grupo? Que objetivos eram esses?
- 5) Como se deu a escolha do nome grupo? Por que Miguilim?
- 6) Quais foram os critérios de seleção dos primeiros integrantes? Quantos anos os interessados em participar do grupo tinham que ter?
- 7) Como se organizou a formação dos primeiros grupos de contadores de estórias? Que atividades eram realizadas? Quem coordenava o grupo? Quais eram os locais das reuniões, oficinas, encontros?
- 8) Quanto tempo levava para um Miguilim se formar e passar a atuar como guia do museu e contador de estória?
- 9) Em que momento a Lúcia e a sua sobrinha Dôra passaram a trabalhar com o grupo? O envolvimento da Elisa aconteceu na mesma época?
- 10) Havia distribuição de responsabilidades em relação à formação dos Miguilins entre você, Lúcia, Dôra e Elisa? Quais eram as atribuições de cada uma?
- 11) Na sua opinião, qual o papel da leitura no processo de formação e na prática da atividade Miguilim?
- 12) Você acredita que existe diferença entre a leitura cotidiana dos Miguilins e a leitura que fazem dos textos rosianos para serem contados aos visitantes do museu? Que diferença é essa?
- 13) Na sua opinião, existem diferenças entre os jovens Miguilins e os demais jovens de Cordisburgo? Que diferença é essa?

Dôra Guimarães e Elisa Almeida

- 1) Como e quando foi o convite para atuarem na formação dos jovens integrantes do grupo Miguilim?
- 2) Quais os objetivos do grupo Miguilim?
- 3) Como acontece a seleção e o processo de formação dos interessados em participar do grupo? Quais as atividades realizadas? Quem coordena? Quanto tempo leva para um Miguilim se formar?

- 4) Por que o trabalho com fábulas, anterior ao trabalho com o texto rosiano? Como é esse trabalho prévio e como são selecionadas essas fábulas?
- 5) Ao longo desses 11 anos de grupo Miguilim, aconteceram muitas modificações na seleção dos integrantes, na formação dos mesmos? Quais as principais modificações e por que elas aconteceram?
- 6) Hoje, quais as responsabilidades de cada uma das formadoras? A Calina e a Lúcia ainda atuam na formação dos Miguilins?
- 7) Como vocês reformulam as obras roseanas para que se tornem textos capazes de serem compreendidos pelos Miguilins e pelos ouvintes das histórias?
- 8) Como vocês definem quais os textos que cada um dos Miguilins vão decorar para contar? Existem habilidades específicas de cada um que são levadas em consideração?
- 9) Na opinião de vocês, qual o papel da leitura no processo de formação e na prática da atividade Miguilim?
- 10) Vocês acreditam que existe diferença entre a leitura cotidiana dos Miguilins e a leitura que fazem dos textos rosianos para serem contados aos visitantes do museu? Que diferença é essa?
- 11) Na opinião de vocês, existem diferenças entre os jovens Miguilins e os demais jovens de Cordisburgo? Que diferença é essa?

Lúcia de Castro

- 1) Como e quando foi o convite para você atuar na formação dos jovens integrantes do grupo Miguilim?
- 2) Quais os objetivos do grupo Miguilim?
- 3) Você ainda atua na formação dos Miguilins? Enquanto atuou, quais eram as suas responsabilidades? Quando deixou de atuar e por quê?
- 4) Como acontece(ia) a seleção e o processo de formação dos interessados em participar do grupo? Quais as atividades realizadas? Quem coordena(va)? Quanto tempo leva(va) para um Miguilim se formar? Quais eram os locais das reuniões, oficinas, encontros?
- 5) Por que o trabalho com fábulas, anterior ao trabalho com o texto rosiano? Como é esse trabalho prévio e como são selecionadas essas fábulas?
- 6) Ao longo desses 11 anos de grupo Miguilim, aconteceram muitas modificações na seleção dos integrantes, na formação dos mesmos? Quais as principais modificações e por que elas aconteceram?

6) Hoje, quais as responsabilidades de cada uma das formadoras? A Calina ainda atua na formação dos Miguilins?

8) Na sua opinião, qual o papel da leitura no processo de formação e na prática da atividade Miguilim?

9) Você acredita que existe diferença entre a leitura cotidiana dos Miguilins e a leitura que fazem dos textos rosianos para serem contados aos visitantes do museu? Que diferença é essa?

10) Na sua opinião, existem diferenças entre os jovens Miguilins e os demais jovens de Cordisburgo? Que diferença é essa?

Fábio Barbosa e Luana Figueiredo

1) Li, em uma reportagem de jornal, que uma peça encenada por alunos da EE Cláudio Pinheiro de Lima foi o ponto de partida para reunir os primeiros integrantes do grupo. Essa informação procede? Como isso aconteceu?

2) A criação do grupo está relacionada ao fato da Dra Calina ter voltado a morar em Cordisburgo, certo? Quando ela voltou para Cordisburgo, o museu estava aberto ou fechado? Já existiam guias que monitoravam as visitas?

3) Como surgiu a idéia de criar um grupo de contadores de estórias?

4) Quais os objetivos do grupo Miguilim?

5) Você sabe como se deu a escolha do nome grupo? Por que Miguilim?

6) Quais foram os critérios de seleção dos primeiros integrantes?

7) Como se organizou a formação dos primeiros grupos de contadores de estórias? Que atividades eram realizadas? Quem coordenava o grupo? Quais eram os locais das reuniões, oficinas, encontros?

5) Ao longo desses 11 anos de grupo Miguilim, aconteceram muitas modificações na seleção dos integrantes, na formação dos mesmos? Quais as principais modificações e por que elas aconteceram?

8) Quanto tempo levava para um Miguilim se formar e passar a atuar como guia do museu e contador de estória? E hoje, quanto tempo dura o processo e formação?

4) Por que o trabalho com fábulas, anterior ao trabalho com o texto rosiano? Como é esse trabalho prévio e como são selecionadas essas fábulas?

9) Em que momento a Lúcia e a sua sobrinha Dôra passaram a trabalhar com o grupo? O envolvimento da Elisa aconteceu na mesma época?

10) Havia e há distribuição de responsabilidades em relação à formação dos Miguilins entre Calina, Lúcia, Dôra e Elisa? Quais eram as atribuições de cada uma?

11) Quando você se tornou Miguilim? Como foi seu processo de formação? Quanto tempo ele durou?

12) Em algum momento você deixou o Grupo? Como foi que você começou a trabalhar no museu?

13) Hoje, quais são suas responsabilidades aqui no museu? Qual a sua participação no Grupo Miguilim?

14) Na sua opinião, qual o papel da leitura no processo de formação e na prática da atividade Miguilim?

12) Você acredita que existe diferença entre a leitura cotidiana dos Miguilins e a leitura que fazem dos textos rosianos para serem contados aos visitantes do museu? Que diferença é essa?

13) Na sua opinião, existem diferenças entre os jovens Miguilins e os demais jovens de Cordisburgo? Que diferença é essa?

ANEXO E
Protocolo Entrevista Geral

Apresentação

1- Quem você é, quantos anos você tem, onde é que você estuda?

Família

2- Onde foi que você nasceu?

3- Você viveu sempre em Cordisburgo?

4- Sua família, é toda daqui também?

5- Com quem você mora?

6- Na sua casa, todo mundo estudou?

7- Todo mundo na sua casa trabalha?

Escola

8- Você gosta da escola?

9- Das matérias, qual você mais gosta? Por quê?

10- E qual você não gosta? Por quê?

11- Você se considera um bom aluno?

Leitura

12- Você gosta de ler?

13- Por que você gosta de ler?

14- A escola cobra a leitura de livros?

15- O que você gosta de ler na escola?

16- O que é você não gosta de ler?

17- O que você gosta de ler fora da escola?

18- Que tipo de texto? Que tipo de jornal ou revista?

19- Não tem um assunto que você prefere? Que gosta mais de ler?

20- Essa leitura ajuda você na escola?

21- Você lê sempre?

Práxis Miguilim

22- Por que você quis se tornar Migulim?

- 23- O que foi preciso você fazer para se tornar Miguilim? O que você fez?
- 24- Como foi o processo para que você se tornasse um Miguilim? O que teve que acontecer?
- 25- O que é que foi acontecendo ao longo desses dois anos? O que você foi aprendendo?
- 26- Como é que eram os encontros com a Dora e a Elisa, durante esse processo de formação?
- 27- Você sabe como é que elas selecionam o texto para vocês?
- 28- Qual é a diferença? Você falou em leitura e em contar? O que você vê de diferente entre um e outro?
- 29- Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você se tornou Miguilim?
- 30- Por que para você é importante ser Miguilim?

Leitura cênica

- 31- Quando a leitura é desse texto que você tem que decorar, essa leitura é diferente?
- 32- Por que? Por que a leitura é diferente? O que é que você acha que é diferente?

Lazer

- 33- Fora da atividade Miguilim, o que você gosta de fazer?
- 34- E o seu lazer? O que você gosta de fazer quando você tem tempo para lazer?
- 35- O que tem em Belo Horizonte que aqui não tem?
- 36- O que você gosta no shopping?
- 37- Você já foi ao cinema?
- 38- Você já foi ao teatro?
- 39- Você gosta de cinema e teatro?
- 40- Você viaja muito?

ANEXO F
Protocolo Entrevista Específica

Perguntas formuladas com base na Análise Temática do texto didatizado a partir do livro “O Tesouro do Quilombo”.

1- Você leu o livro? Por quê?

1.a- Você gostou do livro?

1.b- O que você achou da leitura do livro?

2- Você gostou do texto? Por quê?

2.a- O que você achou da leitura do texto?

2.b- Foi muito diferente da leitura do livro?

3- Qual trecho do texto que mais chamou sua atenção? Por quê?

4- Para você o que é natureza?

4.a- Você já leu algum texto ou livro que ajudou a entender o que é natureza?

Qual?

4.b- O texto ajuda você a entender o que é natureza?

5- Para você o que é vida?

5.a- Você recomendaria a alguém a leitura de um texto ou livro sobre esse tema?

6- Você já ouviu falar em biodiversidade?

6.a- Onde você ouviu falar de biodiversidade?

6.b- Para você o que é biodiversidade?

6.c- Algum livro ou texto já ajudou você a entender o que é biodiversidade?

6.d- O texto, de alguma forma, ajuda você a entender, o que é biodiversidade?

6.e- O texto, em algum trecho, exemplifica a biodiversidade?

7- Para você o que é transformação (mudanças da natureza)?

7.a- Você já leu algum texto ou livro que aborde esse tema?

7.b- O texto traz exemplos de mudanças que acontecem na natureza?

A temática transformações engloba os temas: preservação, extinção, ciclos, ecossistema.

8- Para você o que é ecossistema?

8.a- Algum livro ou texto já ajudou você a reconhecer/ entender esses termos?

8.b- Você pode citar exemplos de ecossistemas que aparecem no texto?

9- Na sua opinião, o texto deixa alguma mensagem para o leitor? Qual?

10- Agora escolha um trecho do texto, prepare-se e conte!

ANEXO G
Transcrição das entrevistas gerais

Transcrição – entrevista geral – 09/08/07

Miguilim Pati 22':41''

- 00':02'' 1. Pesq: Como é que você chama?
2. *Pati: Pati*
3. Pesq: Quantos anos você tem?
4. *Pati: 14 anos.*
5. Pesq: Que série que você está?
6. *Pati: 1º ano.*
7. Pesq: Que escola que você estuda?
8. *Pati: Cláudio Pinheiro de Lima*
- 00':20'' 9. Pesq: Você nasceu aqui?
10. *Pati: Nasci.*
- 00':24'' 11. Pesq: E a sua família, é daqui também?
12. *Pati: É.*
13. Pesq: Todo mundo sempre viveu em Cordisburgo?
14. *Pati: Não, meu pai sim, minha mãe não.*
15. Pesq: De onde é sua mãe?
16. *Pati: Minha mãe morava numa roça aqui perto e depois mudou pra cá.*
17. Pesq: Quem mora com você?
18. *Pati: Eu, meu pai, minha mãe e meu irmão.*
19. Pesq: Seu irmão é mais novo ou mais velho?
20. *Pati: Mais novo.*
21. Pesq: Ele ta na escola também?
22. *Pati: Ta.*
23. Pesq: Na sua casa todo mundo estudou?
24. *Pati: Minha mãe sim e meu pai não.*
25. Pesq: O que sua mãe fez?
26. *Pati: Ela estudou até o 3º ano.*
27. Pesq: E seu pai?
28. *Pati: Meu pai até a 4ª série do grupo porque não tinha condições, o pai dele*

não tinha condições. Ele engraxava sapatos aí depois teve que parar de estudar porque mãe dele morreu quando ele era pequeno pra ajudar.

29. Pesq: Seu irmão ta na escola?

30. Pati: *Ta*

31. Pesq: O que seu pai faz hoje?

32. Pati: *Ele é pedreiro e minha mãe trabalha na casa de uma moça que é enfermeira, ela é doméstica.*

01':52" 33. Pesq: Você gosta da escola?

34. Pati: *Mais ou menos.*

35. Pesq: Como assim?

36. Pati: *Porque ela tem os pontos bons e os pontos ruins. Porque não tem muita opção pra gente, mas o ensino é bom.*

37. Pesq: Quais são os pontos bons da escola?

38. Pati: *Algumas professoras são legais, a gente aprende bastante e essa escola aqui falam que é melhor. E a gente tem que dar graças a Deus porque tem ela aqui e ela é a única. Eu também não gosto de faltar de aula. Já o meu irmão gosta, eu não.*

39. Pesq: Por que você não gosta de faltar?

40. Pati: *Porque depois copiar a matéria é ruim e a explicação eu não gosto de perder.*

41. Pesq: E quais são os pontos ruins da escola?

42. Pati: *Eu acho que não tem opção de lazer. No recreio é só sentar e merendar, acabou e vai pra sala. Lá tem computador e eu acho que devia ser aberto pra todo mundo pesquisar porque tinha que ter os horários pra dividir a turma e levar. Vai quem quer, mas acho que tinha que dar oportunidade pra todo mundo porque muito ainda não sabem mexer.*

43. Pesq: Tem alguma matéria na escola que você gosta mais?

44. Pati: *Menos Matemática e Física. O resto eu gosto.*

45. Pesq: Você só não gosta de Matemática e Física?

46. Pati: *É. Porque tem conta e eu não gosto de conta. Não dou certo.*

47. Pesq: O restante você gosta de todas?

48. Pati: *Gosto.*

49. Pesq: Tem uma especial?

50. Pati: *Geografia e Biologia. Biologia eu acho muito interessante a matéria e eu também tiro boas notas nas provas porque eu estudo. Geografia eu gosto da professora e aí matéria fica legal com a professora.*

51. Pesq: Você se considera uma boa aluna?

52. Pati: *Mais ou menos, porque tem vezes que eu não gosto muito de estudar, tem vezes que eu não faço dever. To na média.*

53. Pesq: Ta na média nas notas, ou ta na média em tudo? Comportamento? Responsabilidade?

54. Pati: *Nas notas. Meu comportamento não é dos melhores dentro da sala, mas também não é dos piores. Mas na hora de ficar calada eu fico.*

04':59" 55. Pesq: Você gosta de ler?

56. Pati: *Gosto. Mas eu gostava muito mais mesmo.*

57. Pesq: Você gostava demais e hoje nem tanto. Me conta essa história. O que que aconteceu?

58. Pati: *Não sei. Antes eu pegava um livro grossão e eu lia o livro todinho. Quando eu queria e o livro me interessava eu pegava o livro de manha, quando era de noite eu já tinha acabado. Agora eu fico meio enrolada com o livro, levo pra casa, coloco dentro da gaveta e esqueço de ler, mas aí depois eu leio.*

59. Pesq: Aconteceu alguma coisa para que essa mudança ocorresse?

60. Pati: *Não sei. Acho que não.*

61. Pesq: A escola cobra a leitura de livros?

62. Pati: *Não. Assim, as vezes. Raramente leva a gente na biblioteca pra pegar livro.*

63. Pesq: Você falou que gosta de ler, mas por que você gosta?

64. Pati: *Eu gosto de ler mas depende do livro. As vezes eu pego o livro e acho que ele é interessante, na hora que eu começo a ler e ele não é muito interessante fica sem graça. É bom quando eu pego o livro e já to interessado ou quando alguém já falou o livro e bom e lê com vontade.*

65. Pesq: Quando você está na escola, o que você gosta de ler?
66. *Pati: Romance.*
67. Pesq: E onde você pega romance?
68. *Pati: Na biblioteca. A professora leva a turma toda.*
69. Pesq: Aí você lê lá na escola?
70. *Pati: Aí pega, lê umas três páginas na sala e depois tem uma interpretação.*
71. Pesq: Tem alguma coisa que você não gosta de ler quando está na escola?
72. *Pati: Não.*
73. Pesq: Fora da escola, o que você gosta de ler?
74. *Pati: Revista, jornal.*
75. Pesq: Que tipo?
76. *Pati: Fofoca, algumas de notícias, Veja, Isto É.*
77. Pesq: Mais revista do que jornal?
78. *Pati: Mais. O jornal é só o resumo das novelas no Super que eu gosto de ler ele.*
79. Pesq: Tem algum assunto que você prefere ler no jornal ou na revista?
80. *Pati: O que acontece nas cidades vizinhas.*
81. Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola, ajuda você na escola?
82. *Pati: Eu acho que sim, porque eu conheço novas palavras, acentuação a gente fica mais por dentro. E também eu fico com a leitura melhor.*
83. Pesq: Você lê sempre?
84. *Pati: Sempre que precisa.*
85. Pesq: E quem define quando que precisa?
86. *Pati: As vezes quando não tem nada pra fazer eu vou e pego livro. Na escola quando precisa de ler eu vou e leio. Quando o professor pede pra alguém ler na sala eu vou e leio.*
09':28" 87. Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?
88. *Pati: Porque minha vizinha falava pra eu entrar porque era bom. Aí eu fiquei com vontade de entrar. Aí eu fui na casa da Calina e fiz inscrição pra mim e pra Yara que mora perto da minha casa. Aí nós duas estamos até hoje. Eu fiz inscrição pra mim e pra ela.*
89. Pesq: Por que? Porque te disseram que era bom?
90. *Pati: Porque era bom e porque a gente ficava mais por dentro da literatura do conterrâneo nosso aí eu fiquei interessada e resolvi entrar no grupo.*
91. Pesq: O que foi preciso você fazer para se tornar Miguilim?
92. *Pati: Aí eu tive que me esforçar bastante porque eu não era uma boa aluna e não tinha boas notas, porque não pode ter nota ruim.*
93. Pesq: Pra ser Miguilim não pode ter nota ruim?
94. *Pati: É. Não pode ter um comportamento ruim na escola, ter nota baixa, tudo que acontece na sala não pode ser ruim e eu tive que melhorar, aí eu já entrei no grupo com isso na cabeça. Então eu ainda não sou 100% mas cada dia eu vou melhorando mais.*
95. Pesq: Como é que funcionou o processo para você se tornar Miguilim? Quanto tempo você ficou pra virar Miguilim?
96. *Pati: Acho que foi dois anos. Aí a gente vinha pra Associação, tinha reunião com a Lúcia. A gente começou com fábulas pra depois pegar a literatura de Guimarães Rosa e foi aprofundando. Depois trocou da Lúcia pra Elisa e agora tem o grupo da Elisa e o da Dora e eu to no da Dora. Cada etapa foi ficando mais difícil e eu pensei em sair do grupo a muito tempo.*
97. Pesq: Você não quer mais ficar no grupo?
98. *Pati: Eu não queria. Eu parava de vir nas reuniões. Depois conversaram comigo e minha mãe falou que eu não podia fazer isso. Agora eu faço o possível pra não faltar. Eu percebi que eu to tendo mais responsabilidade com as coisas minhas. Tento não faltar.*
99. Pesq: Por que é importante não faltar?
100. *Pati: Porque cada vez que falta perde alguma coisa, a Dora explica alguma coisa, algum livro e depois pode fazer falta pra gente.*
101. Pesq: A Dora explica o que?
102. *Pati: A gente lê o livro, ela conta o livro, pergunta as coisa pra gente pra ver se era assim mesmo. Faz perguntas do livro pra gente. Quando perco fica vago*

porque a gente na outra reunião até falando no mesmo assunto mas você já perdeu a primeira parte então fica ruim.

103. Pesq: Quando ela pede pra vocês lerem o livro, você tem o costume de ler o livro?

104. Pati: *As vezes sim, as vezes não.*

105. Pesq: Aí fica mais fácil ou mais difícil decorar o texto?

106. Pati: *Mais fácil, porque você já sabe a estória e já tem mais ou menos resumido.*

107. Pesq: Quando você lê o livro antes fica mais...

108. Pati: *Mais fácil.*

109. Pesq: O que você aprende nessas oficinas?

110. Pati: *Fui aprendendo a ter mais responsabilidade, ter um bom comportamento em todos os lugares, na escola, na minha casa, que a gente tem que respeitar todo mundo, que a gente tem que ter uma visão melhor pra vida da gente, que os Miguilins, a Dora sempre fala, que é pra passar a adolescência de uma maneira alegre e feliz e então eu to passando por essa fase, alegre e feliz.*

111. Pesq: Você considera sua adolescência alegre e feliz?

112. Pati: *Considero.*

113. Pesq: E você acha que os Miguilins fizeram diferença em relação a sua felicidade?

114. Pati: *[Silêncio]*

115. Pesq: Vou mudar a pergunta. O fato de você ter se tornado Miguilim fez sua vida ficar mais feliz?

116. Pati: *Fez, bem mais. Porque agora eu tenho compromisso. Antes eu ficava dentro da casa dos outros conversando, na rua, e agora não porque eu tenho compromisso de vir nas reuniões, de vir no museu. Agora tenho compromisso com tudo.*

117. Pesq: Você aprendeu o que com a Dora nesses encontros, além dessas questões da responsabilidade, do compromisso?

118. Pati: *Com a Claudia e a Helena que são as professoras de expressão corporal e vocal a gente aprende bastante também, postura, tudo.*

119. Pesq: Você sabe como é que elas selecionam os textos pros Miguilins e definem quem vai decorar tal texto?

120. Pati: *As vezes ela escolhe e as vezes a gente mesmo escolhe. Eu acho que elas escolhem de acordo com o que você mostra pra elas.*

16':58" 121. Pesq: Você acha que tem alguma diferença entre ler o texto que você tem que decorar e ler um livro ou um jornal ou uma revista?

122. Pati: *Tem diferença mas eu acho que é por causa do assunto. O texto que ela dá é um resumo da estória do livro. Porque cada um mostra um assunto diferente. O assunto e a idéia que passa pra gente são diferentes.*

123. Pesq: Qual a idéia que os textos que você tem que decorar passam pra você?

124. Pati: *Eu fico pensando como era antes. Como que Guimarães Rosa conseguiu criar os livros. Como ele fez pra juntar palavras, já que muitas são inventadas, fico pensando. Quando a gente decora o texto e vai contar é necessário a gente visualizar. Visualizar os pássaros do texto que eu to contando. Eu acho interessante.*

125. Pesq: Isso tudo você aprendeu sozinha?

126. Pati: *Com dicas da Dora, da Elisa.*

127. Pesq: Na sua vida, depois que você virou Miguilim, aconteceu alguma mudança?

128. Pati: *Aconteceu. Lá em casa minha mãe quer que eu continuo, meu pai não. Aí eu fico no meio, entre um lado e o outro. Minha mãe fala que é pra eu continuar e eu to continuando porque ela ta me pedindo, e porque eu também gosto. Eu acho que ta mudando porque eu tenho que ter compromisso com as coisas da minha vida. Eu sei que no meu futuro eu vou precisar disso.*

129. Pesq: E o seu pai, por que ele acha que você não deve continuar?

130. Pati: *Ele é todo doido. Não mexe com isso não, fica aqui. Porque as vezes eu tenho que fazer comida pra ele rápido porque eu tenho que vir pro museu aí ele acha ruim. Mas eu não ligo não por que eu que to querendo e eu sei que vai ser bom pra mim depois.*

20':08" 131. Pesq: Fora da atividade de Miguilim, o que você gosta de fazer?

132. *Pati: Eu gosto de ficar na minha casa assistindo televisão. Conversar com as meninas.*
133. Pesq: Você já foi ao cinema?
134. *Pati: Não.*
135. Pesq: E ao teatro?
136. *Pati: Já.*
137. Pesq: Onde você foi ao teatro?
138. *Pati: Em BH. Tem um tempão já e foi uma vez só. A professora de Educação Física levou um ônibus, que a irmã dela trabalha no teatro e ela conseguir ingresso e todo mundo foi.*
139. Pesq: Você gosta de teatro?
140. *Pati: Eu gostei da primeira vez que eu fui.*
141. Pesq: Você viaja muito?
142. *Pati: Não. Mais ou menos.*
143. Pesq: Quando você viaja você vai pra onde?
144. *Pati: Nas férias eu vou pra Contagem e como eu também jogo futsal as vezes eu vou para Nova Lima.*
145. Pesq: Que dias você joga futsal?
146. *Pati: Dia de sexta-feira, eu não vou porque eu to no museu. Segunda, quarta. Tem dia que eu vou, tem dia que eu não vou.*
147. Pesq: Você vai muito em Belo Horizonte?
148. *Pati: As vezes, só nas férias mesmo.*
- 22':10" 149. Pesq: Pra você, por que é importante ser Miguilim?
150. *Pati: Acho que é pra eu ter uma mentalidade e ver o mundo diferente. Não adianta esconder que o mundo é bom que não tem violência, porque tem tudo isso.*
151. Pesq: Ser Miguilim te ajuda nisso?
152. *Pati: Me ajuda.*
- 22':41" 153. Pesq: Obrigada.

Transcrição – entrevista geral – 16/08/07

Miguilim Nina 14':37"

- 00':04" 1. Pesq: Como é que você chama?
2. *Nina: Nina*
3. Pesq: Quantos anos você tem?
4. *Nina: 14 anos*
5. Pesq: Onde você estuda?
6. *Nina: Na escola Cláudio Pinheiro de Lima.*
7. Pesq: Que série que você está?
8. *Nina: 8ª*
- 00':18" 9. Pesq: Onde você nasceu?
10. *Nina: Caetanópolis*
11. Pesq: Só nasceu lá e veio pra cá ou viveu lá por um tempo?
12. *Nina: Não, nasci lá e vim pra cá.*
- 00':27" 13. Pesq: Sua família, de onde é?
14. *Nina: Daqui, todo mundo. Nasceu e sempre viveu aqui.*
15. Pesq: Com quem que você mora?
16. *Nina: Com meus pais.*
17. Pesq: Você, seu pai e sua mãe, só!
18. *Nina: Só.*
19. Pesq: Tem irmãos?
20. *Nina: Não.*
21. Pesq: Todo mundo na sua casa estudou?
22. *Nina: Estudou. Meu pai fez até a 4ª e minha mãe até o segundo grau.*
23. Pesq: Todo mundo na sua casa trabalha?
24. *Nina: Trabalha. Meu pai trabalha de jardineiro na gruta e minha mãe é cantineira na escola.*
- 01':09" 25. Pesq: Você gosta da escola? Por que?

26. *Nina: Gosto. Sei lá, porque é bom a gente ficar lá, aprendendo. Tem muitos amigos que a gente faz. Cada dia conhece mais pessoas. É isso.*
27. Pesq: Tem alguma matéria na escola que você gosta mais?
28. *Nina: Ciências. Eu não sei explicar porque não, sei lá. Mas eu quero fazer faculdade de Ciências. A matéria me interessa, eu tenho uma atração pela matéria. Ela me puxa mais. Eu gosto mais dela.*
29. Pesq: Tem alguma matéria que você não gosta? Por que?
30. *Nina: Matemática. É muito difícil as contas. Cada dia vai complicando mais.*
31. Pesq: Você se considera uma boa aluna?
32. *Nina: Não.*
33. Pesq: Por que?
34. *Nina: Porque as vezes eu converso bastante e as professoras ficam chamando minha atenção. Elas falam com minha mãe e ela xinga pra caramba. É isso.*
35. Pesq: O que é que um bom aluno tem que ter?
36. *Nina: Eu acho que ele tem que cumprir com todas as coisas. Não pode conversar em sala de aula quando a professora estiver explicando a matéria, ter boas notas, ter um comportamento bom.*
37. Pesq: E você não se considera uma boa aluna porque você não atende a todos esses requisitos?
38. *Nina: Não [Risos]*
- 02':48" 39. Pesq: Você gosta de ler?
40. *Nina: Um pouco.*
41. Pesq: O que você gosta de ler?
42. *Nina: Paulo Coelho.*
43. Pesq: E por que?
44. *Nina: Sei lá. Os livros dele me chamam atenção.*
45. Pesq: Tem mais alguma coisa que você lê?
46. *Nina: As vezes eu pego um livro aqui do Guimarães Rosa.*
47. Pesq: O que você não gosta de ler?
48. *Nina: Romance. Aqueles livros que no início tá tudo bom e depois o romance não dá mais certo. Aí eu não gosto de ler não.*
49. Pesq: A escola cobra a leitura de livros de você?
50. *Nina: Cobra. Todo bimestre a gente lê um livro e nesse bimestre a gente vai ler dois.*
51. Pesq: Quem pede essa leitura?
52. *Nina: A professora de Português.*
53. Pesq: Só ela que exige essa leitura?
54. *Nina: É.*
55. Pesq: Tem alguma coisa que você não gosta de ler além dos romances?
56. *Nina: Não.*
57. Pesq: Quando você tá lá dentro da escola, o que você gosta de ler?
58. *Nina: Alguns textos que tem nos livros de Português, de Ciências, de Geografia. Os professores mandam a gente ler e eu gosto.*
59. Pesq: Textos dos livros didáticos?
60. *Nina: É.*
61. Pesq: E fora da escola, só os livros do Paulo Coelho?
62. *Nina: É*
63. Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola, ajuda você na escola?
64. *Nina: Não.*
65. Pesq: Por que não?
66. *Nina: Eles mandam a gente lê outros livros que tem lá na escola e eu gosto de pegar os do Paulo Coelho. Porque, sei lá. Eu prefiro ele, mas cobram de mim outros livros que tem lá. Geralmente quando eu vou pegar livros lá, eu pego livros pequenos, porque eu não gosto de ler muito.*
67. Pesq: Por que você acha que esses livros não te ajudam na escola? O que tem neles de diferente dos livros da biblioteca?
68. *Nina: Nada. Eles são iguais. Mas eu acho que não me ajuda porque as vezes ele me pede pra ler um livro que tem um potencial maior que Paulo Coelho e eu não gosto.*
69. Pesq: Como assim, potencial maior?

70. *Nina: Que exige maior concentração nas palavras.*
71. *Pesqu: Você lê sempre?*
72. *Nina: Não, só quando pede na escola.*
73. *Pesq: Mas e os livros do Paulo Coelho que não pede na escola?*
74. *Nina: Aí eu leio de vez em quando. Leio uma parte, paro, leio uma parte, paro e assim vai até eu terminar.*
- 06':06" 75. *Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?*
76. *Nina: Aí, porque quando a gente tava na escola, geralmente tinha apresentações do Grupo Miguilim e eu me interessei desde os 9 anos. Eu comecei a ir na casa da Calina, fiz inscrições mas nunca me chamaram. Quando eu completei 11 anos aí teve um negócio no colégio pros pais e eu falei um poema do Guimarães Rosa, Saudade, aí a Lúcia falou comigo que era pra eu fazer inscrição porque já estava aberta de novo, aí eu vim aqui e eles chamaram a gente. Aí eu comecei a ser Miguilim.*
77. *Pesq: O que te chamou atenção?*
78. *Nina: Aí, as estórias.*
79. *Pesq: Como foi o processo pra você virar Miguilim?*
80. *Nina: Foi assim, a gente vinha pra cá todos os sábados aí a Lúcia fazia as reuniões e começou a entregar as fábulas. A gente começou a decorar as fábulas e falar. Depois a gente foi com a Elisa e ela continuava dando fábulas. Depois de muito tempo ela começou a dar os textos de Guimarães Rosa. Foi quase dois anos.*
81. *Pesq: O que você aprendeu durante esse tempo?*
82. *Nina: Muita coisa. Sei lá, Miguilim, é uma coisa boa e todo mundo quer ser, mas tornar Miguilim foi muito útil pra mim porque eu gosto de contar aqui no museu, guiar, me interessou, sei lá.*
83. *Pesq: E o que você aprendeu?*
84. *Nina: O que eu aprendi com isso, nossa! (Silêncio) O que eu aprendi com isso, eu nem sei.*
85. *Pesq: Tudo bem. Você sabe como as professoras selecionam os textos pros Miguilins?*
86. *Nina: Não.*
- 09':05" 87. *Pesq: Você acha que existe diferença na leitura que você faz dos livros do Paulo Coelho e na leitura dos textos que você faz pra decorar e contar como Miguilim?*
88. *Nina: Não!*
89. *Pesq: Por que não tem diferença?*
90. *Nina: Porque Miguilim é uma coisa diferente de Paulo Coelho que tem as palavras de hoje e Guimarães Rosa inventa suas próprias palavras.*
91. *Pesq: Mas você falou que não é diferente a leitura que você faz?*
92. *Nina: A leitura dos livros dos meus contos com os livros de Paulo Coelho.*
93. *Pesq: É, se a sua leitura é diferente de um texto e do outro?*
94. *Nina: É.*
95. *Pesq: Por que?*
96. *Nina: Porque os livros de Paulo Coelho tem uma... Sei lá. Não sei explicar. Eu gosto. Tem uma diferença muito grande falar contos de Guimarães Rosa e de Paulo Coelho. Faz diferença mas porque eu não sei.*
97. *Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você virou Miguilim?*
98. *Nina: Não, ficou tudo normal. Aconteceu uma mudança porque tem que vir pro museu dia de quinta-feira e se tem um trabalho tem que fazer mais cedo. Foi essa mudança e mais nada.*
- 10':59" 99. *Pesq: Fora da atividade de Miguilim, o que você gosta de fazer?*
100. *Nina: Ir praça, clube dia de sábado. Só isso.*
101. *Pesq: Você tem lazer em Cordisburgo?*
102. *Nina: Não.*
103. *Pesq: O que é lazer pra você?*
104. *Nina: Uma coisa que você diverte, eu acho.*
105. *Pesq: Pra você não tem diversão.*
106. *Nina: Não.*
107. *Pesq: Você gosta de cinema?*
108. *Nina: Gosto.*
109. *Pesq: Já foi?*

110. *Nina: Não.*
111. *Pesq: Teatro, você já foi alguma vez?*
112. *Nina: Já, uma vez só. Foi em Belo Horizonte. Teve Lampiãozinho e Maria Bonitinha e a gente fez excursão com a professora de educação física e foi. Foi ano passado.*
113. *Pesq: Você gosta de teatro?*
114. *Nina: Gosto.*
115. *Pesq: Como é que você gosta de cinema se você nunca foi?*
116. *Nina: Eu nunca fui ao cinema, eu fui no teatro e gostei, é bom. Mas cinema eu nunca fui não.*
117. *Pesq: Você viaja muito?*
118. *Nina: Pelo Grupo?*
119. *Pesq: Tem diferença viajar pelo Grupo?*
120. *Nina: Não, a gente diverte a mesma coisa.*
121. *Pesq: Então, você viaja muito?*
122. *Nina: Viajo, vou pra Belo Horizonte, Sete Lagoas, Paraopebas. É mesma coisa com os Miguilins, a gente se diverte muito, tem muito caso pra contar, muita coisa engraçada que acontece que depois a gente conta e ri. Só isso.*
- 12':55" 123. *Pesq: Por que pra você é importante ser Miguilim?*
124. *Nina: Por que? Eu não sei explicar porque não.*
125. *Pesq: Pra você é importante ser Miguilim?*
126. *Nina: É, eu gosto. É importante porque eu gosto. É isso.*
127. *Pesq: Tá ótimo, obrigada!*
128. *Nina: Por nada, apesar de ter dado algumas falhas aí.*
129. *Pesq: Não existe falha. Não existem respostas certas e erradas, quando eu pergunto é pra você dizer aquilo que você pensa, aquilo que você sabe. Então também pra dizer que você não sabe ou que não pensa sobre isso. E isso é uma resposta importante pra mim, entendeu.*
130. *Nina: Entendi [Risos]*
- 14':37" 131. *Pesq: Pra mim, não tem certo e errado e com certeza eu vou voltar a conversar com vocês! Esse grupo que eu to conversando hoje é meu grupo de estudo. Então eu vou voltar a conversar com você e não precisa ficar preocupada. Foi tudo perfeito, você respondeu tudo e aquilo que você diz não saber, pra mim é muito importante também. Obrigada.*

Transcrição – entrevista geral – 16/08/07

Miguilim Lívia 15min:51seg

- 00':02" 1. *Pesq: Como você chama?*
2. *Lívia: Lívia*
3. *Pesq: Quantos anos você tem?*
4. *Lívia: 14.*
5. *Pesq: Onde você estuda?*
6. *Lívia: Na escola estadual Cláudio Pinheiro de Lima.*
7. *Pesq: Que série você cursa?*
8. *Lívia: 8ª.*
- 00':17" 9. *Pesq: Onde você nasceu?*
10. *Lívia: Em Caetanópolis.*
11. *Pesq: Você chegou a viver lá?*
12. *Lívia: Não.*
13. *Pesq: Sempre morou aqui?*
14. *Lívia: Sim*
- 00':24" 15. *Pesq: E a sua família?*
16. *Lívia: Minha família também sempre morou aqui.*
17. *Pesq: Quem mora com você?*
18. *Lívia: Meus tios, irmãos da minha mãe.*
19. *Pesq: E sua mãe?*

20. *Lívia: Minha mãe mora em Belo Horizonte.*
21. *Pesq: Você tem irmãos?*
22. *Lívia: Não.*
23. *Pesq: Você tem primos que moram com você?*
24. *Lívia: Só um mora comigo.*
25. *Pesq: Todo mundo na sua casa estudou?*
26. *Lívia: Estudaram.*
27. *Pesq: Fizeram até que série, você sabe?*
28. *Lívia: Alguns até o ensino fundamental, outros já completaram o ensino médio todo.*
29. *Pesq: Todo mundo trabalha?*
30. *Lívia: Todo mundo. Só minha tia que não, ela fica em casa fazendo o serviço de casa.*
- 01':31" 31. *Pesq: Você gosta da escola?*
32. *Lívia: Gosto.*
33. *Pesq: Por que?*
34. *Lívia: Olha, a escola é o lugar onde aprende muito, e conhece muitas pessoas, faz muitos amigos, uma segunda casa pra mim. Lá eu tenho a minha segunda família.*
35. *Pesq: Tem alguma matéria que você gosta mais?*
36. *Lívia: Inglês. Pra mim é a matéria mais fácil, apesar de ser uma língua diferente, é a matéria que eu mais entendo pra tirar boas notas. Inglês e Português, só que Português eu não gosto muito não.*
37. *Pesq: Tem alguma matéria que você não gosta muito?*
38. *Lívia: Português. É um pouco difícil e eu não me dou muito bem com a professora, então fica assim.*
39. *Pesq: Você se considera uma boa aluna?*
40. *Lívia: Me considero.*
41. *Pesq: O que uma aluna tem que ter?*
42. *Lívia: Responsabilidade, compromisso, empenho, interesse nos estudos, é isso.*
- 02':44" 43. *Pesq: Você gosta de ler?*
44. *Lívia: Gosto. Dependendo do que eu vou ler, leio por interesse ou curiosidade. Mas tem livros que as pessoas indicam e eu fico querendo ler pra eu conhecer. Leio mais por curiosidade e pra aprendizagem porque tem coisas que a gente aprende.*
45. *Pesq: A escola cobra a leitura de livros de você?*
46. *Lívia: A escola não. A professora de Português cobra. A gente vai até a biblioteca escolhe o livro que a gente quer ler e ela passa uma análise literária pra gente fazer. Esse bimestre a gente vai ter que ler dois livros e vale ponto.*
47. *Pesq: Quando você está dentro da escola, o que você gosta de ler?*
48. *Lívia: Gosto de ler coisas de Ciências, Geografia e História.*
49. *Pesq: Onde você lê as informações?*
50. *Lívia: Ou é dentro da sala de aula quando tem horário vago e eu já terminei de fazer as atividades, ou é na biblioteca.*
51. *Pesq: Onde estão as informações?*
52. *Lívia: Tem revistas de Ciências na biblioteca, Revista Hoje, tem livros de História e Geografia.*
53. *Pesq: Livros didáticos?*
54. *Lívia: Tem livros didáticos e outros tipos de livros, não só didáticos. Revistas, jornais.*
55. *Pesq: Fora da escola, o que você gosta de ler?*
56. *Lívia: Eu gosto de ler revista, eu gosto muito de ler revista. De vez em quando eu arrisco no jornal e livro de histórias normais.*
57. *Pesq: Que tipo de revista você gosta?*
58. *Lívia: Eu gosto da Atrévidinha que traz testes, coisas sobre os artistas, sobre meus cantores preferidos. Aí eu leio.*
59. *Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola, ajuda você na escola?*
60. *Lívia: Ajuda porque eu to treinando a minha leitura e a minha interpretação de texto. Eu acho que ajuda sim.*
61. *Pesq: Você lê sempre?*
62. *Lívia: Sempre. Todo dia to com alguma coisa pra ler. Uma revista nova, o*

- jornal que chega na casa da minha avó, eu leio.*
- 06':07" 63. Pesq: Que jornal chega na casa da sua avó?
64. Lívia: *Chega o Super e Estado de Minas.*
65. Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?
66. Lívia: *De início eu não queria me tornar Miguilim, mas eu fui incentivada pela minha prima que também era contadora de estória. Aí eu peguei e falei que eu não ia e que não queria. Aí ela falou comigo: "você vai e se você não gostar, você sai. Eu te dou um prazo de um mês". Eu falei que não ia gostar porque eu não gostava de ler. Passou um tempo e ela perguntou se eu queria continuar e eu falei que queria. De início eu não queria.*
67. Pesq: Por que você não queria?
68. Lívia: *Primeiro, eu não gostava de ler e eu não me interessava por esses tipos de trabalhos culturais, eu achava a maior chatice. Minha prima deixava de viajar com a família porque tinha que vir pro museu ou tinha uma viagem do museu pra ir. Eu achava muito chato.*
69. Pesq: Por que você não gostava de ler?
70. Lívia: *Nunca me interessei por leitura. Desde pequena. Nem quando minha contava estória pra mim eu gostava. Não sei porque, minha mãe gosta de ler, meu pai gosta de ler e eu nunca gostei de leitura. Agora eu gosto de ler.*
71. Pesq: Por que hoje você gosta de ler?
72. Lívia: *Olha, porque pra ser Miguilim, você tem que ter uma noção do que os livros dele conta. Muitas pessoas perguntam o resumo e aí você tem que ler. O primeiro que eu li foi Manuelzão e Miguilim e aí eu gostei de ler. Agora eu leio sempre, pego um livro pra ler, não só de Guimarães Rosa. Pego outros autores também pra ler. Me interessei mais pela leitura.*
73. Pesq: Você leu outros livros do Guimarães, além de Manuelzão e Miguilim?
74. Lívia: *Não, por enquanto só li esse.*
75. Pesq: Tem muito tempo que você é Miguilim?
76. Lívia: *Tem três anos.*
77. Pesq: Quanto tempo durou o processo pra você virar Miguilim?
78. Lívia: *Acho que 1 ano e meio.*
79. Pesq: O aconteceu durante esse tempo?
80. Lívia: *Primeiro a gente começou com uma oficina com a Lúcia e agente lia e decorava fábulas. Depois agente passou pra Elisa e a Dôra e aí a gente começou a pegar os livros de Guimarães Rosa. De início foi bem difícil de pegar a expressão de Guimarães Rosa, mas depois foi fluindo aí a gente foi e consegui pegar o ritmo mesmo de Guimarães Rosa.*
81. Pesq: O que você aprendeu?
82. Lívia: *Muita coisa. Eu aprendi a ser mais responsável, porque eu não era muito responsável, a ter compromisso com o horário porque eu sempre chegava atrasada nas reuniões, a Elisa sempre me cobrou o horário. Essas coisas.*
83. Pesq: Como eram os encontros?
84. Lívia: *Com a Lúcia era toda sexta-feira. Geralmente era aqui no museu nesse local, depois passou a ser na Associação. Com a Elisa era de 15 em 15 dias, ou toda semana, na Associação.*
85. Pesq: O que acontecia nesses encontros?
86. Lívia: *A Elisa lia os textos com a gente, passava a entonação, depois que a gente já tinha lido o texto com a Elisa, a gente podia decorar. Na próxima reunião a gente contava pra ela, se tivesse alguma coisa errada ou alguma coisa que ela não gostasse no nosso texto, ela ajudava a gente a consertar. A gente trabalhava a voz, a expressão corporal.*
87. Pesq: Você sabe como é que elas escolhem os textos pros Miguilins e definem quem vai decorar tal texto?
88. Lívia: *Como elas escolhem eu não sei, mas geralmente elas falam que escolheram o texto porque acham que a gente vai dar conta. Acham que a gente tem capacidade de decorar e contar aquele texto. Aí ela fala que o texto tem a cara da gente, que quando escolheu pensou na gente.*
- 10':38" 89. Pesq: Você vê diferença na leitura do texto do Guimarães que você vai decorar pra contar, na leitura dos jornais, das revistas e dos outros livros que você lê?
90. Lívia: *Tem diferença. Em relação aos livros de Guimarães e os textos das*

revistas, Guimarães é mais difícil pra entender, interpretar. Revista e jornal é uma informação básica, lê e entende. Os livros de Guimarães e outros livros tem uma aparência que é tudo muito difícil e tem palavras que você não conhece e não tem no dicionário comum que é o caso de Guimarães Rosa. Geralmente a diferença é só entre Guimarães Rosa e as revistas mesmo. Entre Guimarães e outros livros eu não vejo muita diferença não, a não ser o tema do livro. Os livros que eu leio são mais de suspense e os do Guimarães são mais romance e dá tristeza. Essas coisas. Eu nunca li de romance que não seja Guimarães Rosa.

91. Pesq: A leitura do Guimarães Rosa e de outros livros em geral exige mais ou menos de você, se comparado com a leitura de jornais e revistas?
92. Lívia: Mais. Porque tem que hora que você não entende. Ele começa a falar do presente, vai pro passado e vê o futuro e você não entende. Ele exige mais raciocínio do que revistas e jornais. Revista e jornal, você lê ali, ta falando do presente, pronto e acabou. No livro fica meio confuso e a gente não entende nada. Tem que ler umas três vezes pra conseguir entender o que o livro ta falando.
93. Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você virou Miguilim?
94. Lívia: Aconteceu, eu fiquei mais responsável na escola, e me interessei mais por leitura.
- 13':03" 95. Pesq: O que você gosta de fazer?
96. Lívia: Agora eu posso falar que eu gosto de ler, que gosto de ficar na frente do computador.
97. Pesq: O que você procura no computador?
98. Lívia: Eu só fico mexendo no meu orkut, ou conversando no MSN com meus amigos, e quando tem um trabalho de escola eu procuro na Internet. As vezes eu faço alguns trabalhos pra minha prima. Só isso.
99. Pesq: Você já foi ao cinema?
100. Lívia: Já.
101. Pesq: Muitas vezes?
102. Lívia: É, muitas No cinema do shopping Del Rey e do BH em Belo Horizonte.
103. Pesq: Você viaja muito?
104. Lívia: Mais ou menos. Não muito e também não viajo pouco.
105. Pesq: Você já foi ao teatro?
106. Lívia: Já, no parque municipal em Belo Horizonte. Uma vez só.
107. Pesq: Você gosta de cinema e teatro?
108. Lívia: Gosto. Minhas amigas dizem que eu sou uma atriz porque tudo que eu arrumo eu tenho que fazer uma ceninha, um draminha. Eu gosto. Depois que eu passei a ser Miguilim e passei a decorar texto eu me interessei mais. Desde pequena eu queria ser atriz, mas não era essa coisa. Eu não sei porque que eu gosto, mas eu gosto. Tem umas peças muito interessantes de assistir. Eu admiro muito os artistas e cinema, dependendo do filme eu também gosto muito.
- 14':49" 109. Pesq: É importante ser Miguilim?
110. Lívia: Pra mim é.
111. Pesq: Por que?
112. Lívia: Miguilim, como diz a Calina, não é só um contador de histórias, mas o grupo Miguilim ajuda a gente a passar a nossa pior fase que é a adolescência de uma maneira alegre e feliz porque aqui em Cordisburgo não tem nada pra gente fazer. Aqui não tem nada. Sendo Miguilim você ocupa seu tempo ou no museu, ou decorando texto ou em reunião. E aí não fica na rua vagabundando como diz a minha mãe. Tem alguma coisa pra fazer. E é importante porque muita gente não interessa pela cultura da sua cidade, pela história da sua cidade. Sendo Miguilim a gente se interessa, sabe sobre Guimarães Rosa, sabe sobre a gruta, fica mais informado, e quando vai fazer vestibular, sempre cai Guimarães Rosa. Sendo Miguilim já está mais preparado.
- 15':51" 113. Pesq: Obrigada!

- 00':02" 1. Pesq: Como você chama?
2. *Kika: Kika.*
3. Pesq: Quantos anos você tem?
4. *Kika: 15 anos.*
5. Pesq: Onde você estuda?
6. *Kika: Escola Cláudio Pinheiro de Lima*
7. Pesq: Em qual série?
8. *Kika: 8ª*
- 00':19" 9. Pesq: Onde você nasceu?
10. *Kika: Sete Lagoas.*
11. Pesq: Você chegou a viver lá?
12. *Kika: Não.*
- 00':27" 13. Pesq: Sua família, de onde é?
14. *Kika: São José das Lajes*
15. Pesq: Quando eles vieram pra cá?
16. *Kika: Eu tinha uns dois ou três anos de idade.*
17. Pesq: Então você nasceu em Sete Lagoas e viveu até os três anos em São...
18. *Kika: São José das Lajes que é um município aqui de Cordisburgo.*
19. Pesq: Entendi, um distrito.
20. *Kika: Isto. Eu vivi um ano e logo minha família mudou pra cá.*
21. Pesq: Quem mora na sua casa?
22. *Kika: Eu, minha mãe e meu irmão.*
23. Pesq: Você tem mais irmãos?
24. *Kika: Por parte de pai eu tenho mais sete.*
25. Pesq: Seus pais são separados?
26. *Kika: São, meu pai faleceu e vai fazer cinco anos em dezembro. Aí ele morava em Sete Lagoas e minha mãe aqui. Ele faleceu e eu tenho mais sete irmãos por parte de pai.*
27. Pesq: Todo mundo na sua casa estudou?
28. *Kika: Sim. Um tio meu como tem problema de epilepsia, ele cursou só até a quarta série, mas todos foram até a oitava.*
29. Pesq: Sua mãe?
30. *Kika: Até a oitava*
31. Pesq: Seu pai, você lembra?
32. *Kika: Não lembro.*
33. Pesq: Seu irmão ta estudando?
34. *Kika: Ta na quinta série.*
35. Pesq: Quem trabalha na sua casa?
36. *Kika: Minha mãe. Ela ajuda meu tio no açougue e dentro de casa mesmo.*
- 02':33" 37. Pesq: Você gosta da escola?
38. *Kika: Adoro. Porque é o meu futuro. Meu futuro depende da escola e dos meus estudos.*
39. Pesq: Tem alguma matéria que você gosta mais?
40. *Kika: Tem, Ciências, Geografia e Matemática. Porque eu tenho facilidade de aprender, eu aprendo mais fácil, suave, sem ter que ficar nervosa pra aprender. São as três que eu tenho mais segurança.*
41. Pesq: Tem alguma que você não gosta muito?
42. *Kika: Português e História. Português eu faço o possível pra dar conta de seguir em frente, mas no meu caso eu acho que é a professora por isso que a matéria fica assim. História não é comigo mesmo. Não gosto de História, não gosto desses trem de Guerra Fria, a Era Getúlio Vargas.*
43. Pesq: Você se considera uma boa aluna?
44. *Kika: Sim, considero. Porque eu tenho que esforçar muito, porque se eu não esforçar, quem fazer isso pra mim. Tento fazer o possível pra mim dar conta das coisas.*
45. Pesq: Como é que tem que ser um bom aluno?
46. *Kika: Correr atrás do estudos, se quer aprender mesmo tem que correr atrás, pedir pessoas pra te ajudar, fazer de tudo pra na sala ficar mais calado, prestar atenção nas matérias, saber a hora de conversar, a hora de fazer gracinha, porque tem hora pra tudo, então, acho que isso é um bom aluno, saber ter seu horário pra*

- tudo na sala de aula.
- 04':43'' 47. Pesq: Você gosta de ler?
48. Kika: *Gosto porque enriquece a minha leitura e com isso eu vou sabendo ler melhor e assim eu vou enriquecendo não só minha leitura mas meu raciocínio.*
49. Pesq: O que você gosta de ler?
50. Kika: *Vários livros, mas nenhum ainda me chamou atenção. Guimarães Rosa o único livro que eu li foi Manuelzão e Miguilim. Guimarães Rosa eu gosto, mas os outros, não tem nenhum não. Por enquanto, não li nenhum não.*
51. Pesq: A escola cobra a leitura de livros?
52. Kika: *Cobra. Sempre no bimestre tem que pegar o livro pra fazer o clímax, a análise. Dessa vez, eu to com um livro pra ler. Não comecei ainda e nem sei o autor, nem peguei no livro ainda. Todo bimestre ta pegando livro pra ler e fazer o trabalho.*
53. Pesq: Quando você ta dentro da escola, o que você gosta de ler?
54. Kika: *Os textos que a professora da Português pede, eu gosto de ta lendo pra sala toda.*
55. Pesq: O texto que professora de Português dá é do livro didático?
56. Kika: *É.*
57. Pesq: Fora da escola, tem mais alguma coisa que você gosta de ler?
58. Kika: *Jornal Super. Adoro ler o jornal. As curiosidade, o que os artistas estão fazendo, o que está acontecendo. Gosto das notícias da capital. Leio o Super todinho quando pego pra ler.*
59. Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola ajuda você na escola?
60. Kika: *As vezes sim, as vezes não. Uma reportagem pode me ajudar muito na sala de aula, mas outras não, outras a gente lê pra lê mesmo.*
61. Pesq: O que você acha que não te ajuda e que você gosta de ler?
62. Kika: *Horóscopo. Não ajuda, não tem nada a ver.*
63. Pesq: Você lê sempre?
64. Kika: *Sim, to lendo sempre.*
- 07':41'' 65. Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?
66. Kika: *Porque eu tinha uns 8 anos de idade eu vi uma Miguilim narrando na minha escola. Achei muito lindo, mas não tive interesse e pensar que algum dia podia ser. Com o passar do tempo uma prima minha foi falando que Miguilim podia ser um talento na nossa vida aí que eu fui me interessar por ser Miguilim e achei que ia me levar a ter mais conhecimento das coisas, o que me levou a ser Miguilim. Acho que também foi pela contação de estória de uma Miguilim mais velha, porque quando ela narrou ela narrou muito lindo e eu achei que eu podia um dia ser Miguilim e narrar daquele jeito também.*
67. Pesq: O que você precisou fazer pra virar Miguilim?
68. Kika: *Me esforçar muito, muito mesmo, porque eu larguei do curso três vezes porque estava em fábulas e eu não tinha entusiasmo pra decorar aquelas fábulas, então a primeira que passou era de duas folhas e eu desisti. A segunda vez, a mesma coisa. A terceira, do mesmo jeito. Aí eu falei que eu não podia e precisava ser persistente. Eu precisava dar conta. Aí eu tive que ter muita coragem pra decorar porque pra eu ser Miguilim eu tinha que passar por aquilo. Tive que passar pelas fábulas porque se eu desistisse a quarta vez eu não ia voltar. A Elisa falou comigo: Você não pode desistir mais, se você desistir agora, você não volta mais. Tive muita ajuda da minha mãe, ela me xingou demais quando eu larguei porque é um futuro pra minha vida e eu não podia deixar a minha chance passar.*
69. Pesq: O que acontece nesse curso?
70. Kika: *De 15 em 15 dias oficinas e quando está no começo vai passando as fábulas, lendo, montando o esqueleto das fábulas, depois aprofunda mais, vai decorando, vai passando os treinamentos de olhar, expressão. Quando você já tem a base do olhar, dos gestos, aí passa para os textos de Guimarães Rosa. Dá um texto, você tem 15 dias pra decorar, chega, narra, se não tiver bom fica, até um mês, mas tem que dar conta de ficar perfeito do jeito que elas querem.*
71. Pesq: Quem te deu o curso?
72. Kika: *A Elisa Almeida.*
73. Pesq: Durou muito tempo, o curso?
74. Kika: *Dois anos.*
75. Pesq: Já tem muito tempo que você é Miguilim?

76. *Kika: Três anos.*
77. *Pesq: O que você aprendeu durante esse curso?*
78. *Kika: Eu aprendi que a gente nunca pode desistir das coisas, porque eu desisti três vezes, sempre tem que ser persistente, se for você consegue, como eu consegui ser Miguilim.*
79. *Pesq: Você sabe como é que as professoras selecionam os textos e definem quem vai ler?*
80. *Kika: Na Semana Roseana a Elisa me deu um texto do Hermógenes porque é um homem de fúria e ela mesma me falou que eu tenho essa expressão de raiva boa e tenho a voz muito grossa na narração de estórias, então por isso que ela me deu esse texto, porque o texto precisa de raiva.*
81. *Pesq: O que acontecia durante os encontros com as professoras formadoras?*
82. *Kika: Era sempre alegre, porque podia chegar com o rosto de quem não estava de bem com a vida, sempre se tornava mais alegre porque fazia as expressões. Elas sempre diziam que lá não é pra se falar dos problemas, pra falar dos Miguilins, das estórias, mas se algum dia precisasse resolver algum problema elas estariam disponíveis, ajudando em qualquer coisa. Era sempre bom, sempre alegre, sempre gosto das reuniões.*
- 13':53" 83. *Pesq: Você vê alguma diferença na leitura que você faz desses textos do Guimarães que você vai contar e na leitura que você faz no seu dia-a-dia?*
84. *Kika: Muita diferença. Porque Guimarães Rosa tem ter toda, o máximo de atenção pra você ler aquele texto. Tem que ter concentração principalmente do Grande Sertão Veredas, porque se não estiver concentrado não entende. Se eu pegar um texto do Grande Sertão eu não entendo da primeira vez. Tenho que reler, a professora tem que ler comigo mais de três vezes, pra depois eu decorar. E essas leituras por aí, eu posso ler o texto todo que eu entendo assim. Guimarães Rosa pra mim é muito difícil.*
85. *Pesq: A professora lê com você? Como é que funciona isso?*
86. *Kika: A Elisa Almeida, ela lê pra mim e eu tenho que prestar atenção no que ela está lendo pra depois eu ler pra ela, aí ela lê pra mim. Aí sim, hora que eu tiver certeza que eu entendi o texto aí eu decoro.*
87. *Pesq: Tem alguma diferença nessa leitura que ela faz pra você?*
88. *Kika: Tem, muita. Porque como ela entende mais Guimarães Rosa do que eu então ela passa o entendimento dela pra mim. Eu sinto que quando ela está lendo, eu vou entendendo mais, depois de eu ter lido umas duas, três vezes.*
89. *Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida, depois que você se tornou Miguilim?*
90. *Kika: Sim. Antes de começar ser Miguilim, eu não gostava de ler. Eu tinha muita preguiça. Agora eu sempre tenho curiosidade em ler aquela notícia, não só pela leitura, mas também pelos conhecimentos da vida.*
91. *Pesq: Tem alguma coisa que o curso te ensinou sobre isso?*
92. *Kika: Sim, porque a leitura faz parte da vida. Eles falaram que tem que ler e isso fez eu ler mais.*
- 16':41" 93. *Pesq: O que você gosta de fazer?*
94. *Kika: Sair nos finais de semana com as amigas, estar viajando.*
95. *Pesq: Você viaja muito?*
96. *Kika: Muito não, mas quando tem uma, é bom.*
97. *Pesq: Como assim?*
98. *Kika: Quando tem que ir em Belo Horizonte ou Sete Lagoas, até pra comprar sapato, passear mesmo, é muito bom. Ir na lan haouse mexer no meu orkut. Não sozinha, mas sempre com as duas amigas mais próximas. Nós vamos.*
99. *Pesq: Quando você sai, você vai aonde aqui em Cordisburgo?*
100. *Kika: Final de semana, no calor eu venho pra avenida porque fica mais cheio.*
101. *Pesq: Já foi ao cinema e ao teatro?*
102. *Kika: Não. Teve uma oportunidade no teatro, ano passado, só que não deu certo.*
103. *Pesq: Você viaja muito como contadora de estória?*
104. *Kika: Eu viajei duas vezes. Paracatu narrei no cinema e Inibutaba narrei num salão.*
- 19':16" 105. *Pesq: Por que pra você é importante ser Miguilim?*

106. *Kika: [Silêncio] Primeiro que eu acho esse grupo muito bonito, né? É importante pra mim ser Miguilim porque...[Silêncio]*
107. *Pesq: É importante?*
108. *Kika: É muito importante. Gosto muito desse trabalho, mesmo ele sendo voluntário, isso pra mim não tem nenhuma importância. Gosto muito porque no futuro eu sei que posso precisar disso pra fazer uma faculdade, algum curso. Tenho certeza que vai me ajudar muito.*
- 20':18" 109. *Pesq: Obrigada.*

Transcrição – entrevista geral – 16/08/07

Miguilim Isa 19':28"

- 00':01" 1. *Pesq: Como você chama?*
2. *Isa: Isa.*
3. *Pesq: Quantos anos você tem?*
4. *Isa: 14.*
5. *Pesq: Onde você estuda?*
6. *Isa: Aqui na escola da Cordisburgo, Cláudio Pinheiro de Lima.*
7. *Pesq: Que série você estuda?*
8. *Isa: 8ª*
- 00':19" 9. *Pesq: Onde você nasceu?*
10. *Isa: Em Cordisburgo mesmo.*
- 00':22" 11. *Pesq: E sua família?*
12. *Isa: Aqui em Cordisburgo também.*
13. *Pesq: Com quem que você mora?*
14. *Isa: Eu moro com minha mãe, meu avô e minha tia.*
15. *Pesq: Você é a única filha?*
16. *Isa: Sou, por parte de mãe. Tenho dois irmãos por parte de pai que não moram comigo, moram com ele.*
17. *Pesq: Todo mundo na sua casa estudou?*
18. *Isa: Até uma certa série. Mais ou menos até a oitava série, Muitos pararam pra poder trabalhar. Antigamente era assim. Como a situação financeira era menor aí todo mundo parava de estudar.*
19. *Pesq: Sua mãe foi até a oitava série?*
20. *Isa: Foi.*
21. *Pesq: E o seu pai?*
22. *Isa: Meu pai não, meu pai estudou até o terceiro ano.*
23. *Pesq: Na sua casa todo mundo trabalha?*
24. *Isa: Trabalha, menos meu avô que é aposentado.*
- 01':24" 25. *Pesq: Você gosta da escola?*
26. *Isa: Gosto. A escola é uma coisa que a gente não deve largar porque a gente vai precisar do estudo quando crescer. A escola é fundamental para nosso crescimento, para o desenvolvimento da vida. Hoje em dia pra fazer vestibular tem que ter conhecimento que como são as coisas hoje em dia.*
27. *Pesq: O que sua mãe faz?*
28. *Isa: Ela é empregada doméstica. Minha tia é dona-de-casa e manicure.*
29. *Pesq: Tem alguma matéria na escola que você gosta mais?*
30. *Isa: Ciências e Matemática. Ciências porque a gente fica conhecendo mais do corpo da gente que a gente nem imagina. Eu gosto também porque a professora tira qualquer dúvida que a gente tenha, porque muitas vezes em Ciências a gente fica com vergonha de perguntar algumas coisas. Eu gosto de Ciências por isso. Tenho curiosidade de perguntar as coisas. E a Matemática é porque tem que ter muito raciocínio e a gente aprende a raciocinar a mente, fica mais agitado pra aprender as outras matérias também.*
31. *Pesq: Tem alguma matéria que você não gosta?*
32. *Isa: Eu acho que não, Português eu não gosto muito não, mas ainda levo. Não sou contra nenhuma não.*
33. *Pesq: Você se considera uma boa aluna?*

34. Isa: *Considero.*
35. Pesq: *O que tem que ter uma boa aluna?*
36. Isa: *Eu acho que tem que ter responsabilidade pra tá estudando bem, aprendendo as matérias, pra quando a professora der uma avaliação a gente tirar uma nota boa. E nos primeiros bimestres se tiver uma nota razoável o bom aluno não vai ficar preocupado em tirar uma boa nota no quarto bimestre, vai ficar mais preocupado em aprender.*
- 03':44" 37. Pesq: *Você gosta de ler?*
38. Isa: *Gosto. Ler faz ficar imaginando a estória, a gente fica querendo saber o que vai acontecer depois. Eu gosto de ler porque tem horas que eu fico em casa sem fazer nada, aí eu fico conhecendo as obras de outros escritores e não só de Guimarães Rosa.*
39. Pesq: *E a escola, cobra a leitura de livros?*
40. Isa: *Cobra. Agora na oitava série a professora cobra mais ainda, porque ela faz uma preparação pro vestibular que cobra muitos livros clássicos e ela gosta de fazer. Ela pede pra gente pegar livros na escola e fazer trabalho de análise literária, resumo de livro, conhecer os autores. Cobra muito na escola.*
41. Pesq: *Lá dentro da escola, o que você gosta de ler?*
42. Isa: *Os textos de que a gente lê nos livros de Português. A gente tá sempre lendo, a professora tá sempre pedindo pra ler. Eu gosto de ler os textos de Português.*
43. Pesq: *Você lê em voz alta os textos de Português?*
44. Isa: *É.*
45. Pesq: *Fora da escola, o que você gosta de ler?*
46. Isa: *Eu gosto de vir na biblioteca pública que tem aqui e gosto de pegar os livros. Vou pro meu quarto, fico lá sozinha e leio. Tem vezes que eu leio em voz alta ou em silêncio também. Lá em casa eu pego os livros da biblioteca mesmo e se tiver que ler algum livro que a professora da escola mandou, também.*
47. Pesq: *Essa leitura que você faz fora da escola, ajuda você na escola?*
48. Isa: *Ajuda, porque quando você tá lendo em casa. Eu pego o livro de Português e vou lendo um texto e uns exercícios e chega na aula eu já li, já estou conhecendo a estória, já estou mais por dentro e ajuda a exercitar a leitura porque muita gente da minha sala... Eu acho isso uma vergonha... A gente já tá na oitava série e não sabe ler direito. Não tem coragem de pegar em casa um livro e tentar ler pra melhorar a leitura na escola.*
- 06':36" 49. Pesq: *Por que você quis se tornar Miguilim?*
50. Isa: *Eu acho que o Miguilim gosta muito de divulgar Guimarães Rosa e como Cordisburgo é uma cidade muito pequena eu acho que tinha que ter alguma coisa pra tá influenciando. Eu quis ser Miguilim porque além de ter gostado de ouvir os outros mais velhos que eu escutava, eu tinha muito vizinhos que eram e eu gostava de ver aquilo, de ouvir as estórias aí eu acabei entrando, muitas amigas da minha sala também entraram e eu acabei no caminho.*
51. Pesq: *Você lê sempre?*
52. Isa: *Leio, eu to sempre pegando livro na biblioteca pública mesmo ou na biblioteca da escola, porque como a professora manda a gente ler, eu to sempre lendo.*
53. Pesq: *O que você precisou fazer para virar Miguilim?*
54. Isa: *Ter muita responsabilidade, que eles cobram muito aqui. Não só cobram a gente contar bem estórias e atender bem aos turistas. Tem que estar bem na escola. Se as notas estiverem baixas isso já um menos na nossa fichinha lá. Tem que ter responsabilidade e controle da sua vida pra entrar no grupo Miguilim. Você não tem que ter só conhecimento de Guimarães Rosa e gostar de Guimarães Rosa, tem que ter responsabilidade.*
55. Pesq: *Você passou por algum curso pra virar Miguilim?*
56. Isa: *Um curso que a gente lia algumas fábulas. A Lúcia ela que dava os cursos quando a gente era menor. Ela pedia pra gente ler em casa com entonação, depois decorava e contava as fábulas. Depois passou por uma outra fase que a gente já começou a decora textos de Guimarães Rosa e a gente foi pegando entonação, conhecimento, como é a leitura dele, para pegar a emoção da estória pra contar pro público. Aí a gente vai passando pro grupo da Dôra, vai tendo mais conhecimento ainda de como é certo contar Guimarães Rosa. A gente não pega o texto de Guimarães Rosa, lê, decora e fala, não. Não vai ter sentido, o povo não vai entender. O curso é*

justamente pra dar emoção a estória, pra visualizar a estória e colocar a estória no palco ou onde estiver contando, pro povo pegar aquilo e sentir o que você está querendo dizer.

57. Pesq: Isso você aprendeu no curso?

58. Isa: Isso.

59. Pesq: Como é que eram os encontros?

60. Isa: *Lá ela explicava direitinho, que não precisava ter muita pressa pra ir decorando, que era aos poucos que a gente ia descobrindo o jeito certo de ir decorando e pegando entonação. Com a Elisa, ela lia os textos com a gente. Tinha uns certos dias que era sexta a tarde e sábado de manhã. Ela sempre tava vindo. Pra decorar, ela sempre lia o texto com a gente aí mandava a gente ler pra ela com a entonação que ela deu pra gente ou com outra entonação que a gente tivesse e depois decorava o texto. Chegava, contava o texto e se tivesse alguma coisa errada, ela lia o texto de novo, falava como era. A gente ia pegando pra não sair nada errado. As vezes a gente coloca uma entonação que não dá muito certo com o texto aí ela vai, corrige, e o texto já fica bem melhor.*

61. Pesq: Vocês lêem muitas vezes os textos com a Elisa?

62. Isa: *Quando o texto é difícil de pegar entonação, tem que ler bastante porque fica meio perdido. Mas quando já conhece a estória... Porque muitas vezes muitos Miguilins contam estórias iguais. Aí você já vê como é a entonação e aí é ler uma vez só. Mas na Semana Roseana, como os textos são novos ela lê muitas vezes com a gente pra gente pegar a entonação e decorar.*

63. Pesq: Você sabe como é que elas selecionam os textos pros Miguilins?

64. Isa: *Selecionar, ela pega o livro, divide as partes, exclui umas partes que não precisa de colocar na apresentação e dá os textos. Mas pra selecionar as pessoas eu não sei. Ela entrega o texto e a gente não sabe não. Mas quem recorta os textos pra formar a estória, é a Dôra, não é a Elisa não.*

12':32" 65. Pesq: Você acha que existe diferença na leitura do texto do Guimarães que você faz pra contar estórias e na leitura que você faz de outros livros que você gosta de ler?

66. Isa: *Tem, porque quando a gente pega um texto de Guimarães Rosa pra ler, já vai lendo com entonação, porque já tá acostumado e já vai lendo com entonação, com aquele jeito, já vai falando como o personagem. Agora na escola não. Mas a escola ainda tem um pouco disso também, porque se você está lendo um texto de Português e tiver algumas falas, você coloca como se o personagem estivesse falando, porque está tão acostumado com isso que em outro lugar também fala. Tem diferença entre o livro do Guimarães e outros livros porque o Guimarães inventava muitas palavras e aí a leitura fica diferente de uma leitura normal que já acostumada ler.*

67. Pesq: Tem muito tempo que você é Miguilim?

68. Isa: *Tem, uns 4 anos.*

69. Pesq: Quanto tempo pra ganhar a blusa?

70. Isa: *Foram dois anos. A gente ganhou em 2005.*

71. Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você se tornou Miguilim?

72. Isa: *Aconteceu porque a gente dá plantão no museu, viaja. A rotina da sua vida vira outra coisa. Tem o dia que você tem que vir pro museu, tem o final de semana. Então na sua casa muda tudo porque tem que ter horário pra tudo. Se você conseguir conciliar, consegue levar.*

14':55" 73. Pesq: O que você gosta de fazer?

74. Isa: *Eu gosto de ir na educação física. Eu gosto muito de esporte. É uma diversão pra gente. E eu gosto muito de viajar também.*

75. Pesq: Você viaja muito?

76. Isa: *Viajo. Sem ser com os Miguilins, eu viajo muito com a minha família.*

77. Pesq: Tem diferença entre viajar com a sua família e viajar com o Grupo Miguilim?

78. Isa: *Tem, porque você viajando com sua família vai ter festa de alguma coisa, aniversário de alguém, ou você fica com sua família e almoça todo mundo junto. Agora com o grupo não, a gente tem um certo treinamento e não pode nem cantar dentro do ônibus, porque quando chegar lá já não tem nem voz mais. Na volta é que a gente vem brincando, cantando. É bem diferente viajar com família e com o grupo Miguilim porque a bagunça do grupo e a bagunça da minha família é bem diferente. Tem um*

certo jeito de divertir.

79. Pesq: Você já foi ao cinema?
80. Isa: Não.
81. Pesq: E ao teatro?
82. Isa: Já.
83. Pesq: Muitas vezes?
84. Isa: Não, foram duas vezes. Uma vez foi com minha professora de educação física e a gente foi pra Belo Horizonte e outra vez foi com o Grupo Miguilim.
85. Pesq: Você gosta de teatro?
86. Isa: Gosto.
87. Pesq: Tem curiosidade em conhecer o cinema?
88. Isa: Tenho.
89. Pesq: Tem mais alguma coisa que você gosta de fazer além do esporte?
90. Isa: Tem. As vezes a gente vai no clube onde a gente faz educação física e agente fica nadando, brincando, jogando peteca, jogando baralho e se diverte de outro modo, mas aqui eu acho que é só isso. Não tem quase nada de lazer aqui em Cordisburgo não.
- 18':14" 91. Pesq: Pra você é importante ser Miguilim?
92. Isa: É. Porque ser Miguilim ajuda você a encontrar um caminho porque os coordenadores Calina ensina que a gente tem que procurar, tem que estudar, pra ser alguém quando crescer. A Calina ajuda, você pode ficar em Belo Horizonte, no apartamento dela. O Fábio ajuda a gente a escolher alguma coisa que a gente goste mais pra ser quando a gente crescer. Então o Grupo Miguilim ajuda muito a gente a dar um início, um empurrãozinho pra definir o que quer ser quando crescer. Ajuda muito ir embora trabalhar, estudar e ter uma vida. Eu sei de muito Miguilim que passou pelo grupo e agora já tá trabalhando e quem ajudou foi o grupo Miguilim, os coordenadores: Calina, Fábio, Andréia, Associação ajuda muito também.
- 19':28" 93. Pesq: Obrigada!

Transcrição – entrevista geral – 09/08/07

Miguilim Fred 19':38"

- 00':02" 1. Pesq: Quem é você, como é que você chama?
2. Fred: Meu nome é Fred.
3. Pesq: Você tem quantos anos?
4. Fred: Tenho 15 anos.
5. Pesq: Você está na escola? Em que série?
6. Fred: Estou. No 1º ano.
7. Pesq: Onde é que você estuda?
8. Fred: Na escola Cláudio Pinheiro de Lima
- 00':22" 9. Pesq: Você nasceu aqui?
10. Fred: Aqui perto. Pode dizer que foi aqui. (risos) Caetanópolis. Nasci lá e já vim pra cá direto.
11. Pesq: Então sempre viveu aqui.
12. Fred: Sempre
- 00':41" 13. Pesq: E sua família?
14. Fred: É daqui por parte de mãe, por parte de pai não que é do Norte de Minas, perto da Bahia.
15. Pesq: Quem mora com você?
16. Fred: Atualmente mora minha irmã, meu pai, minha mãe. Meu irmão foi embora, morar fora para trabalhar.
17. Pesq: Todo mundo estudou na sua casa?
18. Fred: Estudou. Meu pai até a oitava série e minha mãe fez faculdade de Letras, minha irmã tá fazendo agora administração e meu irmão fez um curso técnico de mecânica.
19. Pesq: Sua mãe exerce a profissão? Trabalha na área?
20. Fred: Ela é bibliotecária. Quando precisa ela dá umas aulas para substituir professor.

21. Pesq: Seu pai faz o que?
22. Fred: *Ele é vigia do museu.*
23. Pesq: Quem é seu pai?
24. Fred: *Ele chama Pedro, trabalha a noite. Ele é vigia noturno.*
01':59" 25. Pesq: Você gosta da escola Fred?
26. Fred: *Eu gosto. Porque a gente passa uma grande parte do dia então a gente acostuma. Tem a rotina de cinco dias, acordar cedo e ir pra escola. Férias é bom que descansa, mas chega uns dias que já fica cansado porque não tem nada pra fazer, só vir pro museu de vez em quando, na sexta-feira, só. Eu gosto de escola.*
27. Pesq: Tem alguma matéria que você gosta mais?
28. Fred: *Tem. Tem duas. Matemática e Biologia.*
29. Pesq: Por que Matemática? Por que Biologia?
30. Fred: *Matemática eu gosto por causa dos problemas que tem pra desafiar a gente. /.../ Biologia, estou me dando bem com a matéria e é por isso que eu estou gostando. Gosto muito.*
31. Pesq: Tem alguma que você não gosta?
32. Fred: *História.*
33. Pesq: Por que?
34. Fred: *Não sei, só sei que não me dou bem com História desde a quinta série. Nunca gostei de História.*
35. Pesq: Você se considera um bom aluno?
36. Fred: *Eu acho que eu sou um bom aluno. Eu não tenho receio de falar isso.*
37. Pesq: O que é que um bom aluno tem que ter para ser um bom aluno?
38. Fred: *Antigamente eu era muito péssimo aluno. Eu mesmo admito isso. Ninguém me agüentava, sabe. Aí eu percebi que não é assim. Aí mudei pra frente da sala, converso muito menos e tiro boas notas. Eu acho que um bom aluno pra ser um bom aluno ele tem que prestar atenção na aula, conversar menos e tirar boas notas. Porque se tira boas notas é resultado do que fez o bimestre todo.*
04':00" 39. Pesq: Você gosta de ler?
40. Fred: *Eu leio muito, mas gostar, gostar demais, não. Eu leio bastante, mas gostar porque é meu hobby gostar de ler, não.*
41. Pesq: Por que você não gosta?
42. Fred: *Eu leio mais jornal, revista. Livro...*
43. Pesq: A leitura que você ta falando que não gosta muito é a leitura de livro?
44. Fred: *De livro. Livro muito grande. Eu não dou muito certo. Gosto de ler jornal, revista, todo dia, mas de livro...*
45. Pesq: Que tipo de jornal e revista?
46. Fred: *Eu gosto de ler jornal sobre cultura, o gerais do Estado de Minas, revista Veja, Época, Isto É.*
47. Pesq: Onde que você pega essas revistas?
48. Fred: *As vezes em casa. Compra jornal Super de 25 centavos. Revistas na escola, na biblioteca da escola.*
49. Pesq: A escola cobra a leitura de livros?
50. Fred: *Cobra.*
51. Pesq: E aí como é que você faz?
52. Fred: *Aí eu leio. Porque não é que não gosto de ler. É porque tem livro que é bom e é ruim. Tem livro que te prende e você vai ate o final e quer saber o final da história. Mas tem livro que não dá. É ruim o início e ai você não quer ler o restante.*
53. Pesq: Mas aí na escola, como é que você faz?
54. Fred: *Aí eu leio. Mesmo que não gosta, eu leio até o final. Eu preocupo muito com isso. Nota no final do bimestre.*
55. Pesq: Quando, você ta lá dentro da escola, o que é que você gosta de ler?
56. Fred: *Eu leio só quando o professor me pede pra ler. Alguns exercícios que tem que ler as questões, mas ler mesmo dentro da escola...*
57. Pesq: Livro didático, então só.
58. Fred: *Enunciado de exercício, texto pro professor.*
59. Pesq: Quando você ta fora da escola, tem algum tipo de livro que te atrai mais?
60. Fred: *Livro de aventura.*
61. Pesq: Essas leituras que você faz, ajudam você na escola?
62. Fred: *Quase sempre ajudam. Tem muito tema que eles abordam na escola*

- sobre os jornais. Tem texto que tem que recortar palavras de jornais e revistas.
63. Pesq: Você lê sempre? É um hábito?
64. Fred: *É. A leitura de jornal e revista. Livro eu leio de mês em mês, de dois em dois meses.*
- 07':29" 65. Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?
66. Fred: *Porque eu vi uma pessoa contando estória no grupo Mestre Candinho. Eu pensei porque não eu também. Ela era pequena também. Na época eu tinha 8, 9 anos. Olhei ela lá no palco e pensei que eu podia ta lá. Aí eu fui e entrei. Uma coisa diferente. Uma menina um ano mais velha do que eu, na época, contando estória.*
67. Pesq: O que você precisou fazer pra virar Miguilim?
68. Fred: *Eu fui a casa da Calina. Fui conversar com ela pra saber se eu podia ser porque eu era muito novo na época. Ela falou que sim, que eu podia. Eu tive muita dificuldade porque eu era o mais novo da turma e eu não sabia muitas coisas sobre Guimarães Rosa ainda. Fui aprendendo muito sobre Guimarães Rosa. Aí eu fiz o curso que durou uns dois anos e meio.*
69. Pesq: Onde que foi esse curso?
70. Fred: *Esse curso foi na casa da Calina e aqui na associação e no museu também, mas mais na casa da Calina, porque o curso foi mais com ela.*
71. Pesq: Tem quanto tempo que você é Miguilim?
72. Fred: *Deve ter uns 6, 7 anos. Aí foi assim que eu comecei, eu ia nas reuniões todo terça-feira. Eu lembro ate o dia e tinha dia que tinha reunião 6:30 da manhã porque ela falava. Mas foi um tempo muito legal.*
73. Pesq: Muito novo, né?
74. Fred: *É*
75. Pesq: O que você foi aprendendo nesses dois anos de curso?
76. Fred: *Primeiro eu aprendi sobre a vida de Guimarães Rosa. Quando ele nasceu, os livros que ele publicou, essas coisas assim. Depois eu fui aprender o que é ser um Miguilim que é divulgar a vida e obra do Guimarães Rosa, que o objetivo não é ganhar dinheiro, tem o cachê das viagens, mas o objetivo não é ganhar dinheiro. Porque muitos entram com esse conceito que o objetivo é ganhar dinheiro. Por isso...*
77. Pesq: Mas você ganha dinheiro? Você não, os Miguilins ganham dinheiro?
78. Fred: *Ganham gorjeta no museu de vez em quando e cachê em viagens. O objetivo é divulgar a vida e obra de Guimarães Rosa e então nós aprendemos muito de etiqueta, porque a Calina cobra muito isso: como se comportar diante de uma pessoa na mesa, como conversar e depois aprendemos as técnicas contar estória que é a entonação, os gestos, as pausas. Aí decorarmos os textos da obra e formamos.*
79. Pesq: A Calina deu o curso todo?
80. Fred: *Foi. Só o finalzinho que passou para duas Miguilins mais velhas. Que é a Mércia e a Fabiani.*
81. Pesq: Você hoje participa das oficinas com a Elisa e com a Dôra?
82. Fred: *Participo.*
83. Pesq: É diferente?
84. Fred: *Diferente é porque a Calina. Não sei. Só sei que diferente é. Porque parece uma coisa mais técnica com a Dôra e a Elisa e com a Calina não. Parece mais assim. Como é que eu vou dizer? Com a Dôra e a Elisa sempre são os textos, elas se preocupam muito com os textos, como que estão os textos. E a Calina, como que nós estamos. Eu acho que tem essa diferença.*
85. Pesq: Tem um lado mais voltado pro sentimento, pra formação...
86. Fred: *Pra formação pessoal e a Dôra não, pela formação profissional, eu acho.*
87. Pesq: Como é que é a seleção de textos?
88. Fred: *Na época da Calina, como nós éramos muito novos, ela pegava o texto e nos dava. Nós não escolhíamos nada. Hoje nós escolhemos textos e tem alguns textos que a Dôra passa pra gente decorar pra Semana Roseana, pra apresentações.*
89. Pesq: A Calina retirava os textos de trechos da obra?
90. Fred: *É. Os textos todos dos livros.*
91. Pesq: E a Elisa faz a mesma coisa?
92. Fred: *Faz também.*
- 12':55" 93. Pesq: Você falou que lê muito. Você vê diferença na leitura que você tem que fazer pra decorar os textos pra contar e a leitura que você faz dos jornais, das revistas e

- dos livros em geral?
94. Fred: *Eu vejo diferença. Porque o jornal eu leio uma vez e pronto, não vai precisar mais. O texto eu leio várias vezes, repito, repito, repito, vou lendo muitas vezes até decorar. Jornal e revista não.*
95. Pesq: Tem que ler muitas vezes?
96. Fred: *Tem. Até achar o ponto certo, a entonação, porque é muito mais difícil consertar o erro de entonação, de gestos depois que você decorou do que antes.*
97. Pesq: E quem é que fala pra você que ta errado esse gesto, essa entonação?
98. Fred: *Não é se ta certo ou se ta errado. É pra diminuir, colocar um gesto ali. Isso é a Dôra, o Fábio, a Daiane que eu conto pra eles. Errado e certo isso não tem, tem o exagerado e eles corrigem.*
99. Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você virou Miguilim?
100. Fred: *Eu era pequeno na época, porque era muito da casa pra escola, brincar, e pronto. Agora não brinco mais porque já cresci, não gosto de brincar muito não. De casa pra escola, tem o museu. Aumentou a responsabilidade com certeza. Cada ano aumenta. Aumentou muito a responsabilidade. Acho que foi isso. Compromisso. Fazer muitas coisas ao mesmo tempo: por exemplo trabalho de escola e decorar um texto. Sempre dá tempo, mas...*
- 15':19" 101. Pesq: O que você gosta de fazer?
102. Fred: *Eu gosto muito de assistir televisão, viajar também é muito bom.*
103. Pesq: Você viaja muito?
104. Fred: *Não muito, mas o tanto que eu possa gostar. Gostaria de viajar mais, é claro. Mas eu viajo bem.*
105. Pesq: Na televisão você gosta de ver o que?
106. Fred: *Gosto de ver novela, jornal um só porque mais de um já cansa porque são as mesmas notícias. Desenho não gosto de ver mais. Acho muito sem graça agora. Tem programas de fofoca de artistas que também são muito engraçados.*
107. Pesq: Você gosta de viajar pra onde?
108. Fred: *Eu gosto de Sete Lagoas, que é aqui perto e Curvelo que também é aqui perto. Eu gosto muito dessas duas cidades. Tenho parentes lá, muito próximos a mim. Todo ano eu vou pra cada lugar umas cinco vezes, mas isso não é sempre não.*
109. Pesq: Já foi ao cinema?
110. Fred: *Já, uma vez, em Curvelo.*
111. Pesq: Curvelo tem cinema eu nem sabia.
112. Fred: *Tinha cinema, agora demoliram.*
113. Pesq: Já tem muito tempo que você foi ao cinema?
114. Fred: *Bastante. Eu tinha uns 6 anos, na época. Acho que depois disso nunca fui no cinema não.*
115. Pesq: Teatro, já foi?
116. Fred: *Já fui.*
117. Pesq: Muitas vezes?
118. Fred: *Não.*
119. Pesq: Você gosta de cinema e teatro?
120. Fred: *Eu gosto, mas não gosto muito de ver filme porque é muito grande. Não tenho paciência pra ver filme inteiro. Teatro é mais legal do cinema, eu prefiro. Se for pra escolher entre os dois, teatro é muito mais emocionante do que cinema. Eu não sou muito ligado a cinema e teatro assim não porque não vejo sempre. Talvez seja por isso.*
121. Pesq: Quando você tem tempo pra lazer, o que mais você gosta de fazer?
122. Fred: *Eu gosto de jogar vôlei, nadar de vez em quando no clube, andar de bicicleta.*
- 18':19" 123. Pesq: Por que pra você é importante ser Miguilim?
124. Fred: *Eu acho que é muito legal você divulgar Guimarães Rosa porque você nasceu, cresceu, no lugar onde ele também cresceu, na infância pelo menos. É muito interessante. Eu vejo as pessoas virem aqui e ficarem tão alegres ouvindo a gente contar estórias do escritor que é tão grandioso, que eles lêem e que nunca ouviram contar estórias. Eu acho muito empolgante. Eu fico tão alegre quando alguém sorri, quando alguém me elogia e diz que eu contei bem. Eu to divulgando a obra dele e eu acho isso muito prestigiante.*
125. Pesq: Você já sabe muitos textos?
126. Fred: *Eu sei bastante, mais de dez.*

127. Pesq: Você leu todos os livros em que estão esses textos?
 128. Fred: Não.
 129. Pesq: Como é que funciona isso?
 130. Fred: *A gente pega só os textos e se tiver curiosidade mesmo de conhecer a história, o final da história. Porque as vezes são textos soltos que não tem continuidade. Se quiser mesmo a gente lê.*
 19':38" 131. Pesq: Ta bom Fred, obrigada.

Transcrição – entrevista geral – 10/08/07

Miguilim Chico 25':01"

- 00':02" 1. Pesq: Como você chama?
 2. Chico: Chico
 3. Pesq: Quantos anos você tem?
 4. Chico: 18.
 5. Pesq: Você estuda, Chico?
 6. Chico: *Faço pré-vestibular.*
 7. Pesq: Aqui mesmo em Cordisburgo?
 8. Chico: *Não, em Sete Lagoas.*
 9. Pesq: Vou te fazer algumas perguntas sobre sua vida na escola.
 00':29" 10. Pesq: Você nasceu aqui?
 11. Chico: *Nasci.*
 00':31" 12. Pesq: E sua família?
 13. Chico: *Também.*
 14. Pesq: Todo mundo daqui? Sempre vivei aqui?
 15. Chico: *Não, mais ou menos. Meu avô paterno é de Caeté. Os outros são daqui mesmo. Meu avô é policial e veio transferido pra cá!*
 16. Pesq: Quem mora com você?
 17. Chico: *Comigo. Eu moro na casa do meu avô que é junto com o meu pai porque meus pais são separados. Aí mora meu pai, meus dois irmãos, meu avô, minha avó e minha tia.*
 18. Pesq: Sua mãe não mora em Cordisburgo?
 19. Chico: *Mora só que ela mora em outro lugar. Eu morava lá só que esse ano eu mudei pra cá.*
 20. Pesq: Na sua família, todo mundo estudou?
 21. Chico: *Minha mãe, não chegou a concluir, mas ela começou o ensino médio. Meu pai fez o ensino superior.*
 22. Pesq: O que seu pai fez?
 23. Chico: *História.*
 24. Pesq: Seu avô chegou a estudar?
 25. Chico: *Não, acho que ele estudou até a 4ª série.*
 26. Pesq: E na sua casa, todo mundo trabalha?
 27. Chico: *Não. Meu avô é aposentado, minha avó faz parte do Conselho Tutelar da cidade, minha tia trabalha num escritório de despachante, meu pai é professor aqui. Minha irmã, meu irmão e eu não.*
 02':27" 28. Pesq: Você gostava da escola?
 29. Chico: *Gostava. Porque era uma forma de sempre ta aprendendo mais, principalmente as matérias que eu gostava mais.*
 30. Pesq: O que você gostava mais?
 31. Chico: *Português, Literatura, Geografia e Biologia.*
 32. Pesq: Por que você gostava mais dessas disciplinas?
 33. Chico: *No início eu não gostava muito de Português por causa da professora. Mas depois, quando eu entrei no ensino médio, a partir do primeiro ano mudou a professora e o jeito que ela dava aula era o jeito que eu queria aprender Português. A partir daí é que eu comecei a gostar mais ainda de Português, porque ela ensinava do jeito que eu queria aprender. Gostava dos poemas, de uma série de coisas.*
 34. Pesq: Você se considerava um bom aluno?

35. Chico: *Considerava.*
36. Pesq: E o que um bom aluno tem que ter?
37. Chico: *Eu acho que uma coisa fundamental pra ser um bom aluno é saber a hora de conversar, a hora de... Separar tudo direito. Porque tem a hora pra prestar atenção, tem a hora pra perguntar, tem hora pra conversar, tem hora pra tudo na sala de aula. Então, um bom aluno tem que saber escolher a hora pra aprender.*
38. Pesq: Tinha alguma matéria que você não gostava?
39. Chico: *Não é que eu não gostava, mas eu tinha mais dificuldade em Matemática.*
- 04':30" 40. Pesq: Você gosta de ler?
41. Chico: *Gosto. Porque antes de entrar pro Grupo eu tinha muita preguiça de ler, mas depois que eu entrei pro grupo eu passei a ler com mais frequência. Lendo eu viajava. Quando eu via já tava descobrindo um monte de coisas, frases. Adorava ler, marcar e depois copiar a parte que eu mais gostava. Aí passei a gostar de ler pra viajar mesmo.*
42. Pesq: Esqueci de perguntar uma coisa. Você vai prestar vestibular pra que?
43. Chico: *Jornalismo.*
44. Pesq: A escola cobrava de você a leitura de livros?
45. Chico: *Mais ou menos. Normalmente, uma vez por ano a professora dava um trabalho em grupo onde a gente tinha que ler os livros, chegar na sala, contar pra todo mundo. Mas muita gente não lia, então não era muito bom não.*
46. Pesq: Quando você tava lá dentro da escola, o que você gostava de ler?
47. Chico: *Poema e também Agatha Cristhi.*
48. Pesq: Você lia dentro da escola em voz alta?
49. Chico: *Não. A gente lia em casa mesmo. Pegava na biblioteca. Gostava muito de ler os textos do livro de Português que eu achava interessante.*
50. Pesq: E fora da escola, o que você gosta de ler?
51. Chico: *Não tem um tipo de livro que eu gosto de ler. Eu leio de tudo. Agora eu estava lendo Paulo Coelho e aí eu comecei a ler Maíra de Darci Ribeiro. Eu leio de tudo um pouco.*
52. Pesq: Além dos livros, tem mais alguma coisa que você tem costume de ler?
53. Chico: *Eu gosto de ler revista. Já ouviu falar na revista Na Poltrona? É uma revista de uma agência de viagem chamada Itapemirim e tem uma revistinha que tem umas matérias interessantes e eu gosto de ler.*
54. Pesq: Essa leitura que você fazia fora da escola, ajuda ou ajudou você?
55. Chico: *Ajuda. Eu acho que me ajudou mais foi na parte de interpretação porque eu tinha dificuldade pra leitura e com a leitura eu passei a ter uma leitura melhor, fazer uma análise melhor dos textos, uma compreensão maior, averiguar o que era errado e o que não era.*
56. Pesq: Você lê sempre?
57. Chico: *É. Eu to lendo os dois. Eu não sei qual que eu termino primeiro. Um pro vestibular e outro é porque me interessou, então eu to mais ou menos em dúvida.*
- 08':10" 58. Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?
59. Chico: *Foi uma história tão grande. Na verdade quem entrou pro grupo foi meu irmão. Eu sou mais velho, ele é do meio. Ele entrou pro grupo e passou a ir nas reuniões com a Calina. Nisso, a Calina deu uma folha que era tipo um tabela, falando as data e os que Guimarães tinha feito naquelas datas, onde ele estava, Sobre a vida dele. Ele chegou com esse texto lá em casa e deixou em cima da cama, não ligou muito. Eu vi, fui lendo. Aí comecei a ler e achei a vida dele interessante. Aí ele continuou no grupo. Um tempo depois lá no Mestre Candinho teve uma semana que uma contadora de estória, a Luana, foi contar estória e ela narrou auto-biografia infantil. E eu gostei do jeito que ela tinha narrado, da estória, como ele brincava. Lembrei do meu irmão que tinha pegado sobre a vida de Guimarães Rosa. Aí meu irmão saiu. Não quis continuar no Grupo. Eu fiquei com vontade de entrar, mas eu era muito tímido antigamente, eu tinha vergonha de chegar perto da Calina. A gente sabia que ela era um pouco brava. Eu tinha um pouco de vergonha. Mas foi tão surpreendente porque ela foi no colégio, na minha sala e falou que tava precisando de homens pra entrar pro grupo. Pensei: minha chance. Aí eu fui pra casa da Calina e no dia que eu fui lá eram 20 meninos e acabou ficando só o Marcos e eu desses 20. Aí eu entrei pro grupo. Depois de um certo tempo vendo os Miguilins e a obra de*

Guimarães.

60. Pesq: Quantos anos você tinha quando você conheceu a história da vida de Guimarães?

61. Chico: *Eu tinha uns 11 anos.*

62. Pesq: Você entrou no grupo quando?

63. Chico: *Com 13. Essa história foi da vida dele. Mas a auto-biografia infantil eu já tinha 12 mais ou menos.*

64. Pesq: Com 13 você começou no grupo e ta até hoje.

65. Chico: *To até hoje. Cinco anos de Miguilim.*

66. Pesq: O que acontecia no curso para você se tornar Miguilim?

67. Chico: *Eram várias coisas. No início a gente tinha aula com a Dôra e Elisa e elas passavam textos pra gente, só que não eram de Guimarães Rosa, eram fábulas. Aí a gente lia os textos, ela dava um tempo pra gente ir lá fora, a gente chegava aqui na frente e tinha que contar com as nossas palavras. A gente chegava, contava os textos com as nossas palavras, e era até engraçado. Aí depois de um certo tempo a gente começou a aprender uns exercícios de expressão corporal, expressão facial. Nesse meio tempo a gente tinha aula com a Calina também e ela falava sobre a vida de Guimarães Rosa. Depois começou a ler a obra de Guimarães Rosa. A Calina foi dando alguns textos que eram mais ligths. A biografia infantil, miopia, que era de mais fácil entendimento. A gente começou com esse mais fáceis e foi evoluindo. A gente foi aprendendo a ler Guimarães Rosa, fazer um esqueleto, a procurar as palavras, a compreender a obra de Guimarães Rosa, foi aprendendo novas expressões corporais, aprendendo que a gente mesmo podia se corrigir, porque contando estórias a gente tem a impressão de quando ta bem e quando não ta. Se a gente visualizava tava indo bem, se não visualizava, tava indo mal. A gente foi aprendendo a se corrigir. Tinha a ajuda da Dôra e dos outros contadores. Hoje a gente só vai evoluindo mesmo como contador.*

68. Pesq: Hoje ainda acontecem encontros com os professores?

69. Chico: *Acontecem. Porque a gente tem coordenadores mais velhos que são a Daiana, a Luana e o Fábio. Eles dão reunião sexta-feira de 15 em 15 dias, e a Dôra e a Elisa também de 15 em 15 dias. A Dôra com o grupo mais velho e a Elisa com o grupo mais novo.*

70. Pesq: Você aprendeu muita coisa nesse tempo de curso.

71. Chico: *Bastante coisa. Não só como contador, mas pessoal também.*

72. Pesq: O que você aprendeu?

73. Chico: *Como contador, foi isso mesmo. Interpretar... Não tem como ser contador de estória e não ler e não gostar de ler porque você vai ta lendo o tempo todo Guimarães Rosa e também é bom ler outros autores pra não ficar preso só em Guimarães Rosa. A gente aprende muito a desenvolver como contador de estória e agora pessoal... Tem um monte de coisa: ter muita responsabilidade, porque ser Miguilim tem várias coisas, ir no museu, nas reuniões, chegar no horário das viagens, tem que estar com os textos decorados em dia, a gente aprende a ter responsabilidade. A gente aprende a conversar com as pessoas porque no museu a gente ta em contato com várias pessoa, então a gente tem que saber conversar com gente de diferentes opiniões, diferentes culturas, diferentes lugares. A gente fica muito educado porque no museu não são todos os turistas que são educados com a gente e a gente tem saber se equilibrar, ser educado, simpático com os turistas. No grupo a gente aprende vários valores, faz amizades e com elas a gente aprende. Eles ajudam a gente.*

74. Pesq: Você sabe como é que a Elisa e Dôra selecionam os textos pros Miguilins?

75. Chico: *Não, não sei. Eu acredito que elas devem ler o texto e saber que parece mais com tal contador. Mas não sei como.*

16':11"

76. Pesq: Você acha que existe diferença na leitura desses textos que você faz que você tem que decorar pra contar, pra leitura de outros textos, de revistas, de livros em geral?

77. Chico: *No meu caso não, porque depois que eu entrei pro grupo, quando a gente vai preparar o texto tem toda a preparatória antes de ler, de entender, de fazer o esqueleto. Aí chega o ponto, fase que tem que ler já interpretando. Então quando eu vou ler os textos de Guimarães Rosa eu já vou lendo buscando a expressão e criei o hábito de ler em voz alta que é muito bom. Quando eu vou ler outros autores, eu não*

- sei se é porque eu já acostumei, mas já leio com expressão. Mesmo em voz alta ou baixa a gente lê buscando a expressão e fica muito mais fácil.*
78. Pesq: Você quando ta sozinho lê em voz alta?
79. Chico: *Leio. É bom, muito bom.*
80. Pesq: Você prefere?
81. Chico: *Eu prefiro. É bem melhor escutar a sua voz.*
82. Pesq: Depois que você se tornou Miguilim, aconteceu alguma mudança na sua vida?
83. Chico: *Várias. Antes de entrar pro grupo eu era uma pessoa fechada. Quase não conversava, na escola eu era muito sozinho e depois que eu passei a ser Miguilim foi uma das melhores coisas porque eu aprendi a conversar mais com as pessoas, a ter menos vergonha. Eu não fiquei “cara de pau”, mas as vezes a vergonha atrapalha a gente. Quando eu entrei pro grupo eu passei a fazer coisas que eu tinha vontade de fazer e não fazia que eram boas pra mim. Perder a vergonha foi uma das melhores coisas que o Grupo me ofereceu. Aí eu aprendi a me valorizar, usar minhas palavras, dar minha opinião.*
- 18':42" 84. Pesq: O que você gosta de fazer no seu tempo de lazer?
85. Chico: *Eu não gosto de ficar parado, então eu gosto de fazer qualquer coisa diferentes. Eu não gosto de fazer sempre as mesmas coisas não porque fica muito monótono. Eu gosto muito de andar, de nadar, de andar de patins. De computador eu não gosto muito não. Televisão não me agrada muito.*
86. Pesq: Por que a televisão não te agrada?
87. Chico: *Não sei. Me agrada, mas é em certo ponto porque em casa as pessoas acham que a televisão influencia muito e fazem as pessoas ficarem viciadas e então dá cinco horas e senta todo mundo pra começar a assistir novela e eu sou minoria. Se eu for colocar no programa que eu quero, todo mundo me bate. Aí eu vou e saio.*
88. Pesq: O que você gosta de ver na televisão então?
89. Chico: *Eu gosto de programa que falam de lugares diferentes. Tem um programa da TV Brasil, Expedições que fala de lugares diferentes, de culturas diferentes. Eu gosto desse tipo de programa.*
90. Pesq: Você viaja muito?
91. Chico: *Como contador, sim. Sem ser como contador não.*
92. Pesq: E faz diferença viajar como contador e viajar como Chico?
93. Chico: *Faz porque como contador você viaja com uma certa responsabilidade. Quando coloca o pé no ônibus já fica nervoso porque sabe que tem uma obrigação a cumprir. Tem que fazer uma coisa bem feita. Tem a preocupação se vão gostar, se não vão gostar, onde vamos contar. É muito bom, porque a gente adquire experiência nessas viagens e agente também fica muito nervoso.*
94. Pesq: Dá pra conhecer os lugares?
95. Chico: *As vezes, sim. As vezes não tem muito tempo, porque marcam pra gente contar de manhã, de tarde e de noite. Mas normalmente dá. Não dá pra conhecer vários lugares, mas a gente sempre vai em algum lugar da cidade.*
96. Pesq: Você gosta de cinema? Você já foi ao cinema?
97. Chico: *Já, até que eu gosto. Fui umas três vezes.*
98. Pesq: Onde que você foi ao cinema?
99. Chico: *Eu fui uma vez em Sete Lagoas, uma vez em São Paulo e uma vez em Belo Horizonte.*
100. Pesq: E teatro? Gosta de teatro? Já foi ao teatro?
101. Chico: *Teatro, eu nunca fui como espectador, eu sempre fui como contador.*
102. Pesq: Mas você gosta do ambiente do teatro?
103. Chico: *Gosto, eu acho muito interessante ver a reação das pessoas na hora que você ta contando estórias. Eu tenho vontade de ir sem ser o contador, mas até hoje só fui pra apresentar.*
104. Pesq: Você vai muito a Belo Horizonte?
105. Chico: *Vou. Antes eu ia muito pra passear, mas hoje eu vou mesmo pra tentar arranjar um emprego em Belo Horizonte pra eu continuar fazendo o cursinho em Belo Horizonte. Mas aí fui muito pra levar currículo nas lojas, agencias, fui chamado pra fazer entrevistas, fazer provas.*
- 23':43" 106. Pesq: Por que pra você é importante ser Miguilim?
107. Chico: *[Risos] Primeiro lugar é importante ser Miguilim para divulgar*

Guimarães Rosa, principalmente a gente que é aqui da cidade. Porque muitas pessoas aqui de Cordisburgo não têm conhecimento sobre Guimarães Rosa. Algumas têm e gostam, outras têm e não gostam. A gente que é que Cordisburgo ta divulgando Guimarães Rosa é uma honra muito grande e a gente é aqui da cidade. Ta divulgando a obra dele pra outras pessoas, pessoas que gostam, fazendo um trabalho tão bonito, que eu acho, é muito incentivador. Porque divulga e incentiva a leitura porque eu acho que tem muitas pessoas que vem ao museu não conheciam Guimarães Rosa, não conheciam a obra, vê a gente contando estória e passam a gostar, acham bonitos os textos dele. Acho que isso é o mais importante de ser contador de estória.

25':01" 108. Pesq: Obrigada, Chico.

Transcrição – entrevista geral – 16/08/07

Miguilim Bia 15':39"

- 00':02" 1. Pesq: Como você chama?
 2. *Bia: Bia.*
 3. Pesq: Quantos anos você tem?
 4. *Bia: 14 anos*
 5. Pesq: Onde você estuda?
 6. *Bia: Na escola estadual Cláudio Pinheiro de Lima*
 7. Pesq: Ta em que série?
 8. *Bia: 8ª*
- 00':18" 9. Pesq: Onde você nasceu?
 10. *Bia: Aqui em Cordisburgo mesmo.*
- 00':24" 11. Pesq: É sua família?
 12. *Bia: A maioria foi aqui também.*
 13. Pesq: Você sempre viveu aqui?
 14. *Bia: Há dez anos eu moro aqui. Antes eu morei na Bagagem só que eu não lembro muito bem. É roça mesmo.*
 15. Pesq: Distrito de Cordisburgo?
 16. *Bia: Isso.*
 17. Pesq: Quem mora com você?
 18. *Bia: Minha irmã, meu sobrinho e um irmão meu.*
 19. Pesq: Seu pai e sua mãe?
 20. *Bia: Minha mãe já morreu e meu pai não mora comigo, ele mora na Bagagem.*
 21. Pesq: Todo mundo na sua casa estuda ou estudou?
 22. *Bia: Minha irmã não terminou os estudos porque era difícil e ela tinha que trabalhar, meu irmão não estuda, mas tenho mais irmãos que moram fora, um trabalha em Ribeirão das Neves na COPASA estuda e faz faculdade na PUC, tem um que também trabalha e só terminou o ensino médio e ta fazendo curso, o outro que trabalha e estudou a até a oitava.*
 23. Pesq: Você lembra se sua mãe estudou?
 24. *Bia: Não lembro.*
 25. Pesq: Seu pai?
 26. *Bia: Eu não lembro se ele estudou, mas eu acho que não.*
 27. Pesq: Na sua casa hoje, todo mundo trabalha?
 28. *Migui IV: Minha irmã trabalha e meu irmão ta fazendo alguns bicos, porque ele tem problema de depressão então as vezes ta muito agitado.*
- 02':51" 29. Pesq: Você gosta da escola?
 30. *Bia: Gosto. Eu gosto de estudar. Não sei te responder, mas eu gosto, é bom.*
 31. Pesq: Tem alguma matéria que você gosta mais?
 32. *Bia: Matemática, porque eu acho que a matéria que eu tenho mais facilidade em aprender, porque contas eu tenho mais facilidade.*
 33. Pesq: Tem alguma matéria que você não gosta?
 34. *Bia: Português, porque tem interpretação de texto e eu não sou muito boa. Assim, eu gosto de ler mas eu não gosto muito de Português não.*
- 03':47" 35. Pesq: E de ler, você gosta?
 36. *Bia: Gosto porque a leitura é fundamental pra gente. Eu gosto de ler.*

37. Pesq: A escola cobra a leitura de livros?
38. *Bia: A escola não, a professora de Português, ela a cada bimestre dá um livro pra gente lê. A escola mesmo não.*
39. Pesq: Quando você está dentro da escola o que você gosta de ler?
40. *Bia: Assim, algum livro?*
41. Pesq: Leitura em geral.
42. *Bia: Deixa ver. [Silêncio.] Assim, qualquer coisa que me interesse eu gosto de ler. Algum livro interessante, alguma coisa assim.*
43. Pesq: E fora da escola, o que você gosta de ler?
44. *Bia: Jornais, revistas, livros também.*
45. Pesq: Que tipo de jornal você gosta de ler?
46. *Bia: Deixa ver. Assim, tem muito tempo que eu não leio muito, mas esses jornais de passa-tempo ou alguma notícia. Quando não tenho nada pra fazer fico foleando porque tem notícias interessantes.*
47. Pesq: Revista, tem alguma que você gosta mais?
48. *Bia: Não, de vez em quando eu leio na casa de alguma amigas.*
49. Pesq: Você lê sempre?
50. *Bia: Assim, sempre que possível.*
51. Pesq: Isso tem uma frequência?
52. *Bia: Não. Eu leio mais quando a professora de Português dá um livro pra gente ler.*
53. Pesq: A leitura que você faz fora da escola, ajuda você na escola?
54. *Bia: Ajuda, porque é uma maneira da gente aprender cada vez mais porque quando a gente chega na escola já é mais fácil. Acho que é isso.*
- 06:43” 55. Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?
56. *Bia: Eu já tinha visto alguns Miguilins contando estórias e eu achava interessante, bonito o trabalho deles. Num trabalho da escola a Lúcia me chamou pra participar do grupo e aí eu fiquei meio na dúvida, mas gostei da idéia e fiz a inscrição. To aí.*
57. Pesq: Qual foi o processo pra você virar Miguilim?
58. *Bia: Bom, eu fiz a inscrição com meu nome, a matéria que eu gostava, aí logo depois foram tendo reuniões com a Lúcia, depois passou pra Elisa, a gente foi pegando fábulas, decorando. Logo depois passou pra Guimarães Rosa. Só que assim tem que ser boa aluna, tirar boas notas porque eles cobram muito isso.*
59. Pesq: Você se considera uma boa aluna?
60. *Bia: Considero.*
61. Pesq: Por que? O que um bom aluno tem que ter?
62. *Bia: Bom, tem que ter responsabilidade, tem que fazer todas as atividades em sala de aula, em casa, conversar na hora certa, não ficar fazendo gracinha. Acho que eu sou uma boa aluna, tiro boas notas, toda professora fala que eu sou boa aluna. É isso.*
63. Pesq: O que você aprendeu durante esse processo pra virar Miguilim?
64. *Bia: Que a cada dia que passa a gente tem que... Na vida... Não to sabendo te responder... [Silêncio.]*
65. Pesq: Você fez um curso? Que durou quanto tempo?
66. *Bia: Acho que lano e alguns meses, ou quase 2 anos.*
67. Pesq: E o que você aprendeu?
68. *Bia: Que a gente tem que ler, ter responsabilidade de decorar os textos e ta se esforçando, ter mais ânimo com as coisas. É isso.*
69. Pesq: Você sabe como as professoras escolhem os textos e definem quem vai decorar tal texto?
70. *Bia: Eu acho que no início eu tinha mais dificuldade de expressão, mas eu não sei como elas definem cada texto. Eu acho que a medida que elas vêem que ta melhorando ela vai dando os textos que elas acham que a gente dá conta e vai treinando com a gente.*
71. Pesq: Quem foi que te ensinou que tem que ter expressão os textos?
72. *Bia: A Elisa.*
73. Pesq: Ela também te ensinou a colocar expressão nos textos?
74. *Bia: A Calina também, as vezes na casa dela ela ajudava. A Elisa também, ela fala o que pode melhorar, se está faltando alguma coisa no texto, pra gente treinar em casa.*

- 11':10" 75. Pesq: Existe diferença na leitura que você faz nos textos do Guimarães que você tem que decorar e contar e a leitura que você faz em geral?
76. *Bia: Existe porque Guimarães Rosa é um pouco difícil de entender porque ele inventa palavras e agora leitura que eu leio assim é mais fácil porque a gente já sabe mais ou menos alguma coisa e Guimarães Rosa é um pouco mais difícil.*
77. Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você se tornou Miguilim?
78. *Bia: Como assim?*
79. Pesq: Mudança. Você acha que aconteceu alguma?
80. *Bia: [Silêncio.]Acho que não, ficou tudo normal.*
- 12':08" 81. Pesq: Fora da atividade de Miguilim, o que você gosta de fazer?
82. *Bia: Eu gosto de sair, tomar sorvete, essas coisas, ir na casa da minha avó.*
83. Pesq: Quando você sai, você vai pra onde?
84. *Bia: Quando tem alguma coisa na rua eu venho, mas eu não saio muito não. Vou a missa. As vezes vou a praça.*
85. Pesq: Já foi ao cinema?
86. *Bia: Já.*
87. Pesq: Você gosta?
88. *Bia: Gosto. A primeira vez que eu fui eu tinha 11 anos, mas eu gosto.*
89. Pesq: Você já foi muitas vezes?
90. *Bia: Não, só uma vez. Quando eu era pequena.*
91. Pesq: Onde você foi?
92. *Bia: Em Belo Horizonte, mas o shopping eu não sei não.*
93. Pesq: Você já foi ao teatro?
94. *Bia: Teatro... Já. Uma vez que teve uma excursão com a professora e ela foi levar a gente no Palácio das Artes. Lampiãozinho e Mari Bonitinha, só. Foi com a turma mesmo.*
95. Pesq: Você viaja muito?
96. *Bia: Não. Assim, com os Miguilins?*
97. Pesq: Tem diferença viajar com os Miguilins e viajar com a sua família?
98. *Bia: Tem porque com os Miguilins a gente viaja pra conhecer os lugares, mas também pra contar estórias. Com a família é diferente porque é pra ver a família que não vê a muito tempo, pra divertir. Isso.*
99. Pesq: E você viaja muito?
100. *Bia: Não.*
101. Pesq: Nem como Miguilim, nem com a família?
102. *Bia: Como Miguilim tem um tempo que eu não viajo. Com a família também. A última vez que eu viajei com a família foi em janeiro, nas férias. Agora com os Miguilins foi esse ano eu acho, que a última vez que eu fui contar estória foi em Águas do Tremé, aqui pertinho.*
- 14':46" 103. Pesq: Pra você é importante ser Miguilim?
104. *Bia: É. Porque... Assim, é uma maneira de a gente está... Como eu explico... Assim, vai conhecendo novas pessoas, incentiva mais a gente a ta lendo. Acho que é isso.*
- 15':39" 105. Pesq: Obrigada!

Transcrição – entrevista geral – 16/08/07

Miguilim Ana 30':02"

- 00':22" 1. Pesq: Qual é seu nome?
2. *Ana: Ana*
3. Pesq: Quantos anos você tem?
4. *Ana: 14 anos*
5. Pesq: Onde você estuda?
6. *Ana: Escola Cláudio Pinheiro de Lima*
- 00':39" 7. Pesq: Onde você nasceu?
8. *Ana: Sete Lagoas*
9. Pesq: Você viveu lá ou sempre viveu aqui?

- 00':52"
10. Ana: *Eu nasci lá e logo vim pra cá porque meus pais sempre moraram aqui*
11. Pesq: *Sua família, então sempre viveu aqui?*
12. Ana: *Sempre.*
13. Pesq: *É todo mundo de Cordisburgo?*
14. Ana: *Não, tem dois tios que moram Brasília, dois em Belo Horizonte e um que mora em Sete Lagoas.*
15. Pesq: *Saíram daqui para esses lugares?*
16. Ana: *Isso*
17. Pesq: *Quem é que mora com você?*
18. Ana: *Meu pai, minha mãe e meu irmão. Tem meu tio e minha tia aqui. Esses que moram aqui são da família da minha mãe e da família do meu pai, mora todo mundo aqui, só tem um que mora em Contagem.*
19. Pesq: *Na sua casa, todo mundo estudou?*
20. Ana: *Todo mundo. Minha mãe fez o terceiro grau completo minha mãe também, e meu irmão estuda.*
21. Pesq: *O que sua mãe fez?*
22. Ana: *Na época dela... ela fez pra professora, não fez uma faculdade, fez Magistério*
23. Pesq: *E seu pai?*
24. Ana: *O meu pai fez o terceiro ano porque ele trabalha na COPASA, eu acho que ele fez só até aí. Ele não fez faculdade.*
25. Pesq: *Seu irmão faz o que?*
26. Ana: *4ª série.*
27. Pesq: *E você está na...*
28. Ana: *8ª.*
29. Pesq: *Todo mundo na sua casa trabalha?*
30. Ana: *Meu pai trabalha fora e minha mãe é dentro de casa mesmo.*
- 02':23"
31. Pesq: *Você gosta da escola?*
32. Ana: *Gosto. Porque a escola é uma preparação para o futuro da gente, quem não estuda... Eu gosto da escola porque a escola prepara a gente pra vida. Sempre está nos proporcionando coisas boas pro nosso futuro. Por isso que a gente tem que estudar.*
33. Pesq: *Tem alguma matéria que você gosta mais?*
34. Ana: *Português, porque eu gosto muito de lê. Sempre que tem aqueles textos muito compridos a professora manda eu ler. Eu gosto muito de ler e é por isso que eu acho que eu gosto de Português. Agora Matemática eu gosto mais ou menos. Mas Geografia e História que tem aquelas matérias mais complicadas de ler, de entendimento eu não gosto muito. Mas Português e Matemática eu me identifico mais, eu acho que os textos de Português eu acho mais fácil de entender do que História e Geografia e Matemática não precisa ficar decorando, se você sabe fazer a conta já sabe fazer as atividades e a prova. E também se eu for fazer uma faculdade eu quero fazer de Letras. Eu gosto de Português, eu gosto de dar aula.*
35. Pesq: *Tem alguma matéria que você não gosta?*
36. Ana: *História. Odeio. Por causa desses trem de ficar lendo, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Política. Eu nunca fui boa em História, não dou conta de entender aquela explicação toda que eles ficam falando.*
37. Pesq: *Você se considera uma boa aluna?*
38. Ana: *Considero.*
39. Pesq: *O que tem que ter um bom aluno?*
40. Ana: *Tem que ter responsabilidade, os deveres em dia, tem que tirar boas notas, porque se você estuda, você consegue tirar boas notas, tem que ser responsável. Tem que prestar atenção na explicação do professor. Tem a hora de conversar, né? Tem hora que a gente não presta atenção, mas é isso, o aluno tem que ter responsabilidade, compromisso, tem que ser atencioso com as matérias.*
- 05':06"
41. Pesq: *Por que você gosta de ler?*
42. Ana: *Porque através do livro você fica conhecendo outros mundos. Agora eu to lendo Minha vida de menina porque a professora deu um trabalho de literatura, então você vê a diferença da minha situação da dela, porque ela fica pensando se ladrão vira cupim. E gente não pensa isso. Lá não tem computador, vídeo-game, orkut. Eu acho que a vida deles é mais feliz, ao ar livre. Eu gosto de ler porque a gente vê as*

diferenças das coisas.

43. Pesq: A escola cobra a leitura de livros?

44. Ana: *A escola não cobra tanto não, quem cobra é a professora de Português porque na 8ª séries ainda não tem Literatura e ela cobra. A gente lê o livro, tem vezes que a gente faz uma encenação do livro, ficha literária escrita ou uma ficha falada, onde a gente conta o que acontece no livro. A escola mesmo... Tem a biblioteca e quem quiser pegar, pega, mas raramente a gente tem a iniciativa de ir lá pegar um livro, sempre tem que ser um professor cobrando pra ir lá ler. A escola não cobra muito não.*

45. Pesq: O que você gosta de ler quando você está lá dentro da escola?

46. Ana: *[Risos] Como assim?*

47. Pesq: Você está lá dentro da escola, o que você gosta de ler quando você está lá dentro?

48. Ana: *Eu nunca li nada lá não! A gente não tem... O professor de Matemática não leva a gente na biblioteca. Quando falta algum professor e tem que cobrir a aula alguém da secretaria leva a gente pra biblioteca pra passar o tempo, aí nessas horas tem a revista Recreio, a revista Escola que eles dão pra gente lê.*

49. Pesq: Mas você não falou que gosta de ler quando o professor de Português pede?

50. Ana: *Gosto, gosto de lê o livro. Você quer saber o tipo do livro?*

51. Pesq: Não, quero saber de leitura. A minha pergunta foi o que você gosta de ler quando você está dentro da escola?

52. Ana: *[Silêncio] Eles não dão leitura, nada pra gente. Agora, quando ta na aula de Português, o livro tem alguns textos aí gente reúne os grupos e lê os textos que falam de romance. É assim, mas a escola não proporciona leitura não.*

53. Pesq: É fora da escola, o que você gosta de ler?

54. Ana: *Eu gosto de ler jornais, revistas, revista Capricho. Alguns livros, como os livros de Guimarães Rosa que a gente tem que ler.*

55. Pesq: Você leu os livros do Guimarães?

56. Ana: *Li. Alguns. No Urubuquaquá, no Pinhém, Manuelzão e Miguilim e Sagarana.*

57. Pesq: Tem algum assunto que você prefere nesses jornais e revistas?

58. Ana: *Tem as parte das novelas e variedades. Eu não gosto muito de ficar lendo tragédia. Gosto daquelas partes que fala de computador, de informática, de escola. Coisa boa.*

59. Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola ajuda você na escola?

60. Ana: *Ajuda, porque na escola sempre fala das coisas que ta acontecendo, principalmente no dia-a-dia e tem aluno na minha sala que não lê jornal e não sabe fazer uma reportagem. Sempre pedem o assunto atual, passa na televisão, mas tem que lê no jornal pra saber todo o processo. Quando a professora pediu sobre o Maracanã no PAN teve gente que não deu conta de fazer porque não leu. Porque você lê de um jeito e dá conta de colocar no papel. Ajuda muito.*

61. Pesq: Você lê sempre? É um hábito a leitura?

62. Ana: *Mais ou menos. Eu leio o jornal direto porque lá em casa assina. Livro mesmo é só quando a professora pede que a gente pega. Jornal e revista eu leio sempre, agora livro é só quando nos Miguilins pede e quando a escola pede. De impulso eu não pego um livro não, porque não tenho tempo porque tem dever, a semana de prova. Nem nas férias que é época de descansar.*

63. Pesq: Qual o jornal que assina na sua casa?

64. Ana: *O Estado de Minas*

11':32''

65. Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?

66. Ana: *Porque contar estória é um meio de ficar menos vergonhosa. Eu era muito vergonhosa e na escola eu tinha muita dificuldade de apresentar um trabalho. Aí eu entrei. E eu gostava quando eu vi a Virgínia contando pela primeira vez e eu tinha muita facilidade pra decorar. Sempre na escola eu chamada pro teatro, quando eu vi me apaixonei. O primeiro texto que eu vi foi Miopia e eu me identifiquei muito com esse texto porque eu uso óculos. Foi também porque eu queria ficar mais informada sobre Guimarães Rosa.*

67. Pesq: Por que você queria ficar mais informada sobre Guimarães?

68. Ana: *Porque cai no vestibular, e eu queria saber mais dele. Tem gente que odeia na minha sala. Falar que a gente é contador de estória é um caos e a minha*

família sempre foi doida pra ter um contador de estórias. Minhas primas entraram, mas saíram. Eu entrei, gostei, fiquei.

69. Pesq: O que você fez pra se tornar Miguilim?

70. Ana: *Processo todo. Tem as reuniões e sempre tem que ter compromisso. No meu grupo eram 52 e ficaram só 17 porque muitos não gostaram. Começa lendo a fábula. Tem que aprender a decorar. Tem hora que fala que ta ridículo, tem hora que fala que ta bom. Tem que ter muito jogo de cintura pra agüentar isso. Até que recebe a camisa tem que ter o compromisso que vir no museu fazer estágio. Quando a gente é mais novo a gente vem com o mais velhos até receber essa camisa. Teve solenidade aqui no museu. Tem o preparo pra aprender a fazer o esqueleto da estória, tem que aprender o silogismo do escritor e tem que ter paciência pra isso. Tem que ir desde o início até quando chega no grupo da Dôra e da Elisa porque o início com a Lúcia é fundamental pra entrar no grupo da Elisa e da Dôra. Muita paciência, tem que saber fazer tudo, identificar os personagens e coisas. Eu não tinha paciência, mas minha mãe ficava no meu pé aí...*

71. Pesq: Esse processo dura quanto tempo?

72. Ana: *Dois anos. Mais ou menos. Depende do grupo, um ano e meio, dois anos, fica só trabalhando com fábulas. Aí aprende a fazer esqueleto, aprende a decorar, aprende a apresentar, tem as aulas de etiqueta, como conversar, conversar com os turistas no museu, passar as informações.*

73. Pesq: Quem ensina isso tudo pra você?

74. Ana: *Quem ensinou sobre as fábulas foi a Lúcia, aula de etiqueta foi a Dra Calina que a gente ia na casa dela.*

75. Pesq: Teve mais alguma coisa que você aprendeu ao longo desses dois anos?

76. Ana: *Eu aprendi mais sobre a obra, aprendi expressão vocal, eu pensava que era só chegar e contar estória e tava bom, mas não. Tem a preparação da voz, do corpo, nós temos oficinas de expressão vocal e corporal. Ensinararam alguns exercícios pra gente fazer em casa antes de vir pro museu.*

77. Pesq: E relacionado a decorar estórias e contar, ensinaram alguma coisa a mais?

78. Ana: *Ensinararam que é bom contar na frente da espelho porque na frente do espelho você olha se sua expressão ta boa. Antes eu ficava falando pra minha mãe. Mas ele falaram que não porque a melhor pessoa pra falar da gente é gente, aí gente sabe se a expressão ta correta, se ta contando com pausas. Falaram também que embaixo do chuveiro é um lugar ótimo pra passar os textos, e eu nunca imaginava, porque lá não é forçado. Ta tomando banho, ta natural, vai contando natural. Aprendi a decorar, antes eu decorava um parágrafo, mas não tem que decorar frase por frase, com a maior paciência, ficar falando a frase até ela fixar na sua cabeça.*

79. Pesq: Como eram os encontros com a Dôra e a Elisa durante esse processo de formação?

80. Ana: *Com a Lúcia primeiro. Foram os dois anos com a Lúcia. A gente vinha encontrava aqui (museu), ela lia alguns textos pra gente, chamava alguns contadores pra contar pra gente vê como era, dava a fábulas e dividia em grupos de quatro pessoas. Tinha que ler as fábulas que eram diferentes um pro outro e depois de muito ler a gente contava com nossas palavras aqui na frente o que já era uma meio de acabar com a vergonha. Depois que lia separava e fazia o esqueleto do texto, o princípio, o meio, o fim. Depois ela dava uma fabula igual pra todo mundo. Aí cada um falava uma parte da fábula. Tinha vezes que tinha falar a moral e o que a gente aprendeu com essa fábula pros outros. Aí passou pra Elisa e foi pegando os textos de Guimarães e cada um ia contando uma partizinha até que cada um pegou um texto e contou. Sempre faz esqueleto do texto, tira as partes principais. Falar com mais entonação. Elas ensinaram tudo isso.*

81. Pesq: Você sabe como é que elas selecionam os textos?

82. Ana: *Não. A gente fala se tem mais facilidade pra diálogo ou só texto narrativa e elas também já conhecem. Elas falaram que eu me dou com o texto narrativo porque eu não dou conta muito de dar as pausas. Elas já conhecem as pessoas e vão dando o texto.*

19':40''

83. Pesq: Você diferença nessa leitura que você faz dos textos do Guimarães para decorar e contar, para a leitura dos livros, dos jornais e revistas que você tem costume de ler?

84. Ana: *Vejo. Guimarães Rosa tem uma linguagem muito difícil então tem que parar e pensar. Pra entender mesmo eu acho melhor ler em voz alta Guimarães Rosa. Os outros textos não, pode ler baixo que já entende, são de fácil entendimento. Guimarães Rosa não. Se não entender uma palavrinha não entende o livro todo. Tem que ficar com o dicionário procurando as palavras, tentando imaginar o que ele pensou quando ele escreveu aquele texto. Ele vê muito a infância dele, então a gente tem que imaginar como era a infância dele. Tem que pensar tudo isso pra entender. Mas esse livro mesmo que to lendo não. Vai falando já vai entendendo numa linguagem mais fácil. Guimarães tem uma linguagem complicada.*
85. Pesq: *Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você se tornou Miguilim?*
86. Ana: *Aconteceu. A Calina sempre falava que pra ser Miguilim é ser o espelho da cidade. As pessoas vêem a gente diferente. Na sala mesmo, se ta conversando muito é a Miguilim que ta conversando, vê a gente com outros olhos. Quando vai viajar pra São Paulo todo mundo fala que os Miguilins ficam metidos porque vão viajar pra São Paulo.*
87. Pesq: *Eles quem? Quem vê vocês com outros olhos?*
88. Ana: *As pessoas, a comunidade aqui de Cordisburgo. Vêem a gente como espelho da cidade. Quando tem vestibular gente do 3º ano vem procurar a gente da 8ª série pra gente explicar pra eles a obra. Miguilim não pode ficar bebendo muito, não pode ficar fumando, porque a Calina sempre falou que Miguilim é o espelho da cidade e que as pessoas espelham-se na gente.*
- 22':51" 89. Pesq: *O que você gosta de fazer?*
90. Ana: *Eu gosto de sair, de ir no clube, de ir em festa, de tomar sorvete e reunir com as amigas. No domingo reúne todo mundo aqui e fica contando caso. Ficar com minha família, todo domingo a gente almoça com minha tia e meu tio. Eu gosto de estar sempre perto de pessoas, de ta saindo.*
91. Pesq: *Quando você sai, você vai pra onde?*
92. Ana: *A noite só aqui na rua. De dia, vai na praça, vai tomar sorvete. E quando tem alguma festa, festa do cavalo, da abóbora aí a gente sai. Porque aqui em Cordisburgo não muito lugar pra ir.*
93. Pesq: *Tem quanto tempo que você é Miguilim?*
94. Ana: *Acho que dois anos e meio, três anos.*
95. Pesq: *Você tem lazer aqui em Cordisburgo?*
96. Ana: *Não, mais ou menos. O único lazer aqui pra mim é ir no clube e só. Lá nada, joga vôlei. Eu gosto muito quando minha mãe vai fazer compra em Sete Lagoas e acho que é uma forma de lazer porque todo mês ela vai e eu acho mil maravilhas porque a gente vai em lojas, meu pai leva a gente pra andar de pedalinho, lazer pra mim é viajar.*
97. Pesq: *Você viaja muito?*
98. Ana: *Viajo sim, eu to sempre indo pra Sete Lagoas, pra Belo Horizonte ver meus parentes.*
99. Pesq: *Já foi ao cinema?*
100. Ana: *Já. Razoável, acho que já fui assistir uns cinco filmes. Em Belo Horizonte, no shopping.*
101. Pesq: *Já foi ao teatro?*
102. Ana: *Já.*
103. Pesq: *Você gosta de cinema e teatro, por que?*
104. Ana: *Gosto. Porque é tipo um livro tem fala, tem cenas. Eu fui só uma vez no teatro com a escola. Foi a primeira vez, foi muito bom. Quando eu fui a primeira vez no cinema também foi muito bom. Uma experiência única. Cada filme, cada teatro traz alguma coisa na sua vida.*
105. Pesq: *Eu to lembrando de uma coisa. Você falou que primeiro vocês aprenderem com as fábulas depois os textos do Guimarães. Com as fábulas vocês usavam as próprias palavras pra contar. Isso acontece com os textos do Guimarães? Hoje, como contadora de estória, você usa suas próprias palavras pra contar estória?*
106. Ana: *Não.*
107. Pesq: *O que é mais fácil: usar as próprias palavras, como você fazia com as fábulas, ou decorar o texto completo e narrar?*
108. Ana: *Decorar o texto completo e narrar, porque as vezes você não entende*

bem a fábula e passa informação errada pro público. Decorar certinho não tem como passar pensamento errado pra eles. Mas quando esquece alguma palavra ou frase do texto quem por com suas próprias palavras então usa os dois termos de decorar e entendimento que usava na fábula porque não pode. Tem hora que ce dá conta de colocar aquela palavra, mas quando não dá conta pede desculpa e fala que errou. Mas quando coloca uma palavra você consegue. Mas o mais fácil mesmo é decorar o texto certinho ali. Porque é mais uma confiança. É preferível falar o texto decorado do que ficar gaguejando.

- 27':58" 109. Pesq: Por que pra você é importante ser Miguilim?
110. Ana: *Porque é um meio de conhecer mais da obra de Guimarães Rosa, de conhecer outras pessoas, guiar o museu pra turista e o turista guia o museu pra gente. É importante pro nosso futuro porque a Calina sempre falou que Miguilim tem que passar na Federal e já tem Miguilim que ta na Federal, então fica uma esperança. É um ensinamento pra gente, a gente fica mais culto, a gente participa mais dos eventos culturais da cidade. Eu nunca tinha ouvido falar da Semana Roseana, mas como Miguilim, a gente fica mais informado. É importante por causa da cultura que a gente tem. Tem outras colegas minhas que não são Miguilim e que a gente vê que é uma alma sem cultura. Eu vejo que eu tenho mais cultura do que elas porque ser Miguilim ensina outros meios da cultura que a gente nunca imaginava ter.*
111. Pesq: O que você chama de cultura?
112. Ana: *Sabe sobre a obra Guimarães Rosa e de outros escritores, porque Dora e Elisa não cobra da gente a leitura só do Guimarães mas também de outros escritores. Cultura é ficar bem informado com as coisas da cidade, com as coisas que está acontecendo no mundo. Igual tem o festival de Caetanópolis, o que passa lá. O Museu da Língua Portuguesa, ficar informado o que fala de Guimarães Rosa lá. Eu acho que é isso.*
- 30':02" 113. Pesq: Obrigada!

Transcrição – entrevista geral – 09/08/07
Miguilim Júlia 23':47"

- 00':29" 1-Pesq: Júlia me conta quem você é, quantos anos você tem, que escola você estuda, que série?
2-Júlia: *Júlia Ferreira, 15 anos, estudo no colégio Estadual Cláudio Pinheiro de Lima, 1º ano do ensino médio.*
- 3-Pesq: Você nasceu aqui?
4-Júlia: *Não.*
- 00':56" 5-Pesq: Onde você nasceu?
6-Júlia: *BH*
- 7-Pesq: Você viveu lá muito tempo?
8-Júlia: *Não. Eu vim pra cá com 7 anos.*
- 01':13" 9-Pesq: Sua família é daqui ou é de lá?
10- Júlia: *Minha família é toda de BH*
- 11- Pesq: Seus pais são de lá? Eles viveram sempre lá?
12- Júlia: *Não, depois que meus pais se casaram eles viajaram muito pelo interior por causa do emprego do meu pai. Viveram em Mateus Leme, depois em Belo Horizonte, depois para Rio Vermelho, depois viemos pra cá.*
- 13- Pesq: Tem quantos anos que você mora aqui?
14- Júlia: *Eu vim pra cá em 1999.*
- 15- Pesq: Você mora com quem?
16- Júlia: *Com meus pais.*
- 17- Pesq: Você é a única filha?
18- Júlia: *Não eu tenho dois irmãos, só que uma mora em Belo Horizonte.*
- 19- Pesq: Todo mundo na sua casa estudou?
20- Júlia: *Todo mundo.*
- 21- Pesq: Sua irmã que mora em Belo Horizonte, faz o que?
22- Júlia: *Faculdade de Direito*
- 23- Pesq: E o seu outro irmão estuda como você?
24- Júlia: *É*

- 25- Pesq: Todo mundo na sua casa trabalha?
26- Júlia: Não.
27- Pesq: Quem é que trabalha?
28- Júlia: *Só o meu pai, só que agora ele tá de licença. Mas é ele que sustenta a casa.*
02':45" 29- Pesq: Você gosta da escola? Por que?
30- Júlia: *Gosto. Não sei. É lá que a gente vai encontrar os amigos da gente. Eu gosto.*
31- Pesq: E as matérias da escola, tem alguma que você gosta mais? Por que?
32- Júlia: *Tem. Eu gosto mais de inglês. Não sei, eu tenho mais facilidade. Eu tenho facilidade de entender outras línguas.*
33- Pesq: Como é que você faz para estudar inglês?
34- Júlia: *Eu gosto muito de pegar as letras das músicas em inglês. Leio as letras e as traduções. Eu gosto de ver filme legendado, essas coisas. Estudo pelo próprio livro da escola.*
35- Pesq: Tem alguma matéria que você não gosta? Por que?
36- Júlia: *Tem. Física. Não sou boa de raciocínio. Eu tenho dificuldade de resolver os problemas. Matemática e Física na realidade, mas é mais em Física mesmo que eu não consigo entender. Coisa que não é matéria que eu não posso pegar para ler e entender, coisa que tem número eu não gosto.*
37- Pesq: Você se considera uma boa aluna?
38- Júlia: *Considero.*
39- Pesq: Por que? Como você acha que um bom aluno tem que ser?
40- Júlia: *Sou freqüente as aulas, faço as atividades propostas na sala, também em casa, tenho boas notas, acho que é isso.*
04':27" 41- Pesq: Você gosta de ler?
42- Júlia: *Gosto. Porque eu gosto. Desde pequena a gente sempre foi estimulado a ler, porque o povo lá de casa sempre morou no interior, então a gente sempre ficou meio apartado das coisas que aconteciam, então sempre fomos incentivados a ler jornal, revistas. Lá em casa também tem muitos livros. Tem uma estante cheia, então sempre fui muito incentivada a ler.*
43- Pesq: E quem incentivava você a ler?
44- Júlia: *Meu pai, minha mãe, até meus irmãos, todo mundo.*
45- Pesq: Os livros são de quem na sua casa? Quem adquire os livros?
46- Júlia: *Depende, às vezes meu irmão. Muitos livros mamãe já tinha antes de casar, meu pai às vezes compra, às vezes eu compro.*
47- Pesq: Qual é a profissão do seu pai e da sua mãe?
48- Júlia: *Papai é médico. A mamãe é dona de casa e trabalha com artesanato também.*
49- Pesq: E sua mãe estudou até que série?
50- Júlia: *Ela fez o segundo grau completo e fez magistério e chegou a começar o curso de História, mas não terminou.*
51- Pesq: A escola de Cordisburgo cobra a leitura de livros?
52- Júlia: *Cobra, assim. Alguns professores cobram, mas é mais de Português que leva a gente na biblioteca para escolher um livro e fazer trabalho. Cobra mesmo de todo mês ter que pegar um livro pra ler não cobra não.*
53- Pesq: Na escola, o que você gosta de ler?
54- Júlia: *Tem o jornalzinho, que o pessoal escreve umas bobagens de piada, paródias. Lá na escola a gente não faz muita coisa assim. Quando a gente tá atoa agente pega uns textos do próprio livro pra ler.*
55- Pesq: A leitura é só na aula de Português?
56- Júlia: *Não todas as matérias a gente tem que ler alguma coisa.*
57- Pesq: Tem alguma coisa que você não gosta de ler quando tá na escola?
58- Júlia: *Livro... Não sei.*
59- Pesq: E quando você tá fora escola, o que você gosta de ler?
60- Júlia: *Leio de tudo um pouco, livro, revista, jornal.*
61- Pesq: Que tipo de revista que você gosta de ler?
62- Júlia: *Revista direcionada para adolescentes, Super Interessante eu acho legal porque tem curiosidades. Tecnologia, descobertas.*
63- Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola ajuda você na escola?
64- Júlia: *Ajuda. Porque quando a gente lê a gente também aprende a escrever corretamente, e dentro da escola a gente precisa da leitura. Ajuda no jeito que a gente interpreta as coisas que a gente lê. Interpretar certo ajuda na escola.*

- 65- Pesq: Você lê sempre em casa?
- 66- Júlia: *Leio*
- 67- Pesq: Tem uma frequência?
- 68- Júlia: *Não, depende do tamanho do livro que eu pego. Se for muito grande cada dia eu leio um pouquinho.*
- 10':12" 69- Pesq: Por que você quis se tornar Miguilim?
- 70- Júlia: *Minha irmã é Miguilim então ela teve muita influencia, porque eu via e gostava. Algumas pessoas aqui do museu eu já até conhecia. Eu gosto de ficar aqui no museu. A gente conhece pessoas. Outro dia eu guiei holandeses, uma coisa que eu nunca imaginei.*
- 71- Pesq: Sua irmã foi Miguilim durante quanto tempo?
- 72- Júlia: *Dos 14 aos 18 anos.*
- 73- Pesq: Por que ela deixou de ser Miguilim?
- 74- Júlia: *Porque ela precisou ir para Belo Horizonte para poder estudar. Aqui em Cordisburgo só tem segundo grau. Ela tinha opção: ou ela ia pra Sete Lagoas e ficava indo e voltando todo dia. Mas aí ela não quis porque ia ser mais cansativo. Aí ela preferiu ir morar com os parentes em Belo Horizonte. Ficou mais fácil.*
- 75- Pesq: O que foi preciso você fazer para se tornar Miguilim?
- 76- Júlia: *A gente teve que fazer uma inscrição, fizemos um curso com a Lúcia e ela passava pra gente pequenas mensagens. Dava fábulas, primeiro decorava fábulas. Estudava sobre Guimarães Rosa, a biografia dele. Depois começamos a ter o curso com a Elisa e ela começou também trabalhou fábulas com a gente só que fabulas um pouco maiores e depois que ela viu que a gente tava mais seguro para decorar um texto do Guimarães Rosa aí ela distribuiu uns textos mais fáciés, como autobiografia infantil, pingo de ouro, miopia de Miguilim, com o tempo é que a gente foi pegando outros textos diferentes desses que são considerados básicos e a gente recebeu a camiseta.*
- 77- Pesq: Depois de quanto tempo você recebeu a camiseta?
- 78- Júlia: *Dois anos.*
- 79- Pesq: Como é que aconteciam esses encontros com a Lúcia, com a Elisa, como é que era esse processo?
- 80- Júlia: *Geralmente aconteciam aos finais de semana. A gente vinha, tinha texto pra decorar, contava. Encontrava, mas eu não lembro a frequência. Várias reuniões ficava com o mesmo texto. Sempre melhorando o mesmo texto até pegar confiança e pegar outro.*
- 81- Pesq: Como é melhorar o texto? O que você aprendeu nesses dois anos de formação?
- 82- Júlia: *A gente tem que saber quando a gente ta errado, porque muitas vezes a gente decora o texto errado e quando corrige a gente tem que aceitar as críticas.*
- 83- Pesq: Existe decorar errado? Como é que funciona?
- 84- Júlia: *Não é decorar errado, é decorar com a entonação errada. As vezes a gente dá uma entonação que não tem haver. Ou esquecia um pedaço quando o texto era muito grande.*
- 85- Pesq: Quem é que corrigia essa entonação?
- 86- Júlia: *As vezes, quando não era a Elisa, ela pedia a opinião dos participantes, cada um dava uma opinião sobre o que poderia mudar.*
- 87- Pesq: Então o que você aprendeu com ela nesses dois anos, nesse curso para se tornar Miguilim?
- 88- Júlia: *A gente aprende muita coisa. Eu era muito parada, estática. A gente morria de medo de guiar aqui no museu, aquele monte de gente olhando pra nossa cara. A gente acaba tendo mais confiança, se soltar, não tem nada de vergonha.*
- 89- Pesq: Você sabe como é que as professoras, a Elisa e a Dora, selecionam os textos pros Miguilins e definem quem vai contar tal estória?
- 90- Júlia: *Não sei. Elas olham as pessoas que tem mais jeito para contar diálogo, tem outras que são melhores pra contar sem diálogo. Acho que elas escolhem pela facilidade das pessoas.*
- 16':46" 91- Pesq: Pra você tem diferença entre ler e contar estórias?
- 92- Júlia: *Tem*
- 93- Pesq: Que diferença que é essa?
- 94- Júlia: *Quando você conta a estória é mais fácil entender, porque você conta em voz*

- alta. Quando a gente lê, pega um conto dele pra ler, porque eu não pego um livro inteiro, pego por contos porque assim eu acho mais fácil, eu pego os contos. Às vezes eu ouço um Miguilim contando eu acho mais fácil entender por causa da entonação. É o tal do decorar errado. Quando ouve o Miguilim já entende melhor.*
- 95- Pesq: Então, você tem o costume de pegar o texto pra decorar e ir no livro do Guimarães?
- 96- Júlia: Não, quando eu pego um texto pra decorar é porque eu ouvi antes e gostei ou por indicação da Dora e da Elisa.
- 97- Pesq: Então, não necessariamente você conhece a estória?
- 98- Júlia: *Depende. Quando eu peguei os textos do Miguilim eu já tinha lido a estória. Agora, o último que eu decorei que foi a estória de Lélío e Lina, a Dora recomendou que a gente lesse a estória antes, para que a gente entendesse, pegar o ritmo da estória. Outra estória que eu decorei sem ter lido o livro...*
- 99- Pesq: Espera aí, Lélío e Lina, você decorou sem ter lido a estória?
- 100- Júlia: Não, eu li a estória antes. Ela recomendou, a gente leu e aí ela deu o texto pra gente decorar. O Ave Palavra eu decorei um texto sem ter lido, mas depois li um pedacinho, um conto.
- 18':42" 101- Pesq: Mas esse texto que você tem que decorar, você tem que ler também. Essa leitura que você faz desse texto pra decorar e pra contar, é uma leitura diferente de outros textos que você pega pra ler em casa, pega pra ler na escola?
- 102- Júlia: *É diferente. A linguagem do Guimarães é difícil porque além de usar a linguagem da época dele, e também as gírias dos sertanejos, tem muita coisa que a gente não conhece apesar da gente conviver e morar em Cordisburgo.*
- 103- Pesq: Depois que você se tornou Miguilim, teve alguma coisa que na sua vida mudou?
- 104- Júlia: *Muda de certa forma os horários da gente. A gente fica de certa forma mais apertada. A gente fica um pouco apertada com horário por causa das reuniões, a gente tem que programar o tempo da gente porque a gente não pode deixar que escola e museu se choquem. Fora isso não mudou mais nada não.*
- 20':03" 105- Pesq: Fora, da atividade de Miguilim, o que você gosta de fazer?
- 106- Júlia: *Eu gosto de ficar em casa mesmo, vendo tv, ouvindo música, lan house (pesquisa, conversa, não gosto de jogar não).*
- 107- Pesq: Quando você tem tempo pro lazer, tem mais alguma coisa que você gosta de fazer?
- 108- Júlia: *Como eu estou estudando de manhã esse ano, eu gosto de dormir, eu tenho que falar que eu sou chegada num travesseiro. Isso mesmo.*
- 109- Pesq: Você já foi ao cinema?
- 110- Júlia: Já
- 111- Pesq: Aqui?
- 112- Júlia: *Não, já fui em Belo Horizonte, Sete Lagoas e Paracatu. E aqui no cine petrobrás que teve*
- 113- Pesq: Teatro, já foi ao teatro?
- 114- Júlia: *Já. Fora as apresentações de Cordisburgo. Mas eu era tão pequenininha, fui assistir Branca de Neve. Tem muito tempo. Cinema é que tem sido mais freqüente.*
- 115- Pesq: Você gosta de cinema e teatro?
- 116- Júlia: Gosto
- 117- Pesq: Você viaja muito?
- 118- Júlia: *Não, eu viajava mais quando eu era mais criança, a gente vai crescendo, fica com preguiça, não anima muito não, não viajo muito não.*
- 22':18" 119- Pesq: Por que pra você é importante ser Miguilim?
- 120- Júlia: *Não sei, dá um status pra gente. "Ela é Miguilim". Eu gosto de ser Miguilim, eu gosto de ficar aqui no museu e ainda ser Miguilim. O povo vê a gente e fica: "Você é Miguilim, que bacana!". Não é todo mundo de Cordisburgo que fala isso com a gente não porque tem muito preconceito contra Guimarães Rosa. Tem gente que não gosta dele.*
- 23':47" 121- Pesq: Obrigada, Júlia!

- 00':05" 1. Pesq: Qual é seu nome?
2. Sarah: Sarah.
3. Pesq: Quantos anos você tem?
4. Sarah: 16.
5. Pesq: Está em que série?
6. Sarah: 2º ano do segundo grau.
7. Pesq: Estuda a onde?
8. Sarah: Escola Estadual Cláudio Pinheiro de Lima aqui em Cordisburgo.
- 00':31" 9. Pesq: Você nasceu aqui?
10. Sarah: Caetanópolis. Aqui pertinho. Sempre vivi aqui, só nasci lá.
11. Pesq: Veio pra cá com quantos anos?
12. Sarah: Neném.
- 00':52" 13. Pesq: E sua família?
14. Sarah: Minha família também é daqui, tanto do lado do pai, quanto do lado da mãe.
15. Pesq: Quem mora com você?
16. Sarah: Meu pai, minha mãe. Tenho dois irmãos só que um mora em Sete Lagoas, só vem pra casa no final de semana.
17. Pesq: Na sua casa, todo mundo estudou?
18. Sarah: Todo mundo formou.
19. Pesq: O que seu pai fez?
20. Sarah: Não, papai formou no ensino médio e fez curso técnico. Mamãe fez curso pra professora, mas não exerceu.
21. Pesq: Seu pai faz o que?
22. Sarah: Meu pai é comerciante. Tem uma lanchonete aqui.
23. Pesq: Seu irmão mais novo...
24. Sarah: É estudante, ta na oitava série.
25. Pesq: Todo mundo na sua casa trabalha?
26. Sarah: Tirando eu e meu irmão, todo mundo. Papai trabalha, mamãe trabalha e meu irmão mais velho também que só trabalha lá em Sete Lagoas. Ele terminou o 3º ano e minha mãe quer que ele estuda, mas ele não gosta muito de estudar não.
27. Pesq: Sua mãe e seu pai trabalham juntos? O que sua mãe faz?
28. Sarah: Não, minha mãe trabalha no banco como servente.
- 02':57" 29. Pesq: Você gosta da escola? Por que?
30. Sarah: Gosto. Porque lá é o lugar onde que além de ser minha segunda casa porque eu convivo 5 horas na escola com todos meus colegas e professores. Além de eu aprender lá, lá eu aprendo a conviver com as pessoas, com as diferenças. Além de seu estar lá desde pequena lá. É o básico da minha vida a escola. É essencial.
31. Pesq: Tem uma matéria que você gosta mais? Por que?
32. Sarah: Biologia. Tenho mais facilidade.
33. Pesq: O que é que tem na Biologia que facilita você estudar, você aprender?
34. Sarah: O conteúdo, a matéria. Eu identifico mais. Eu tenho prazer de estudar Biologia.
35. Pesq: Tem alguma matéria que você não gosta?
36. Sarah: Matemática e Física. Tenho muita dificuldade. São as matérias que eu mais estudo para tirar notas.
37. Pesq: O que é que tem de difícil em matemática e Física?
38. Sarah: Conteúdo. Não sei se é difícil ou se eu dificulto a matéria por já não gostar.
39. Pesq: Você se considera uma boa aluna?
40. Sarah: Considero, porque eu tento alcançar meus objetivos na escola, hora de brincar é hora de brincar, hora de fazer é fazer, tento tirar a maior nota possível, dedico muito a escola.
- 05':19" 41. Pesq: Você gosta de ler?
42. Sarah: Gosto
43. Pesq: Por que?
44. Sarah: E.....

45. Pesq: O que que a leitura te proporciona?
46. Sarah: *Eu percebi que na leitura, cada vez que você lê você sempre aprende mais. Quando você gosta de um livro e fica lendo o livro você entra numa aventura. Com a leitura seu vocabulário fica melhor. Não sei.*
47. Pesq: A escola, cobra a leitura de livros?
48. Sarah: *Dentro da sala de aula pra ler assim a matéria, só.*
49. Pesq: Quando você está lá dentro da escola o que você gosta de ler?
50. Sarah: *A matéria de Geografia do livro.*
51. Pesq: Só na aula de Geografia que tem leitura?
52. Sarah: *Geografia, Química, agora que ta começando de História. Biologia, eu leio o caderno o livro raramente. Em Língua Portuguesa a gente lê textos que ela dá, raramente usa o livro. Matemática e Física não.*
53. Pesq: O que você não gosta de ler quando você está lá na escola?
54. Sarah: *Quando eu levo um livro eu não dou conta de ler não.*
55. Pesq: Quando você está fora da escola, o que você gosta de ler?
56. Sarah: *Revista, jornais, revistas de horóscopo, revista de fazer brincadeiras que pergunta sim ou não e depois soma os números (testes), jornais só que tenho mania de abrir o jornal e ir só na página que tem horóscopo. Leio as chamadas iniciais e não leio tudo não. Livro, eu não gostava muito de ler livro, mas agora eu passei a gostar.*
57. Pesq: Por que?
58. Sarah: *Foi de tanto minha mãe falar na minha cabeça que eu precisava ler mais, que eu precisava ocupar mais minha cabeça com livro. Meu pai me deu a coleção do Paulo Coelho toda pra mim lê, só que eu não gosto muito do autor, aí eu comecei gostar e sempre que sobra um tempo eu to quarto lendo. O problema é que eu tenho uma mania de querer começar um livro e lê ele todo de uma vez porque eu fico ansiosa para saber o que ta acontecendo, mas aí começa e aí para, vai e para. O livro é muito grosso, eu fico com vontade de ler ele todo num dia só mas como ele é muito grosso eu não consigo. A mente cansa e aí eu me perco e eu tenho que voltar.*
59. Pesq: Mas por que você não gostava de livro e agora você gosta?
60. Sarah: *Porque eu não ficava concentrada e eu não tinha o hábito de ler.*
61. Pesq: Então hoje você lê sempre?
62. Sarah: *Agora to lendo sempre.*
63. Pesq: Esse agora é desde quando?
64. Sarah: *[Risos] Desde uns meses pra trás.*
65. Pesq: Essa leitura que você faz fora da escola, ajuda você na escola?
66. Sarah: *Ajuda, redação ajuda bastante, novas palavras, eu chego até a usar palavras dos livros. Dá pra ver que é certo.*
- 10':53" 67. Pesq: Sarah, por que você quis se tornar Miguilim?
68. Sarah: *Eu vim aqui pra minha colega fazer a inscrição dela e não fazer a minha, só que ela foi muito atrevida e fez a minha e a dela. Eu entrei no curso por várias meninas da minha sala serem miguilins. A maioria das meninas da minha sala são miguilins. Eu não acompanhava o trabalho, nem ligava, nem sabia que existia a semana roseana, não sabia nada, aí veio a curiosidade e eu vim com essa minha amiga que fez minha inscrição. Aí eu comecei a fazer as oficinas, me interessei e gostei muito, aí eu vi que era um trabalho muito interessante. Eu ficava encantada. Aí minha amiga parou e eu fiquei porque eu achei o trabalho dos meninos interessante, por influencia dos meus amigos que eram miguilins me incentivar.*
69. Pesq: O que você fez para se tornar Miguilim? O que aconteciam nas oficinas?
70. Sarah: *Tinha leitura de fábulas, a gente levava pra casa, lia, decorava e contava pra professora. Tinha que ter responsabilidade de ficar vindo nas reuniões. Isso era o principal. Começamos a pegar algumas coisas de Guimarães Rosa pra ler e entender. Levava os textos pra casa e tinha a responsabilidade de chegar com ele aqui decorado. Foi ficando cada vez mais difícil, eram 40 comigo, ficaram 16. A gente fazia um tanto de brincadeira.*
71. Pesq: O que você aprendeu com as oficinas?
72. Sarah: *Eu aprendi a ter mais responsabilidade.*
73. Pesq: Você aprendeu a contar estória?
74. Sarah: *Eh*
75. Pesq: Mas como se aprende a contar estória?

76. Sarah: *Eu aprendi nas oficinas. Quando mais velha tinha oficina de expressão corporal, de voz. A professora ajudava a dar vida ao texto.*
77. Pesq: O que você tinha que fazer para conseguir dar vida ao texto?
78. Sarah: *Eu ficava lá em casa o dia todo de frente do espelho, contando, contando, até fica fluente. De tanto que lê, lê, lê, fica fluído.*
79. Pesq: Tem que ler muito?
80. Sarah: *Tem que ler e entender pra depois decorar. Aí lê e entende, quando vai decorar fica facinho. O mais difícil é por expressão no texto. Aí tinha as oficinas também.*
81. Pesq: Quem foram suas professoras?
82. Sarah: *Primeiro a Lúcia e depois a Elisa.*
83. Pesq: Você sabe como é que elas separam o texto do Guimarães e definem qual Miguilim vai ler?
84. Sarah: *Eu acho que elas olham o texto que identifica com a pessoa. Eu acho que a Elisa sabe o texto que a pessoa tem maior dificuldade ou não. Sabe que tal texto vai se identificar com fulano, esse texto é mais difícil pra essa pessoa.*
- 16':08" 85. Pesq: Tem diferença em ler pra decorar e contar e ler a sua revista, seu jornal, seu livro.
86. Sarah: *Tem.*
87. Pesq: Que diferença é essa?
88. Sarah: *Tem, porque. Tem ou não. Tem. A gente fica mais presa no texto que a gente vai ler decorar e contar, do que quando lê um de revista. A revista leu, entendeu, ficou gravado. O outro não você fica a semana toda com o texto.*
89. Pesq: Depois que você decora o texto você acha que você ainda está presa a ele?
90. Sarah: *Antes de dormir fala o texto, vai tomar banho fala o texto, o dia todo falando o texto, fica preso nele até quando ele fica fluído. Depois disso não fica preso mais não, já passa pra outro. Mas depois tem que voltar a ele de novo.*
91. Pesq: Então sempre retorna a ele em algum momento?
92. Sarah: *Tem porque se não você perde. Se tem muito tempo que você não conta o texto e vai contar no museu, quando você ta contando, você se perde, sem mais nem menos, porque você não treinou ele.*
93. Pesq: Então, a medida que você vai ganhando novos textos vai ficando mais difícil ou mais fácil?
94. Sarah: *Os dois. Fácil porque cada vez você vai ganhando mais habilidade pra decorar. O difícil é depois repassar tudo. Agora, a pessoa tem que identificar com o texto pra decorar, porque se não identificar não dá conta de decorar não. Eu mesmo não gosto de contar texto que tem parte de muito terror, suspense. Eu não sei expressar. Eu gosto de texto mais leve, mais calmo, é mais meu jeito, até pelo tom da voz, que combina mais. Quando o texto não combina comigo eu falo com a Elisa e aí ela troca. Quando é precisão mesmo é que ela não troca.*
95. Pesq: Como assim? Teve algum texto que você não se identificou e teve que decorar?
96. Sarah: *Não.*
97. Pesq: Aconteceu alguma mudança na sua vida depois que você se tornou Miguilim?
98. Sarah: *Aconteceu. Eu era muito tímida. Eu não conversava muito com as pessoas e passei a conversar mais. Eu convivo mais com as pessoas. Eu faço amizade facinho. Na sala, apresentar um trabalho era muito difícil aí eu tive que perder essa parte pra apresentar pra outras pessoas. Essa foi a parte principal porque eu não dava conta de ficar na frente daquele tanto de pessoas da minha sala. As vezes lá ainda eu começo a rir porque é a minha sala, mas mudou muito. Mudou muita coisa. Sei lá.*
99. Pesq: Passou a viajar mais?
100. Sarah: *Como eu faço parte do grupo mais novo nem tanto.*
101. Pesq: Você viaja muito?
102. Sarah: *Pelo grupo?*
103. Pesq: Você? Faz diferença em viajar pelo grupo?
104. Sarah: *Pelo grupo é bom porque tem os Miguilins e é bom. Por mim ou com a família. Viajo só final do ano, férias, fora isso não.*

- 22':09" 105. Pesq: O que você gosta de fazer quando você tem tempo pra lazer?
 106. Sarah: *Mexer na Internet, gosto de mais.*
 107. Pesq: O que você fica procurando?
 108. Sarah: *Na Internet eu fico no orkut, no MSN, fico procurando respostas pra perguntas, como: quais os novos lançamentos de livros? Eu não gosto de chegar na biblioteca e pegar qualquer livro. Eu gosto que as pessoas me indiquem o livro e diga que é bom. Se eu gostar eu continuo lendo, mas se eu não gostar eu não leio todo não. Eu gosto também de procurar por celular. Pesquisa o professor não deixa usar muito. Geralmente a gente nem faz pesquisa na Internet, faz nos livros. Mas o que eu mais gosta é mexer no orkut.*
 109. Pesq: Você já foi ao cinema?
 110. Sarah: *Já, lá em Belo Horizonte, umas duas vezes só.*
 111. Pesq: E ao teatro?
 112. Sarah: *Não, sou doida pra ir, mas nunca fui.*
 113. Pesq: Você gosta de cinema?
 114. Sarah: *Gosto.*
 115. Pesq: Em qual cinema você foi?
 116. Sarah: *No cinema do Itaú Power Shopping.*
 117. Pesq: Você gosta de shopping?
 118. Sarah: *Gosto, conheço tudo quanto é shopping que você pode imaginar.*
 119. Pesq: Então você viaja muito, você vai muito em Belo Horizonte?
 120. Sarah: *Vou muito em Belo Horizonte. Sete Lagoas todo final de semana. Toda sexta e sábado porque eu estudo lá também.*
 121. Pesq: O que você faz em Sete Lagoas?
 122. Sarah: *Dois cursos, administração e informática.*
 123. Pesq: Você gosta de Belo Horizonte?
 124. Sarah: *Gosto.*
 125. Pesq: E de Cordisburgo?
 126. Sarah: *Gosto também. Quando fico muito longe daqui ficou doida pra voltar. Porque férias eu não passo aqui, passo em Belo Horizonte ou em Sete Lagoas. Fico meses e aí fico com saudade.*
- 25':53" 127. Pesq: Por que pra você é importante ser Miguilim, Sarah?
 128. Sarah: *Só pra receber o nome: "Miguilim!" [Risos] Por Miguilim ser tão importante. Por Miguilim ser Miguilim, é uma diferença ser um Miguilim e não ser um Miguilim.*
 129. Pesq: Diferença a onde?
 130. Sarah: *O povo reconhece. Aqui da cidade não porque o povo aqui da cidade nem liga, o povo da cidade não participa. O povo de fora dá mais importância e a gente se sente importante. Sente que faz parte da cultura, de Cordisburgo, que ta divulgando alguma coisa que Cordisburgo tem de importante e que ninguém daqui vê, só o povo de fora vê.*
- 27':01" 131. Pesq: Obrigada!

ANEXO H

Transcrição das entrevistas específicas

Transcrição entrevista específica – **Miguilim Ana** (1:04':23")
 Cordisburgo, 25-10-07.

LEGENDA:
 Pesquisadora
Miguilim Ana

- 00':00" 86. Boa tarde!
 87. *Boa tarde!*
 88. A conversa de hoje é um pouquinho diferente daquela primeira conversa que nós tivemos. Hoje eu trouxe esse texto que é uma adaptação que eu fiz do livro O Tesouro do Quilombo do prof Ângelo Machado. A idéia é que você leia esse texto, ao final dessa leitura a gente conversa, eu tenho algumas perguntinhas pra te fazer. Para essas perguntas não existem respostas certas ou erradas. O importante

- pra mim é que você fale aquilo que vier a sua cabeça, então não precisa ficar preocupada. Faça uma leitura tranqüila. Quando a gente terminar essas perguntas a gente vai pra última etapa que eu vou pedir para você escolher um trecho desse texto, se preparar e contar pra mim. Não tem tamanho esse trecho, você pode escolher qualquer trecho do texto. O prof Ângelo Machado que é o autor do livro O Tesouro do Quilombo, é professor da faculdade de Ciências Biológicas da UFMG há muitos anos, é especialistas em insetos e já há muitos anos escreve livros de literatura infantil e juvenil como esse. O texto que eu adaptei tem duas cores de letras. Uma mais escura que fui que escrevi... E a parte do texto que está mais clara foi retirada do livro na sua íntegra. Tem partes que eu escrevi e partes que foram retiradas do texto completo. Vamos começar a leitura então?
89. *Vamos.*
90. *Pode começar.*
91. *Lê alto?*
92. *A leitura deve ser da maneira que você julgar que é melhor para o seu entendimento. Se você achar que a leitura em voz alta é melhor para você entender, você pode ler em voz alta. Se você preferir a leitura silenciosa, também pode fazer a leitura silenciosa.*
93. *Eu prefiro ler alto porque eu entendo. Pode, não é?*
94. *Pode.*
95. *Não atrapalha no gravador?*
96. *Não.*
- 02':50"
- 20':00" [Tempo de leitura do texto] [Lê o texto todo em voz alta, mas num tom de voz abaixo daquele usado durante a conversa. O gravador fica ligado por algum tempo e pode-se verificar esse tom de voz mais baixo. Notas no caderno de campo.]
- 22':50"
97. *Você leu o livro?*
98. *Não eu li só o primeiro capítulo. Esse aqui, ó.*
99. *Esse início você gostou?*
100. *Gostei... Mais ou menos porque no início fica meio confuso. Qualquer livro quando a gente pega a gente acha assim... a linguagem é um pouco difícil, mas deu pra entender bem.*
101. *Você achou a linguagem um pouco difícil?*
102. *Sim. Muito detalhe, né. Esse texto dá pra gente entender mais. Até na parte que você escreveu, deu uma resumida no livro que tem muito detalhe e nessa parte. Foi pra entender.*
103. *Foi diferente do livro?*
104. *Foi.*
105. *Em que sentido foi diferente?*
106. *No sentido dos detalhes porque tem um resumo nas partes do negrito. Aqui "Meri-Buttu conta aos meninos a história do negro Ambrósio". Não sei, essa parte eu não cheguei, mas deve estar contando todos os detalhes e aqui faz só um enxugada mesmo do texto.*
107. *Teve algum trecho desse texto que mais chamou a sua atenção?*
108. *Teve. Foi aqui ó, quando os meninos saíram em busca do tesouro do quilombo. Aqui fala o que eles conheceram durante a viagem, apreciando as árvores do cerrado. Esse pedaço aqui que eu mais gostei. Os animais, as árvores do cerrado e o Eduardo no início não estava conhecendo nada mas aí o Nêuber já não precisava mais explicar nada porque ele já conhecia a maioria dos bichos e plantas. Fala da Serra da Canastra, ficaram deslumbrados com a beleza e a quantidade de flores que tinha nela. Ainda fala que especialmente as sempre-vivas e as canelas-de-ema.*
109. *Pra você o que é natureza?*
110. *Natureza, são as arvores, os animais, os córregos. São isso. O que... biodiversidade. Ai meu Deus! Porque todo mundo quando pensa em natureza, pensa em árvores, o que tem dentro de uma floresta, são os córregos, as árvores as cachoeiras, os animais em geral. Todos. Aves, insetos, peixes, cobras. Eu acho que natureza pra mim é isso. São um quantidade de coisas criadas por Deus. Eu acho que são só assim para nosso melhoramento, porque sem árvore a gente não*

respira. Sei lá, acho que é isso.

111. Você já leu algum texto ou livro que ajudou você a entender o que é natureza?

112. *Que eu to lembrada assim não. Só teve... na escola ta trabalhando agora o projeto Semeando aí lá fala do aquecimento global, fala da biodiversidade, mas não fala assim natureza. Mas até no grupo mesmo quando a gente estuda lá no primeiro e segundo ano, deve ter dado alguma coisa. Deve ter algum jornal, coisa assim que fala, mas que eu tenha lido, eu acho que não.*

113. Esse texto que você acabou de ler, você acha que ajuda a entender o que é natureza?

114. *Ajuda. Aqui fala de muitas árvores. Fala dos bichos, que cada índio nasceu. Igual do buriti, dos animais, das cachoeiras, das frutas que tem na floresta, fala também da mata ciliar, do cerrado, as árvores que tem nesse cerrado. Ajuda.*

115. E tudo isso que você está falando faz parte da natureza?

116. *Faz.*

117. Pra você o que é vida?

118. *[Risos]. Vida. Ai meu Deus! Como assim, gente!?*

119. O que vem a sua cabeça? A idéia não é essa?

120. *É.*

121. Então pronto.

122. *Eu acho que vida assim... É o que?... é a gente mesmo. É assim o nosso ser. Você pode fazer a sua vida de tristezas, de alegrias. Mas o que veio aqui agora foi assim. Nosso ser. Sou eu. Eu por dentro, eu por fora. Tudo. Cada um. Cada ser tem um jeito de viver. Te aquelas as pessoas mais deprimidas, tem as mais alegres e cada um tem que escolher o jeito que quer viver. Não tem um jeito. Eu nunca, até agora, parei pra pensar o que é vida. Mas eu acho que isso. É a própria pessoa. Os próprios seres humanos.*

123. Você recomendaria a alguém a leitura de um livro ou de um texto que fale sobre esse tema?

124. *Vida? Recomendaria.*

125. Que livro, que texto?

126. *Esses livros de auto-ajuda. Eu acho que esses livros são muito bons. Eu gosto muito do autor Augusto Cury “Você é um ser insubstituível”, “As dez razões para ser feliz”. Tem até um livro que fala de vida, mas eu não lembro do título. Eu recomendaria pra isso mesmo. Pra quando vier uma pergunta dessa ([Risos]) ficarem mais cientes do que é. É um tema que a gente não pára pra pensar o que é. Por isso que eu recomendaria.*

127. Você falou na palavra biodiversidade.

128. *Falei.*

129. Então, onde foi que você ouviu falar na palavra biodiversidade?

130. *A gente ouvi na televisão, em tudo. Mas quando eu parei mesmo pra ver foi nesse texto na revista Semeando que fala. Tem um texto falando sobre biodiversidade. Foi nessa revista que eu vi falando mesmo.*

131. Pra você o que significa biodiversidade?

132. *Biodiversidade é a vida. A vida somos nós seres humanos, a natureza, o planeta terra, em geral. Eu acho.*

133. Foi esse texto que você leu na revista Semeando que ajudou você a entender o que é biodiversidade?

134. *Foi.*

135. Você lembra de mais algum?

136. *Não. Que eu soube mesmo foi lendo esse texto e a gente fez até um trabalho falando disso. Eu acho que é isso.*

137. Esse texto que você acabou de ler, de alguma forma ajudou você a entender o que é biodiversidade?

138. *Ajuda porque aqui é uma mistura. Ta falando de tudo, dos índios... No meu entendimento, o Eduardo até compara aqui com prédios de apartamentos. São coisas diferentes do Eduardo e do índio. Tem uma visão diferente. Ajuda sim a saber o que é biodiversidade porque são culturas diferentes, mas o índio Meri-Buttu foi ensinando os ensinamento pro Eduardo que a biodiversidade é isso. É*

em geral, as naturezas, as culturas de raças diferentes.

139. Tem algum trecho que você exemplifica no texto a biodiversidade?

140. *Ai gente! Eu acho que é esse aqui. [Lê trecho do texto.] “Um dia apareceu na vereda um brotinho da palmeira do buriti” E é assim, falei que a biodiversidade é a vida. Então ta aqui “o brotinho cresceu, tronco cresceu, ganhou muitas folhas e lá no alto apareceu um cacho muito bonito, cheio de cocos. Os coquinhos caíram na correnteza, correnteza levou e eles foram parando nas margens e de cada coquinho nasceu um índio araxá”. Tudo começa assim muito pequenininho e depois vai criando suas formas. Então eu acho que a biodiversidade é isso que começa pequeno aí depois vai crescendo. Através da correnteza do córrego que vai acontecendo as coisas da vida. De cada coquinho nasceu um índio araxá. Aí quando transforma mesmo no coco aí tem uma caixinha de surpresa. Porque você não sabe o que vai acontecer amanhã nem com a natureza. Eu acho que esse trecho identificou. Porque começa tudo pequenininho e depois vai tendo as grandes descobertas.*

141. Pra você o que é transformação? Eu to usando a palavra transformação no sentido de mudanças da natureza.

142. *Transformação. São as mudanças na natureza né. Quando eu vim, eu olhei e vi um pasto, mas quando eu subi eu não sei se vai estar lá porque o tanto que nós homens estão fazendo isso com a natureza, eu não sei se pode já ter tido uma queimada. Essa balança que está acontecendo na natureza. Ao mesmo tempo que eu corto uma árvore eu não planto de novo, a grama do canteiro, mas a minha eu não molho então a minha morre. Ontem ela tava bonita porque choveu, mas e hoje eu vou continuar molhando pra ela ficar bonita? São as transformações que nós não sabemos o que vai acontecer. [Risos].*

143. Você já leu algum texto ou livro que fale desse tema?

144. *Não. Aí eu não li não. Que eu lembre, né?*

145. O texto traz exemplos de mudanças da natureza?

146. *[Silêncio. Folheia o texto.] Mudanças que acontecem no momento ou não?*

147. Como assim, no momento? Em geral, mudanças da natureza.

148. *Ah, eu acho que é aqui ó. “Nêuber resolveu voltar por um caminho mais estreito que passava bem no meio do cerrado, vendo tantas árvores tortas, Eduardo comentou...” Isso das árvores eu acho que é transformação. Porque tem árvores que são menores e tortas e tem árvores com troncos bem grossos e retinhas. Eu acho que isso aqui é transformação da natureza. Aí. “Parecem árvores aleijadas. Aleijadas nada, dão muito mais flores e frutos que muitas árvores que tem aí nas matas”. Eu acho que isso é uma transformação. É uma característica.*

149. Uma árvore do cerrado torta e menor pode vir a se transformar numa árvore da floresta com o tronco grosso, reto e alto?

150. *Não. Eu acho que não.*

151. Então me explica melhor onde você está vendo transformação aí. É nessa diferença entre um e outro?

152. *Eu to vendo é nessa diferença entre uma e outra. A diferença das árvores do cerrado para as árvores das matas. Eu não sei. Acho que é por aí.*

153. Pra você o que é ecossistema?

154. *Ecossistema... Ecossistema são [Risos]... Como eu vou falar?... Ai meu Deus! O planeta terra, não sei. A palavra ecossistema mesmo eu não sei falar não.*

155. Mas o que vem a sua cabeça?

156. *Isso, o planeta terra com terras, árvores, não sei [Risos] é isso, entende?*

157. Tem algum livro ou texto que já ajudou você a entender ou reconhecer o termo ecossistema?

158. *Não. Não. Eu nem soube responder ([Risos]). Então não teve não.*

159. Você pode citar exemplos de ecossistemas do texto, se é que eles aparecem aí no texto?

160. *[Folheia o texto. Silêncio]. Ah, eu acho que não aparece não.*

161. Na sua opinião, o texto deixa alguma mensagem para o leitor?

162. *Deixa, a mensagem de que não podemos desistir porque aqui muitas vezes eles tiveram muitos empecilhos e pensaram em desistir, também não devemos desistir por mais que seja difícil, porque achar um tesouro também é difícil. Eles*

pensavam que estava num lugar mas poderia estar em outro. Eu acho que é isso. A persistência, sempre devemos ter persistência nas coisas que vamos fazer, seja fácil ou difícil.

163. Vamos passar para a última etapa então?

164. *Vamos.*

165. Você já sabe o trecho que você vai preparar para contar?

166. *Já.*

167. Você tem o tempo que você quiser. Hora que você estiver pronta, você me fala para você contar pra mim.

46':53"

168. *Ta.*

11':00"

[Tempo de preparação do texto para narrar]

57':53"

169. *Um dia, apareceu na vereda... Aí e se eu errar! [Risos] Eu desconcentrei com a gritaria!*

170. *Um dia apareceu na vereda um brotinho de palmeira buriti. Brotinho cresceu, tronco ficou grosso, ganhou muitas folhas e lá no alto apareceu um cacho muito bonito cheio de cocos. De cada coquinho nasceu um índio araxá. Eles cresceram e foram morar na aldeia e tiveram muitos filhos.*

171. Me conta uma coisa. Como foi que você fez para preparar o texto?

172. *Eu gosto de preparar na frente do espelho, só que como aqui não tinha eu fui falando cada frase. Fui falando até memorizar as frases na cabeça. Depois fui passando. Quando eu já tinha memorizado tudo fui escrevendo no papel para ver se eu já tinha memorizado tudo e ver se estava certo.*

173. Você me perguntou se podia resumir. O que você fez?

174. *Foi. Porque o certo seria "Um dia apareceu na vereda um brotinho de palmeira buriti. Brotinho cresceu, tronco ficou grosso, ganhou muitas folhas e lá no alto apareceu um cacho muito bonito cheio de cocos". Aí tinha essa parte "Os coquinhos caíram no córrego da vereda, correnteza levou e eles foram parando nas margens". Aí eu tirei essa parte e coloquei "De cada coquinho nasceu um índio araxá. Eles cresceram e foram morar na aldeia e tiveram muitos filhos". Então eu tirei essa parte da correnteza.*

175. Por que esse trecho?

176. *Por causa disso. Por causa da origem do índio. Do Meri-Buttu. Não sei se foi ele, foi? Não, da origem do índio. Por isso que eu dei o exemplo da biodiversidade, do surgimento da vida. Que é interessante um índio nascer de um coquinho. [Risos] Foi por isso que eu escolhi esse trecho. Fiquei entre esse e esse trecho em que eles apreciavam as belezas da natureza.*

177. Você acha que é possível o índio nascer do coquinho da palmeira do buriti?

178. *Não. Eu acho que não. Será que é? Não sei. Aqui no texto fala, mas se é eu não sei.*

179. De onde que você acha que normalmente um índio nasce?

180. *[Risos]. Dos seres como todo mundo. Da barriga de uma mulher.*

181. Você começou a ler o livro e parou? Como foi?

182. *Eu peguei o livro quando eu recebi, porque eu não vim na reunião. Depois de duas semanas. Quando eu peguei o livro eu comecei a ler, peguei. Quando eu pego um livro eu gosto de ler o primeiro capítulo. Aí parou, eu não sei o que aconteceu. Deve ter chegado as férias...Mas a Bia está lendo. Ela tá no capítulo 8 e eu tava perguntando pra ela e ela disse que o livro era interessante que era pra eu terminar de ler. Aí eu vou ver se eu vou dar conta. O Ronaldo falou que é muito interessante o livro.*

183. Você falou que achou a linguagem do livro difícil.

184. *Foi.*

185. O que você chama de linguagem fácil. Me dá um exemplo.

186. *Não, nenhuma linguagem é fácil... Não foi assim uma linguagem difícil. Achei muito cheia de detalhes. Você não pode pegar esse livro e dizer "Eu vou ter que terminar esse livro seis horas". Tem que ler o livro com tempo. Se não entender esse parágrafo aqui tem que ler de novo, não só esse livro, mas todos. É muito diálogo e aí tem que identificar quem tá falando. É isso, mas eu vou ler e*

vou entender. Talvez seja porque é o primeiro capítulo e a gente estranha um pouco. No início mesmo eu não estranhei. Aqui no texto cortou a parte do diálogo começou de direto.

187. Ficou curiosa em ler o livro, ou agora que você sabe o final você não vai querer ler o livro?

188. *Não, eu vou ler. Quero ver as partes, os detalhes que foram tirados. Desse jeito fica mais fácil porque não tem tanto detalhe, mas com os detalhes, as vezes, eu posso expandir a leitura. Eu vou ler.*

189. Muito obrigada!

1:04':23" 190. *De nada!*

Transcrição entrevista específica – **Miguilim Bia** (59':00")

Cordisburgo, 25-10-07.

LEGENDA:

Pesquisadora

Miguilim Bia

00':00" 72. Não precisa ficar preocupada com a câmera. Eu vou ficar aqui do seu lado. A idéia da nossa conversa de hoje é um pouco diferente da nossa primeira conversa. Hoje eu trouxe pra você um texto que eu adaptei do livro O Tesouro do Quilombo do prof Ângelo Machado. Ele é professor da faculdade de Ciências Biológicas da UFMG, especialista em insetos e escreve literatura para crianças e adolescente e um desses livros é O Tesouro do Quilombo. Esse texto tem duas cores de letras bem demarcadas. Uma letra mais escura que são os trechos que eu escrevi e os trechos mais claros que foram retirados do livro por completo. A minha idéia é você ler o texto, ao final da leitura do texto nos vamos conversar um pouco sobre o texto e eu vou te fazer algumas perguntas. Pra essas perguntas não existem respostas certas ou erradas, o importante é responder o que vier a sua cabeça, então pode fazer uma leitura tranqüila. Depois que a gente terminar com as perguntas eu vou propor que você escolha um trecho desse texto, decore e conte pra mim, como você tem o costume de fazer como Miguilim. Alguma pergunta?

73. *O trecho pode ser qualquer um?*

74. Qualquer um e de qualquer tamanho. Você pode começar sua leitura então?

75. *Eu vou ter que ler alto, como é que é?*

02':40" 76. Como você achar para seu entendimento, não necessariamente tem que ser em voz alta. É a sua leitura. Se você gostar de ler em voz alta, fique a vontade, se você preferir a leitura silenciosa, fique a vontade também.

20':00" [Tempo de leitura do texto]

22':56" 77. Você chegou a ler o livro O Tesouro do Quilombo?

78. *Eu to lendo só que eu não terminei de ler não. Eu to no capítulo 8.*

79. Até agora você tem gostado da leitura do livro?

80. *Tenho.*

81. Por que você está gostando?

82. *Bom, ta envolvendo muito essa coisa de ta salvando o cerrado e também é uma curiosidade do texto que são Eduardo, Nêuber e De Jesus porque eles encontram o índio e podem pesquisar mais. A história é interessante.*

83. Você gostou do texto?

84. *Gostei.*

85. Por que?

86. *Eh. Porque aqui ta mais resumido e eu acho que dá pra gente entender melhor, não sei.*

87. A leitura do texto foi muito diferente da leitura que você está fazendo do livro?

88. *Eh, porque você aqui retirou trechos, não foi? E no livro ta com mais detalhes e tudo. Então ta diferente.*

89. Qual é mais fácil?

90. *Esse aqui porque está mais resumido, então dá pra entender melhor.*

91. Teve algum trecho do texto que chamou mais a sua atenção?

92. *[Silêncio]. Quando eles resolvem pesquisar sobre a busca do tesouro do quilombo.*

93. Por que você gostou desse trecho?
94. *Porque a foram várias aventuras. Eles saíram depois descobrem que na lagoa tinha um grande mistério porque só de encostar na água dava coceira. Depois eles resolvem. Eles acharam uma minhoca e usaram como isca para pescar um peixe porque eles estavam com fome, aí nesse peixe eles acharam uma argola marrom que tinha muito lodo e a De Jesus resolveu raspar com a unha. Aí foi dando um grande brilho e aí eles descobriram que era o anel de ouro da [Procura no texto]... Aliança da noiva de Ambrósio. Descobriram um do ouro que eles tinham achado, mas não conseguiram achar tudo porque todo o tesouro estava dentro do lago e como não podia entrar porque dava coceira eles resolveram usar o celular do Eduardo para ligar para um dos atendentes do pai dele pra ir lá. Aí eles buscaram e ficou todo resolvido. Eles ficaram sem saber o que fazer com o ouro, mas o índio que tinha contado a história pra eles, que é o Meri-Buttu, pediu que salvasse vida, mas não identificou que vidas, então eles resolveram salvar o cerrado porque estava sendo destruído e aí eles fizeram o parque que tinha muita utilidade pra eles e para os filhos deles também. É isso.*
95. Você acha que é possível existir uma lagoa da coceira?
96. *Eu acho que não.*
97. Você não teria nenhuma explicação para água que dá coceira?
98. *Não.*
99. O que é natureza pra você?
100. *Natureza... [Silêncio]. Bom eu acho que é o conjunto de árvores, plantas existentes na região e que todo mundo deve cuidar porque a natureza também faz parte da nossa vida, para que possamos viver bem também, porque inclui água, terra, todas as coisas. Eu acho que é isso.*
101. Você já leu algum texto ou livro que ajudou você a entender o que é natureza?
102. *Bom, lá na escola a gente estava estudando um negócio da revista Semeando que fala da questão do meio ambiente e tudo... Fala da natureza assim mas... Fala dos textos todos de como a gente deve tratar tudo, a questão do meio ambiente.*
103. Esse texto que você acabou de ler, ajuda você a entender o que é natureza?
104. *Ajuda porque fala do cerrado, da floresta, das margens grandes, então também fala da lagoa que também inclui a natureza.*
105. Pra você o que é vida?
106. *Vida. Bom, a vida... Com é que eu te explico? ... [Silêncio]. Bom, a vida é... [Silêncio]. Eu não to sabendo explicar.*
107. Você quer dar um exemplo?
108. *Quero. Assim, pra gente sobreviver tem que também cuidar do meio ambiente porque dele dependemos para sobreviver. A terra é a nossa vida. Eu já li um texto nessa revista que o título é Terra mãe da vida, que inclui muito a biodiversidade, é a existência... que ela faz parte da vida. Eu acho que é isso. As pessoas têm que se conscientizarem mais e cuidarem do meio ambiente porque ele também faz parte da nossa vida.*
109. Você já ouviu falar em biodiversidade. Você acabou de usar essa palavrinha, né? Onde foi que você ouviu falar em biodiversidade?
110. *Assim, a gente já estudou sobre isso, nesse texto dessa revista que eu li também fala da biodiversidade que inclui ecossistemas, seres naturais, plantas, animais. Tudo um conjunto.*
111. Isso, pra você é biodiversidade?
112. *É, são os seres naturais, plantas, ecossistemas... é isso.*
113. Você falou que você leu textos da revista Semeando que ajudou a entender o que é biodiversidade. Teve mais algum texto ou livro que você se lembre que ajudou você a compreender o que é biodiversidade?
114. *Não to lembrando não.*
115. O texto que você acabou de ler, de alguma forma ajuda você a entender o que é biodiversidade?
116. *Ajuda. Aqui também fala um pouco de tudo. Não, de tudo não. Fala das plantas, fala do cerrado.*
117. Tem algum trecho desse texto que exemplifica a biodiversidade?
118. *[Silêncio]. Ah. Pode ser um pedacinho de um e outro pedacinho de outro?*
119. *Pode.*
120. *Tem quando fala que... Quando o pai do Eduardo começa a mostrar a eles as coisas. “Tudo o que você vê na margem direita do rio é nosso” Então ta falando do rio. Aí depois, aí o menino pergunta das árvores que estão separadas aí fala do cerrado. Logo mais em baixo o menino fala “Olha pai, entre os morros tem uma mata grande. Lá é mais úmido e as árvores crescem mais e ficam mais juntas. Parece mata mas as árvores são de cerrado. É o cerradão.” Aí fala, aí exemplifica*
121. Pra você o que significa transformação? Eu estou usando a palavra transformação no sentido

de mudanças da natureza! Então o que significa pra você mudanças da natureza?

122. *Como assim, incluindo as pessoas também para mudar?*

123. *É pra você! O que você entende por essa palavra? O que vem a sua cabeça quando eu falo transformação e aí você relaciona transformação a mudanças da natureza.*

124. *Transformação... É você... É uma maneira de estar mais concentrado na natureza e vindo o que ta prejudicando para que possa transformar. Ta tendo queimadas, essas coisas. Ta sendo destruído. Acho que é isso, uma maneira de ta mudando, dando jeito pra ta mudando.*

125. *Teve algum texto ou algum livro que você já leu e que aborde esse tema?*

126. *Bom, eu já fiz um texto relacionado ao meio ambiente que também inclui a natureza, né? A professora pediu pra gente fazer e aborda muito isso de os índios darem mais valor a natureza que os homens modernos de hoje. E não só esse, eu já fiz outros textos sobre essa questão de estar mudando o mundo com várias poluições, essas coisas.*

127. *Então você mesma já escreveu sobre esse tema.*

128. *Já. E também antes da gente fazer esse texto e a gente já leu num livro pra depois estar fazendo.*

129. *Que livro?*

130. *O livro da escola mesmo, o que a gente usa.*

131. *Esse texto que você acabou de ler, traz exemplos de mudanças que acontecem na natureza?*

132. *Eu acho que só no final quando os meninos resolvem salvar o cerrado e fazer o parque nacional. Eu acho que é nessa parte do texto.*

133. *Isso é mudança.*

134. *É.*

135. *Você já usou outra palavrinha, ecossistema. O que significa ecossistema, pra você?*

136. *Ecossistema... Pode falar, explicar assim a palavra eco vem de... [Silêncio]. Eco eu acho que vem de ecologia e sistema... [Silêncio]. Acho que inclui também a parte dos animais.*

137. *Tem exemplos de ecossistemas aí no texto? Você reconhece?*

138. *[Silêncio. Folheia o texto]. Acho que nessa parte aqui... Onde o índio Meri-Buttu fala das histórias dele assim ele cita aqui "Assim pensou ele para muitos índios o desaparecimento de animais e plantas significa o desaparecimento de seus próprios ancestrais. O pior é que um monte dos animais de que falou Meri-Buttu está ameaçado de extinção como o tamanduá-bandeira, a onça pintada, o tatu canastra, as veredas e o próprio buriti."*

139. *Aqui tem exemplo de ecossistema.*

140. *É.*

141. *Você acha que o texto deixa alguma mensagem para o leitor?*

142. *[Silêncio]. Acho que sim que as pessoas devem preservar o meio ambiente porque fala que o cerrado estava sendo destruído e eles queriam salvar, então as pessoas devem se conscientizar que não devem poluir o meio ambiente porque ele faz parte de uma mudança pro mundo porque... É isso... Se a gente não cuidar do meio ambiente pode trazer várias falhas pra gente como já tendo o... Trazem várias coisas ruins pra gente como o aquecimento global.*

143. *Onde você ouviu falar na palavra ecossistema?*

144. *Nessa revista, estava lá a palavra ecossistema só que eu não li o que era. Só vi que estava lá.*

145. *Tem quanto tempo que você na escola está estudando essa revista?*

146. *Assim, foi só... A gente não estuda... É uma aula ou outra quando a professora de Português resolve dar a revista pra gente, mas foram só duas professoras: Geografia e Português. A de Português deu porque na escola estava acontecendo o Projeto Semeando sobre a água, da questão do meio ambiente e a gente fez a produção de texto. A professora deu a revista para ajudar a gente a fazer esse texto sobre a questão do meio ambiente mesmo.*

147. *É isso em relação ao texto. Agora eu vou deixar você a vontade pra escolher um trecho que você quiser do tamanho que você quiser. Você vai se preparar e você tem o tempo que você quiser para se preparar. Quando você disser que está pronta aí a gente volta a conversar.*

148. *Pode escolher... Tem que ser dos trechos retirados do livro ou esses aqui [Aponta para os trechos escritos pela pesquisadora].*

149. *É o texto. Você tem liberdade para escolher qualquer trecho do texto.*

150. *Se for um pedaço maior, pode tirar um pedacinho ou não?*

45':21" 151. *Pode tirar o pedacinho que você quiser.*

12':00" [Tempo de preparação do texto para narrar]

57':30" 152. *Você escolhe se fica de pé ou sentada.*

153. *Feliz com a amizade dos meninos, Meri-Buttu os convidou para a festa do buriti que*

comemorava o nascimento do povo araxá. Os meninos ficaram muito satisfeitos com o convite e foram participar da festa. Meri-Buttu estava todo enfeitado com desenhos negros de tintura de jenipapo imitando tronco de palmeira. Muito bem, meninos, disse ele. Vocês têm que tirar essas roupas de gente e vestir como se fossem buritizeiros. Trouxe enfeites para todos.

59':00" 154. Muito bom, foi ótimo. Era só isso. Obrigada.

Transcrição entrevista específica – **Miguilim Isa** (1:25':38")
Cordisburgo, 25-10-07.

LEGENDA:
Pesquisadora
Miguilim Isa

- 00':00" 48. Bom dia!
49. *Bom dia!*
50. A conversa de hoje é um pouco diferente da nossa última conversa. Hoje eu trouxe um texto pra você que é uma adaptação que eu fiz do livro O Tesouro do Quilombo. O livro foi escrito pelo Prof Ângelo Machado. Ele é professor da faculdade de Ciências Biológicas da UFMG, especialista em insetos e há muitos anos que ele escreve literatura infanto-juvenil. Com base nesse livro eu redigi esse texto. Dá pra ver duas cores letras: uma mais escura e uma mais clara. O que está escrito mais escuro fui eu que redigi. O que está mais claro foi retirado por completo do livro. A idéia é que você leia o texto, no final da sua leitura a gente conversa sobre esse texto, com algumas perguntinhas que eu tenho pra fazer pra você onde, para essas perguntas não existem respostas certas ou erradas. O importante é que você fale pra mim aquilo que vier a sua cabeça. Depois que a gente fizer essa entrevista sobre o texto eu vou te pedir para escolher um trecho desse texto, se preparar e contar pra mim, como você tem o costume de fazer como Miguilim. Não precisa ficar preocupada com essa última parte porque você vai ter o tempo que você precisar. O importante agora é que você faça a leitura do texto para que a gente possa conversar sobre ele. Tudo bem?
51. *Tudo bem!*
52. Vamos começar?
53. *Adaptação de O Tesouro do Quilombo, Ângelo Machado [Em voz alta].*
54. Você prefere fazer a leitura em voz alta?
55. *Tanto faz!*
03':00" 56. Não há a necessidade de você ler em voz alta. Você vai ler em voz alta se você quiser. A maneira que você achar que é melhor para o seu entendimento, é a maneira que você vai escolher pra fazer a leitura. [Volta a ler silenciosamente.]
27':00" [Tempo de leitura do texto]
30':17" 57. Você leu o livro?
58. *Todo ainda não.*
59. Que parte do livro que você está?
60. *No capítulo que ia falar da história dos araxás.*
61. Você achou diferente a leitura do texto, da leitura que você está fazendo do livro?
62. *Só um pouco. As partes que foram modificadas, deu pra entender só que no livro fala um pouco mais diferente, é claro, porque foi modificado, mas tem coisas que o escritor conta dos índios que falava um pouco diferente, mas eu não vi tanta diferença assim não.*
63. Você acha que esse texto está um pouco diferente do livro?
64. *É. Não muito porque foram poucas partes que foram modificadas.*
65. Você está gostando do livro?
66. *Estou.*
67. Por que?
68. *Não sei, é um pouco diferente. Eu nunca tinha lido um livro que falasse de uma aventura de três crianças atrás de um tesouro. E de uma aldeia que nunca*

- ninguém tinha ido lá. Muito interessante. Eu to gostando muito.
69. E do texto, você gostou?
70. Gostei.
71. Por que?
72. *Não é grande e deu pra eu entender bem do que história está falando.*
73. Você conseguiu entender a estória toda?
74. Sim.
75. Mesmo o livro tendo sido resumido.
76. É.
77. Teve algum trecho do texto que chamou a sua atenção?
78. *Foi na hora que os três decidiram ir lá aldeia pra ver o que tinha de tão interessante lá. Porque se fosse no meu caso eu acho que eu não tinha coragem não.*
79. O que significa natureza pra você?
80. *É um espaço onde tem várias plantas e animais e que deve ser cuidado. Eu acho que o Deus deu a natureza pra gente e ela que transmite a vida pro mundo. É através dele que a gente tá vivo. Vai que um dia ela acaba. Ninguém sabe o que pode acontecer. Eu acho que ela é o centro da vida.*
81. Você já leu algum texto ou livro que ajudasse você a entender o que é natureza?
82. Não.
83. Esse texto, você acha que de alguma maneira ajuda você a entender o que é natureza?
84. *Ajuda. Fala muito do cerrado, das plantas, das riquezas que tem no cerrado e que os meninos quiseram preservar.*
85. O cerrado é a natureza?
86. *Eu acho que é uma parte. Não é tudo, mas faz parte da natureza.*
87. E o que é vida pra você?
88. *Ai...Vida é meio difícil de explicar. Sei lá, desde que você nasce tá vivendo um vida, mas ela traz vários aspectos que é cuidar de si mesmo, aprender com as várias oportunidades que o mundo dá pra você, cuidar do que é seu e que pode e o que pode não ser também e... Não sei. Acho que pra mim não tem explicação a vida. A vida é o viver da gente de cada dia que a gente tem que cuidar sempre porque um dia todo mundo vai morrer então eu acho que pra mim vida é isso.*
89. Você recomendaria a alguém a leitura de um texto ou de um livro sobre esse tema?
90. *Recomendaria.*
91. Que livro ou que texto seria esse?
92. *É sobre o livro do Quilombo ou...*
93. Não eu te perguntei o que é vida e você me explicou que é vida pra você, certo? Então agora eu estou te perguntando se você recomendaria a alguém a leitura de um texto ou de um livro que ajudasse a entender o que é vida.
94. *Eh. O livro “Meu pé de laranja lima” porque fala da vida de um menino... eu não sei se você já leu, já?*
95. Já.
96. *Por isso, eu acho que é muito bonito.*
97. Mas explica pra mim a história!
98. *Porque a história é do menino que era muito pobre e passava por muitas dificuldades, tinha que cuidar dos irmãos ainda pequeno. Ele só tinha cinco anos, mas dizia que tinha seis. Eu acho que no mundo de hoje nenhuma criança dá conta de criar uma outra. Antigamente sim, mas eu acho que é bom a gente estar lendo esses livro pra ver as dificuldades que antigamente as pessoas passavam, porque a gente é muito egoísta. A gente pensa que os pais da gente tem que dar tudo, que tudo eles tem que fazer e que só quando a gente crescer é que gente vai seguir nossa vida e mesmo assim tem gente que nem segue porque quer viver de herança de pai, de mãe. A gente não vê a dificuldade que eles passavam antigamente. Eu acho que na vida a gente tem que aprender valores e nossos deveres também. A gente tem que fazer. Por isso que eu recomendaria “Meu pé de laranja lima”.*
99. Você já ouviu falar em biodiversidade?

100. *Já.*
101. Onde foi que você ouviu falar?
102. *Na escola.*
103. E pra você o que significa biodiversidade?
104. *É o conjunto de animais e plantas que existem na natureza.*
105. Tem algum livro ou algum texto que ajudou você a entender o que é biodiversidade?
106. *Não. Eu acho que não.*
107. Como foi que você aprendeu o significado de biodiversidade dessa maneira como você está falando?
108. *Foi na aula de Ciências. Foi a professora que explicou e foi dessa maneira que eu aprendi. Nunca tinha ouvido antes dela explicar.*
109. O texto que você acabou de ler, de alguma forma, ajuda você a entender o que é biodiversidade?
110. *Ajuda.*
111. Por que?
112. *Porque fala muito do cerrado, como a gente tava falando, é uma parte da natureza e a biodiversidade ajuda muito a gente conhecer um pouco disso que é o cerrado.*
113. Natureza e biodiversidade poderia ser a mesma coisa pra você?
114. *Eu acho que sim.*
115. Tem algum trecho que exemplifica, que traz exemplo de biodiversidade?
116. *Tem. Tem uma parte que fala que o Nêuber conversa com o Eduardo e vai explicando sobre o cerrado, sobre as plantas, animais, como chamam, como vivem. Foi essa parte que eu acho que ajuda mais a entender.*
117. O que significa pra você transformação? Eu estou usando transformação no sentido de mudanças da natureza.
118. *Da parte que...*
119. O que significa pra você transformação, sendo que transformação está sendo utilizada no sentido de mudanças da natureza? Pra você.
120. *Transformação pra mudar a natureza eu acho que... Quem tinha que transformar eram os humanos para não estarem destruindo a natureza do jeito que está porque é a única coisa que a gente tem que estar preservando. Eu acho que quem devia estar transformando somos nós em verem a importância que ela tem pra gente, porque ela tem toda a riqueza e a gente não ta sabendo valorizar.*
121. Você já leu algum texto ou algum livro que fale desse tema?
122. *Transformação. Já.*
123. Me fala qual?
124. *Na escola que a minha professora de Português deu já, mas eu não lembro o nome concreto do texto não. Falava muito de a gente estar preservando a natureza. Esse ano mesmo a maioria dos textos que estão dando na escola é sobre isso, preservação porque está acontecendo muito o efeito estufa, essas coisas então as professoras estão dando mais textos de preservação da natureza.*
125. Nesse texto, você acha que existem exemplos de mudanças que acontecem na natureza?
126. *Tem exemplos de uma forma porque fala muito de.... Os índios nasceram nos coquinhos e as lagartas... Isso é um tipo de transformação que eu vi e que está no texto.*
127. Essa transformação que você acabou de citar. Você falou da transformação dos índios terem nascido dos buritis e as lagartas. Esse tipo de transformação tem sentido diferente do sentido que você usou antes?
128. *É.*
129. Por que?
130. *Porque a outra transformação que tinha citado era pra gente está preservando a natureza porque ela é centro da gente e essa transformação foi de quando ela nasceu, de quando tudo se formou, quando tudo nasceu, os bichos, as plantas, os índios...*
131. E tudo é transformação da natureza?
132. *Eu acho que sim.*
133. O que significa ecossistema pra você?

134. *Bom... Ai meu Deus. Bom, não sei como explicar o ecossistema, pode ser determinada parte nativa, sei lá, de um lugar, de determinadas plantas. Eu acho que ecossistema é isso. Ontem mesmo a gente estava vendo um pouco disso, a diferença de um conjunto de plantas de um lugar que depois transforma em outro. Não sei como explicar.*
135. O que é nativo?
136. *Onde as plantas não foram derrubadas e colocadas outras. São nativas, conservadas, porque nasceram lá.*
137. Tem algum livro ou texto que já ajudou você a reconhecer e entender os ecossistemas?
138. Já.
139. Que livro ou que texto é esse?
140. *Eu acho que foi um livro.... No livro de Geografia mesmo fala um pouco disso. Que me ajudou mais porque nem sempre eu sei distinguir uma coisa da outra da natureza assim. Eu acho que não tem um texto concreto não, só na explicação da matéria mesmo na escola.*
141. Você pode citar pra mim...
142. *Eu esqueci de desligar o celular.*
143. Tem alguém te ligando? Quer atender a ligação?
144. Não, não.
145. Você consegue reconhecer exemplos de ecossistemas que aparecem no texto, se é que eles aparecem?
146. Não [Tom de voz baixo].
147. Na sua opinião, esse texto deixa alguma mensagem para o leitor?
148. *Eu acho que deixa sim porque aqui mostra que o índio queria que os meninos achassem o tesouro e conservassem a vida. Eu acho que deixa uma mensagem para que a gente cuide da natureza porque é a nossa vida que está ali e que se Deus deixou isso pra nós não foi pra destruir do jeito que está sendo, então deixa uma mensagem pra gente está conservando a natureza que ela é muito valiosa pra si mesmo.*
149. Agora você vai ter um tempo pra se preparar. Hora que você escolher o trecho, você vai se preparar para contar esse trecho. Você tem o tempo que você quiser. Quando você disser que está pronta aí eu volto a gravar para que você possa me contar o trecho que você escolheu.
150. *Qualquer trecho que estiver aqui?*
151. Qualquer um.
152. *Ta bom.*
153. *Gilmara, eu vou ter que escolher o texto e contar a mesma coisa que estiver aqui? Pra contar que essa parte fala isso e aquilo ou é a mesma coisa?*
- 48':40" 154. Eu quero que você decore, assim como você faz com o texto que você recebe por ser Miguilim... Você prepara, decora e conta, certo? Eu quero que você escolha um trecho do tamanho que você quiser, se prepare, decore e conte pra mim.
- 18':00" [Tempo de preparação do texto]
- 1:06':40" 155. Pronta?
156. Pronto.
- 1:09':00" 157. *Feliz com a amizade dos meninos.... Falhou, ta vendo. Não sei porque falhou, eu falei tantas vezes! A nem! Eu quero falar sozinha com a voz alta porque parece que grava mais.*
- 15':00" [Miguilim tenta algumas vezes, mas pede mais tempo para se preparar e me pergunta se pode sair para se preparar em voz alta. Deixo a sala para que ela possa se preparar.]
- 1:24':00" 158. *Feliz com a amizade dos meninos, Meri-Buttu os convidou para a festa do buriti que comemorava o nascimento do povo araxá. Os meninos, satisfeitos com o convite, foram participar da festa. Meri-Buttu estava todo enfeitado com desenhos negros de tintura de jenipapo e imitando tronco de palmeira. Muito bem meninos,*

- disse ele. Vocês tem que tirar essa roupa de gente e vestir-se como se fossem buritizeiros. Tem enfeite para todos. Quando estavam todos prontos saíram dançando e cantando na margem do córrego, passando por uma palmeira e outra.*
159. Ótimo, muito obrigada.
160. Por que você escolheu esse trecho?
161. *Não sei, porque falava de festa. É uma parte alegre do texto e por isso é que eu escolhi essa parte.*
162. Foi ótimo. Era só isso. Muito obrigada!
163. *Por nada.*
- 1:25':38" 164. Você pode levar o texto pra você!

Transcrição entrevista específica – **Miguilim Kika** (1:06':53")
Cordisburgo, 22-10-07.

LEGENDA:
Pesquisadora
Miguilim Kika

- 00':00" 95. Boa tarde!
96. *Boa tarde!*
97. A nossa conversa de hoje é um pouquinho diferente daquela primeira conversa. Hoje eu trouxe um texto pra você. E a idéia é que você faça uma leitura desse texto e depois dessa leitura a gente converse um pouco sobre ele. Eu tenho algumas perguntas pra fazer pra você em relação ao texto, são perguntas, não nada demais não, você não precisa ficar preocupada. Não existem respostas certas ou erradas a essas perguntas. O importante pra mim é que você fale aquilo que vier a sua cabeça. Esse é um texto que é uma adaptação que eu fiz do livro O Tesouro do Quilombo do prof Ângelo Machado. Ele é cientistas, só que já tem muitos anos que ele escreve livros de literatura infantil e juvenil. Ele é professor da UFMG na área de insetos, lá na faculdade de ciências biológicas da UFMG e ele produz alguns livros na área infanto-juvenil. Você vai ver que essa é uma adaptação que fui eu que fiz. Tem duas cores de letras no texto. Onde está mais escuro fui eu que escrevi e onde está mais claro foi retirado do livro completo. Não precisa ter pressa, a linguagem é fácil apesar de você ver que o texto é grande. Podemos começar?
98. *Podemos. É em voz alta?*
99. Não. Do jeito que você achar melhor. Se você achar melhor ler em voz alta, você pode ler. Se você achar melhor a sua leitura silenciosa, é você quem sabe.
- 02':10" 100. *Ta.*
- 25':00" [Tempo de leitura do texto]
- 27':14" 101. Vamos a começar a conversar então sobre as perguntas. [Silêncio]. Você leu esse livro?
102. *Não.*
103. Você gostou do texto?
104. *Gostei.*
105. O que você achou da leitura?
106. *Fácil de ser entendida.*
107. Por que é fácil? O que tem nela que a torna fácil?
108. *Ah! Linguagem do dia-a-dia. A linguagem nossa mesmo.*
109. Teve algum trecho do texto que chamou mais a sua atenção?
110. *[Silêncio]. Teve. Na hora mesmo que os cavalos foram beber água na lagoa que dá coceira.*
111. Você acha que é possível que haja uma lagoa da coceira?
112. *Não.*
113. Você teria uma explicação? Você consegue imaginar uma explicação pra essa lagoa da coceira?
114. *Não.*
115. O que pra você é natureza?

116. *[Silêncio]. É um ambiente muito agradável que traz a vida para o ser humano porque sem a natureza não há a vida. Porque ele é que faz o ambiente mais tranqüilo porque sem a natureza... Porque um ar poluído... Sem a natureza. É ela que dá aquele lugar calmo, tranqüilidade. É o verde que traz a esperança. São as árvores que nós temos.*
117. Você já leu algum livro ou algum texto que ajudou você a entender o que é a natureza?
118. *[Silêncio]. Já, esse aqui, por exemplo.*
119. Em que momento ele ajuda você a entender?
120. *Assim, na hora que por exemplo, o cerrado... Tem uma parte aqui que fala, mas até eu achar, deixa pra lá. Salvar as vidas. Igual o Meri-Buttu, o índio. Falou que tinha vontade de salvar vidas e eu acho que a natureza pode salvar as nossas vidas se sabemos preservar poderemos salvar não só a natureza, mas também os animais. E a natureza é um lugar muito bonito. Deu pra perceber que fala muito da natureza nesse texto.*
121. Tem algum trecho que você acha que representa bem assim, a natureza? Você lembra?
122. *[Silêncio].*
123. Alguma coisa que pra você ficou “Olha, a natureza está aqui oh!”
124. *Pode ter e eu não estou...*
125. Tudo bem. O que é vida pra você?
126. *O que é a vida?*
127. Pra você.
128. *É saber aproveitar cada minuto, cada segundo. Não ficar esperando. Não ter medo do futuro e viver o presente, o agora.*
129. Tem algum livro ou texto que você já leu que você recomendaria a alguém para que ela entendesse melhor esse tema, a vida?
130. *Esse é o difícil, se eu li algum texto...*
131. Se você lembra de alguma coisa.
132. *[Silêncio].*
133. Você já ouviu falar na palavrinha biodiversidade?
134. *Já. [Risos]*
135. Onde foi que você ouviu falar?
136. *[Risos]. Aqui no texto? Na escola mesmo.*
137. E pra você o que significa biodiversidade?
138. *[Silêncio]. [Risos].*
139. Lembra do que eu falei. Não tem resposta certa ou errada. Pra mim o que é a sua cabeça é que é o importante.
140. *Pra mim, que eu não sei se eu estou me lembrando muito bem. É que faz parte da natureza, que inclui a atmosfera. O ar.*
141. Tem algum livro ou texto que você já leu e ajudou você a entender o que é biodiversidade? Você lembra de alguma coisa?
142. *[Silêncio]. Livro mesmo de ciências que as professoras mesmo explicam.*
143. Esse texto que você acabou de ler, de alguma maneira, ajuda você a entender o que é biodiversidade?
144. *[Silêncio. Passa as folhas do texto.] Pode ter me ajudado e posso não ter... Posso ter lido e posso não ter prestado muito atenção quando eu estava lendo.*
145. Lembra de algum trecho que exemplifica a biodiversidade?
146. *Não.*
147. O que significa pra você transformação? E aí eu estou falando transformação no sentido de mudanças da natureza?
148. *Está acontecendo na natureza. As queimadas mesmo que os homens estão fazendo. Isso é uma transformação muito grande porque Deus não que não é isso, Ele quer a coisa bonita do jeito que Ele fez e está acontecendo uma transformação muito grande entre todos nós. Acho que transformação é cortar, queimar.*
149. Já leu algum livro, algum texto que falasse sobre esse tema?
150. *Já.*
151. Você lembra que livro ou texto que era?
152. *Não, era em textos em várias revistas mesmo. Por exemplo, Semeando.*
153. O texto traz algum exemplo de mudança que acontece na natureza?

154. *Traz.*
155. O que você percebeu? O que você consegue me contar?
156. *Que... Agora eu sei onde tá. Pode procurar, não pode?*
157. Claro!
158. *[Silêncio]. Igual o tamanduá, a onça pintada está em extinção.*
159. Isso é mudança?
160. *É, pra mim é uma mudança que está acontecendo, os animais estão em extinção.*
161. O que é ecossistema pra você?
162. *[Risos]. Nossa! [Não é possível entender, fala muito baixa e confusa]. Vergonha! A nem viu! Eu sei.*
163. Então fala o que está na sua cabeça.
164. *O que te lembra quando eu falo de ecossistema.*
165. *Ecossistema. Oh meu Deus, palavra tão trabalhada! [Silêncio]. Vamos dizer... Do ambiente. [Silêncio].*
166. Teve alguma coisa que você já leu que ajudou você a reconhecer um ecossistema, a entender o que é um ecossistema?
167. *Livro, os livros da escola.*
168. Você pode citar exemplos de ecossistemas que aparecem no texto, se é que você acha que eles aparecem?
169. *[Silêncio. Passa as folhas do texto.] [Silêncio]. [Silêncio]. Ai gente! [Silêncio].*
170. Na sua opinião, o texto deixa alguma mensagem para o leitor?
171. *[Silêncio]. Eu acho que sim. Olha pra você ver. Igual ao índio. Ele queria salvar a vida e não era só a vida de pessoas. Ele queria salvar a vida da natureza e dos animais. Igual os meninos quando eles acharam o tesouro e pensaram em salvar a vida das pessoas e não era essa vida só que ele queria. Ele queria salvar a vida da natureza e dos animais, então devemos ver que os que estamos fazendo está prejudicando a natureza e os animais.*
172. Você quer falar mais alguma coisa sobre o texto?
173. Não.
174. Então agora vamos partir para a última etapa. Escolhe um trecho. Não tem tamanho definido. Se prepara e na hora que você disser que está pronta, você vai contar pra mim.
175. *Você quer que eu decore uma parte?*
176. Quero.
177. *Nossa! O meu jeito de decorar tem que ser copiado.*
178. Todo material que está aí você pode usar. Você pode interferir no texto se você quiser e achar que assim vai ficar mais fácil. Fica a seu critério.
179. *Decoro alto também.*
- 44':37" 180. Não tem problema não. Eu vou desligar os aparelhos enquanto você estiver se preparando.

20':00" [Tempo de preparação do texto para narrar]

- 1:04':37" 181. Quer ficar sentada mesmo ou em pé?
182. *Sentada.*
183. Pronto?
184. *A vereda grande era uma vereda bonita com nascentes cheias de buritis de onde saíam um córrego margeado de dois lados com fileiras de palmeiras.*
185. *Não tinha tamanho certo, tinha?*
186. Não.
187. Como é que você fez o trabalho com o texto?
188. *Eu tive que pegar... como eu decorei?*
189. Como foi que você chegou a folha branca?
190. *Como eu faço desse jeito aqui?*
191. Como você fez pra trabalhar o texto e chegar no texto que você me contou?
192. *Porque tem que copiar se não encaixa. Lendo e relendo várias vezes, eu não dou conta.*
193. Você pegou um trecho completo ou...

194. *Um trecho. A metade de um trecho.*
 195. O início da página 3, é isso?
 196. *Isto.*
 197. Por que esse trecho? O que você viu nele?
 198. *Porque eu não quis pegar um diálogo porque tem que dar pausas, às vezes precisa de mais gestos. Eu achei que um trecho seria melhor. Também é bonito: "A vereda grande era uma vereda bonita..".*
 199. Você gostou? Ta ótimo. Muito obrigada!
 200. Obrigada você!
- 1:06':53"

Transcrição entrevista específica – **Miguilim Livia** (1:10':14")
 Cordisburgo, 22-10-07.

LEGENDA:
 Pesquisadora
Miguilim Livia

- 00':00" 60. Bom dia!
 61. *Bom dia!*
 62. Hoje a nossa conversa é um pouco diferente da conversa que tivemos no nosso primeiro encontro. Hoje eu trouxe um texto do livro que você falou que está lendo. Você me contou que está lendo... Qual capítulo?
 63. *Vou começar o capítulo 5 agora.*
 64. Esse livro O Tesouro do Quilombo foi escrito pelo professor Ângelo Machado. Ele é cientista e dá aula na faculdade de Ciências Biológicas da UFMG e além de dar aulas na área de insetos ele escreve livros de literatura para crianças e adolescentes. A gente fala de literatura infanto-juvenil. Eu fiz uma adaptação desse livro em um texto que está aí na sua frente. Esse texto tem partes do texto com letras de cores diferentes. As partes mais escuras fui eu que redigi e as partes mais claras foram retiradas do texto por completo. A minha idéia e que você leia o texto todo, a gente vai conversar um pouco sobre esse texto. E ao final, quando a gente terminar essa conversa, eu vou pedir para você preparar um trecho do texto para contar pra mim. Não precisa ficar preocupada porque você vai ter tempo para se preparar, quando você achar que está pronta, você conta pra mim. Você tem material, caso você queira usar, folhas de papel, lápis, borracha e o dicionário no caso de você querer procurar alguma palavra. Podemos começar?
 65. *Podemos. Gilmara, tem que ler em voz alta também?*
 66. Não, da maneira como você quiser e achar melhor.
- 02':49"
- 20':00" [Tempo de leitura do texto]
- 23':10" 67. Antes de mais nada, eu quero que você entenda que não vão existir respostas erradas. Eu preciso que você me responda aquilo que vem a sua cabeça. Você está lendo o livro, não é isso?
 68. *To.*
 69. Por que você resolveu ler o livro?
 70. *Porque... A Bia começou a ler primeiro e falou que era um livro bom. Que era interessante e aí eu resolvi ler.*
 71. Você está gostando, até agora?
 72. *To.*
 73. O que você está achando da leitura do livro? Está gostando? Por que?
 74. *Assim, é uma leitura muito interessante e é muito diferente da leitura dos livros que eu estou acostumada a ler, porque eu sempre pego livro de suspense, que mistura terror, e esse livro não. Sei lá. É um livro mais de histórias, tem fatos reais que aconteceram de verdade.*
 75. E o texto que você acabou de ler? Você gostou dele?
 76. *Gostei. Fiquei sabendo o que vai acontecer, antes de terminar de ler o*

livro.

77. Por que você gostou do texto?
78. *Ele está um pouco resumido e conta a história toda e dá pra entender bem. Porque tem umas partes do livro que eu não entendi muito bem. Então eu tive que ler mais uma vez pra eu conseguir entender e esse aqui não, eu li uma vez e consegui entender bem melhor.*
79. A leitura do texto foi muito diferente da leitura que você está fazendo do livro?
80. *Um pouquinho.*
81. O que tem de diferente nessas leituras?
82. *Eh. Como eu disse, esse aqui está um pouco mais resumido e ficou mais fácil pra entender porque tem umas partes que não ficou muito claro no livro. E aqui ficou melhor, mais fácil.*
83. Teve algum trecho do texto que chamou mais a sua atenção?
84. *Quando o índio conta pros meninos a história do tesouro.*
85. Foi essa parte que você mais gostou?
86. *Foi.*
87. O que tem nessa parte de especial para você?
88. *Na hora que eu estava lendo o livro, antes de tudo o índio não gostou dos meninos porque eles invadiram o capão e aí do nada o índio fica amigo. E eu acho que se eu tivesse um tesouro eu não contaria nada pra ninguém. Mas o índio não, antes de morrer ele contou pro meninos mais ou menos. Não contou onde estava, mas deixou o mapa para eles descobrirem para eles descobrirem onde tava o tesouro.*
89. Pra você, o que é natureza?
90. *Natureza é tudo aquilo que tem vida. As árvores, as plantas, os córregos, rios, lagoas.*
91. Até agora você já leu algum texto ou algum livro que ajudou você a entender o que é natureza?
92. *Uma revista que chama Semeando. Fala só sobre a natureza.*
93. Quando foi que você leu essa revista?
94. *Foi há um tempo atrás, na escola, porque tem um projeto na escola que chama Semeando. Há pouco tempo.*
95. Esse texto, você acha que ajuda a entender o que é natureza?
96. *Um pouquinho. Ajuda.*
97. Em que momento você acha que ele te ajuda a entender?
98. *Fala do cerrado, de córregos, de lagoa. Dá pra ter uma noção, mais ou menos do que é.*
99. Pra você, o que é vida?
100. *Vida. É um pouco difícil de explicar, mas... Vida. Sei lá. [Silêncio]. Não sei explicar, é difícil [Risos].*
101. Você recomendaria a alguém a leitura de algum livro ou de algum texto sobre esse tema, sobre vida?
102. *Recomendaria. O Tesouro do Quilombo é um bom livro. O índio fala muito de vida, não só do ser humano, mas da natureza, das plantas. Essas coisas.*
103. Você acha que o livro te ajuda a entender um pouquinho.
104. *Ajuda.*
105. Em algum momento você já ouviu falar na palavra biodiversidade?
106. *Biodiversidade. Já ouvi. Na revista Semeando fala sobre a biodiversidade, mas eu não cheguei a ler o texto mesmo. Mas já ouvi falar nessa palavra.*
107. Você sabe me explicar o que significa essa palavra?
108. *Biodiversidade. Não exatamente.*
109. Você consegue dar um exemplo?
110. *Biodiversidade, provavelmente deve falar de plantas, essas coisas. A revista é toda baseada nisso, mas eu não o que exatamente o que significa não.*
111. Você nunca chegou a ler nada que ajudasse você a entender o significado dessa palavra, porque você não terminou de ler a revista.
112. *Não.*
113. Você acha que algum momento esse texto fala sobre biodiversidade?
114. *Acho que sim. Eu não sei citar ao certo, mas eu acho que biodiversidade é*

alguma coisa tipo desmatamento, destruição. Alguma coisa assim. Pelo menos é o eu acho. Como eu não li, não sei exatamente. Mas aqui fala que tem uma parte do cerrado que está desmatado, com fogo, que polui os rios.

115. Eu quero saber, na sua opinião, o que significa transformação? Eu uso a palavra transformação no sentido de mudanças da natureza. O que significa a palavrinha transformação para você?

116. *Transformação. Antes existia muito pouco essa coisa de desmatar, de poluir e agora ta maior esses acontecimentos. Transformação, o cerrado antes... O cerrado não, as florestas eram mais bonitas, alguma coisa assim. E com isso tudo acontecendo, desmatamento, incêndio, ela se transformou. Agora está com menos árvores, menos água, porque água de beber está acabando, ta ficando poluída. Eu acho que é isso.*

117. Você já leu algum texto ou algum livro que aborde esse tema, das transformações da natureza?

118. *Já li textos. Da revista Semeando e tem alguns trechinhos que algumas professoras levam para escola pra gente ler. Textos pequenininhos, mais eu já li.*

119. Esse texto que você acabou de ler traz algum exemplo dessas mudanças que acontecem na natureza?

120. *Traz. Tem uma parte aqui que os meninos falam que tem uma parte do cerrado que está desmatado e que eles colocaram fogo. Uma coisa assim.*

121. O que significa pra você ecossistema?

122. *Ecossistema. É igual biodiversidade. Eu não tenho uma idéia do que exatamente seja, mas eu já li mais ou menos algumas coisas. Tem haver com natureza também. A revista toda fala sobre a natureza, sobre água, mata, desmatamento. Mas eu não tenho uma idéia do que exatamente seja.*

123. Esse texto que você acabou de ler, que é uma adaptação de O Tesouro do Quilombo, você pode citar alguns exemplos de ecossistema que aparecem nesse texto? Você consegue reconhecer exemplos de ecossistemas que aparecem no texto?

124. *Eu não consigo reconhecer o que aparece porque eu não tenho o significado exato, aí não tem como.*

125. Pra você, o texto deixa alguma mensagem para o leitor?

126. *Deixa.*

127. Que mensagem é essa?

128. *No final do livro, os meninos acham o tesouro e os meninos decidem fazer um parque conservando uma parte do cerrado, de um jeito que ninguém pode desmatar, ninguém pode poluir os rios. Então a mensagem é essa. Muita gente em certo ponto é egoísta porque quebra uma árvore pra fazer carvão. Eu acho que a gente tem que preservar a natureza porque é a coisa mais importante que tem. Tem um monte de coisas que depende da natureza, então a gente não pode... tudo que vê pela frente, não pode cortar, botar fogo, jogar coisas nos rios. Eu acho que tem que ter consciência.*

37':48"

129. Agora você tem o tempo que você quiser para escolher um trecho do texto, se preparar. Quando você disser que está pronta, aí você vai contar pra mim. Você está livre para se preparar.

30':00"

[Tempo de preparação do texto para narrar]

1:07':48"

130. *No Capão do Índio, os meninos conheceram o último velho índio araxá que contou a eles a sua história. Antigamente não existia índio araxá: Na vereda apareceu um brotinho de palma de buriti. Brotinho cresceu, tronco ficou grosso e lá no alto apareceu um cacho. Muito bonito, cheio de cocos. Os coquinhos caíram no córrego correnteza levou e eles foram parando nas margens. De cada coquinho nasceu um índio araxá. Eles cresceram, foram morar na aldeia e tiveram muitos filhos. Isso aconteceu há muito, muito tempo. De lá pra cá, dos coquinhos só nascem buritis que ficam enfileirados nas margens dos córregos da vereda grande.*

131. Pronto?

132. *Pronto!*

1:10':14"

133. Parabéns! Ficou ótimo! Muito bom! Muito obrigada! Era só isso!

Transcrição entrevista específica – **Miguilim Nina** (54':16")
Cordisburgo, 26-10-07.

LEGENDA:

Pesquisadora

Miguilim Nina

- 00':00" 5. Bom dia!
6. *Bom dia!*
7. Hoje a nossa conversa vai ser um pouco diferente da primeira. Eu trouxe pra você esse texto que é uma adaptação do livro O Tesouro do Quilombo. O livro foi escrito pelo professor Ângelo Machado. Ele é especialista em insetos da Faculdade de Ciências Biológicas da UFMG e ele já há alguns anos escreve livros de literatura infanto-juvenil. O Tesouro do Quilombo é um deles. Esse texto é uma adaptação que eu fiz, então tem duas cores de letras no texto. Um mais escuro e um mais claro. O mais escuro fui eu que escrevi. O que está mais claro foi retirado do livro na íntegra. Esse trecho foi tirado por completo do livro. A idéia é que você leia esse texto, ao final dessa leitura a gente conversa um pouco sobre ele. Eu tenho algumas perguntas para fazer. Quando você terminar essa parte da entrevista, a idéia é que você escolha um trecho do texto, se prepare, decore e conte pra mim, como você tem o costume de fazer como Miguilim. Aí o trecho é o que você quiser, do tamanho que você quiser. Isso não importa e é pro final então não precisa ficar preocupada com isso agora. Também não precisa ficar preocupada com as respostas das perguntas que eu tenho pra fazer porque pra essas perguntas não existem respostas certas ou erradas. O importante é que você fale pra mim aquilo que vier a sua cabeça. Vamos começar a leitura então?
- 02':02" 8. *Vamos.*
- 33':00" [Tempo de leitura do texto]
- 35':06" 9. Você leu o livro?
10. *Não tive tempo, porque ta tendo muito trabalho.*
11. E o texto, o que você achou da leitura do texto?
12. *Achei interessante, o que eu entendi aqui, eu achei interessante.*
13. Você gostou?
14. *Huum.[Sinal de positivo].*
15. Por que?
16. *Me chamou atenção esse negócio de índio.*
17. Você já tinha lido alguma coisa sobre índio já?
18. *Não.*
19. O que tem nos índios que te chama a atenção?
20. *O jeito que eles se vestem, eh... Silêncio*
21. Qual o trecho desse texto que mais chamou a sua atenção?
22. *Na hora que ele chama os amigos dele pra ir numa festa na tribo. Eu acho. Essa parte me chamou atenção.*
23. Por que você gostou mais dessa parte?
24. *Hora que os amigos dele falam "Que legal!" Essa parte.*
25. Pra você, o que significa natureza?
26. *Ai! O que significa? Silêncio. Sei lá. Não sei não.*
27. Quando fala natureza, o que vem na sua cabeça?
28. *As árvores, os animais, é isso.*
29. Você já leu algum texto ou livro que ajudou você a entender o que é natureza?
30. *Não.*
31. Você não se lembra de nenhum?
32. *Não.*
33. E esse texto, você acha que ele ajuda a entender o que é natureza?

34. *Um pouco.*
35. O que tem nele que te lembra a natureza?
36. *Os índios porque eles gostam da natureza.*
37. Mais alguma coisa?
38. *Não.*
39. Pra você, o que significa vida?
40. *Silêncio. Sei lá! Vida pra mim! Eu não sei o que significa vida pra mim não.*
- Risos.*
41. Você nunca parou pra pensar?
42. *Não. Nunca parei não.*
43. E o que vem na sua cabeça quando fala em vida?
44. *Ai! Nada. Não vem nada na minha cabeça.*
45. Você recomendaria a alguém a leitura de um livro ou de um texto sobre esse tema?
46. *Sim.*
47. Que livro seria esse?
48. *Não sei. Um livro que eu pegasse na biblioteca e visse que tá falando de vida eu tinha curiosidade de ler. Porque eu não sei o que é vida.*
49. Você nunca leu, mas se você lesse você recomendaria?
50. *Huum.[Sinal de positivo].*
51. Você já ouviu falar na palavra biodiversidade?
52. *Já.*
53. Onde que você ouviu falar?
54. *Na escola. Direto.*
55. O que significa biodiversidade pra você?
56. *Não sei. Eu já ouvi falar na palavra, mas o que é eu não sei não.*
57. Nem tem uma idéia, que te lembre quando alguém fala biodiversidade?
58. *Ciências, não? Eu acho.*
59. O que a palavra ciências faz você lembrar?
60. *Sei lá. A vida do ser humano. Essas coisas assim.*
61. Teve algum texto ou livro que ajudou você a entender a biodiversidade?
62. *Não.*
63. Mas você falou que os professores falam muito na escola. O que eles usam pra explicar a biodiversidade?
64. *Sei lá. Eles falam direto. Eu vejo quando passo nas salas, eles falam. Mas nunca tive a curiosidade em saber o que é.*
65. Você acha que esse texto de alguma forma ajuda você a entender o que é biodiversidade?
66. *Eu acho que não.*
67. Então não existe nenhum trecho nesse texto que vai exemplificar a biodiversidade?
68. *Não. Um pedaço lá que vai ajudar a preservar o cerrado. Restaurar o cerrado de novo. Eu acho que é essa parte.*
69. Pra você, o que é transformação? A palavra transformação no sentido de mudanças da natureza?
70. *Mudar... Mudar o jeito das pessoa de cuidar da natureza.*
71. Então pra você transformação da natureza seria mudar o jeito das pessoas?
72. *É.*
73. Jeito de fazer o que?
74. *Não desmatar, não cortar as árvores.Eu acho isso.*
75. Você já leu algum texto ou livro que fale desse tema, transformação?
76. *Não.*
77. O texto que você acabou de ler traz exemplos de mudanças que acontecem na natureza?
78. *Fala.*
79. Me dá um exemplo?
80. *Ah. Tem uma parte que fala que mudou totalmente o jeito da natureza. Que eles vão procurar o tesouro e mudou o jeito mas ainda dá pra distinguir.*
81. Mas por que teve essa mudança? O que eles estavam procurando?
82. *O tesouro. Eles foram procurar e viram que poderia ter acontecido alguma*

mudança mas que dava pra distinguir.

83. O que você acha que pode ter promovido essa mudança que fala aí no texto?

84. *O desmatamento.*

85. O que significa ecossistema pra você?

86. *Ecossistema. Fala sobre o mundo. Alguma coisa assim. Eu não sei.*

87. Algum livro ou algum texto ajudou você a reconhecer ou a entender esse termo?

88. *Não. Acho que não. não to lembrada não.*

89. Você reconhece exemplos de ecossistemas que aparecem no texto, se é que eles aparecem?

90. *[Silêncio]. Eu posso explicar o que pra mim é ecossistema?*

91. Claro.

92. *A mudança do mundo. Mudar a cabeça das pessoas.*

93. E isso aparece no texto e isso pra você é um exemplo de ecossistema?

94. *Eh.*

95. Na sua opinião o texto deixa alguma mensagem para o leitor?

96. *Eu acho que deixa na hora que fala pra salvar vidas. Reflorestar o cerrado. O jeito que fala no texto parece que é pra gente cuidar mais da natureza.*

97. Vamos pra última etapa. Você vai escolher um trecho, vai se preparar, vai contar. Quando você estiver pronta você me fala para você contar pra mim. Você tem alguma pergunta?

46':06" 98. *Não.*

06':00" [Tempo de preparação do texto para narrar]

52':00" 99. *É um ninho de joão-graveto. É um ninho comprido e... Ai!*

100. *É um ninho de joão-graveto Ai!*

101. *É um ninho de joão-graveto. É um ninho comprido e como aquele devem ter quatro ou cinco ninhos menores feitos de pena.*

102. *Pronto!*

103. Por que você escolheu esse trecho?

104. *Porque o Eduardo nunca tinha visto essas coisas. Ele falou e me surpreendeu aqui. Na hora que ele perguntou.*

105. Parece que ele nunca viu um ninho de joão-graveto, né?

106. *Eh.*

107. Você pretende ler o livro?

108. *Pretendo.*

54':16" 109. Mesmo agora que você conhece o final da história? Vai ficar mais fácil ou mais difícil?

110. *Gostei. Fica mais difícil, tomara que chega rápido no final. A gente não presta atenção no início porque quer chegar logo no final*

111. Muito obrigada!